

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
SOCIEDADE**

CYNARA MARIA ANDRADE TELLES

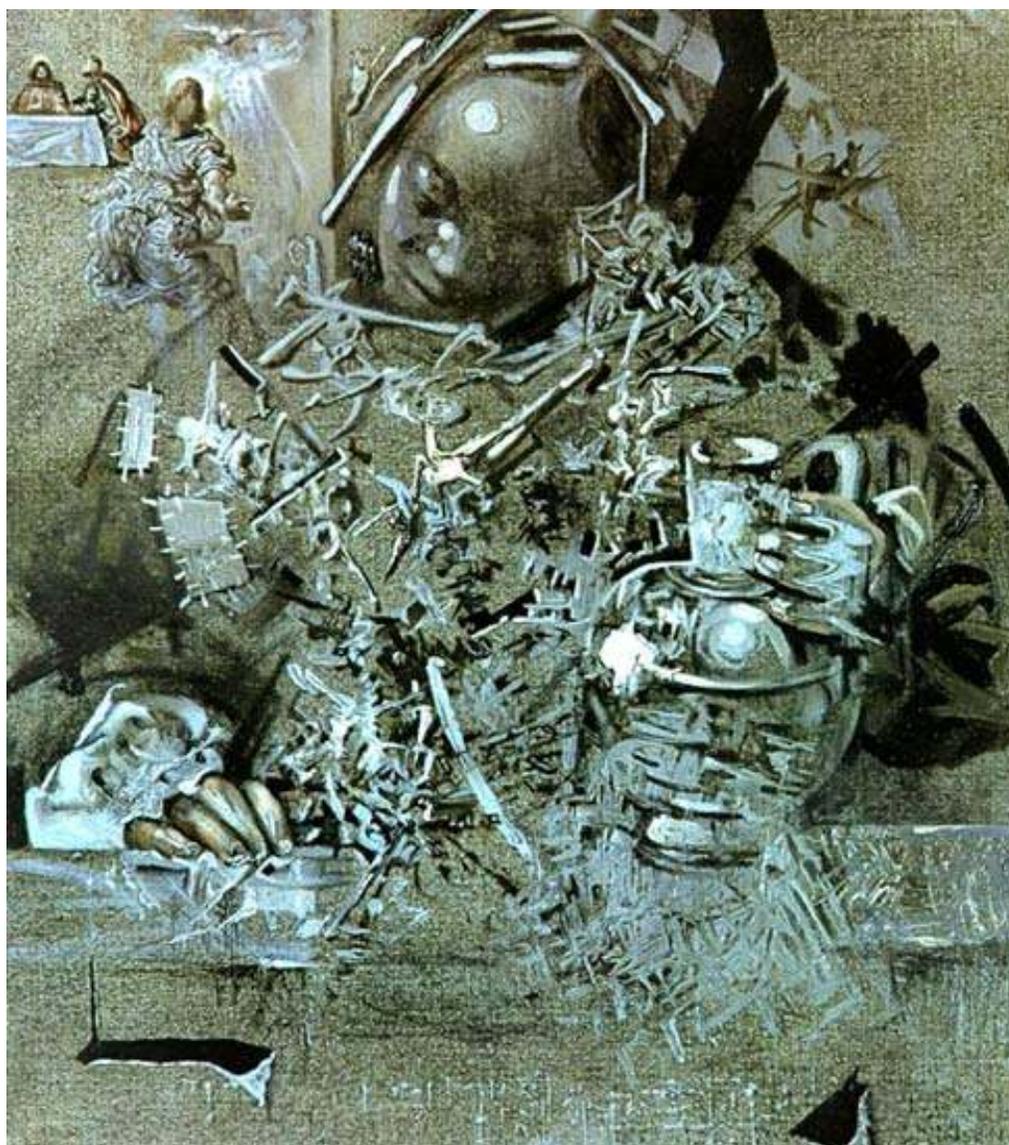
**O(S) OBSCURO(S) DIZER(ES) DE MÃES SOBRE O AUTISMO DE
SEUS FILHOS**

São Carlos – SP
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
SOCIEDADE**

CYNARA MARIA ANDRADE TELLES

**O(S) OBSCURO(S) DIZER(ES) DE MÃES SOBRE O AUTISMO DE
SEUS FILHOS**



São Carlos – SP
2011

CYNARA MARIA ANDRADE TELLES

O(S) OBSCURO(S) DIZER(ES) DE MÃES SOBRE O AUTISMO DE SEUS FILHOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Ciência Tecnologia e Sociedade.

Área de Concentração: Ciência, Tecnologia e Sociedade

Linha de Pesquisa: Linguagens, Comunicação e Ciência

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão

Co-Orientadora: Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

T274od

Telles, Cynara Maria Andrade.

O(s) obscuro(s) dizer(es) de mães sobre o autismo de seus filhos / Cynara Maria Andrade Telles. -- São Carlos : UFSCar, 2011.

168 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2011.

1. Análise do discurso. 2. Autismo. 3. Sujeito. 4. Desenvolvimento social - ciência, tecnologia e sociedade. I. Título.

CDD: 401.41 (20ª)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
CYNARA MARIA ANDRADE TELLES**

Prof. Dra. Lucília Maria Sousa Romão
Orientadora e Presidente
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dra. Nádea Regina Gaspar
Coorientadora e membro extra
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Lazslo Antônio Ávila
Membro externo
FAMERP/São José do Rio Preto

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Membro interno
Universidade Federal de São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 16/02/2011.
Homologada na 43ª reunião da CPG do PPGCTS, realizada em
03/03/2011.

Prof. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi
Coordenadora do PPGCTS

Fomento: CAPES/REUNI

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças e jovens denominados autistas, psicóticos, etc. pela rica oportunidade em aprender com seus modos de ser, provocando meu desejo para este trabalho.

Às mães dessas crianças e jovens, especialmente àquelas que se dispuseram a tecer seus dizeres aqui materializados, definindo assim os contornos e nuances dessa produção.

Em especial, a quem tanto me ensinou sobre o caos e a dor de existir, Mailson, o menino que escolheu ir nadar...

*A água é falsa, a água é boa.
Nada, nadador!
A água é mansa, a água é doída,
aqui é fria, ali é morna,
a água é fêmea.
Nada, nadador!
A água sobe, a água desce,
a água é mansa, a água é doída.
Nada, nadador!
A água te lambe, a água te abraça,
a água te leva, a água te mata.
Nada, nadador!
Se não, que restará de ti, nadador?
Nada, nadador.*

Jorge de Lima

AGRADECIMENTOS

Meu sincero agradecimento à Lucília, minha orientadora muito querida, pela acolhida sem restrições em minha chegada, pela coragem e generosidade desse ato que sempre será lembrado com profunda gratidão.

Por acreditar em mim muito mais que eu mesma em alguns momentos de nossa trajetória, por nunca ter desistido nos momentos de derrota, e por me propor olhar para a frente e seguir adiante e lembrando que o não saber também tem seu valor.

Por nossas produções com as quais aprendi tanto...

Por seu exemplo de trabalho com poesia e arte, de rica mescla de compromissos profissionais e pessoais, com a festa, com a vida, com a delicadeza de um gesto gentil...
Por seu modo sempre educado, simpático, sincero e acolhedor, exemplo que busco sempre seguir.

Por me propor seguir adiante, deixando a porta aberta...

Agradeço à minha também querida co-orientadora Nádea, por sua discreta e constante presença disposta a sempre colaborar no que fosse preciso.

Por me receber de maneira tão gentil, simples e educada, provocando assim, novos efeitos de sentido sobre o universo acadêmico.

Com profunda alegria e emoção agradeço a vocês duas pela oportunidade, e é por tudo isso que...

*Desejo a vocês (...) / Fruto do mato
Cheiro de jardim/Domingo sem chuva
Segunda sem mau humor / (...). Filme antigo na TV
(...) Música de Tom com letra de Chico / Frango caipira em pensão do interior
Ouvir uma palavra amável / Ter uma surpresa agradável
Ver a Banda passar / Noite de lua cheia
(...). Rir como criança / Ouvir canto de passarinho.
Sorar de resfriado / Tomar banho de cachoeira (...).
Aprender uma nova canção (...). Pôr-do-sol na roça
Uma festa/ Um violão
(...). Ouvir a chuva no telhado/ Vinho branco
Bolero de Ravel/ E muito carinho meu.*

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Jayme, meu exemplo de determinação, força e sábia busca pelo constante recomeço...

À minha querida e saudosa mãe, Claudette, por seus gestos discretos, amor generoso, modelo que na memória ainda hoje muito me ensina.

Ao Beto, companheiro de todos os momentos, meu grande apoio para a realização desse trabalho e de meus maiores desejos: uma família, a maternidade, um amor tranquilo.

Ao meu querido filho Heitor, por colorir minha vida com tons tão belos, pela riqueza da experiência e por me provocar o desejo de ser alguém um pouco melhor.

À Livia e Otávio, pelo aprendizado do cuidar, pelos desafios de nossa relação.

À minha querida irmã Clayme, por sua ajuda constante, seu generoso cuidado com nosso Heitor em momentos imprescindíveis para a concretização desse trabalho. Pela coragem da mudança.

Às minhas sobrinhas Annas, por muitas vezes abrirem mão de seus compromissos para auxiliarem os meus. Pelo cuidado e carinho com vosso primo.

Aos meus irmãos Jayminho e Emílio, pelo aprendizado do amor fraterno.

Às minhas cunhadas Tânia Débora e Thaísa, pela sempre boa convivência.

À Tânia, por me estender as mãos em momentos importantes.

Aos meus sobrinhos, por trazerem tantos momentos de alegria à minha vida.

À Cristiana, por me receber como pude chegar...

Aos professores que compuseram minha banca, Prof. Dr. Lazslo Antonio Ávila e Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, pela leitura generosa, gentil e educada desse trabalho. Pela oportunidade de momentos de troca fecunda. Pelo exemplo de pesquisadores e educadores competentes e éticos.

Aos professores Dr. Waldemir Miotello e Dra. Soraya Romano Pacífico, pela gentileza em aceitar participar desse trabalho.

Aos colegas da Escola Municipal Maria Lúcia de Oliveira, a Escola do Autista, por tantos e tantos momentos de troca e apoio, no enfrentamento de nossa rotina de trabalho. Um agradecimento especial à Carina e Dulce com as quais me embrenhei nos estudos sobre autismo. À Arlete, pela porta sempre aberta e à Lucilene, que muito gentilmente, me auxiliou nos agendamentos das entrevistas. À Marly, Ana Maria e Lazslo, pelo auxílio generoso nas supervisões.

Aos meus amigos de longe e de perto, Catarina, por tantos e tantos momentos de troca, e também Mirtila, Cacalo, Júnior, Richard, Carina, Mônica, Alexandre, Ricardo, Fabinho, Jorge, Gisele, pelas boas recordações de momentos inesquecíveis, pelo cultivo de nossa amizade.

Aos meus parceiros de estudo em Análise do Discurso, exemplo de gente que sabe o que quer e vai atrás, especialmente à Ane, que amadrinou minha parceria com Lucília, à Ludmila, pela mão sempre estendida, à Dani, com quem compartilho muitas coisas, à Juliana, pela parceria de trabalho e escrita e também à Vivian, Thaís, Jonathan, Gustavo, Francis, Daia, Fernanda e Cláudia, juventude que sabe o que quer e corre atrás com alegria e competência.

Aos meus interlocutores nos estudos da Psicanálise, pelos momentos fecundos e preciosos para minha formação: Sílmia, Paula, Michele, Alessandra, Juliana Soares, Juliana Bartijoto, Ingrid, Eber, Sílvia, Fátima, Cláudia, Verônica, Rafael, Renata, Aline, Carol, Antônio.

À Universidade Federal de São Carlos, pela qual me sinto acolhida, ao Paulo e Talita, pela generosidade e simpatia em me auxiliar.

Aos meus colegas de pós, grupo heterogêneo e trabalhador, em especial à Gabi e à Waléria, pela boa companhia em nossas idas e vindas a São Carlos, como também ao Geovane, Letícia, Melissa, Rafaela, pela parceria e aprendizado.

Ao Ramiro, pela criteriosa revisão.

A todos os sujeitos que me causam a busca por novos saberes, especialmente aos que estão presentes nesse trabalho.

*O mestre disse a um dos seus alunos:
Yu, queres saber em que consiste o conhecimento? Consiste em ter consciência tanto de
conhecer uma coisa quanto de não a conhecer.
Este é o conhecimento.*

Confúcio

RESUMO

A escuta de mães de filhos autistas, é o objetivo deste trabalho, buscando na materialidade desses discursos, novos sentidos e significações à patologia do autismo e ao (não) lugar dado às mães, pelo universo científico. Por meio de entrevistas, empreendemos um gesto interpretativo da singularidade discursiva desses sujeitos, utilizando como referencial teórico, a Análise do Discurso de filiação francesa, que marca seu lugar na ciência apoiada na materialidade da língua falada, escrita e documentada pelo homem que se contextualiza num determinado processo histórico. Como disciplina de interpretação, a Análise do Discurso tem como metodologia, trabalhar a circularidade de um já-dito, com sentidos já legitimados antes e em algum lugar, e a possibilidade para a abertura de novos sentidos, por meio da deriva, da paráfrase e da metáfora. O objetivo do trabalho foi explorar, pela escuta dessas mães, questões que envolvem o sujeito em suas posições discursivas, a partir de um determinado contexto sócio-histórico e mergulhado no universo da linguagem, tomando o sujeito proposto pela Análise do Discurso, como conceito principal desse trabalho. O interesse pelo tema surgiu da experiência em uma instituição que atendia casos de doença mental infantil, e a escuta da história dessas mães se deu pela dificuldade de implicá-las no trabalho com seus filhos, que se iniciava com o diagnóstico, seguido de atendimento clínico e pedagógico. Observava-se que, com o passar do tempo e após o diagnóstico, as mães colocavam seu filho autista no foco central de suas vidas e, junto à instituição, precisavam sempre fazer seus relatos sobre esse filho. A grande maioria deixava de trabalhar, o relacionamento com o marido apresentava sérias dificuldades, a atenção aos outros filhos se comprometia e a esperança de uma melhora significativa se esvaecia. Em sua grande maioria, eram as mães que se responsabilizavam pelo trabalho de seu filho dentro da escola, entretanto, pouco ou quase nada participavam dos atendimentos. Foram flagrados os efeitos de um discurso de autoridade (o discurso científico) sobre o discurso das mães, que se desautorizavam a ocupar uma posição de saber sobre o problema, como também, o silenciamento de seus sonhos e desejos; destituídas de seu lugar de mãe exemplar, de esposa afetuosa, e de mulher para o mundo, elas se defendiam de suas dores por meio da recusa, repetindo o gesto de seus filhos autistas. O interesse em escutar estas mães ganhou força ao atentar para a denominação de “mães-geladeira” após a publicação do trabalho inaugural sobre o tema sob autoria de Leo Kanner, primeiro pesquisador a definir a patologia do autismo como um quadro isolado, caracterizando as mães dessas crianças como afetivamente frias. Nessa metáfora, flagramos um efeito de sentido sobre esse sujeito mãe, marcando pela memória, uma formação discursiva que vem provocando efeitos de congelamento de seus discursos, que podem ser constatados pelos poucos centros especializados de atendimento aos casos de autismo que se orientam em teorias humanistas, havendo em contrapartida, uma tendência cada vez maior de trabalhos que se fundamentam em teorias organicistas, levando a um apagamento ainda maior de um lugar de legitimidade para essas mães. Selecionou-se para o trabalho de análise, três entradas discursivas, a primeira, escutá-las sobre as lembranças da infância, as relações com a família, as marcas deixadas nesse período que se desdobraram nos modos de significarem suas escolhas amorosas, configurando-se esta a segunda entrada, dizendo de seus desejos de compor suas famílias, e a terceira, foi a escuta dos efeitos do diagnóstico desse filho, pois é de interesse de alguns pesquisadores investigarem a pré-história de crianças autistas, e os modos em que foram significadas e discursivizadas antes e depois de nascerem.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Autismo. Sujeito. Ciência. Sociedade.

ABSTRACT

Listening to the mothers of autistic children is the aim of this work in order to look, at the materiality of these discourses, new senses and meanings to the pathology of autism and the (non) place given to mothers at the scientific universe. Through interviews, we undertook an interpretive gesture of the subjects' discursive singularity using as theoretical framework the french Discourse Analysis, which takes his place on the science being supported by the materiality of the spoken and written language that is documented by the mankind and contextualized in a specific historical process. The Discourse Analysis is a subject of interpretation whose methodology is working the circularity of a discourse that has already said, with senses that have already made legitimate, before and somewhere and the possibility of opening new meanings through the drift, the paraphrase and the metaphor. The aim of this work was to explore, by the listening of these mothers, some issues involving the subject and its discursive positions, from a particular social and historical context and set in the universe of language, considering the subject proposed by the Discourse Analysis as the main concept of this work. The interest in the subject emerged from the experience in an institution that served cases of children's mental illness, and the listening of the mothers' stories happened through the difficulty to involve them in the work with their children, which it began with the diagnosis and was followed by clinical and pedagogical treatment. It was observed that, in the course of time and after the diagnosis, the mothers put their autistic children in the focus of their lives and together with the institution, they needed to do their reports on the child. The most of them stopped working, the relationship with their husband had serious difficulties, the attention to the other children was affected and the hope of a big improvement was running out. In most cases, the mothers were responsible for the work of their children in school, however, they almost didn't take part in the treatment. We noticed the effects of a discourse of authority (the scientific discourse) on the discourse of mothers, who weren't licensed to know about the problem, as well as the silencing of their dreams and desires; When these women were deprived of their place of exemplary mother, loving wife and woman they started protecting themselves against the pain through the denial, repeating the gesture of their autistic children. The interest in listening to these mothers has increased when we consider the term "refrigerator mothers" after the publication of the first work about the issue whose author was Leo Kanner, the first researcher who defined the pathology of autism as an isolated aspect, describing the mothers of these children as emotionally cold. In this metaphor, we observe an effect of sense on this subject-mother determining by the memory a discursive formation that has been causing effects of freeze of its discourses, which can be evidenced by scarce specialized treatment centers for cases of autism that orient themselves in humanistic theories; on the other hand, there is a growing trend in works that are based on organicist theories and lead to a larger deletion of a place of legitimacy for these mothers. Three discursive entries were selected for the analysis, the first one was the listening of mothers' childhood memories about their relationships with family, the marks of this period that have determined the ways how their love choices were meant and which in turn constitute the second entry that broaches the mothers' discourses about their wishes to compose their families; lastly, the third one was the listening of the effects of the child's diagnosis, because it's interesting for some researchers to investigate the previous history of autistic children like the ways how they were meant and put in discourse before and after of their birth.

KEY-WORDS: Discourse. Autism. Subject. Science. Society.

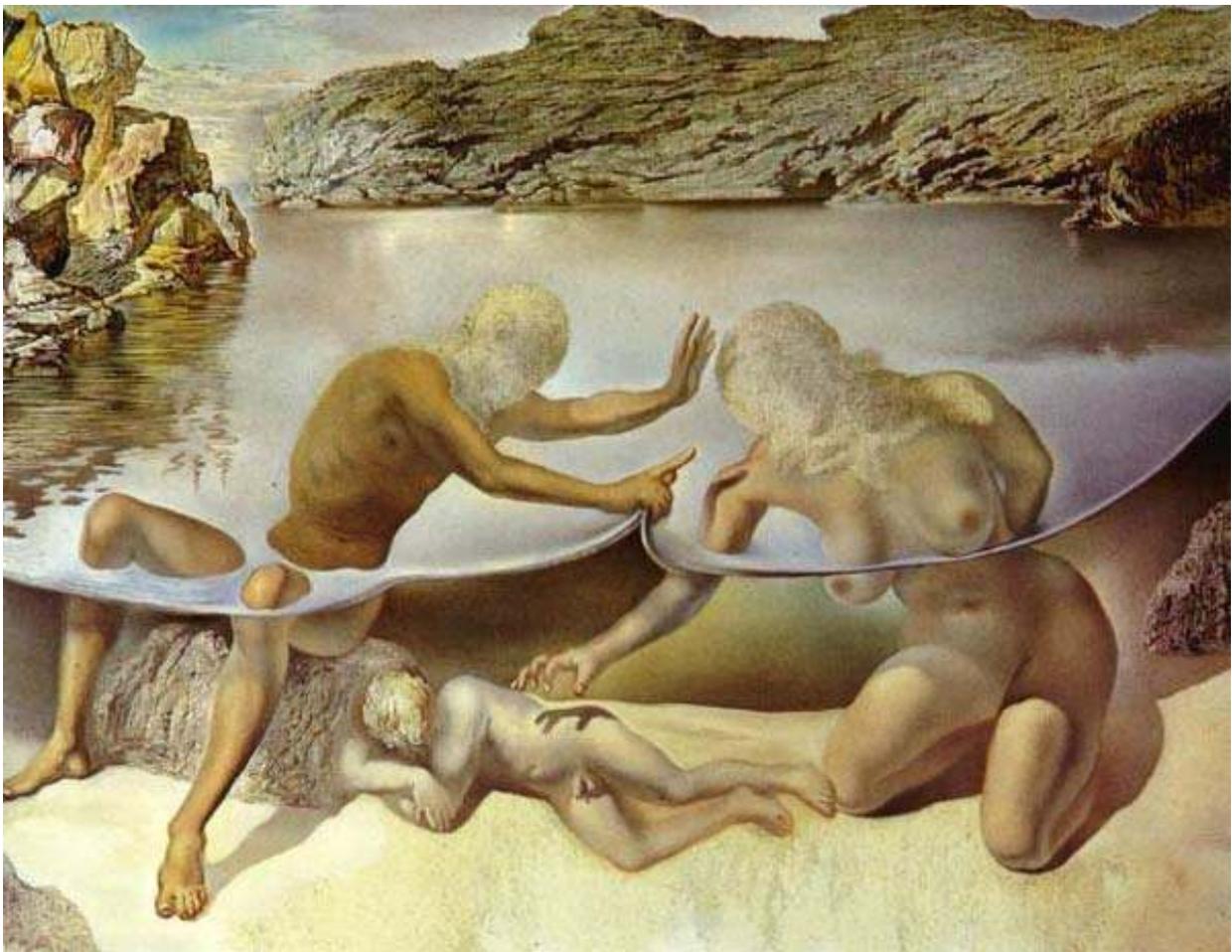
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ANÁLISE DO DISCURSO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO	19
2.1 O SUJEITO ERRANTE.....	27
2.2 O(S) ESQUECIMENTO(S) COMO CONDIÇÃO DO DIZER.....	39
2.3 ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO NA MEMÓRIA DISCURSIVA.....	40
2.4 FILIAÇÕES DISCURSIVAS E HETEROGENEIDADE.....	44
2.5 O SILÊNCIO E SEUS SENTIDOS.....	53
3 A HETEROGENEIDADE TEÓRICA DA CIÊNCIA DO AUTISMO	57
3.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO.....	61
3.2 TEORIAS AFETIVAS.....	63
3.3 TEORIA DA MENTE.....	64
3.4 TEORIAS PSICANALÍTICAS.....	65
3.4.1 Teorias psicanalíticas do autismo apoiadas na relação de objeto.....	67
3.4.2 O processo de constituição do sujeito segundo a psicanálise lacaniana.....	68
3.5 AUTISMO EM (DIS)CURSO	82
4 O DISCURSO DE MÃES DE FILHOS AUTISTAS	84
4.1 UM OLHAR SOBRE O MÉTODO.....	85
4.2 ESCUTA DISCURSIVA.....	87
4.3 OS DIZERES DA INFÂNCIA.....	88
4.4 DIZERES DA MATERNIDADE.....	92
4.4.1 A memória discursiva sobre gravidez e parto.....	93
4.4.2 O primeiro olhar sobre o filho.....	98
4.5 DIZERES SOBRE O FILHO E A DOENÇA.....	101
4.5.1 Os dizeres sobre o filho.....	101
4.5.2 A confirmação do autismo.....	104
4.5.3 Não saberes sobre doença.....	107
4.5.4 Efeitos do diagnóstico.....	108
5 CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	123

1 INTRODUÇÃO

*O meu olhar é nítido como um girassol (...). / E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem... (...). / Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras (...).*

Alberto Caeiro



Hércules levantando a pele do mar, pede a Vênus para esperar um pouco antes de acordar o amor - Salvador Dali (1963)

*Sonhar / Mais um sonho impossível
 (...) Romper a incabível prisão
 (...) Tocar o inacessível chão
 É minha lei, é minha questão
 Não me importa saber
 (...) Quantas guerras terei que vencer
 Vou saber que valeu delirar
 (...) E assim, seja lá como for
 Vai ter fim a infinita aflição
 E o mundo vai ver uma flor
 Brotar do impossível chão.*

Sonho impossível - Chico Buarque

Tomar o autismo como tema de investigação é seguir um caminho tortuoso e cheio de obstáculos, e por isso mesmo, desafiante e instigante. Abordar a circularidade dos discursos sobre o autismo é tema de destaque nesse trabalho: o da ciência que se utiliza de uma amplidão de expressões para tentar esclarecer este assunto; o dos profissionais que reproduzem o discurso da ciência e se deparam frequentemente com um não saber na prática cotidiana; o dos pais, discurso com maior destaque nesse trabalho, por entendermos ser um discurso não autorizado, que ocupa um lugar de não saber. Para isso, pretendemos trazer para o corpo do trabalho dizeres de sujeitos que estudam, que vivem, que corporificam o autismo, e que se farão presentes aqui nas epígrafes, nas análises, em discursos colhidos na internet, em outros trabalhos, acreditando que a heterogeneidade é marca enriquecedora e irrefutável do universo discursivo. Trazemos já de início, o recorte do dizer de um pai sobre suas experiências com um “ser” autista, (ALERINI, 1994), reproduzindo o trecho literário em que o autor apresenta o testemunho de um pai de um autista que escreve um romance em que o personagem (Charlie) e a esposa (Victorie), assim como o autor, têm um filho autista chamado Benjamin, um diálogo entre autor e personagem autobiográfico, falando da dor, do desespero, da impotência, da desesperança, da ausência do olhar do filho.

- Em que pensa, Charlie?

- Não consigo mais me lembrar de que modo nos demos conta da doença de Benjamim, me confia ele.

- Queres dizer a data?

- Sim, a data, mas também as marcas. Sobre isso, a minha memória está limpa.

- Victorie se lembra, imagino.

- Não, ela também esqueceu. Fizemos de propósito, suponho.

Eu procurava lhe ajudar.

- No começo, engrena ele, Benjamin olhava alhures. Seus olhos passavam através dos seres. Seu olhar não os encontrava. Ele não tinha nem a noção do frio, nem do calor.

- Um dia furastes o braço dele com uma tesoura.

- Sim, admite Charlie. Ele não gritou. É como se não tivesse sentido dor.

Nessa noite, eu fui ao fundo do quintal. Tomei meu fuzil e matei um rato porque ele me encarava... (ALERINI, 1994, p. 140).

O principal desejo por este trabalho foi buscar nos obscuros discursos, novos sentidos e significações à patologia do autismo e ao (não) lugar dado pelo universo científico às mães, retomando, por meio de entrevistas, seus discursos, buscando escutá-las em sua singularidade discursiva, interesse pouco comum no universo científico de escutar o sujeito e buscar sua efetiva participação em um trabalho de saúde mental. O interesse pelo tema dessa pesquisa surgiu a partir da experiência em uma instituição que atendia casos de doença mental infantil, e seu contorno, a escuta da história da vida dessas mães, se deu pela dificuldade de implicá-las no trabalho com seus filhos, que se iniciava com o diagnóstico, seguido de atendimento clínico e pedagógico.

Os pais, sempre apreensivos, na maioria das vezes já haviam percorrido vários centros de atendimento em busca de uma resposta para o problema de seus filhos, carregando a esperança de encontrar a solução desse problema quando o mesmo fosse nomeado. Mas o que se observava após o diagnóstico era que, na maioria das vezes, a doença nomeada e rotulada se colocava entre o filho e a família. Aos profissionais, tais como, médico, assistente social, psicólogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e fisioterapeuta, cabia, em primeira mão, a tarefa de comunicar o diagnóstico e, mais do que isso, inscrever uma voz de autoridade sobre as crianças consideradas portadoras de doença mental grave. É importante destacar o peso que carrega o discurso científico, inscrevendo legitimidade pelo/no próprio ato de enunciar. Esse discurso se contrapõe ao do leigo, que nada sabe e só terá possibilidade de saber se aliando ao discurso científico, pois a ele é conferida legitimidade. Ou seja, havia um conflito de vozes, no qual a mãe

era uma autoridade às avessas e os profissionais, vozes de autoridade, que legitimam um caráter científico.

Observava-se que, com o passar do tempo, as mães colocavam esse filho no foco central de suas vidas e, junto à instituição, precisavam sempre fazer seus relatos sobre seu filho autista. Além disso, a grande maioria deixava de trabalhar, o relacionamento com o marido apresentava sérias dificuldades, a atenção aos outros filhos se comprometia e a esperança de uma melhora significativa se esvaecia. As mães, em sua grande maioria, eram as que se responsabilizavam pelo trabalho de seu filho dentro da escola, entretanto, quase nunca solicitavam horários para saber como andavam os atendimentos e faltavam com frequência aos agendamentos solicitados pelos profissionais. Ou seja, foram flagrados os efeitos de um discurso de autoridade (o discurso científico) sobre o discurso da família, que se desautorizava a ocupar uma posição de saber sobre o problema.

Outro fato que se configurou nessa realidade foi o silenciamento dos sonhos e desejos dessas mães; destituídas de seu lugar de mãe exemplar, de esposa afetuosa, e de mulher para o mundo, elas se defendiam de suas dores por meio da recusa, repetindo o gesto de seus filhos autistas. O interesse em escutar estas mães ganhou força ao atentar para a denominação de “mães-geladeira” após a publicação, em 1943, do trabalho inaugural sobre o tema sob autoria de Leo Kanner, primeiro pesquisador a definir a patologia do autismo como um quadro isolado, caracterizando as mães dessas crianças como afetivamente frias. Nessa metáfora, flagramos um efeito de sentido sobre esse sujeito mãe, marcando pela memória, uma formação discursiva que vem provocando efeitos de congelamento de seus discursos, que podem ser constatados pelos poucos centros especializados de atendimento aos casos de autismo que se orientam em teorias humanistas, havendo em contrapartida, uma tendência cada vez maior de trabalhos que se fundamentam em teorias organicistas, levando a um apagamento ainda maior de um lugar de legitimidade para essas mães, e a sérias dificuldades de articulação dos saberes científicos sobre este assunto. Assim, pode-se dizer que este trabalho objetiva explorar, por meio da escuta dessas mães, as questões que envolvem o sujeito em suas posições discursivas, a partir de um determinado contexto sócio-histórico e mergulhado no universo da linguagem.

O tema autismo é marcado por divergências no meio científico, sendo, entretanto, de consenso geral tratar-se da mais precoce doença mental, pois observa-se desde os primeiros meses de vida uma ausência de reciprocidade entre a mãe e seu bebê, podendo esta ausência ser provocada por diversos fatores como depressão puerperal, ou pela

ausência de respostas do bebê aos gestos da mãe, mantendo-se alheio a qualquer tentativa de contato. Por conta desses fatores, a mãe dessas crianças foi muitas vezes foco de investigação dos pesquisadores do autismo. A retomada histórica da construção teórico-científica do autismo é de grande relevância no presente trabalho, pois pretendemos abordar a partir desta retomada, o enfoque dado pelo âmbito da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), que defende a ideia de que o ensino da ciência deve estar sempre articulado à realidade, e se estabelece como um posicionamento crítico frente à ciência clássica, contrapondo-se à ideia da ciência pura ou fundamental, que se ocupa em descrever as relações básicas entre objetos e forças, e as leis que os governam. Uma das propostas da CTS é que cada vez menos as pesquisas científicas fiquem sob a pura responsabilidade dos cientistas, envolvendo um número cada vez maior de agentes como professores não cientistas ou os sujeitos envolvidos no trabalho de pesquisa, dando contribuições diretas com o relato de suas experiências, conforme propõem Bourdieu (2004) e também Collins e Evans (2002).

Buscando estabelecer conexões entre as teorias do autismo e o âmbito da CTS, anotamos que os estudos sobre ciência e sociedade reclamam pela dimensão dinâmica e histórica, pois acreditamos no fluxo de transformação dos conceitos e, sobretudo, no discurso que esses movimentos implicam. Por isso, nesse estudo, abordaremos também a teoria da Análise do Discurso, de matriz francesa, fundamentada pelo filósofo Michel Pêcheux na década de 60 do século passado, que estuda o sentido das palavras a partir de uma posição dada, tomando como objeto de estudo o discurso nos movimentos que o sujeito empreende a partir do lugar que ocupa.

Ao longo de nossa argumentação, a posição que iremos escutar é a de cientista que estuda o autismo, o que consideramos fundamental para flagrar os movimentos de sentido que circularam na esfera social e que constituíram um modo de fazer ciência. Segundo Cuevas (2008), com o surgimento da *Big Science* após a Segunda Guerra Mundial, houve uma mudança nas relações entre ciência e sociedade, pois algumas teorias viram-se profundamente envolvidas com algumas descobertas feitas por outras, levando o universo científico a perceber a necessidade de realizar pesquisas interdisciplinares com altos investimentos e representação social destes cientistas, conforme propõe o campo da CTS. As consequências disso foram um profundo mal-estar, pois “a associação entre ciência e poder, ia se estabelecendo de maneira cada vez mais evidente” (CUEVAS, 2008, p. 68). A ciência do autismo é um exemplo do que apontam os autores acima, pois surgiu em um período de grande progresso da ciência e

causou certo desconforto aos familiares, quando Kanner refere um fator etiológico da doença — o que ainda hoje não pode ser confirmado — definindo as famílias desses autistas como possuidoras de elevada capacidade intelectual e as mães como pessoas frias e distantes. Após estas afirmações, Kanner provocou um misto de revolta e culpa nas mães, chegando a se retratar diante delas ao escrever o livro *Em defesa das mães* (KANNER apud KUPFER, 2000). A respeito da realidade social deste período de evolução da ciência e do contexto sócio-político do último século, afirma Bazzo (2003, p. 123) que:

Os anos 60 e 70 do séc. XX demarcam um momento de revisão e correção do modelo linear (...). A velha política do laissez-faire proposta para a ciência começa a se transformar em uma nova política mais intervencionista, onde os poderes públicos desenvolvem e aplicam uma série de instrumentos técnicos, administrativos e legislativos para encaminhar o desenvolvimento científico e tecnológico e supervisionar seus efeitos sobre a natureza e a sociedade. O estilo de participação pública será, desde então uma constante nas iniciativas institucionais relacionadas com a regulação da ciência e tecnologia.

Data desta época a mobilização das mães de filhos autistas na luta por espaços onde seus filhos pudessem aprender e interagir, o que resultou nas Associações dos Amigos dos Autistas, as AMAS. O que se observa no universo científico do autismo é o desenvolvimento de duas correntes teóricas distintas: a primeira com uma visão positivista que busca explicações biológicas para sua causa, e a outra, que dá grande ênfase a uma patogenia da relação entre mãe e filho. Esta situação causou uma reação contraditória com relação às possíveis contribuições do público leigo, nesse caso, os familiares, pois a corrente biológica exime a mãe de qualquer responsabilidade, destituindo-a de um lugar ativo no trabalho com seus filhos. A corrente psicogênica, por sua vez, que solicita a participação de mães e familiares, enfrenta resistências no trabalho prático, provavelmente como uma reação ainda presente dessas mães. De qualquer forma, o resultado disso é uma tendência de oposição entre estas abordagens, prejudicando os avanços do trabalho, como já dito antes. As mães e pais poderiam hoje ser denominados de *especialistas pela experiência*, conforme propõem Collins e Evans (2002), tendo uma participação mais efetiva nas pesquisas sobre este tema.

Prosseguindo nesse caminho, serão abordados conceitos fundamentais (re)formulados pela teoria da linguagem Análise do Discurso de matriz francesa, que se articularão a este trabalho enriquecendo-o e dando-lhe novos sentidos e contornos. No

capítulo dois o objetivo é expor as bases da teoria e os conceitos principais relacionados ao presente trabalho, como sujeito, memória, ideologia, formação ideológica e silêncio. Serão trazidos nesse capítulo discursos que tratam do autismo, não apenas como conceito definido cientificamente, mas como palavra ressignificada no universo linguajeiro.

No capítulo três serão trazidas as várias concepções teóricas das ciências do autismo, materializando pela retomada destas construções, os efeitos de sentidos dos dizeres marcadamente heterogêneos do discurso científico legitimado sobre o autismo, percorrendo os vários modos de dizer e significar sobre um único assunto, apontando também o processo de diferenciação do olhar científico sobre o sujeito criança que durante muito tempo foi tomado indiscriminadamente nas pesquisas, sem marcar as diferenças das condições físicas e mentais entre criança e adulto.

Finalizando este trabalho, e trazendo para o corpo do texto a abordagem metodológica da Análise do Discurso, foram realizadas análises de recortes selecionados e editados do material das entrevistas com as mães, tomando como entradas discursivas temas relevantes e recorrentes em pesquisas sobre o assunto, especialmente as que tomam como eixo a linguagem.

Solicitou-se às mães que dissessem sobre as lembranças de suas infâncias, as relações com a família nessa época, as marcas deixadas nesse período que se desdobraram nos modos de significarem suas escolhas amorosas, seus (não) desejos de compor suas próprias famílias, de ter filho, e os efeitos dessas escolhas, visto que é de interesse de alguns pesquisadores investigarem a pré-história de crianças autistas, e os modos em que foram significadas e discursivizadas antes e depois de nascerem.

Para compor o *corpus* foram convidadas para participar de entrevistas individuais quatro mães de filhos que possuem diagnóstico de autismo sem nenhuma patologia ou quadro associados. Não foram considerados como critério, entretanto, sexo ou idade da mãe nem do filho. O trabalho foi desenvolvido de acordo com as determinações estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, o qual julgou e aprovou o projeto. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue previamente às entrevistadas (ver Anexo I), explicando os procedimentos a serem utilizados e os direitos a elas garantidos, tais como sigilo quanto à identidade dos sujeitos envolvidos e liberdade para interromper ou desistir de participar em qualquer etapa do processo. Este cuidado foi tomado também na transcrição das entrevistas (ver Anexo III), excluindo todos os nomes de parentes citados. A decisão de participação foi de total

liberdade, não ocasionando qualquer restrição à mãe ou ao filho. Em lugar de colocar iniciais ou signos impessoais, escolhemos dar a cada uma das mães um nome de flor, significando-as aqui como mulheres que, discursivizando sobre si, sobre seu(s) filho(s), sobre suas vidas, fizeram brotar num árido chão este trabalho, e autorizando-se a compartilhar seus sonhos e dores, desejos e desalentos, seus saberes com saberes outros.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Maria Lúcia de Oliveira, localizada na cidade de São José do Rio Preto, e foi previamente autorizada pela diretora da instituição, Arlete Drigo, que disponibilizou também o espaço físico para a realização das entrevistas.

As entrevistas foram feitas com o roteiro de um questionário semi-estruturado (ver Anexo II), com entrevistas gravadas em aparelho MP3 e transcritas na íntegra antes de serem submetidas à análise. Não se estabeleceu um tempo determinado para a realização das entrevistas, tendo as mães total liberdade de interrompê-las a qualquer momento. Os dados foram analisados qualitativamente, privilegiando as formas de dizer, os significantes, as formulações em que o sujeito emergiu em sua singularidade, conforme propõe o método interpretativo da Análise do Discurso. Para isso, foram respeitados nas transcrições (ver anexo III), tanto quanto seja possível, o ritmo das falas, aspectos fonéticos, pausas, silêncios, mantendo-se seu modo coloquial, regionalismos e tropeços. Nosso objetivo foi realizar a interpretação de fatos linguístico-discursivos observados nos discursos das mães. Marcas de equívocos do sujeito, tais como deslizes, vacilos, derivas e trocas, dando prioridade à escuta de elementos no funcionamento da linguagem objetivando a condução a aspectos relevantes para a pesquisa.

2 A ANÁLISE DO DISCURSO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

O homem nunca é tão dono de si quanto em sua determinação em deter a pena; sem essa precaução, ele escreve demais e se derrama para fora de si, (...) pertencendo menos a si mesmo do que aos outros.

Abade Dinouart



Mulher com cabeça de flores – Salvador Dali (1937)

*Nos indivíduos, a loucura é algo raro –
mas nos grupos, nos partidos, nos povos, nas épocas, é regra.*

Friedrich Nietzsche

Neste capítulo discorreremos sobre a Análise do Discurso de linha francesa, teoria que norteia o presente trabalho, situando o contexto em que ela surgiu e o que ela propõe, enquanto teoria da linguagem, que se debruça sobre seu funcionamento em suas diferentes materialidades. A teoria da Análise do Discurso, doravante AD, foi fundada por Michel Pêcheux, em 1969, com o livro *Análise Automática do Discurso*, sendo essa a obra que marca o que foi definido como a primeira época da AD, a qual compreende o período entre 1965 a 1975. Nesse primeiro momento, o interesse de Pêcheux pela corrente estruturalista era marcante, havendo ainda uma busca por condições de produção estáveis e homogêneas para o trabalho de análise com procedimentos realizados por etapas que seguiam uma ordem fixa (PÊCHEUX, 1993). Seguindo um modelo automatizado, nos enunciados do sujeito dava-se destaque aos aspectos históricos e ideológicos. Gaspar e Romão (2008) esclarecem que o termo *Automático* se justifica por Pêcheux utilizar o computador como recurso para articular os dispositivos teóricos aos analíticos. Já se deparando com as questões da subjetividade, pensando desde já o sujeito representado na estrutura social, como destaca Furlanetto (2003, p. 92):

Ao focalizar os elementos estruturais que dizem respeito às condições de produção do discurso, ele explora dois esquemas relativos à descrição *extrínseca* do comportamento linguístico: o conhecido esquema “estímulo-resposta” (derivado de teorias do comportamento) e o esquema “informacional” (derivado de teorias da comunicação: “emissor-mensagem-receptor”).

Mas desde esse momento, Pêcheux utiliza o termo discurso e o esquema comunicacional como efeito de sentidos, com lugares representados por emissor e receptor nos processos discursivos trazendo as marcas de subjetividade desses sujeitos, as quais Pêcheux articula ao conceito de formações imaginárias.

Sobre este primeiro período, Petri (2006) afirma que Pêcheux pretendia por meio dessa maquinaria, realizar o que denominou de “Análise Automática do Discurso”, apoiando-se na palavra e na sintaxe da língua para empreender suas análises. Mas foi a intenção de se amparar no estruturalismo que trouxe a necessidade das primeiras

reformulações teóricas. Este método consistia numa leitura minuciosa de produções de alguns autores, como Althusser lendo Marx, Lacan lendo Freud e Saussure, dando relevância às reelaborações de cada teórico, os pontos nebulosos e descontínuos. E foi nesse movimento de releitura que seguiu Pêcheux para pensar a AD como teoria discursiva, que surgiu num período histórico de grande efervescência cultural e intelectual. Nos Estados Unidos, ocorria o movimento de contracultura dos *hippies*, e de feministas. Na Europa, ocorria a ascensão dos partidos de esquerda, o movimento estudantil feminista de maio de 1968, que pregava “a utopia do poder”, constituindo-se num espaço de questões criadas pela relação entre domínios disciplinares que marcam um corte com o fazer ciência do século XIX. São elas, a Linguística segundo a proposição de Saussure, o socialismo marxista formulado por Marx, e a Psicanálise de leitura lacaniana.

Pêcheux, ao propor os fundamentos da AD como teoria linguística, não se contém em criticar a forma de trabalho da Psicologia Social dos anos 60 do século XX, que se estruturava teoricamente com a realização de experimentos previamente planejados por pesquisadores que não se ocupavam em pensar aspectos que, para Pêcheux, são extremamente relevantes, tais como, a artificialidade do contexto em que eram realizados os experimentos e o caráter irrelevante das conjunturas sócio-históricas para estes pesquisadores. Acreditando que outros fatores intervêm no contexto experimental (PETRI, 2006), Pêcheux afirma que os fenômenos humanos não podem ser explicados apenas por aspectos biológicos, sociológicos ou psicológicos, marcando assim o início da segunda época, que vai de 1975 a 1980, despertando o interesse na articulação entre *intradiscurso* e *interdiscurso*, e suas investigações sobre a maneira com que os discursos se formam, o que o leva a refletir sobre o conceito de Formação Discursiva, empreendido inicialmente por Michel Foucault, levando-o a refletir os modos autorizados ou não de dizer x ou y a partir da posição ocupada pelo sujeito ao discursivizar, de sua formação social e ideológica.

Desde a Idade Média, o que as disciplinas representadas pela Igreja e pelo Estado pretendiam era criar dispositivos de controle no sentido de tornar o homem um sujeito jurídico, garantindo a ele direitos e lhe cobrando deveres, caracterizando-o como um sujeito racional, homogêneo, transparente e legível, princípios que são considerados também na gramática, fazendo dela um objeto ideológico de controle, descrevendo-o com uma clareza ilusória e aparente. Esta visão determinista inscreve “no cerne da gramática uma coerção, uma exigência de ordem, mas também um privilégio, acessível a

alguns, negado à maioria, que é o próprio privilégio da interpretação” (HAROCHE, 1992, p. 26). A proposta teórica da AD, lembra Petri (2006), era trazer os conflitos para a teoria e lidar com o equívoco, a contradição e o paradoxo e questionar esses conflitos a partir de interpretações articuláveis ao contexto linguístico, e não “esclarecê-los” ou compreendê-los, como fazia a Análise de Conteúdo da Psicologia Social, que tomava como objeto um texto determinado, pois para Pêcheux era fundamental ter o discurso como objeto de estudo, ou seja, a língua em funcionamento.

Em sua formulação teórico-metodológica, a AD, enquanto disciplina de interpretação, propõe a articulação e a releitura de três campos do saber: o materialismo histórico (marxismo), que aborda as formações sociais e a teoria das ideologias, conforme proposto por Althusser; a linguística (teoria saussuriana), que investiga os mecanismos sintáticos e os processos de enunciação, e a teoria do discurso, que se ocupa da determinação histórica, relacionada aos processos semânticos. Essas três vertentes são perpassadas pela teoria psicanalítica no que tange à concepção de sujeito desejante, assujeitado à linguagem, e marcado pela incompletude. O trabalho de releitura de autores de destaque é a marca da corrente estruturalista das Ciências Sociais. Num trabalho posterior, após um considerado percurso teórico-reflexivo e reafirmando esta postura crítica, diz Pêcheux (2002, p. 44):

Colocando que ‘todo fato é uma interpretação’ [...], as abordagens estruturalistas tomavam o partido de descrever os arranjos textuais discursivos na sua intrincação material e, paradoxalmente, colocavam assim em suspenso a produção de interpretações em proveito de uma pura descrição desses arranjos. As abordagens materialistas manifestavam assim sua recusa de se constituir em “ciência régia” da estrutura do real. No entanto, veremos daqui a pouco como elas puderam ceder por sua vez a este fantasma e acabar por aparentar uma nova ‘ciência régia’...

De acordo com tais afirmações, conforme pretendia com sua teoria do discurso focada na materialidade da língua, Pêcheux (2002) faz cair por terra as ideias de clareza e de homogeneidade do discurso, afirmando que o efeito subversivo da trilogia Marx/Freud/Saussure foi um desafio intelectual no projeto de uma revolução cultural, que questionava as evidências da ordem humana apenas numa visão bio-social. Existem, portanto, outras questões em cena que devem ser consideradas, como a língua, o símbolo e o vestígio, que carregam em seu processo histórico uma multiplicidade de sentidos e de posicionamentos discursivos. Orlandi (apud Petri, 2006) retomando historicamente a

estruturação teórica da AD, formula a equação Marx/Saussure/Freud → Althusser/Pêcheux/Lacan para se compreender seu percurso teórico até os dias de hoje.

Para mobilizar o materialismo histórico, Pêcheux toma-o como um lugar definido na trama social e atravessado pelo imaginário onde existe um duplo movimento em que o sujeito é criador e personagem da história, paradoxalmente, ele é livre e submetido, sem que isso lhe pareça claro e óbvio. O sujeito, portanto, participa da construção histórica sendo capturado ideologicamente, de acordo com as posições que ocupa na trama social, e atravessado por um inconsciente que causa efeitos no sujeito, à revelia de sua intenção. É o conceito de ideologia que está em destaque nessa articulação ao materialismo histórico. Patti (2009) expõe o caminho percorrido por este conceito até chegar a Pêcheux, lembrando que Marx também retoma este conceito dando-lhe o sentido de um sistema de ideias e representações pertencentes a um grupo social (ALTHUSSER, apud PATTI, 2009, p. 77). E Althusser faz também sua releitura do conceito marxista de ideologia, propondo-a como uma teoria geral a-histórica, sendo sobre esta questão que Pêcheux fará suas principais críticas afirmando que não existe prática sem ideologia e não existe ideologia que não seja feita pelo sujeito. Nessa releitura sobre a visão do materialismo histórico, Pêcheux (1995) considera a teoria leninista-marxista *uma ciência de fato*, tendo seu processo de produção marcado pela luta e não pelo *desenvolvimento harmonioso* proposto pelo racionalismo clássico dizendo que na ciência marxista:

(...) se manifesta o caráter epistemologicamente novo do materialismo histórico: essa especificidade diz respeito à natureza do objeto dessa ciência nova e revolucionária; no caso das “ciências da natureza” (...) aquilo que a exploração desse continente está diretamente ligada é às formas históricas de desenvolvimento e de organização das forças produtivas, sob a determinação não reconhecida como tal das relações de produção, isto é, com efeitos indiretos e cegos sobre estrutura do modo de produção (...) de modo que seus resultados se reinscrevem espontaneamente nas formas da ideologia dominante sem que, o processo de produção dos conhecimentos nesse setor esteja diretamente entravado (PÊCHEUX, 1995, p. 200-201).

Portanto, é necessário aqui, que as questões políticas estejam articuladas às condições de produção da ciência e do saber, pensando-se a partir deste olhar, as interferências que podem modificar o resultado de um determinado processo de investigação científica e/ou de busca do saber, bem como o lugar dado a ocupar aos sujeitos desta trama. Esta é a característica principal da AD da terceira época, que compreende o período de 1980 a 1983, em que se estreitam as articulações entre

formação discursiva e sujeito do discurso que carrega em seu dizer marcas de heterogeneidade, trazendo no discurso desse sujeito dizeres de outros sujeitos, que se viabilizam pela memória discursiva, pelo já-dito antes e em outro lugar, trazendo como particularidade de seu dizer o sentido que carrega ao discursivizar (GASPAR; ROMÃO, 2008). Com a releitura da Linguística do CLG, recorre-se aos mecanismos sintáticos e aos processos de enunciação, ou seja, à materialidade da língua. Apontando a contribuição de Saussure para a AD, Gaspar e Romão (2008, p. 4) salientam que:

Ele observou que a língua advém da fala, enquanto fato de criação, contudo, ele se ateve primordialmente nos estudos da língua e não nos da fala. Os estudos de Saussure foram tão pertinentes e abrangentes, que derivando deles averiguam-se, na atualidade, inúmeros modelos estruturais formais sobre os estudos da língua, em diversas áreas da Ciência (...). Nesse início dessas pesquisas de Saussure, observa-se uma análise da língua sendo objetivada, padronizada, normalizada e estruturada.

Com as propostas inovadoras de Saussure, a partir da noção de funcionamento da língua, Pêcheux dá destaque ao fato de que as palavras não possuem um sentido único, mas mudam conforme o lugar de quem as utiliza. Portanto, segundo esta teoria, a língua não é evidente nem clara, mas opaca e dada a interpretações, em função do caráter subjetivo que marca a existência humana.

Da teoria psicanalítica lacaniana toma o conceito de sujeito do inconsciente, livre e ao mesmo tempo submetido ao outro, portanto, dividido, e ideologicamente afetado. Atendo-se ao termo *atravessamento* para tratar das contribuições da psicanálise para a construção da teoria da AD, Teixeira (2000, p. 65) destaca:

A psicanálise não se apresenta como uma região a mais, ao lado das outras três que constituem o quadro epistemológico da AD; ela o *atravessa*. Nomear essa relação pelo termo *atravessamento* significa reconhecer que a teoria psicanalítica da subjetividade afeta os três campos indicados no quadro definido por Pêcheux, juntamente com Fuchs (1975).

A concepção de *atravessamento* pode ser melhor entendida ao destacarmos que para Pêcheux, pensar no sujeito do inconsciente psicanalítico levou-o a refletir e reformular o sujeito ideológico, na materialidade do discurso, para formular o conceito de sujeito discursivo, distante da concepção de sujeito autônomo que tem domínio pela escolha de seus dizeres, refutando a partir daí as dimensões idealistas e cartesianas de

sujeito (TEIXEIRA, 2000). Lacan, ao longo de toda a sua obra, inaugura sua produção teórica propondo a releitura dos trabalhos de Freud, formalizando especialmente o conceito de sujeito da psicanálise, a partir dos estudos do inconsciente freudiano cuja manifestação dá-se como repetição, como fala que falha, como tropeço nos atos falhos. Essas manifestações estão relacionadas com os equívocos do sujeito e com a pluralidade de sentidos das palavras. Foi pensando a repetição que Lacan conceitualizou e articulou a rede de significantes ao advento do sujeito do inconsciente, que também se manifesta pela repetição do dizer.

Outra releitura a que se propôs Lacan foi a dos trabalhos de Saussure; afirmando que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, ou, que “a linguagem é condição do inconsciente”, ele articula o conceito de sujeito do inconsciente, ao universo da linguagem, assunto de seu interesse no trabalho analítico, como o de Freud.

Pêcheux, seguindo o movimento estruturalista de releituras demanda da psicanálise, conforme afirma Teixeira (2000): a concepção de sujeito efeito, prescindindo assim da teoria idealista de sujeito autônomo; a diferenciação entre *sujeito da enunciação* e *sujeito gramatical* para poder trazer à composição da teoria da AD a concepção de interdiscurso, o atravessamento de uma Formação Discursiva a outro(s) discurso(s); a noção de sujeito do inconsciente, para concebê-lo como sujeito do discurso. A AD propõe, portanto, pensar o sujeito como posição discursiva também descentrada e heterogênea, não quantificável, ou seja, o sujeito que não é senhor de seu dizer, por ser marcado por um determinado contexto sócio-histórico e por ser capturado ideologicamente. Ao tratar dessa teoria formalizada, a partir da articulação de outras três, Ferreira (2005, p. 213) diz que “a zona de fronteira é tensa, instável, contraditória, entretanto fecunda, habitada por sujeitos que desfrutam de um horizonte amplo que dá a ilusão de liberdade, pois este espaço é necessariamente compartilhado com o outro”. A língua e o dizer, dentro do universo da linguagem, materializam-se no discurso do sujeito e são os objetos de investigação da AD. Assim, para Pêcheux, é imprescindível relacionar simbólico e político.

Pelo confronto do político com o simbólico, a AD que ele propõe levanta questões para a Linguística, interrogando-a pela historicidade que ela exclui e, do mesmo modo, ela interroga as Ciências Sociais questionando a transparência da linguagem pela qual elas se sustentam. Por meio desse questionamento à transparência da linguagem no campo das Ciências Sociais, Pêcheux critica o fato de que estas não rompem, ao contrário, estão em continuidade com a ideologia que as funda. Daí pensar a introdução da linguagem como não transparente, com sua

materialidade, na observação do objeto e da prática das Ciências Sociais (ORLANDI, 2005, p. 11).

Portanto, devemos pensar aqui a opacidade do discurso e seu caráter não evidente, e é nesse sentido que o analista deve trabalhar sem a intenção de localizar “o” sentido do texto, mas provocando o olhar na direção de escutar os pontos opacos materializados no discurso. Pêcheux (1998, p. 55) afirma que a AD “tem por desafio crucial, o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no ‘qualquer coisa’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal”. A semântica é considerada um ponto nodal da AD, pois é proposta de maneira distinta por Pêcheux (1995), promovendo uma ruptura no modo de se pensar a teoria linguística. Ele faz sua crítica sobre a postura dos semanticistas quanto à forma com que empreendem os estudos dos sentidos das palavras de uma língua.

Os semanticistas se utilizam de bom grado [...] de classificações dicotômicas do tipo abstrato/concreto, animado/não-animado, humano/não-humano, etc., que, se fossem aplicadas até o limite máximo, constituiriam uma espécie de *história natural do universo* [...]. Mas suponhamos que se queira abordar por meio dessa classificação (dicotômica), realidades tão estranhas quanto a *história*, ou as *massas*, ou ainda, as *classes operárias*... O que diria um semanticista? Trata-se de objetos ou de coisas? Ou de sujeitos humanos ou não-humanos? Ou de coleção de sujeitos? (PÊCHEUX, 1995, p. 30-31).

Em tom irônico, é colocada em cheque a tentativa de objetividade no estudo da classificação dos significados das palavras de uma língua nos processos de constituição da linguagem, afirmando que não há evidência, clareza, nem sentido lógico, mas um movimento dinâmico, determinado e atravessado por espaços discursivos instáveis e determinados pelos registros diários e pelos campos filosófico, político e sócio-histórico quando se empreende o estudo da língua discursivizada pelo sujeito. Apropriando-se desta visão, Pêcheux estrutura as bases teórico-metodológicas de sua teoria. Vale acrescentar as considerações de Pêcheux (1993) quanto aos espaços discursivos, nos quais existe a relação entre universos logicamente estabilizados e formulações irremediavelmente equívocas, sendo esta equívocidade efeito da ligação estabelecida entre inconsciente e ideologia. Ao estruturar a AD como uma teoria da linguagem, Pêcheux não apenas reformulou conceitos, com sujeito e ideologia, mas criou outros também. E falar deles é mexer em uma trama em que, ao se tratar de um, outros são

necessariamente chamados ao discurso. Portanto, apesar do esforço em abordá-los distintamente, isso não será possível o tempo todo.

2.1 O SUJEITO ERRANTE

*O que eu sinto eu não ajo. / O que ajo não penso.
O que penso não sinto. / Do que sei sou ignorante.
Do que sinto não ignoro.*

Clarice Lispector

O conceito de sujeito é um dos pilares da teoria da AD, e no presente trabalho, dadas as especificidades de seu objetivo, é um conceito fundamental a ser tratado. Para a AD, por ser ele o agente que faz voz ao discurso, e para esta pesquisa, por propor refletir as especificidades deste sujeito e o fracasso de seu advento na patologia do autismo.

Como já colocado anteriormente, Pêcheux toma emprestado da psicanálise lacaniana o conceito de sujeito (do inconsciente), reformulando-o para uma teoria da linguagem, o qual, por sua vez, também tomou emprestado de Descartes este mesmo conceito, reformulando-o e subvertendo-o, pois Descartes, em um extremo desejo de distinguir o verdadeiro do falso, toma o sujeito como sujeito da verdade e não do engano e do vacilo, conforme proposto pela psicanálise. Com seu *Cogito, penso logo sou*, formula que o sujeito se representa a partir de seu pensamento consciente. Elia (2004, p.13) afirma que com as formulações acerca do sujeito cartesiano:

Pela primeira vez na filosofia, o discurso do saber se volta para o agente do saber. Pela primeira vez não se tratava apenas de situar os seres, de pensá-los através de uma ontologia, de uma metafísica, mas de colocar em questão o próprio pensar sobre o ser, que se torna, assim, também pensável. O sujeito se coloca no ato de conhecer, mas não mais como mero correlato do objeto conhecido.

O saber é pensado a partir de então num movimento introspectivo, de volta para si, de um saber suposto. Descartes conclui que respostas às perguntas que angustiam este sujeito, Deus as tem, tomando-as como verdades eternas. Entretanto, é esta afirmativa que inaugura as bases para o início de uma ciência na qual Deus não está incluído, sendo estas bases as características da ciência moderna positivista, que visa o esclarecimento e

a objetividade e que posteriormente será abalada num primeiro momento com a formulação de Freud sobre a existência do inconsciente, e num segundo momento pela corrente estruturalista. Lacan considera que o sujeito do inconsciente só pôde ser formulado tomando como base o sujeito cartesiano, objetivável, mensurável, criterizável e consciente, portanto, o sujeito cartesiano fundamenta o sujeito do inconsciente (BASTOS, 2008). O *cogito* cartesiano apreende o eu como sujeito da ciência, lugar da verdade, entidade original. O *cogito* freudiano, por sua vez, apreende este eu como lugar de ocultamento, pois considera este sujeito um sujeito do desejo. Para Lacan (1988) os encaminhamentos freudiano e cartesiano se convergem no sentido de que a certeza só pode ser apreendida pela dúvida, pois o sujeito da psicanálise é essencialmente dividido. Este sujeito, quando pensa, tem apenas a verdade parcial, já que os pensamentos inconscientes não são livremente acessáveis pela consciência.

Em seus primeiros trabalhos, Lacan demonstrou grande interesse pela linguagem na estruturação dos sintomas, o que o levou a se interessar pela linguística formalizada por Saussure, segundo a qual, o laço que une significante e significado é considerado arbitrário, os quais não se articulam e são tomados separadamente. Lacan (2002, p. 252) propõe pensar a primazia do significante sobre o significado e o deslizamento do significado sob o significante, afirmando que “o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido”.

É no lugar do Outro que o sujeito advém, o qual dará início à cadeia significante, e para inscrever-se na posição de sujeito será imprescindível que ele perceba a falta no Outro, pois, ao percebê-la, depara-se com sua falta, a qual se desdobra em uma demanda de desejo e garante a entrada no universo simbólico e da linguagem. Este Outro deve ser entendido como a ordem atravessada por valores, ideologias, princípios e significações que o adulto humano representa para o recém-nascido na cena de um mundo já humano, social e cultural. Pêcheux (1995), afirma que este Outro pode ser pensado discursivamente como o Sujeito, com um S maiúsculo – sujeito absoluto e universal – sendo o inconsciente o discurso do Outro, como formula Lacan.

O sujeito do inconsciente é efeito de significantes, em que um significante está sempre referido a outro significante. Ele emerge entre os significantes desta cadeia, manifestando-se através de atos falhos, chistes, marcas do discurso, lapsos, etc. Este sujeito do inconsciente está, desde antes de sua concepção, mergulhado num campo de linguagem, conforme considera Lacan (1988, p. 26):

A natureza fornece significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas e as modelam [...]. Vemos aqui o nível em que, antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e no contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali como contador.

É a partir deste campo de significantes advindo do Outro que será possível a ele constituir-se, e para que esta operação se efetue, “é necessário que ele obrigatoriamente entre em uma ordem social a partir da família e de seus substitutos sociais e jurídicos” (ELIA, 2004). Portanto, ele não nasce nem se desenvolve. A linguagem é a morada do sujeito, sendo ela seu efeito e garantia, e é este o grande ponto de convergência entre o sujeito da psicanálise e o sujeito da Análise do Discurso. A cadeia significante é o resultado de seu advento e nela está necessariamente presente o intervalo, o furo, a *falta*, falta esta que também se presentifica na materialidade da língua, no discurso, pelo efeito do real. Antes disso, na lalação do bebê, o que se manifesta é a língua, conforme proposto por Milner (1987). Para Lacan este conceito abarca o real, que aponta para a impossibilidade de dizer tudo, de fazer Um, deixando nele uma marca de anterioridade. De Nardi (2005a, p. 4) afirma que “tanto na psicanálise como na AD o sujeito é sempre um ser-em-falta, envolto pela linguagem, imerso em um discurso que é fluxo, movimento constante de sentidos, lugar de uma real resistência que permite aos sentidos derivar”.

O sujeito discursivo proposto pela AD, assim como o psicanalítico, é um sujeito descentrado, não quantificável, definido como posição na linguagem e submetido a ela, colocando-o em um lugar de anterioridade, em que seu dizer engata em dizeres anteriores, marcado por um processo sócio-histórico, não sendo ele a fonte de seu dizer. Isso implica tomar tal noção a partir de uma posição discursiva dada por determinadas condições e que, para flagrar movimentos de sentido em seu discurso, é importante observar a partir de que posição e para quem discursiviza este sujeito. É preciso escutar o lugar de onde ele fala, num dado momento, levando em conta que este lugar não é fixo, fazendo esse sujeito ir e vir de uma posição a outra. Grigoletto (2005) destaca que o sujeito (afetado pelo inconsciente) tem a ilusão de que é possível efetuar um apagamento do seu lugar social. Mas tal apagamento é somente um efeito, pois sua inscrição num determinado lugar discursivo implica sempre uma determinação do lugar social. Ou seja, sempre haverá uma determinação ideológica.

Souza e Coracini (2006) estabelecem cinco concepções do conceito de sujeito. O primeiro, já tratado aqui, é o sujeito cartesiano, racional, centrado em seu eu e coeso. O

segundo seria o sujeito psicologizante, que se aproxima do sujeito cartesiano, tendo em seu centro, não a razão, mas seu próprio eu, reconhecido por seus sentimentos, sensações e percepções. Este sujeito é tratado com frequência como indivíduo. O terceiro sujeito é o sociológico, marcando seu caráter grupal, sua rede social e suas características de pertencimento a ela, como data de nascimento, sexo, profissão, classe social, nacionalidade, etc. Os outros dois sujeitos são o psicanalítico e o pós-moderno. O sujeito psicanalítico, como já abordamos, carrega a marca de incompletude e de não evidência pelo atravessamento do inconsciente, e o sujeito pós-moderno a marca de seu tempo, sujeito fragmentado, reproduzindo os efeitos deste período. Destacamos aqui a relevância de mais um sujeito, o sujeito ideológico, conceitualizado por Pêcheux como um desdobramento do sujeito do inconsciente, e é desse sujeito que trataremos a seguir.

Afirmando que o sujeito da ciência é aquele com o qual se opera na linguagem, Lacan está apontando para o fato que é a ciência que define o contexto atual em que vivemos, ou seja, o sujeito da atualidade. Este sujeito da ciência e do conhecimento deve ser pensado como um sujeito ideológico. Henry (1992, p. 145) afirma que “este sujeito da revolução científica se constitui na relação particular do processo de produção do conhecimento com o processo de produção econômica, sob a determinação das relações de produção capitalista, um sujeito determinado material e historicamente”.

Uma importante articulação faz Pêcheux (1995, p. 134) entre sujeito do inconsciente, sujeito ideológico e sujeito do discurso ao afirmar que o *Sujeito*, definido como absoluto e universal, se correlaciona ao *Outro*, tesouro dos significantes, fonte do discurso e advento do inconsciente, e afirma:

Podemos então discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção.

Portanto, para a AD, discurso, sujeito e ideologia são necessariamente articulados e interdependentes, e ao falarmos em sujeito, temos que pensar sua existência representada na materialidade da língua, no discurso afetado pela ideologia, sendo esta a marca de distinção entre o sujeito lacaniano e o sujeito pecheuteano. Ao tratar disso, Pêcheux (1995), afirma que o *‘não-sujeito’* é *interpelado-constituído pela Ideologia*. A ideologia, por sua vez, é um mecanismo de naturalização de sentidos que nunca se

completa, não sendo, portanto, um conceito rigidamente fechado e estável, e sim, marcado pela contradição, pela tensão, pela disputa, pelo movimento e pela luta de classes, ancorando sentidos no dizer, o que Romão (2002, p. 22) define nos seguintes termos:

A AD francesa inclui, no seio de seus questionamentos, o espaço de conflito (e sua complexidade) do sujeito e da ideologia, ao observar o discurso como materialidade derivada das relações de poder entre classes. O confronto ideológico joga os sujeitos em determinados papéis. São representações da ordem do imaginário, que revestem o discurso de uma exterioridade conflituosa, em que classes e interesses desquitados promovem imagens distorcidas e alteradas, refletindo os desdobramentos infinitos das formações ideológicas (FIs).

O sujeito é interpelado a partir da posição ideológica que ocupa num determinado contexto sócio-histórico ao qual está filiado, em que o outro se presentifica por meio de filiações e transferências. Este posicionamento é um mecanismo imaginário da ideologia, cujo processo de interpelação/identificação promove uma naturalização de sentidos, fazendo com que o sujeito não se dê conta de seu assujeitamento segundo uma determinada posição social que ocupa, dando ainda a ilusão de uma posição clara e objetiva quando enuncia, e de univocidade de seu dizer, esquecendo-se que seu dizer já está dado, uma vez que o “funcionamento ideológico apaga no sujeito, o fato de ele entrar em práticas histórico-discursivas já existentes” (MARIANI, 1998) e que promovem a organização de Formações Ideológicas, representantes do que seria possível dizer dentro de uma determinada formação social e do lugar social que o sujeito ocupa na sociedade de poder ou não poder dizer, ou ainda, poder dizer de uma forma e não poder dizer de outra, a partir de um processo sócio-histórico já dado. A possibilidade de dizer de um modo ou de outro, segundo a posição ocupada pelo sujeito, é definida por Formação Imaginária, sobre a qual falaremos mais detidamente adiante. As Formações Ideológicas determinam os discursos a partir do contexto histórico e da posição social ocupada pelo sujeito.

As formações ideológicas ao materializarem a Ideologia, formam um conjunto complexo e heterogêneo, o qual comporta posições de classe muito diversas que vão “negociando” espaços por um duplo movimento de desigualdade/subordinação (movimento esse marcado pela contradição) entre as regiões ideológicas, onde o que ocorre não é a manutenção do idêntico, e por ele a sobreposição das ideologias dominantes sobre as demais, mas antes pela reprodução dessas relações

de desigualdade-subordinação entre as regiões, a dominação de uma ideologia que se impõe, na medida em que “retarda/impede” as transformações (DE NARDI, 2005b, p. 160).

Pêcheux (1995) participa do guarda-chuva da teoria geral das ideologias proposto por Althusser, foca suas contribuições na linguagem, propondo conceber o conceito de ideologia na teoria discursiva como o lugar e meio de realização de expressão da ideologia dominante. Representada pelas instituições, tais como Igreja, Governo, Família, Ciência, etc., a ideologia interfere na produção do processo sócio-histórico em que alguns sentidos do discurso são formalizados/valorizados de acordo com as práticas sociais vigentes que se manifestam e se constituem no interior das lutas de classes. Os *Aparelhos Ideológicos de Estado* constituem “simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 145), sendo impossível pensar em uma ideologia distinta a cada classe, pois aqui esta luta é caracterizada pela circulação de posições discursivas e por dizeres marcados por um caráter heterogêneo, em que o dizer do sujeito é atravessado por dizeres anteriores. A AD não concebe a possibilidade de que todos os *Aparelhos Ideológicos de Estado*, todas as instituições, se empenhem de forma regular e equilibrada para a transmissão e transformação das relações de produção. As instituições determinam e legitimam práticas discursivas definindo rotas de sentidos e normas de agir. São estas definições que distinguem as formulações de Althusser das de Pêcheux sobre ideologia, ou seja, o caráter heterogêneo, irregular e a vetorizações das instituições quanto ao modo de dar sentidos ao discurso, abandonando, portanto, seu caráter homogêneo e estável. Orlandi (1999, p. 60-61), contextualizando essas questões no tempo atual de uma sociedade capitalista afirma que:

É preciso que a língua se inscreva na história para significar. E é isso a materialidade discursiva, isto é, linguístico-histórica. Da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, resulta a forma-sujeito histórica. Em nosso caso, a forma-sujeito histórica e capitalista corresponde ao sujeito-jurídico constituído pela ambiguidade que joga entre a autonomia e a responsabilidade sustentada pelo vai-e-vem entre direitos e deveres. Podemos dizer, então, que a condição inalienável para a subjetividade é a língua, a história e o mecanismo ideológico pelo qual o sujeito se constitui.

A forma-sujeito seria o que, por meio da ideologia, provoca a ilusão da clareza e objetividade da linguagem e do sentido exato de cada palavra, por um processo de

identificação e filiação a uma determinada Formação Discursiva, mascarando, como afirma Pêcheux, o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados, fazendo parecer evidente a definição de um determinado conceito, como em nosso caso, na definição da palavra “autismo”, provocando o apagamento da possibilidade de se abrir para a busca de não saberes e novos sentidos para este conceito, definido, autorizado e legitimado pela Ciência.

Pêcheux, tratando da articulação entre o materialismo-histórico e a psicanálise, necessariamente se debruça a refletir o sujeito althusseriano do Outro lacaniano. Teixeira (2000) faz a partir dessa articulação uma retomada do percurso de Althusser sobre o sujeito psicanalítico. O autor apoia-se na relação do sujeito com a vertente imaginária, empreendendo suas reflexões a partir do trabalho de Lacan (1998) sobre o *estádio do espelho*, para estabelecer os postulados do sujeito ideológico. Nesse trabalho, Lacan aponta o momento em que o bebê, apesar de sua condição anterior à possibilidade de representação de seu próprio corpo independente do corpo do Outro, antecipa num júbilo de completude a imagem de si, pelo espelhamento ao outro. Em termos ideológicos, é assim que se procede ao processo de assujeitamento a um discurso dominante, alienando-se imaginariamente a esse discurso:

Como o indivíduo humano reconhece e responde ao “chamamento” que faz dele um sujeito, se ainda não é sujeito? Para contorná-lo, Althusser afirma que somos “sempre-já-sujeitos”, mesmo antes de nosso nascimento, pois nossa chegada foi desde sempre preparada. Na procura de confirmação cita o fato de Freud já ter demonstrado que a criança tem um lugar de desejo da mãe antes mesmo de nascer. (...) Enfim, antes de nascer, o indivíduo já é sujeito, determinado na configuração ideológica na qual já é esperado (TEIXEIRA, 2000, p. 76).

Althusser, portanto, não leva em conta a necessidade de um trabalho de investimento posterior ao nascimento do bebê, o que representa a ordem simbólica de constituição do sujeito. Limitando-se à vertente imaginária de constituição do sujeito, Althusser acabou capturado pelo conceito de imaginário, demanda lançada ao Outro – lugar do eu, das ilusões de completude, da alienação, do engodo, e daquilo que participa da formação da imagem do corpo humano. A movimentação do sujeito atual entre seus direitos e deveres leva-o a se filiar em posições discursivas diversas, ocupando por vezes posições ideológicas antagônicas que nem sempre lhe são claras, num momento se opondo ao discurso legitimado de autoridade, mudando para uma posição de filiação a

este mesmo discurso, como veremos no material abaixo, em que o sujeito leigo, ao falar do autismo, se posiciona discursivamente em diferentes lugares, afetado pelo processo sócio-histórico no qual está inserido, fazendo-o circular e ressignificando seus sentidos.

Esboçamos, então, um gesto de interpretação de dizeres de instituições, aqui representadas por vozes que se materializam na língua para falar do autismo, tais como, o Estado, a mídia e a família, marcando nesse gesto seu caráter heterogêneo e instável do qual já falamos. O autismo foi definido pelo discurso científico, que representa um discurso de autoridade, fonte de sentidos que legitima saberes. Esse discurso se contrapõe ao do leigo que nada sabe e só terá possibilidade de saber se aliando ao discurso científico, pois a ele é conferida legitimidade. Segundo Sousa e Coracini (2006), o discurso científico passa a representar a verdade a partir do Humanismo, quando o discurso religioso começa a perder seu valor de verdade. Espera-se, a partir de então, que o texto científico seja preciso, simples, claro, imparcial e objetivo, não se permitindo “expressões coloquiais”.

O que se observa é que, o discurso científico num grande esforço em definir critérios que “garantam” o “enquadramento” do sujeito autista em seu diagnóstico, faz a ressalva que o mesmo só pode ser feito em termos clínicos, isto evidenciando o atravessamento da subjetividade do sujeito “dono” de um saber científico, e a impossibilidade de, por meio de algo material, como um exame genético, se confirmar uma hipótese. Numa pesquisa em blogs na internet, que pretendem esclarecer o que seja autismo apresentando características muito semelhantes que reproduzem a tentativa de objetivação do quadro, flagramos o efeito polissêmico e a circulação de dizeres do discurso científico sobre o autismo. Elegemos para análise o material do *blog autista-nolar.org*, que dá as boas vindas ao internauta apresentando-se como *blog da Vó da Paloma*, e colocando logo abaixo o seguinte texto: “Quanto mais cedo os pais de autistas tentarem se adaptar aos seus filhos, procurarem orientações e aceitarem o que nós aprendemos com informações, cursos e congressos, menos angustiante torna-se as nossas vidas”.

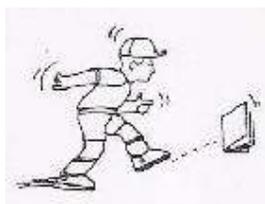
Desse texto, já podemos empreender um primeiro gesto de análise, destacando a impossibilidade de um trabalho dinâmico e a marca do saber da ciência que pode orientar e ensinar, em contrapartida, à posição dos pais (leigos) que para tornarem suas vidas menos angustiantes, precisam se adaptar ao problema do filho. Marcamos aqui um olhar imutável sobre o autismo, não se levando em conta as possibilidades de mudanças de ambas as partes, dada pela rotina de enfrentamento diário dos problemas e dificuldade

significadas pelas palavras menos angustiantes e adaptarem, parecendo não haver alternativa senão o mal menor. Do mesmo blog, selecionamos a primeira página denominada *+sintomas do autismo+* num total de quinze itens, utilizando-se de ilustrações para transmitir as informações, outra característica comum dos sites. Este recurso visual parece ser utilizado como recurso pedagógico, como tentativa de facilitar o entendimento do leitor.

Destacamos também que apontar *sintomas*, conduz à leitura de autismo como sinônimo de doença, significando-o como patologia apenas, com suas características e sintomas previamente definidos, silenciando já no título a possibilidade de outros sentidos para se discursivizar sobre o assunto.



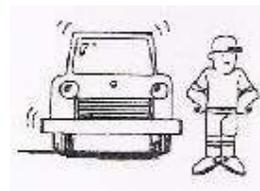
+ SINTOMAS DO AUTISMO +



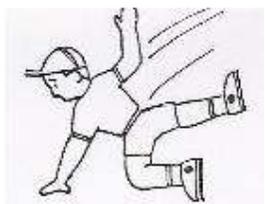
Resiste a métodos normais de ensino.



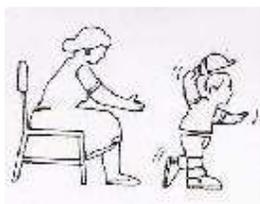
Risos e gargalhadas inadequadas.



Ausência de medo de perigos reais.



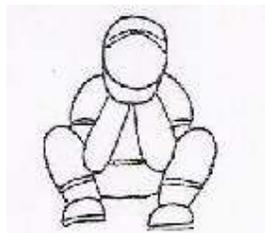
Aparente insensibilidade à dor.



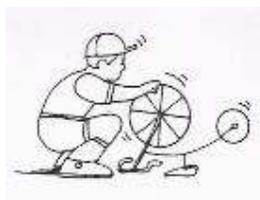
Não se aninha.



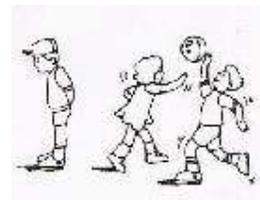
Forma de brincar estranha e intermitente.



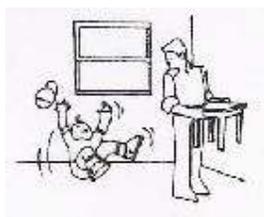
Crises de choro e extrema angústia por razões não discerníveis.



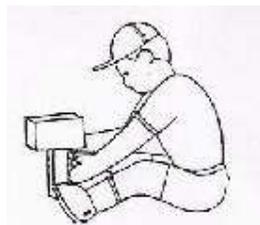
Gira objetos.



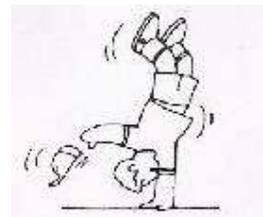
Dificuldade em se misturar com outras crianças.



Resiste a mudanças de rotina.



Habilidades motoras fina/grossa desniveladas.



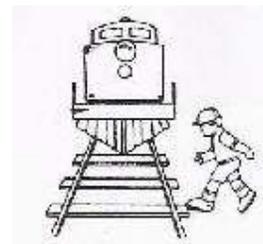
Hiperatividade física marcante ou extrema passividade.



Apego inadequado a objetos.



Ecolálico.



Age como se fosse surdo.

Observamos aqui o deslocamento de vozes de saber do discurso médico/científico, uma migração de uma formação ideológica para outra, representada no dizer desse blog em específico, o que marca o movimento de sentidos vindos de outro lugar e a emergência de algo que ilusoriamente brota ali no *site*. Podemos verificar a tentativa de objetividade, forma de pensar da ciência positivista, que se esforça para reconhecer e definir os sintomas a partir de critérios construídos, predominando uma visão homogênea e patologizante das características deste quadro. Destacamos nas marcas linguísticas “resiste, inadequado, não”, uma maneira de apresentar estes sintomas com características de negatividade. Outra marca que podemos apontar é o duplo sentido de “misturar”, que provoca o furo na intenção de objetividade e clareza do discurso

científico. E ainda podemos observar a apropriação do discurso da ciência pelo leigo, o que fica confirmado pela presença das marcas “sintomas e ecolalia”, em que o sujeito autor do *site* imagina um saber do sujeito leitor sobre estes conceitos.

Destacamos também como efeito de sentido neste material a elisão do sujeito (autista) nas orações, nas quais observamos que em quadros com as características do autismo, o verbo está com o sujeito oculto: *resiste, gira, age*. Resgatando pela memória discursiva o retorno deste apagamento, desta elisão, resgatamos esta ausência que se repete, mesmo ressignificada metaforicamente, no título do livro “Fortaleza Vazia”, de Bettelheim (1987), em que relata a experiência com três crianças autistas consideradas casos graves, crianças mudas, trancadas em suas fortalezas vazias, marcando aí também o sentido de ausência de sujeito no autismo, de algo sem conteúdo, vazio. Pêcheux (1997, p. 54), pensando na interpretação como um trabalho da AD, afirma que:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

O gesto de interpretação proposto e definido pelo autor pode ser reafirmado com o trabalho interpretativo que empreendemos no material acima, ao observarmos o deslocamento de significação do autismo, do discurso legitimado da ciência para o *blog*, reproduzindo a mesma tentativa de coesão, clareza e domínio de um campo (obscuro) de saber, ou ainda, sendo significado como doença, recusa generalizada e ausência de sujeito, ressaltando que estas são apenas algumas das interpretações possíveis de análise de um discurso, como propõe Pêcheux, e conforme podemos verificar na materialidade do *blog*, de discursos de sujeitos que se movimentam, reproduzindo e ressignificando seus dizeres.

Considerando que teoria e método se articulam em AD traremos dois recortes do discurso de uma mãe entrevistada, à qual demos o nome de Acácia¹, em que narra o que disse o *doutor* sobre ser autista. No recorte pretendemos destacar em seu enunciado as marcas de particularidade de significação, de repetição e de ressignificação sobre *ter* um filho autista:

¹ Os dados da entrevista compõem o corpus desta pesquisa, de onde foram retirados os dois recortes seguintes. Foram entrevistadas quatro mães às quais demos nomes de flores.

***Acácia:** No começo o doutor, o doutor falô prá gente (...) falô assim, que a criança autista não ia... Não é uma criança normal, que ia dá muito trabalho (...). Ele deixou bem claro que, que não era uma criança normal (...). Aí ele deixou bem claro. Foi aí que a gente começou a obedecê, né, não passá vergonha, saía passava vergonha, aí a gente foi indo. A gente não queria admiti isso, mais, a gente, a gente foi vindo como é uma criança autista, super diferente de uma criança normal.*

O primeiro destaque que damos nesse recorte é o vacilo do sujeito mãe em relatar o que falou o médico, aqui nomeado doutor, voz legitimadora de poder como garantia de autoridade, para tentar explicar como é um autista, sendo capaz de dizer de um modo cindido, o normal silenciando seu oposto, e dizendo que não ser normal significa dar trabalho. A repetição da palavra “claro” também silencia a opacidade e o não saber sobre um novo olhar que terá que construir diante da fala do médico, que cala como palavra de pai autoritário a quem se deve obedecer para não passar vergonha, fazendo-a se deslocar de sua posição de mãe para a de filha/criança. É necessário percorrer certo trecho em sua trama, olhar mais um pouco para essa nova informação para reconhecer o primeiro gesto de negação e recusa sobre o que fala o médico, que fecha seu dizer reproduzindo o do médico: seu filho não é normal.

***Acácia:** É um bebê dentro de casa, não pode deixá mexê aqui, se encontrá um brilhaalumínio, ele bebe, se encontrá quibôa ele bebe. Não, não, não tem como, passa um ano, dois ano, três ano, ô, faz vinte e um ano que o E é autista e não mudou nada. Não mudô nada. Ele é aquela criança que não larga da chupeta, se não tivé chupeta de noite não dorme. É uma criança assim, chorão (...) ele chora, faz manha. Não pode ter dor que fica agressivo. Ele não sabe falá (...). Você tem que dá remédio na hora certa, dá mamá na hora certa. O banho, ele sabe entrá no banho, mas não sabe se enxugá. (...) Veste a roupa, agora ele tá aprendendo a vesti a roupa, né?*

Passado o impacto da notícia, Acácia tece seu próprio saber sobre ver em seu filho um autista, dizendo de modo singular sobre ele, não trazendo marcas de Formações Discursivas representadas pela autoridade do médico que (não) esclarece o que é ser autista, apresentando-se com suas marcas de subjetividade dizendo sobre esse filho, que nomeia de “bebê”, confirmando esta nomeação ao relatar sua rotina de cuidados com ele: bebê que não sabe o que pode ou não beber, que chupa chupeta, faz manha, não sabe falar onde dói, mas que apesar de seus vinte e um anos está começando a aprender a entrar no banho e a se vestir, trazendo um alento na aridez de seu dizer. Destacamos também o efeito alterado do tempo cronológico, flagrado interdiscursivamente, dizendo

de uma pessoa de vinte e um anos que parece um bebê, que não “mudô” nada. Acácia faz retornar sentidos dados ao trabalho com autistas e ao conceito de sujeito proposto pela Psicanálise. Sobre o tempo assinalamos o trabalho de Salém (1998), que relata em um artigo sua experiência de atendimento de crianças autistas, cujo título é “Relógio sem ponteiros: um ensaio sobre tempo e autismo”, relacionando esta experiência com uma das características definidas por Kanner (1997) em seu primeiro trabalho sobre autismo: o desejo de imutabilidade. A respeito da atemporalidade do sujeito, resgatamos também pela memória discursiva o que fala Sauret (1998, p. 17) quanto à concepção de sujeito, o qual não se desenvolve e não tem idade. Flagramos então o efeito desse retorno que ressignifica sentidos sobre o autismo, marcando a semelhança e o dizer sobre o universo da linguagem materializada nos dizeres do sujeito.

2.2 O(S) ESQUECIMENTO(S) COMO CONDIÇÃO DO DIZER

Lembra-te de esquecer.

Immanuel Kant

Um conceito a se destacar que se articula ao sujeito do discurso, e condição da linguagem, são os dois esquecimentos ou duas ilusões, que Pêcheux (1995) propôs chamá-los *esquecimento número 1* e *esquecimento número 2* e articulá-los à primeira tópica freudiana: consciente, pré-consciente e inconsciente. O *esquecimento número 1*, também denominado esquecimento ideológico, é um esquecimento estrutural e responsável pela constituição do sujeito (do inconsciente), ao qual está submetido e que o autoriza a se tornar um sujeito falante, independente de suas identificações sociais e posições discursivas. É um esquecimento necessário, em que o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu dizer, estando ele articulado ao sistema inconsciente da psicanálise, dado que este processo de assujeitamento é recalcado pelo sujeito, acreditando fazê-lo livremente, sem se dar conta da necessidade da ordem da língua e da organização sintática, efeito da castração simbólica a que todo sujeito da linguagem “escolhe” se submeter para conseguir escolher um dizer em detrimento de tantos outros, para poder fazer laço e participar do universo discursivo.

Pêcheux (1995) fala de recalque inconsciente da psicanálise, ao propor um sujeito que só tem garantida sua existência pelo submetimento ao Outro, sempre completo e absoluto ao seu olhar, à lei da castração para a efetivação de sua entrada no universo

simbólico da linguagem, afirmando que “recalque inconsciente e assujeitamento ideológico podem ser articulados no que se designa de processo do Significante na interpelação e na identificação, onde se efetivam as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 1995, p. 134).

O *esquecimento número 2*, por sua vez, refere-se à enunciação e diz respeito ao fato de “escolhermos” dizer algo de uma maneira, em lugar de outra. Ele cria a ilusão de uma naturalidade entre palavra e coisa e da linearidade do discurso, marcando correspondência termo a termo entre as palavras e as coisas, levando-nos a acreditar na existência de um sentido e a inexistência de outros. Ele é semiconsciente por estar referido ao processo histórico, à paráfrase (matriz dos sentidos pré-existentes), encobrendo o fato de que o sujeito do discurso é efeito da formação discursiva que o domina. Buscando em Freud o que se manifesta no discurso do sujeito, Pêcheux (1995) destaca que para Freud (1996c) existe um primado dos processos primários sobre os secundários, o que implica em conceber o pensamento como manifestação do inconsciente. Considerando o discurso sob o prisma do sistema pré-consciente, podemos concebê-lo como a escolha da sequência do pensamento, que rejeita conscientemente conteúdos desagradáveis ou reprováveis, mas que podem reaparecer posteriormente à revelia da vontade do sujeito. E ainda, no processo discursivo, o *esquecimento número 2*, o sujeito reformula seu dizer utilizando-se da paráfrase, da sinonímia, para reafirmá-lo, esclarecê-lo, retificá-lo, escolhendo seu modo de discursivizar, considerando a posição que ocupa e a Formação Discursiva na qual se filia. Pêcheux (1995) esclarece que “o termo ‘esquecimento’ não está designando aqui como a perda de alguma coisa que se tenha um dia sabido, como quando se fala de ‘perda de memória’, mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior do seu discurso” (PÊCHEUX, (1995, p. 183). Atravessado pelos dois esquecimentos, o sujeito enuncia com a ilusão de ser capaz de expressar seu pensamento com exatidão, apagando o fato de ser um sujeito capturado pela ideologia destinando-lhe um lugar de autoridade (ou de submissão), assujeitando-o e posicionando-o de forma que alguns sentidos parecem óbvios e transparentes, enquanto outros não.

2.3 ENUNCIADO E ENUNCIÇÃO NA MEMÓRIA DISCURSIVA

*Palavra prima
Uma palavra só, a crua palavra*

*Que quer dizer / Tudo
Anterior ao entendimento,
palavra*

Chico Buarque

Quando o sujeito enuncia, indicia as posições discursivas que ocupa, as identificações que faz e as Formações Discursivas às quais se filia. O nível da enunciação diz respeito às citações, repetições, antíteses, paráfrases, etc. Pêcheux (1995) também trata este conceito como o que promove o encadeamento das palavras, criando um fio discursivo coerente que será enunciado pelo sujeito. A enunciação, ao mesmo tempo em que “organiza a identificação enunciativa do sujeito enunciador por meio da materialidade linguística e suas marcas” (COURTINE, 1999), causa um efeito de apagamento aos olhos do enunciador. Para Achard (1999), a enunciação deve ser pensada como uma operação de retomada, e como circulação do discurso, sendo por isso, o processo pelo qual resulta o enunciado. Mas o discurso só é passível de se materializar por haver um já dito ao qual se recorre pela memória constitutiva que se atualiza a cada enunciado, mobilizando então outros dois conceitos, o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso se refere ao pré-construído, ao domínio da memória, voz de todos e de nenhum, nesse espaço, portanto, o sujeito falante não tem um lugar, pois ao formular seu dizer, esquece que esta formulação já foi feita antes, independentemente em outro lugar. O interdiscurso promove a circulação dos dizeres que se filiam ou se contrapõem. Ele apaga a historicidade do discurso e a história como um fato objetivo dado, determinando a maneira como um acontecimento histórico será formulado e inscrito a uma rede de memórias. Temos, no estofa teórico da AD, a memória discursiva como a condição do dizível que sustenta a significação da linguagem, não sendo tomada em termos cronológicos nem como uma narrativa linear, com conteúdo cumulativo, mas “como um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas polêmicas, e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). A memória discursiva também pode ser considerada em AD como arquivo de não-dizeres, de dizeres impossibilitados e/ou impossíveis.

Orlandi (2001) afirma que a memória tomada interdiscursivamente, faz um retorno ao já dito, o que altera o modo de significar do sujeito posicionado em um lugar discursivo. A memória discursiva é um arquivo de dizeres, imbricado numa rede de sentidos e de representações imaginárias que, sendo retomadas, ressignificam o dizer. O

interdiscurso como memória do que já foi dito, sustenta o dizer em segmentos formulados anteriormente, mas esquecidos. É sobre essa memória, que não resgatamos quando e como desejamos, que os sentidos são construídos, promovendo-nos a ilusão de sabermos do que estamos falando (ORLANDI, 2001, p. 54). Romão (2009) faz uma amarração entre os conceitos de interdiscurso, intradiscurso e memória:

O sujeito corporifica um efeito de/da memória, significando-se em lugares que já foram ocupados discursivamente por outros sujeitos em outros contextos sociais e/ou foram silenciados como impossíveis de dizer. A assertiva de que o dizer do sujeito é cindido, dividido entre o aqui do interdiscurso e o lá do intradiscurso, desfronteirizado ainda que limitado por uma formação discursiva, implica a consideração de que são muitos os ecos das vozes alheias entrelaçadas nos desvãos e nos entremeios de suas palavras (ROMÃO, 2009, p.8-9).

A memória em AD é pensada também no funcionamento da linguagem por meio dos mecanismos da paráfrase e da polissemia (ORLANDI, 2001), que provocam uma tensão no discurso por uma oposição entre o que se repete e o que se apresenta como novo. Na paráfrase ocorre o processo do repetível, do que se mantém num trabalho de resgate da memória, que dá estabilidade ao discurso. A polissemia, por sua vez, provoca o deslocamento, o corte nos processos de significação e o equívoco no discurso. É nesse jogo discursivo tenso, de um movimento entre o igual e o diferente, que o sujeito tem a oportunidade de (se) ressignificar. Aí também se observa a marca de incompletude e condição da linguagem, em que sujeito e sentido sempre podem se modificar, se ressignificar. Observamos esta marca de tensão entre o sentido novo e o que se repete, pelos recortes retirados do *blog* “Brasília, eu vi – blog do Leandro Fortes”, no qual o jornalista-autor do *blog* publica uma matéria com o título *Governador Arruda na fase do autismo*, criticando a conduta deste político e comparando-o ao período em que Fernando Collor, no posto de presidente da República, em vias de sofrer o *impeachment*, agia assim como Arruda, como um autista. Desta matéria fizemos os seguintes recortes:

- O trauma do afastamento (o impeachment só seria votado, dois meses depois, em novembro) havia tornado a personalidade de Collor ainda mais estranha (...). Todo santo dia, um Collor soturno, com olhar vidrado e andar robótico, fazia aquela travessia surreal em direção a um poder imaginário (...). Enquanto o mundo se desmoronava a seu redor, Collor vivia, como um autista, num universo próprio e impenetrável. E dele, ao que parece, nunca mais emergiu (...). Essas impressões sobre o atual senador Collor me vieram à cabeça depois de ouvir o pronunciamento do governador José Roberto Arruda, no momento em

que ele anunciou sua desfiliação do DEM. Arruda virou um espectro humano desagradável, e mesmo para jornalistas experientes não deixa de ser penoso se defrontar com a manifestação física da degradação moral de um político caído em desgraça (...). Arruda parece ter entrado naquela fase autista de Collor. Ao falar à imprensa, não estava se dirigindo ao mundo real, mas a uma existência virtual projetada em outra dimensão (...). Arruda não tem mais nenhum partido em sua base de sustentação e, agora, não faz parte de nenhuma sigla partidária (...). Entrou, definitivamente, na fase do autismo. E com ele, o DEM. O Ex-PFL, ao que parece, mesmo que, ao se livrar de Arruda, irá também se livrar da pecha de partido atrasado, reacionário e corrupto (FORTES, 2009).

Nos dizeres do sujeito jornalista, observamos a negação do autismo como doença, como quadro clínico, como dizer da área médica, psicanalítica ou psicológica, ou ainda, como campo de estudo científico a ser investigado para deslocá-lo e colocar o sujeito autista em outro lugar, qual seja, corrupto que se faz de sem sentido, de inocente. Notamos que existe aqui um efeito de xingamento e associação ao jogo corrupto de poder, aos bastidores sujos dos interesses, da convivência, como podemos ver quando o sujeito jornalista retoma historicamente este conceito, ao lembrar e comparar o período Collor ao escândalo político atual, colocando-o na mesma posição, afirma que “o trauma do afastamento (...) havia tornado a personalidade de Collor ainda mais estranha (...)”. Enquanto o mundo se desmoronava ao seu redor, Collor vivia, “como um autista, num universo próprio e impenetrável”. Observamos pela materialidade discursiva, um efeito de conveniência que se inscreve no âmbito do jogo político de dizer e silenciar, de acordo com o modo como os sujeitos estão apoderados ou não, investidos ou não de prestígio. Desinvestido de prestígio, o político corrupto isola-se em seu universo impenetrável, tal qual a ciência discursiviza um autista, afastando-se (estrategicamente) dos outros, recolhendo-se em seu próprio mundo, silenciando-se. Arruda é nomeado nos dizeres acima como um espectro humano desagradável, o que, articulado a todo o dizer, provoca um efeito negativo que transborda para além das características discursivizadas sobre o autismo, levando o sujeito jornalista a circular por territórios estrangeiros sobre o autismo, como podemos flagrar quando diz: “mesmo para jornalistas experientes não deixa de ser penoso se defrontar com a manifestação física da degradação moral de um político caído em desgraça (...). Arruda parece ter entrado naquela fase autista de Collor”. Logo após essa publicação, Leandro Fortes foi criticado por pais de filhos autistas, indignados por interpretarem o texto deste jornalista como uma comparação pejorativa de

autismo com político corrupto, que tenta esclarecer seus dizeres, não se dando conta, entretanto, do efeito ideológico que mobilizou em determinados sujeitos.

Marcamos a importância dos efeitos de sentido neste *blog*, o protesto dos pais de filhos autistas e o silenciamento dos especialistas. Resgatando a memória discursiva, os pais tomam como referência a teoria do autismo para se posicionarem contra ou a favor, tanto do jornalista como da teoria, o que faz significar os efeitos de sentido sobre um mesmo conceito e a marca de heterogeneidade que carrega a palavra em um dado discurso. Sobre o discurso do autismo, observamos o deslocamento de sentidos dos efeitos de negativa do discurso da ciência para o universo político com este mesmo teor de recusa e isolamento, mas articulado a outros sentidos negativos, flagrados no discurso do jornalista para falar do sujeito político corrupto, significando-o de outro modo, pela negativa. Neste movimento cadenciado de significação do político corrupto, o sujeito jornalista equipara-o ao autista, podendo-se flagrar este gesto quando compara Arruda a Collor, apontando-os como políticos caídos em desgraça, nomeando o pior momento da vida política destes políticos como fase autista. Voltemos à exposição teórica da Análise do Discurso, tratando agora dos conceitos de Formação Discursiva, Formação Imaginária e Heterogeneidade do discurso, que darão maior amparo e fundamentação ao trabalho posterior de análise.

2.4 FILIAÇÕES DISCURSIVAS E HETEROGENEIDADE

“É curioso como não sei dizer quem sou. (...) No momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo”.

Clarice Lispector

O discurso é materializado pelo sujeito, que num processo social e histórico reutiliza e ressignifica a língua. Podemos definir em categorias a maneira em que se empreende o Processo Discursivo. Primeiramente consideramos a Formação Social, espaço onde o sujeito se posiciona, ocupando um lugar de (não) poder na sociedade que está inserido, nesse espaço se empreende um movimento marcado pela contradição entre regiões ideológicas em que a desigualdade se presentifica e se relaciona com a luta de classes e com os interesses econômicos, formando a trama das Formações Ideológicas,

que ao materializarem a Ideologia, formam uma trama heterogênea e complexa e palco desse espaço social onde os sentidos se naturalizam (PÊCHEUX, 1995).

A forma-sujeito, que também pode ser entendida como sujeito do saber, sujeito do discurso ou sujeito universal, diz respeito à forma com a qual o sujeito do discurso se identifica a uma determinada Formação Discursiva. O processo de identificação a uma Formação Discursiva se opera no imaginário, campo da linguagem que se presentifica quando o outro reconhece o sujeito, na exterioridade discursiva, com um *já-lá* que estabiliza sentidos, estabelece a condição do dizível e permite a entrada na rede social e no universo da linguagem. Os processos de identificação dos indivíduos com as Formações Discursivas não são evidentes, enquanto formas de apropriação/reprodução/transformação de efeitos pré-construídos que dominam os sentidos de seu dizer, e representam diferentes modalidades de “captura” do sujeito (ZANDWAIS, 2005, p. 145).

O conceito de Formação Imaginária deriva do conceito lacaniano de imaginário, definido como demanda lançada ao Outro – lugar do eu, das ilusões de completude, da alienação, sendo em AD o resultado de processos discursivos do passado, ou seja, o efeito do funcionamento imaginário do sujeito em relação ao Outro, ao Sujeito, portanto, ao resultado de seu posicionamento no universo discursivo. As Formações Imaginárias (FI) se relacionam ao contexto sócio-histórico no qual o sujeito está inserido e definem as condições de produção constituintes dos discursos que sempre se articulam uns aos outros. Orlandi (2001) destaca três aspectos das formações imaginárias: relações de forças, relações de sentidos e antecipação, os quais criam uma infinidade de possibilidades de combinações discursivas influenciadas pela formação social e pelo processo histórico no qual o sujeito está inserido. Elas podem ser entendidas como uma rede de representações imaginárias que são ativadas quando o sujeito enuncia: a partir de uma determinada posição, o sujeito se imaginando naquele lugar e imaginando o outro e como este outro o imagina, tecendo deste lugar imaginado sua fala, formulando dizeres autorizados e possíveis naquele dado contexto. Pelas Formações Imaginárias é que podemos interpretar o modo como, no discurso, o sujeito formula sua trama para si, para o outro e para o referente um lugar imaginário, antecipando, na trama discursiva, sentidos já ditos e marcadamente heterogêneos.

Ao tratar da materialidade do sentido Pêcheux (1995, p. 160) destaca que:

O sentido de uma palavra ou expressão não existe “em si mesmo”, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são (re) produzidas. *Elas mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.*

As Formações Ideológicas criam efeitos de sentido de evidência, mascarando no interior dessas formações forças contraditórias que se confrontam com forças ideológicas que se divergem dentro de uma Formação Social. As posições que assumem os sujeitos dessa trama foram definidas por Formações Discursivas (FDs) (PÊCHEUX, 1995), dentro das quais os sentidos das palavras mudam a partir da posição ideológica ocupada por quem as emprega. A Formação Discursiva interpela o indivíduo em sujeito do discurso por um processo de identificação a esta Formação Discursiva. Ela pode ser concebida também como o espaço em que se estabelecem os sentidos, espaço marcadamente heterogêneo e atravessado por várias posições, no qual o sujeito se inscreve numa determinada formação discursiva por redes de filiações deslocadas entre presente e passado, com movimentos de um sujeito em relação com outros sujeitos. Nesse movimento estão constantemente presentes regularidade e contradição. Segundo Orlandi (2003, p. 132):

Podemos dizer que o que define a Formação Discursiva é sua relação com a Formação Ideológica. Assim, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico. Podemos fazer o percurso nos dois sentidos: o que vai do ideológico para as marcas formais ou destas para aquele. Isso só é possível mantendo-se o conceito de Formação Discursiva como mediador.

Seguindo a reflexão sobre o conceito de Formação Discursiva, Indursky (2001) afirma que o funcionamento do sujeito do discurso pode ser observado pela maneira com que este sujeito se relaciona com a Formação Discursiva, acrescentando ainda que para a AD ele “é heterogêneo e disperso em relação aos saberes da Formação Discursiva em que se inscreve e em relação aos sentidos que mobiliza, de que se apropria e que produz, constituindo esta forma de subjetividade denominada aqui de fragmentação do sujeito em AD”. (INDURSKY, 2001, p. 30-31). As características de constituição das Formações Discursivas são a contradição e a heterogeneidade, com limites instáveis que num movimento constante, configuram e reconfiguram as relações.

Para se filiar a uma dada Formação Discursiva o sujeito passa por um processo de subjetivação em que ocorre a fragmentação da forma-sujeito (INDURSKY, 2001). Num primeiro momento, o sujeito realiza uma identificação plena em que enunciação e forma-sujeito se superpõem em uma Formação Discursiva, com a qual se identifica sem nenhum conflito aparente, reproduzindo então a posição do Sujeito Universal. Num segundo momento, o sujeito empreende um movimento de *desidentificação* à Formação Discursiva em questão, distanciando-se, em seu discurso, da forma-sujeito, trazendo como efeito um movimento de tensão e conseqüente questionamento, que se manifestam quando surgem as diferenças entre a posição que esse sujeito assume e a Formação Discursiva à qual se filia e que Courtine (apud INDURSKY, 2001) denominou Formação Discursiva Heterogênea. O terceiro momento promove o processo de *desidentificação*, ocorrendo um processo de ruptura com a Formação Discursiva à qual se filiava.

É a Formação Discursiva que permite compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos de uma mesma palavra, “pois toda palavra chega a um contexto vinda de um outro contexto, elas são ‘carregadas’, ‘ocupadas’, ‘habitadas’, ‘atravessadas’ de ‘discurso’”, como afirma Authier-Revuz (2004), relacionando esta marca de heterogeneidade discursiva ao advento do sujeito que se opera a partir do discurso do Outro, condição imprescindível para se inscrever no universo da linguagem. Portanto, o discurso do sujeito é estruturalmente marcado por outros discursos e/ou pelo discurso do Outro. A autora formula a subdivisão deste conceito de heterogeneidade em mostrada e constitutiva.

A heterogeneidade mostrada (ou marcada) se presentifica no discurso por citações, entrevistas, depoimentos. Nela, o sujeito enunciador estabelece um “acordo” com o discurso do outro, marcando explicitamente o caráter heterogêneo do discurso, como uma tentativa ilusória de delimitar territórios entre o seu discurso e o discurso do outro, tomado com “um”, tentando negar a heterogeneidade constitutiva que se manifesta implicitamente pela retomada de já-ditos, dados pelo interdiscurso, marcando a ausência de neutralidade da palavra que circula e habita uma infinidade de discursos outros que se constituem por embates, pactos, ajustes e consentimentos. Authier-Revuz (2004) considera que Estudar o modo no qual, nos diversos tipos de discurso, funcionam as formas de heterogeneidade mostrada, é se permitir acesso a um aspecto da representação que dá o locutor de sua enunciação, representação que traduz o modo de negociação (recusa) preparado na duração de uma fala, pelo sujeito, de uma fala “normal”. Retomando o trabalho de análise material dos discursos com recortes do *blog* do

jornalista utilizado acima, reproduzimos um trecho da resposta que o jornalista dá após as reações de indignação dos pais:

‘- O texto não tem nenhuma intenção, nem mesmo implícita, de ligar autistas a políticos corruptos. Essa interpretação é rasa, primária e de má fé, nada tem a ver com o sentimento de revolta de alguns pais. A utilização do termo “autismo” tampouco é uma metáfora, como muitos assim disseram, alguns no intuito de me defender. É, na verdade, uma analogia com base em larga utilização do termo, na literatura e no jornalismo, para designar comportamentos de intensa introspecção’.

O termo metáfora indicia aqui uma substituição, a troca de uma palavra por outra, ou seja, no lugar de dizer “isolamento político” e/ou “afastamento estratégico”, “autismo” entra como uma palavra capaz de explicar melhor, de justificar, de esclarecer, o que se expressa por “o texto não tem...”, ou seja, nesse recorte o sujeito ocupa a posição de quem se inocenta diante do uso da palavra autismo, silenciando todo o interdiscurso que sustenta a produção de sentidos sobre autismo, “esquecendo-se” de que esta palavra faz falar a historicidade. Esse discurso sustenta, legitima e credita autorização ao discurso anterior, mantendo os sentidos em movência dentro da mesma Formação Discursiva. O sujeito jornalista, ao migrar de uma Formação Discursiva de jornalista político para a Formação Discursiva do saber da ciência, é convocado a se pronunciar deste lugar, o qual, utilizando-se de recursos da Formação Discursiva do jornalismo, do saber escrever e se expressar, justifica seus dizeres por meio de uma figura de linguagem, esperando com isso que seja “esclarecido” o mal-entendido. Entretanto, ao justificar o uso do termo autismo dizendo que faz uma analogia com base em larga utilização do termo na literatura e no jornalismo para designar comportamentos de intensa introspecção, reafirma os dizeres da ciência sobre o autismo. Também é importante ressaltar aqui, a permeabilidade de sentidos de palavras que são tomadas imaginariamente e singularmente por sujeitos a partir de suas posições, como afirma Pêcheux, dizendo que *o discurso é efeito de sentido entre interlocutores*, como veremos nos recortes abaixo, reproduzindo dizeres do sujeito mãe/pai que se coloca em posição de oposição ao discurso do jornalista, provocando sentimentos negativos e cobrando a retratação do repórter. Este sujeito-mãe, a quem particularmente o jornalista responde em sua crítica educada, assim tece seu dizer ao jornalista:

‘Leandro,
- A reação dos pais não é, como você disse, “fruto de um desequilíbrio emocional altamente justificável, por oriundo de um filho autista”, é

sim fruto de uma revolta por ver mais uma vez o autismo sendo descrito, ainda que para fazer uma analogia, de forma muito equivocada(...). O maior problema, Leandro, é a noção equivocada que se tem do autismo. “Não olha nos olhos”, “segue rotina de forma quase robótica”, “vive em um mundo impenetrável”, “não tem criatividade” “cria um mundo próprio” e por aí vai... isso dá um problemão na vida das pessoas (...). O seu texto traz sim uma visão equivocada sobre o que é o autismo, faz analogias sem sentido que só ajudam a perpetuar equívocos’.

No discurso acima materializado, outra posição sujeito emerge deslocando sentidos anteriormente colocados em funcionamento. Para isso, o sujeito retoma o dizer do outro, nesse caso, o jornalista, usando as aspas como marcas desse outro que fala de outro lugar, ou seja, mobiliza a voz do outro para nela mesma apontar os furos. O deslocamento funciona de modo a fazer falar o efeito de erro e equívoco, marcando o sujeito-autor como uma posição que legitima o discurso científico dominante sobre o autismo (falar do discurso dominante e a repetição da palavra equívoco). O sujeito aponta o erro, o furo, negando, discordando, ocupando o lugar de “revoltado” e de contestador. As marcas linguísticas são indícios desse caminho de análise. Considerando a heterogeneidade dos discursos e pensando que o sujeito é atravessado por vozes de sentido que não escolheu, observamos aqui a migração do “e” no discurso, quando sentidos estabilizados no discurso científico sobre o autismo alimentam e sustentam o dizer midiático que, como já estudamos antes, passa a repeti-los como evidentes, quando de fato acaba

ocupando no universo discursivo o papel de transmitir informações, fatos, relatos, apropria-se de várias vozes, como a do discurso científico e médico, assumindo não apenas um lugar de saber sobre diagnósticos, doenças, tratamentos, mas fazendo circular dizeres de suposta autoridade, dizeres que tentam estabilizar um saber (TELLES; ROMÃO; GASPAS, 2009).

O que observamos de fato no discurso midiático, qual seja, o *blog* é a emergência de uma posição discursiva dissonante que faz irromper e falar a instabilidade, o equívoco, a não garantia, e assim, dentro do próprio discurso da mídia política a heterogeneidade se faz marcada, e ainda mais pela mídia eletrônica. Ao marcar o equívoco, o sujeito confirma o erro e silencia o acerto que estaria em outra região do discurso científico, o que nos leva a compreender que há outros discursos científicos sobre o autismo, outros modos de dizer sobre ele, portanto, outra Formação Discursiva à qual o sujeito se filia

nesse momento. Houve pais, como já adiantamos, que não se sentiram ofendidos com os efeitos de sentido materializados no texto, inscrevendo-se em uma determinada Formação Discursiva e representando outra, que se posicionaram diferentemente, como podemos flagrar no recorte abaixo:

‘- Tenho 62 anos de idade e sou pai de um rapaz de 37 diagnosticado desde os 3 anos como autista.

Meu filho – e conheço pessoalmente uma tricentena de autistas – conseguiu algum contato real com o mundo (me recuso a aceitar como autistas alguns indivíduos assim tratados pela mídia, com a qualificação “autistas de grande desempenho) e tem escolaridade regular até o nível médio. No entanto, continua sendo um autista no sentido estabelecido pela OMS a partir de relatos de especialistas. Mas, o que quero dizer aqui é que, conhecendo tão de perto o que é um autista, concordo plenamente com a analogia que foi feita sobre o Sr. Arruda, tanto quanto ao Sr. Collor de Melo quando perdeu o seu mandato de Presidente da República.

Essas pessoas, como você deixou bem claro no texto em questão, passaram a ter “comportamentos autísticos”, ou seja, desligaram-se do mundo real e criaram um mundo próprio, talvez (não sou psicólogo ou psiquiatra) até mesmo como uma defesa inconsciente para manter a sanidade. Portanto, àqueles pais de filhos autistas que reclamaram do uso que você fez dessa analogia eu só tenho um recado: prestem um pouco mais de atenção a eles e se dispam do preconceito e do sentimento de culpa que sentem por ter um filho “defeituoso” (no senso comum de ser diferente dos demais)’.

O sujeito pai se inscreve na Formação Discursiva do jornalista, entretanto, no percurso de seu dizer, filia-se a duas regiões de sentido antagônicas, mobilizando o interdiscurso que sustenta a produção de sentido sobre o autismo e o intradiscurso manifesto no *blog*. Anuncia-se como pai e, dessa posição de quem “conhece” o que é o autismo, passa a enunciar. Primeiramente ele nega o paradigma do afastamento, rejeitando o efeito de sentido de um ser fora do mundo desconsiderando a possibilidade de contato com o mundo. Num segundo momento ele retorna ao sentido dominante (marcar o texto). Ele atribui preconceito e culpa os pais que questionaram, ou seja, ele desqualifica-os como preconceituosos ou culpados.

Nesse dizer, o sujeito enuncia afirmando seu entendimento sobre a intenção do jornalista e sua posição contrária, sua crítica ao discurso estigmatizante da ciência que categoriza e destaca aspectos patológicos. Dando continuidade a seu dizer, o sujeito pai desloca-se de uma posição crítica sendo capturado pelo discurso de autoridade ao enunciar, dirigindo-se aos pais “preconceituosos” que se dispam do preconceito e do sentimento de culpa que sentem por ter um filho “defeituoso” (no senso comum de ser

diferente dos demais). Ao nomear seu filho de “defeituoso” ele acaba capturado pelo discurso que critica, ou seja, rotula seu filho como faz a ciência positivista. É importante destacar ainda que esta apropriação do discurso do Outro da ciência acontece sem que o sujeito se dê conta, ele é assujeitado a um dizer institucional que regulariza práticas discursivas determinando sentidos e normatizando formas de/do agir, como podemos flagrar no recorte abaixo, retirado de uma matéria realizada pela Folha de S. Paulo com uma cientista diagnosticada como autista, que assim tece seu discurso de “ser” autista:

‘- Você tem de reconhecer os limites dos portadores de autismo. Um autista pode, por exemplo, trabalhar em um jornal como diagramador. Ele pode ser excelente nesse trabalho, mas não o transforme em gerente, nem como promoção. Você deve dar a ele uma meta bem definida, uma tarefa clara. Não o coloque em situações sociais complicadas, ele pode parecer um homem crescido mas ainda é uma criança. O problema do autista é que ele pensa: como devo me comportar em determinada situação? Ele então dá uma busca no “banco de dados” que tem dentro de sua cabeça e acha uma situação semelhante que viveu antes e age da mesma forma. Mas se ele entra em uma situação totalmente nova, ele não sabe como agir. Entra em pânico, pode ter um acesso de cólera, explodir. Se torna um animal. Pode bater em alguém’.

Marcamos aqui a migração da voz do sujeito autista para o discurso da ciência, para falar da existência, das capacidades e das impossibilidades de ser autista. Para poder falar de si, toma de empréstimo o discurso da ciência, marcadamente estabilizado, para poder falar do (eu) autista. A subjetividade do sujeito autista pode ser apontada quando diz de uma situação totalmente nova, na qual não sabe como agir, entra em pânico, pode ter um acesso de cólera, explodir tal qual um animal. Pode bater em alguém, faz emergir aí um dizer que não é o da ciência, mas de um saber singular, da particularidade de uma experiência talvez já vivida. No presente trabalho, estamos trazendo para reflexão e análise os sentidos atribuídos por vozes legitimadoras de autoridade, o conceito de autismo, vozes que se identificam e se contra-identificam a este discurso, nesse caso, assumindo uma postura crítica diante da formalização deste sentido dado pelo discurso científico e reproduzido (ou contestado) na/pela mídia. Falar do discurso é também falar do não dito, do silenciado, mas significado, e é com o conceito de silêncio que finalizaremos o capítulo teórico da AD.

Para ampliar a trama de dizeres de ser (ou não) autista, trazemos mais alguns recortes das entrevistas com mães que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, para flagrar

os sentidos que dão de suspeitar de algo e ter confirmado o fato de ter um filho autista, buscando nesse gesto interpretativo novas pistas de ressignificação desse conceito.

No primeiro recorte, Acácia fala de suas suspeitas de haver algum “problema” com o filho, destacando:

Acácia: Uma vez eu falei prá minha sogra, (...) eu falei: “O E tá pendendo o pescoço muito do lado, assim” Ela falô: “Vê lá, é porque ele é gordo”. Eu falei, (...) eu falei prá minha mãe, ela falô: “eu não conheço, como que eu posso falá alguma coisa?” Eu falei: “presta atenção, ele sempre pende o pescoço pro lado”. Ele não te encarava... eu achava que ele queria desviar o olhar, por isso que ele jogava o pescoço, pro lado. Mas eu não sabia o que era autismo. Aí ele foi crescendo... ele andô com dez meses, falô cedo, começô a falá cedo. Aí que comecei a notá foi com dois anos, não falô mais. Parece que engoliu as palavras (...). Aí ele foi ficando agressivo. Ele riiiia muito. Ele era um menino que ele ria à toa, ria e sorria à toa, sabe! Sem ninguém falá nada prá ele, ele dava aquela risada.

Os sentidos do discurso de Acácia são de um sujeito mãe, com seu saber intuitivo, culturalmente herdado, um saber que não se ensina, mas se apreende, marcando a sensibilidade da mãe que, com um filho ainda pequeno, precisa se disponibilizar a traduzir seus gestos, discriminando-os entre o que se espera e o que não se espera de gestos e atitudes de um bebê. Olhar para o lado, pender o pescoço, a mãe interpreta como uma tentativa de desviar o olhar, gesto sutil e que naturalmente uma mãe se autoriza a traduzir como esperado. Filiando-se a uma Formação Discursiva de mães experientes, indaga as avós de seu filho, mas ocupa posição contrária a elas, cada uma se posicionando de modo diverso: a mãe suspeita de algo, a avó paterna diz que não é nada, ou se é, o motivo é corriqueiro, a avó materna diz não saber. Marcamos nesse recorte a repetição do verbo “falar”, indiciando a necessidade da mãe de que algo possa ser falado sobre o que estranha no filho. Entretanto, a suspeita que circula entre os discursos é silenciada por não ser confirmada, por justificar ser algo sem maiores consequências, e ser algo que se desconhece, calando a suspeita de um problema sério, já que naquela época não sabia o que era autismo, anunciando interdiscursivamente que hoje sabe, filiando-se aí à outra Formação Discursiva, de especialistas que apontam a recusa do autista em direcionar seu olhar para o outro. A suspeita apenas se reativa quando aparecem novas pistas, como retrocessos em seu desenvolvimento e comportamentos não esperados em uma criança pequena, de ficar agressiva e rir sem um motivo aparente. Melissa tece assim seu dizer quanto a suas suspeitas:

Melissa: Com uns dois aninhos assim, eu achava estranho dele não falá algumas coisas assim. Só ficava emitindo no canto, falava mamã, papá, aí depois foi parando, parando de falá, até isso né. Aí quando... aí quando eu mudei prá cá, eu mudei (...) prá cá, aí quando foi em outubro ele fez três anos, aí eu (...) procurei, na época (...). Então aí eu fui lá e ele não falava.

As marcas do tempo flagradas nesse recorte indiciam uma tentativa de evitar e adiar o futuro, que poderá ser o mensageiro de um nome ao seu temor que se intensificou quando foi percebendo que seu filho estava parando de falar. Empreende assim um movimento em seu discurso, semelhante ao uso que seu filho faz da fala em forma de estranheza e desaceleração. Trazemos agora dois recortes das mesmas mães, Acácia e Melissa. Destacamos efeitos de sentido de filiação de dizer sobre e diferença no discurso de Acácia e Melissa, aspectos que flagram o efeito ideológico nos sujeitos em questão, bem como o efeito de singularidade do enunciado de cada uma. Temos como semelhança as desconfianças do retrocesso na fala, filiando-se a uma mesma Formação Discursiva com um olhar de mãe sabedora do que seja um desenvolvimento normal, ou de que um processo involutivo é sinal de problema. Como marcas de diferença, de singularidade, o gesto de Acácia em dividir com o outro suas desconfianças, enquanto Melissa diz de um movimento solitário em uma busca vacilante por uma explicação para o problema do filho, em que o sujeito se presentifica marcadamente dividido entre a necessidade de saber e o temor do que vai ouvir sobre o filho.

2.5 O SILÊNCIO E SEUS SENTIDOS

*“Antes de existir computador existia tevê
antes de existir tevê existia luz elétrica
antes de existir luz elétrica (...) existia / enciclopédia
antes de existir enciclopédia existia alfabeto
antes de existir alfabeto existia a voz
antes de existir a voz existia o silêncio
o silêncio / foi a primeira coisa que existiu
um silêncio que ninguém ouviu”.*

Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes

Orlandi (2007) propõe refletir os sentidos do silêncio afirmando que ele, como a palavra, carrega sentidos múltiplos, significando sem palavras e sem fala, mantendo-se no universo da linguagem e permitindo que a matéria significante seja significada.

Na produção do sentido, não se trata, pois, de polarizar a fala só na relação do par sujeito-falante/ouvinte, enunciador/destinatário. Além dessas funções distintas, o discurso é povoado por *personagens historicamente* (socialmente) *determinadas* que desempenham papéis igualmente importantes. Do ponto de vista discursivo, a concepção dialógica da linguagem supõe um percurso social, historicamente constituído, da significação em que está inscrita a relação entre os diferentes lugares (sociais) da interlocução com seus poderes desiguais (ORLANDI, 2007 p. 44).

A autora destaca, portanto, que os modos, sujeitos e lugares em que o discurso se materializa, causam efeitos nos sentidos dos dizeres, podendo ser legitimados, silenciados, desconsiderados, entre outros, não seguindo um curso linear e claro.

Já falamos aqui da condição de escolha do sujeito de dizer um, em detrimento de calar muitos outros dizeres, o que remete à necessidade de silenciar, e aqui o silêncio é tramado no discurso, pois entre um significante e outro existe o silêncio; para que uma palavra não se junte a outra, formando um bloco insignificável, é necessário o corte silenciador. Ao tratar desta questão, Orlandi (1989) propõe pensar o silêncio que *significa* sem falar, classificando-o em duas categorias: o primeiro, denominado silêncio fundador, é *constitutivo*, considerando-se, sob esse aspecto, o dizer uma categoria do silêncio significante, ou seja, para que a palavra signifique é preciso que ela seja constantemente cortada pelo silêncio, permitindo que se ordene e se faça compreensível/interpretável. O segundo, é o silenciamento como parte do processo de significação pelos quais ao dizer algo, obturamos outros sentidos, censurados por serem recusados em certa realidade discursiva. Com a ilusão de termos total domínio sobre nosso dizer, acreditamos poder escolher falar ou calar. No processo de significação, a partir de um contexto sócio-histórico, Orlandi (1989, p. 43) coloca que:

Do ponto de vista dos processos de significação, podemos concluir que a fixação de sentidos é socialmente organizada. Há um processo social de atribuição (distribuição) dos sentidos, segundo o qual, em toda sociedade, há vozes que se tornam gerais (indeterminadas) e que contribuem para a formação do conhecido 'CONSENSO': são as vozes de autoridade, que administram a produção dos sentidos e estabelecem a partilha entre a injunção ao dizer e o silenciamento.

O silêncio incomoda, pois põe em suspenso a clareza de sentidos, a estabilidade e esse consenso que tanto tranquiliza. Ele ameaça a tentativa de unicidade, pois “não suportando a ausência das palavras o homem exerce seu controle e sua disciplina fazendo o silêncio falar ou, ao contrário, supondo poder calar o sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 36). É o desconforto provocado pelo silêncio, de acordo com Orlandi (2007), que leva o homem a buscar clareza, racionalidade e objetividade, levando-o a falar sem significar, sendo atropelado por (suas) infinitas palavras, evitando assim o silêncio perturbador, que fica renegado a um segundo plano no contexto social atual. Inscrito em uma Formação Imaginária e filiado a uma determinada Formação Discursiva, o sujeito supõe o que é autorizado dizer ao(s) outro(s) e o que deve ser silenciado. Orlandi (2003, p. 263-264) faz uma aproximação entre os aspectos ambíguos e variáveis do silêncio, assim como das palavras. Quando imposto pelo sujeito de poder, o silêncio exerce uma forma de dominação, tanto no sentido de silenciar o sujeito que submete, quanto de fazê-lo falar o que é de seu interesse (*silêncio opressor*). Por outro lado, o silêncio proposto pelo oprimido e dominado pode ser a expressão de resistência ao discurso do Outro. E se aqui, falar de silêncio, é falar de sentido, de poder (i)legitimado, ele é considerado, portanto, como instrumento de trabalho de análise interpretativa do discurso.

O silêncio fundamenta o movimento da interpretação. Ele é o ponto de apoio do giro interpretativo. Que produz o efeito de sustentação da ilusão do sujeito como origem de si e dos sentidos: o sujeito não se vê como interpelando, mas como “dando” sentido. Porque pode estar em silêncio, porque pode significar em silêncio (ORLANDI, 2003, p. 156).

O silêncio tomado aqui como ferramenta de trabalho nos gestos de interpretação do analista do discurso deve ser pensado num movimento contrário à hegemonia formal, problematizando as noções de linearidade, literalidade e completude. É também e entre outras coisas, pensar a contradição na relação com o Outro, propondo uma descentração do verbal, não o tomando como o único a permitir significação. E como para falar do dizer e do silêncio é necessário recuperar a historicidade, a memória discursiva, a trama social que (des)autoriza dizeres ao/do sujeito, no próximo capítulo faremos uma retomada do conceito de autismo, acompanhando os movimentos empreendidos pela ciência ao discursivizá-lo, lembrando aqui seu poder ideológico de um lugar autorizado de saber, pois como nos lembra Orlandi (2003, p. 265) “as palavras não falam por si, elas falam pelos homens que as empregam”, inseridas que estão em uma trama sócio-político-ideológica.

Nas elaborações da teoria da AD, o dispositivo teórico foi pensado junto com o metodológico. No início, como já apontamos, Pêcheux recorreu a procedimentos metodológicos estáveis, recorrendo a recursos informatizados para o trabalho analítico, mas em seu percurso este recurso foi abandonado, e pensar a teoria da AD hoje, é considerar que teoria e análise se amparam, da maneira como elaboramos este capítulo, apresentando juntos, teoria e material analítico.

3 A HETEROGENEIDADE TEÓRICA DA CIÊNCIA DO AUTISMO

*Sei que meu mundo não é
complexo e fechado como todos
pensam. Pelo contrario é aberto,
sem dissimulação e mentiras, tão
ingenuamente expostas aos
demais que é difícil penetrar nele.*

Gabriel/autista, 21 anos



Árabes Acidosoxirribonucleicos – Salvador Dalí (1963)

*Se eu pudesse estalar os dedos
e não ser autista, eu não faria –
porque então eu não seria eu.*

Temple Grandin

A ciência moderna se inicia no século XVII trazendo consigo a constatação da perenidade e transitoriedade das descobertas científicas. Desmorona-se, portanto, a pretensão científica de uma resposta completa, coesa e atemporal. Este desvelamento é empreendido por Descartes, como já tratado acima, que, atento às desconstruções de teorias de seu tempo, segue na busca de meios para encontrar a certeza do saber (SAURET, 2003). Entretanto, nessa busca pode constatar apenas a marca de incerteza deste saber. A retomada histórica da evolução da ciência está repleta de exemplos de conclusões infundadas sobre questões de grande importância para a humanidade. A ciência do autismo é um desses exemplos.

O constructo teórico do autismo teve início quase simultâneo em lugares distantes do mundo, e foi empreendido em 1943 por Leo Kanner, psiquiatra infantil de origem austríaca da Universidade Johns Hopkins (EUA), e em 1944 por Hans Asperger, médico alemão que trabalhava no departamento de pediatria da Universidade de Viena. Entretanto, coube a Kanner o mérito desta descoberta a partir da primeira publicação de um trabalho sobre este tema denominado *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*, em que descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum forte isolamento desde os primeiros meses de vida e intenção marcada de perseveração do mesmo. Atualmente, o quadro definido por Asperger é considerado um caso específico de autismo que será tratado à frente. No presente trabalho, interessa-nos especialmente abordar a definição de Leo Kanner sobre os pais de crianças autistas, mais especificamente as mães, por ser o foco de nossa investigação, bem como por ter sido esta questão que apontou um furo na ciência. Kanner define os pais das crianças investigadas como frios, distantes e de elevada capacidade intelectual, sendo este um fator desencadeante. De certa maneira, ainda hoje sua afirmação ecoa e causa efeitos no trabalho com os familiares. Já em sua publicação inaugural aponta as características dos pais e familiares como passíveis de serem fatores que predisõem o desencadeamento do quadro, afirmando que:

Em todo o grupo, raros são os pais e mães realmente calorosos. Na maioria dos casos, os pais, avós e colaterais são pessoas muito preocupadas com coisas abstratas, sejam elas de natureza científica, literária ou artística, e limitadas no interesse autêntico que têm para as pessoas. Mesmo nos casamentos mais felizes permanecem relações

mais frias e formais. Três casamentos eram fracassos lamentáveis. A questão que se coloca é saber se, ou até que ponto, este fato contribuiu para o estado da criança (KANNER, 1997, p. 170).

Até hoje, a hipótese lançada por Kanner não foi cientificamente confirmada. Jerusalinsky (1993), tocando nessa questão, afirma que houve um processo de culpabilização das mães, por uma tendência positivista de relação causa e efeito, em que a psiquiatria dinâmica que sofreu influências da teoria psicanalítica adotou a conduta de aconselhar as mães de autistas a deixarem suas atividades profissionais em prol do cuidado desse filho. Como analistas do discurso, pensamos sempre no retorno da memória discursiva provocadora de efeitos de sentido, e desse lugar, não nos compete avaliar ou esclarecer, mas flagrar estes efeitos, e o que podemos ver é uma baixa adesão a tratamentos ou certa preferência por abordagens teóricas cujos tratamentos propostos estão quase que exclusivamente a cargo dos especialistas que oferecem tratamentos adaptativos a estes indivíduos, com métodos que visam a objetividade científica, como a estatística, as neurociências e o comportamentalismo, ficando em segundo plano teorias que vejam estes autistas como sujeitos potenciais. Esta afirmação pode ser corroborada pela revisão da literatura, num olhar de analistas, em que é clara a manifestação em caráter pessoal dos autores que se dispõem a isso. Este posicionamento põe em evidência o sujeito incompleto que se opõe à pretensão positivista da ciência de um saber completo e certo. Ornitz, Ritvo e Gauderer (1993, p. 127), por exemplo, numa revisão crítica da literatura do autismo, refutam as afirmações de Kanner sobre os pais das crianças autistas, destacando aspectos relevantes sobre o contexto em que foram feitas estas afirmações:

Quando Kanner descreveu os primeiros casos, ele fez referência ao alto nível intelectual e sócio-econômico dos pais de autistas. Vários autores repetiram estas observações. Estes estudos mostraram algo bastante conhecido, alto nível intelectual na grande maioria das vezes, está associado a um bom nível sócio-econômico. Na realidade o que aconteceu foi o seguinte: Kanner examinava quase somente casos raros, por ser um dos primeiros psiquiatras infantis de Nova Iorque. O preço de sua consulta era muito caro, fazendo com que só pessoas com posses aí fossem (...). Asperger, em Viena, na mesma época, descreveu crianças semelhantes, mas por trabalhar num serviço universitário (...) gratuito, não cometeu este engano.

Esses autores afirmam ainda que a culpabilização infundada atribuída aos pais aumenta ainda mais seu sofrimento, que já é bastante severo pelas dificuldades que

enfrentam na convivência diária com essas crianças. Ao definir as características dos familiares das crianças com autismo, Kanner aposta num fator etiológico para esta patologia. Ao atribuí-la a fatores inatos, creditava ao futuro o esclarecimento deste aspecto, acreditando que dados concretos seriam fornecidos pelas ciências biológicas, conforme salienta Bridon (2003, p. 9). Entretanto, ainda hoje são buscadas respostas tanto em termos etiológicos quanto em termos psicogênicos que justifiquem o desencadeamento do autismo.

Alguns avanços nesse sentido são a descoberta no campo da genética da *síndrome do X Frágil*, e de algumas doenças contraídas durante a gestação, como rubéola, sífilis, caxumba e herpes, que podem desencadear o quadro de autismo, ou ainda, patologias neurológicas como a Esclerose Tuberosa e a Síndrome de Landauklefner, que desencadeiam características do quadro de autismo. Entretanto, ainda existem muitos casos em que estas crianças gozam de perfeita saúde e nenhuma herança genética ou fator neurológico são encontrados para justificar o quadro, mantendo assim o mistério da etiologia. Em termos diagnósticos, os vários campos teóricos que investigam este quadro realizam um grande esforço na intenção de buscar um mínimo consenso sobre o assunto. Entretanto, o que se constata é que, em função de suas particularidades, tais como, a precocidade do aparecimento e a multiplicidade de fatores de naturezas distintas, tal ciência leva cientistas de várias áreas e especialidades a empreenderem investigações sobre o assunto, e mesmo dentro de uma mesma especialidade ou corrente teórica, está presente a diversidade de formulações teóricas que expliquem a causa do autismo, e muitas vezes se contrapõem como veremos a seguir.

Consideramos o autismo um quadro predominantemente de patologia psíquica, como afirmam Ornitz, Ritvo e Gauderer (1993, p. 21), que acreditam ser dentre as patologias psiquiátricas “a mais trágica, a que causa maior perplexidade e gera o maior tumulto emocional, (...) sendo impossível permanecer indiferente ou cientificamente neutro, daí não se formar uma opinião ou parecer único perante o Autismo”. Na palavra discursivizada pelo autor, observamos o deslocamento do lugar de sujeito cientista do discurso para um lugar de quem se coloca fora desse lugar de sabedor de uma ciência, fazendo um relato de experiência em tom pessoal. Acima de tudo, o que podemos constatar é que as formulações teóricas do autismo carregam uma marca de heterogeneidade em suas construções, como veremos à frente. A psiquiatria infantil é formulada distintamente da clínica psiquiátrica de adultos a partir de 1930, segundo Tenderlaz (1996), e sofre influência da psicanálise após a publicação do caso do pequeno

Hans apresentado por Freud (1996d), sendo uma referência para o trabalho clínico com psicóticos. Etimologicamente, o termo *autismo* significa, do grego: “autos” – “de si mesmo” foi criado pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para definir uma das características da esquizofrenia com uma tendência em se retirar do mundo real, para se isolar em seu universo particular. Desde o início, Kanner coloca a diferença entre o quadro de esquizofrenia e o de autismo, afirmando que no autismo este isolamento está presente desde sempre. Apesar disso, muitos teóricos consideraram o autismo um quadro de psicose infantil, enquanto outros acreditam tratar-se de quadros distintos.

Faremos então, um apanhado das teorias construídas sobre o autismo, topicalizando alguns enfoques científicos sobre o tema, chamando a atenção para o caráter heterogêneo destas teorias. Leboyer (1995, p. 29), se atendo a este aspecto, propõe a seguinte subdivisão deste caráter heterogêneo: heterogeneidade interindividual, que aponta a variabilidade de um autista para outro, dada a diferença de níveis de gravidade; heterogeneidade das capacidades mnêmicas, em que se observa uma gama variada na capacidade de retenção da memória e heterogeneidade associada a uma doença orgânica.

3.1 TEORIA DO DESENVOLVIMENTO

*Ninguém é igual a ninguém. Todo
o ser humano é um estranho
impar.*

Carlos Drummond de Andrade

Segundo os teóricos desta corrente, é esperado um padrão normal de desenvolvimento com aquisições de capacidades motoras e mentais previstas em determinadas fases da vida desde o nascimento. O prejuízo na aquisição dessas capacidades leva a se pensar em quadros patológicos que justifiquem tais prejuízos, como proposto pelos manuais de diagnósticos, o DSM (Manual de Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria) e a CID 10 (Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento) europeia, organizada por iniciativa da Organização Mundial de Saúde, também não faz uma distinção entre os quadros de autismo e de psicose infantil. Por ser utilizado mais frequentemente em nosso país, o DSM será abordado mais detidamente, retomando as últimas versões para se observar as mudanças efetuadas em cada versão. Segundo Tenderlaz (1996), o DSM III de 1980 estabelece nessa versão a

distinção entre a psicose infantil e o autismo, definindo este último como “*Pervasive Developmental Disorders*”, *Transtorno Invasivo do Desenvolvimento*. Com esta mudança, inicia-se a predominância de tratamentos adaptativos e educativos. Em 1987, o DSM é revisado (DSM III-R) e o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento é subdividido em Transtorno Autista (denominação de Leo Kanner) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento não especificado, utilizando o transtorno de comportamento na avaliação diagnóstica. O DSM IV de 1996 subdivide o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento em cinco itens como exporemos. Em 2000, foi lançada a versão revisada do DSM IV, que foi denominado DSM IV TR, e não empreendeu mudanças significativas na classificação do autismo, mantendo a subdivisão da versão anterior. Os critérios diagnósticos de classificação do autismo desta última versão serão abaixo expostos brevemente. Esclarecemos que a nomenclatura mais utilizada atualmente para definir esse conjunto de quadros e sintomas é conhecida como Transtorno do Espectro do Autismo.

O Transtorno Autista ou Autismo Infantil de acordo com o DSM IV TR, é um quadro que tem início precoce, sendo necessariamente diagnosticado antes dos três anos de vida. Pode surgir em qualquer grupo social, racial ou cultural, havendo uma prevalência três ou quatro vezes maior em crianças do sexo masculino. Suas características são: disfunção qualitativa na interação social, apresentada como ausência de respostas ao meio social; disfunção qualitativa na comunicação; padrões de comportamento, interesses e atividades restritos, repetitivos e estereotipados, desencadeando a necessidade de padrões rígidos de rotina diária; falta de habilidades sociais no uso da linguagem e em brincadeiras simbólicas e imaginativas; rigidez na expressão da linguagem e relativa ausência de criatividade e fantasia nos processos de pensamento; atrasos ou anormalidades funcionais antes dos três anos de idade no contato social; interesse marcante em objetos sem funcionalidade específica. Podem estar presentes também medos, fobias, perturbações alimentares e do sono e comportamento auto e hetero agressivo.

O Transtorno de Rett é um quadro de natureza desconhecida, em que os seguintes fatores estão presentes: desenvolvimento Pré e Peri-natal aparentemente normal; desaceleração do crescimento da cabeça entre 5 e 48 meses; perda das habilidades manuais adquiridas entre 5 e 30 meses, e surgimento de estereotípias de aperto de mãos; prejuízo crescente no engajamento social, com preservação aparente do interesse social;

comprometimento motor de pernas e tronco com evolução gradual associado a escoliose e cifoescoliose; retardo psicomotor e prejuízo na linguagem receptiva e expressiva.

O Transtorno Desintegrativo da Infância é um quadro que apresenta um desenvolvimento normal ao menos nos dois primeiros anos de vida; com perda significativa e definitiva das habilidades antes dos 10 anos em pelo menos duas das seguintes áreas: linguagem expressiva e receptiva, habilidade social e comportamento adaptativo, controle esfinteriano, brincar e atividades motoras, irritabilidade, agitação motora e ansiedade; geralmente evolui para um quadro de retardo mental grave.

Com nosologia incerta, o Transtorno de Asperger apresenta um desenvolvimento cognitivo menos prejudicado que no quadro de Autismo Infantil, mantendo, entretanto, as características de prejuízo na interação social, além de um repertório de interesses de atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Geralmente de inteligência global normal, com prevalência em torno de oito vezes maior em meninos que em meninas; memória prodigiosa e desenvolvimento normal da linguagem até os três anos de idade.

O Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, não especificado de outra forma ou Autismo Atípico, é definido nos quadros em que suas descrições não são suficientes para os critérios do Transtorno Autístico por um ou mais dos seguintes aspectos: idade tardia em que se manifesta; sintomas atípicos como comprometimento na interação social e na comunicação verbal e não-verbal, além da presença eventual de estereotípias. Ao lado da concepção científica apresentada como desenvolvimentista, temos outra também fortemente solidificada historicamente que relaciona o autismo com o sistema afetivo como trataremos a seguir.

3.2 TEORIAS AFETIVAS

*Procuro meu filho / Dentro do meu olhar.
Algun vestígio que me faça encontrá-lo.
Algun rastro que me faça segui-lo...*

Liê Ribeiro (mãe de um rapaz autista)

As teorias afetivas reafirmam as ideias de Kanner, de que o autismo seja consequência de uma inabilidade primária do sistema afetivo, conforme afirmam Bosa e Callias (2000, p. 2):

A teoria afetiva sugere (...) uma inabilidade inata básica para interagir emocionalmente com os outros, o que levaria a uma falha no reconhecimento de estados mentais e a um prejuízo na habilidade para abstrair e simbolizar. Os déficits no reconhecimento da emoção e na habilidade de utilizar a linguagem de acordo com o contexto social, seriam então, consequências da disfunção afetiva básica, a qual impediria a criança de viver a experiência social intersubjetiva.

Os prejuízos em identificar emoções e adquirir a linguagem, segundo esta teoria, estariam relacionados, então, a uma incapacidade inata da criança, impedindo-a de experimentar as trocas intersubjetivas. A intersubjetividade primária (TREVARTHEN apud BOSA; CALLIAS, 2000) seria, pois, uma habilidade inata do bebê de significar afetivamente as expressões e gestos das pessoas ao seu redor. Os prejuízos em identificar emoções e adquirir a linguagem, segundo esta teoria e conforme ocorre no autismo, estariam relacionados a uma incapacidade inata da criança impedindo-a de experimentar as trocas intersubjetivas. Mundy e Sigman (1989) acrescentam a esta construção teórica o aspecto de socialização da criança, definindo a “atenção compartilhada” como a capacidade de realizar trocas com as pessoas, articuladas a fatores afetivos e cognitivos, em experiências diretas em sua rotina diária. As teorias afetivas compartilham uma mesma opinião sobre o autismo, atribuindo os *déficits* sociais a uma incapacidade inata de receber corretamente a informação social e a experiência afetiva em decorrência de uma disfunção primária do sistema afetivo, causando prejuízos em identificar emoções e adquirir a linguagem, levando a um severo comprometimento para interagir emocionalmente com os outros. A atitude de evitação e reclusão dos autistas estariam associadas a um estado alterado, geralmente acentuado, de excitação na relação com o meio externo. Portanto, segundo esta corrente teórica, existe um prejuízo cognitivo inato que trará consequências ao desenvolvimento esperado, comprometendo a capacidade de simbolizar e abstrair. Outro modo de cientificizar o autismo é a teoria da mente, da qual trataremos a seguir.

3.3 TEORIA DA MENTE

*Eu não sou da sua rua,/eu não sou o
seu vizinho,/eu moro muito
longe,/sozinho.*

Arnaldo Antunes

Na corrente teórica denominada Teoria da Mente (PREMACK; WOODRUFF, 1978) supõe-se que em cada indivíduo exista a capacidade de se inferir estados mentais para si e para o outro, e é por não serem diretamente observáveis, que os autores a denominam de “teoria”, ou seja, cada indivíduo é possuidor de uma Teoria da Mente. Ela se contrapõe às teorias afetivas e deriva da psicologia cognitiva, que se iniciou na década de 1970, sendo assim definida por Caixeta e Nitrini (2002, p. 2):

Foi denominada “Teoria da Mente” a capacidade para podermos inferir a respeito dos estados mentais dos outros onde é necessário que estejamos equipados com uma habilidade que nos permita desenvolver uma medida (isto é, um sistema de referências que viabilize comparações entre nosso mundo interno, subjetivo e o mundo externo, dos outros) daquilo que os outros pensam, sentem, desejam, acreditam, duvidam.

As investigações desta teoria sobre o autismo apoiam-se na ideia de que autismo seria uma incapacidade de antecipar as associações entre estados internos e externos da mente. Por sua inabilidade em realizar gestos simbólicos e imaginários, as representações destes gestos precisariam ser traduzidas. Estudos realizados sobre o autismo por esta corrente teórica, como afirmam Beyer (2002) e Bottruff (2002), apontam que, apesar da criança autista ser capaz de aprender a obter estados mentais, em sua vida cotidiana essa capacidade não era verificada, isto provavelmente pela impossibilidade em generalizar, ou pela superficialidade da aprendizagem.

Posteriormente, a psicologia do desenvolvimento e a psicologia evolucionista também se interessaram pela Teoria da Mente, cada uma delas dando o enfoque de acordo com as especificidades de suas construções teóricas. Ainda segundo Caixeta e Nitrini (2002), a psicologia cognitiva delimitou melhor seus campos de interesse, a psicologia do desenvolvimento ganhou novo enfoque que não o piagetiano ou o psicanalítico. E a psicologia evolutiva estreitou suas relações com a antropologia e a primatologia, em que estudos afirmam que alguns primatas apresentam rudimentos de Teoria da Mente, sendo entendida como um fenômeno evolutivo presente na seleção natural dos seres vivos. Os estudos psicanalíticos constituem o último conjunto de referências sobre o tema e abrem espaço para a escuta da linguagem de um modo bastante peculiar.

3.4 TEORIA PSICANALÍTICA

O que verdadeiramente somos é aquilo que o impossível cria em nós.

Clarice Lispector

Dentre todas as teorias sobre o autismo, a que mais se articula à Análise do Discurso é a psicanálise, a qual propõe uma leitura que vai além do comportamento ou da hegemonia orgânica, apostando na subjetividade e na heterogeneidade e propondo um resgate das relações simbólicas. Portanto, nos deteremos um pouco mais nas contribuições dos pesquisadores que se fundamentam nessa teoria e mais particularmente à leitura lacaniana, que formulou a concepção de sujeito do inconsciente, e que advém apenas se articulando ao universo da linguagem.

Dadas as condições de extrema prematuridade do bebê, sua existência é marcada pela total dependência ao outro. Segundo a teoria do desenvolvimento mental primitivo, formulada por Freud (1996b), a primeira satisfação pulsional é auto-erótica. Nesse momento o ego ainda não existe, e se constituirá a partir do investimento narcísico primário proporcionado pelos pais, que garantem sua sobrevivência. Sptiz (1979) fez descobertas significativas sobre o estabelecimento do vínculo afetivo nos primeiros meses de vida. Em suas investigações com crianças institucionalizadas, foi o primeiro a afirmar que a criança precisa de outros cuidados além dos de higiene e alimentação, salientando a necessidade vital do estabelecimento de um vínculo amoroso desde o nascimento. As crianças pesquisadas que não estabeleciam vínculos com seus cuidadores, não tinham a possibilidade de viver um processo de subjetivação e, com isso, não sobreviviam. Sptiz salientou ainda que fundamental para o desenvolvimento físico e mental que os cuidados com o bebê fossem permeados de afeto. Esta descoberta foi fundamental para as pesquisas psicológicas e psicanalíticas posteriores, comprovando a ideia de uma dependência não apenas funcional como também emocional do bebê ao nascer.

Para Freud (1996b), o projeto de um filho se relaciona ao desejo de um resgate narcísico, em que todas as expectativas fracassadas em relação a si mesmo serão reinvestidas nesse objeto desejado, buscando a realização plena de seus desejos. Para a mulher, segundo Freud (1996a) o desejo de um filho é, pois, nesse sentido, a fantasia de tamponamento da falta, de completude imaginária diante da percepção da estrutura dividida e faltante do sujeito do inconsciente. Freud (1996a) aborda a questão dizendo que o desejo de ter um filho é uma tentativa de possuir um falo. Como aponta Bridon

(2003), Lacan desarticula a palavra “falo” da concepção de um bebê, tomando-o como o estatuto do significante do desejo, o que faz pensar o Complexo de Édipo e a castração como questão dialética de ser/ter ou não o falo fazendo sua escolha, diante da necessidade de desinvestimento do amor da mãe num primeiro momento, e do pai, num segundo, e culminando nesse posicionamento diante do falo, do qual estamos falando. Apesar das diferenças que marcam este processo de meninos e meninas, é por este percurso que o sujeito passará para culminar em sua escolha sexual.

Com a reedição de seus desejos e fantasias, os pais revivem as experiências que tiveram com seus próprios pais e ganham mais este papel, que os desaloja de um lugar já conhecido lançando o desafio de uma função de grande compromisso: cuidar deste bebê que acaba de nascer em condição de total dependência ao outro. Nesse momento, se redistribuem os papéis de cada sujeito. A relação do casal é afetada por um terceiro, que demanda mais e mais. Este contexto é extremamente delicado, pois ambos, pai e mãe, terão que abrir mão de um espaço em suas vidas para cuidar deste bebê. Entretanto, contratempos das mais variadas naturezas não são incomuns, e quanto maior for este descompasso entre o desejado e o acontecido, mais delicada será a situação a se enfrentar. Silva (1997, p. 35) considera que:

A história pré-edípica e seus avatares, tanto da mãe como do pai desse bebê que chega, terão importância fundamental na organização psíquica desse novo ser, gerado desse encontro, que tem por trás de si, um cenário onde uma série de fantasmas e uma verdadeira mitologia familiar transgeracional se revelam e se encerra.

Como já afirmamos anteriormente, mesmo dentro da psicanálise existem diferentes maneiras de teorização do autismo. Apresentaremos, primeiramente, as formulações dos principais teóricos da psicanálise que contribuíram nessa construção e, em seguida, faremos uma breve exposição das etapas de constituição do sujeito, visando a uma maior clareza na compreensão das formulações dos autores que se apoiam na vertente psicanalítica, que se fundamenta na relação de objeto para tratar do autismo.

3.4.1 Teorias psicanalíticas do autismo apoiadas na relação de objeto

Bettelheim, conforme afirma Bridon (2003), foi um dos primeiros psicanalistas a realizar tratamento em crianças autistas, sendo contrário às ideias de Kanner quanto à etiologia desta patologia, mas apoiando suas afirmações em relação à “frieza” das mães.

A partir de 1944, na posição de diretor da Escola Ontogênica da Universidade de Chicago, procurou criar um ambiente acolhedor, explorando a constituição do autismo e estabelecendo associações com sua experiência nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Ele acreditava, apoiado em suas práticas e observações, que o autismo fosse consequência de um incidente ocorrido na primeira infância dessas crianças, particularmente num prejuízo na vinculação precoce mãe-filho. Bridon (2003, p. 22) destaca a posição particular de Bettelheim para pensar o autismo afirmando que:

Além de refutar as teses que concebiam o autismo como inato, também colocou-se contrário à concepção comportamentalista, que colocava o autista como um deficiente – lugar que ocupa até hoje em muitas instituições – e cujo tratamento, advindo dessa compreensão e baseado numa educação especializada, tinha como pano de fundo o condicionamento, seguindo o esquema etológico estímulo e resposta.

A este respeito, Azevedo (2006) destaca ainda que a teoria de Bettelheim não se apoia em nenhuma outra, nem mesmo às contribuições de Freud. Suas formulações se baseiam apenas em suas experiências nos campos de concentração de judeus da Segunda Guerra, conforme já mencionamos, constatando que experiências de extremo sofrimento criam nas pessoas uma defesa ou uma patologia, como no caso do autismo, como barreira protetora das agressões do meio circundante.

Bettelheim subdivide o autismo em três categorias, conforme o período em que as experiências dolorosas ocorrem. O primeiro seria o autismo com quadro mais severo, manifestando-se até o sexto mês, quando a criança ainda não dispõe da capacidade de reconhecer seus entes, tomando o mundo como algo totalmente insatisfatório, sem nenhum aspecto positivo, apresentando ainda o risco de morte. O segundo seria o autismo intermediário, surgindo dos seis aos 18 meses, quando a criança já identifica as pessoas que dela cuidam, entretanto, são vistas como aquelas que não satisfazem suas necessidades, pois não são capazes de interpretar suas ações. Para Bettelheim, é necessário que o bebê, neste momento, experimente a satisfação de conforto ou saciedade advinda de quem dela cuida para assim desenvolver sentimentos de afeto por seus familiares. Diante de frustrações constantes nos cuidados de seu corpo, os investimentos da criança ficam restritos ao mundo interno, mantendo-se alheio ao mundo externo. O terceiro grau surgiria entre 18 e 24 meses. Elas são capazes de agir sobre o meio, mas seus interesses se restringem aos próprios processos psíquicos, que se caracterizam por uma desorganização característica (AZEVEDO, 2006).

Mahler (apud JERUSALINSKY, 1984) denomina o autismo de *psicose autista infantil*, reconhecendo-o como um tipo particular de psicose infantil. Segundo a autora, todos os bebês atravessam nas primeiras semanas de vida um *autismo normal* alucinatório. Do segundo mês em diante, tem início a *fase simbiótica*, momento em que vivencia a relação com a mãe com total indiscriminação. Na fase seguinte, denominada separação-individuação, ocorre a maturação do eu. A psicose autista infantil ocorreria quando o bebê não se dá conta de ser a mãe um objeto externo, permanecendo fundido de maneira regressiva ao *self* da mãe, e mantendo com isso o sentimento de onipotência infantil. Segundo as formulações de Mahler, no autismo ocorreria a fixação ou regressão à fase autística normal. Esta reação seria uma defesa à experiência prematura da consciência de separação do objeto, que teria ocorrido antes da capacidade de integração ser alcançada em termos neurofisiológicos.

Lisondo (2001) destaca que, segundo Mahler, no bebê é impossível pensar o rompimento da membrana simbiótica que envolve ambos, e nesse momento ela é garantia de sobrevivência do filho. Segundo Tendlarz (1996), Mahler diferencia a psicose simbiótica, na qual ocorre um progresso da fase simbiótica, do autismo infantil descrito por Kanner. Mahler (apud AZEVEDO, 2006) faz a seguinte distinção: no autismo a mãe não é minimamente percebida, na simbiose psicótica, existe uma ilusão de indiferenciação do *self*, fundindo-se as realidades externa e interna, que constantemente sofrem ameaças de rompimento, o que provocaria sofrimento constante, necessitando que a restituição dessa condição fusional se reapresente em forma de delírio.

Tustin (1975) compartilha com Mahler a ideia da existência de um período que denominou de *autismo precoce normal*, e afirma tratar-se de uma fase de *auto-sensualidade relativamente indiferenciada* em que a criança logo após seu nascimento reage ao mundo exterior através de seu corpo e de suas disposições internas. Para a autora, esta experiência permite a apreensão de objetos “não-eu”. Portanto, trata-se de um momento do desenvolvimento em que a criança vive uma fusão imaginária com a mãe, passando gradativamente a um processo de discriminação.

No “autismo patológico”, ou autismo psicogênico, ocorreria uma estagnação extremamente precoce do desenvolvimento psicológico como reação a experiências traumáticas prematuras, em que este processo de separação é interrompido ou nem se inicia, causando uma regressão ou fixação na fase de indiscriminação eu e outro, caso em que Tustin (1975, p. 23) afirma:

Por uma grande variedade de razões, diferentes em cada criança e intrínsecas à natureza constitucional delas, essas crianças se retiraram para a fortaleza sensual de seus próprios corpos e se isolam das influências exteriores (...). Tais crianças ficaram cada vez mais distanciadas de qualquer realidade que tivessem que dividir com outros seres humanos.

Ao falar de variedade de razões a autora considera também a possibilidade de um dano cerebral salientando, entretanto, que esse não é o aspecto principal de sua preocupação, contribuindo teoricamente a partir de sua experiência no atendimento clínico com essas crianças, destacando alguns aspectos de suas condutas como: evitação do olhar, comunicação por linguagem, jogos, desenho ou modelagem escassa ou inexistente, a maioria muda, e algumas ecológicas, comunicando-se de maneira limitada ou bizarra e sem vida interior. Acrescentando ainda: “acima de tudo há uma interrupção precoce maciça do desenvolvimento cognitivo e afetivo, embora o desenvolvimento físico das crianças autistas seja geralmente normal. Na verdade, elas frequentemente têm lindos rostos e corpo bem formado” (TUSTIN, 1990, p. 24-25). É relevante destacar a discrepância das observações da autora entre condições interiores e exteriores, especialmente quanto às características de ausência de vida interior que se contrapõe a corpos bem formados e bela aparência, parecendo apresentar um olhar fragmentado sobre essas crianças, em que se observa separadamente cada aspecto de um todo fragmentado, olhar que se aproxima da visão dicotomizada da ciência positivista, com olhar sobre o bom ou mau funcionamento de órgãos.

Tustin (1975, p.35) faz uma subdivisão de tipos de autismo, e denominou crianças autistas como *crianças encapsuladas*: “seus movimentos corporais são ligeiros e graciosos, embora possam caminhar na ponta dos pés. Algumas são temerosamente ágeis (...). Quando tocadas ou seguradas, seus corpos são geralmente rijos e quase sempre não ‘moldam o corpo’”. Este estado de *encapsulamento* é subdividido em *global* e *de segmento*, tipo *concha* e *secundário*, respectivamente. O tipo *concha* caracteriza uma condição de indiferenciação e dormência; o *secundário* sugere uma evolução do tipo *concha* para uma condição segmentada, apresentando geralmente fala ecológica e uso de pronomes invertidos, sem o mutismo característico do tipo *concha*.

Outro tipo de categoria ainda foi denominado de crianças confusionais, com características próprias das crianças psicóticas, onde ocorre a constância de uma situação de *engolfamento* e *embaraço*, conforme designado por Tustin (1975), respondendo a

chamados de maneira indiscriminada, e sugerindo causas físicas para o aparecimento, como problemas respiratórios, circulatórios, metabólicos e digestivos.

Tustin (1975) acredita que as mães de filhos autistas padecem de depressão, pela dificuldade em viverem a separação ocorrida no parto, e este quadro comprometeria a atenção para com o bebê. Apresentando algumas situações que podem desencadear o autismo, afirma a autora:

Um grande número de mães relatava que estavam deprimidas antes e depois do período do nascimento do bebê. Algumas vezes os pais tiveram que se ausentar durante o período de nascimento e a mãe se sentira desamparada. Em outros casos houve interferência de parentes que prejudicaram a confiança da mãe (...). Algumas mães relatam a morte de um bebê anterior, ou ter tido um aborto anterior, cujos efeitos emocionais ainda eram sentidos quando a outra criança, autista, estava no útero e nasceu (...). Em um estado de angústia e insegurança esta mãe é exortada a competir com um bebê que, por várias razões, necessita de um manejo especialmente firme e confiante. As situações que foram descritas não são incomuns, e geralmente não levam a autismo na criança. Para o autismo se desenvolver, precisa ocorrer uma concatenação especial de circunstâncias (TUSTIN, 1990, p. 78-79).

Destacamos que na opinião dessa autora existe uma combinação de causas que podem desencadear o quadro de autismo. Na citação acima ela apresenta fatores de risco relacionados às condições da mãe e de seu mundo circundante. Já para a criança, Tustin (1990) aponta alguma doença *debilitante* ou alguma cirurgia, acrescentando a seguir que uma combinatória de fatores é necessária, como tendências constitucionais da própria criança, além do clima e condições emocionais de sua família cuidadora. Observamos, portanto, um posicionamento diferenciado quanto aos fatores desencadeantes do autismo em relação às observações de Kanner, dando destaque ao risco de vinculação mãe-filho, e não na condição dos pais, como fatores desencadeantes.

Azevedo (2006) considera as construções teóricas de Bettelheim, Mahler e Tustin, segundo uma visão desenvolvimentista, em que o sucesso do desenvolvimento dependerá das boas relações do bebê com o objeto, sua mãe, geralmente, e das identificações satisfatórias estabelecidas nessa relação. O fracasso ou prejuízo desse percurso seriam fatores que poderiam, portanto, desencadear o quadro de autismo. Meltzer (2008) aborda o autismo segundo um modelo de funcionamento mental, afirmando que ocorre uma desordem nesse funcionamento, a qual denominou “desmantelamento” (*mindlessness*), em que tempo e espaço ficam suspensos, o presente, aprisionado entre passado e futuro, e a capacidade de memorização extremamente prejudicada, com duração de segundos

apenas, marcando, portanto, um funcionamento psíquico descontínuo e desorganizado. Apontando este prejuízo, Meltzer (2008, p. 8) afirma que no funcionamento mental do autista “ocorre essencialmente suspensão da vida mental”.

A respeito deste processo descontínuo Ávila (2000) destaca que o desmantelamento do *self*, provoca o domínio do funcionamento psíquico a cargo do *id*, e o *ego* coerente frequentemente não existe, justificando a manifestação de alguns sintomas:

O autista pode estar horas sentindo o interior de sua própria bochecha, depois prestar atenção a algo que lhe é proposto, depois ouvir subitamente um som externo, e assim sucessivamente. Dirige, portanto, de uma outra forma sua atenção, não efetuando os mesmos “recortes”, a mesma seleção, que é o que empresta significado aos fatos (ÁVILA, 2000, p. 14).

Nessa condição mental, a sensorialidade se sobrepõe ao encadeamento dos fatos da realidade, comprometendo, portanto, o contato com o meio social, ficando a atenção prejudicada em seu processo de ordenação e organização desses fatos. Em lugar deste trabalho seletivo predomina a sensorialidade, afetando, pois, a sensibilidade às experiências rotineiras, repetindo estereotipadamente a satisfação de domínio pelo objeto (MELTZER, 2008). Outras características que se destacam nos casos de autismo são: inteligência prodigiosa, sensibilidade acentuada ao sofrimento alheio, o que reflete outra característica, a de sofrerem de forma extremada, com ciúme fora do padrão de normalidade (MELTZER, 2008, p. 13-14).

Os autores acima tratam, portanto, da relação de objeto para falar do estabelecimento ou do fracasso do vínculo do bebê com seu cuidador.

3.4.2 O processo de constituição do sujeito segundo a psicanálise lacaniana

Lacan (1988), propondo uma releitura dos conceitos psicanalíticos formulados por Freud, afirma que o sujeito do inconsciente está mergulhado e sendo significado no universo da linguagem desde antes de seu nascimento, na escolha de seu nome, nos preparativos para sua chegada, em que o bebê passa por um processo de constituição para advir como sujeito. Dada a prematuridade de suas condições físicas e psíquicas, o bebê, ao nascer, é separado de sua mãe em termos espaciais apenas, continuando a ser totalmente dependente em termos funcionais. São os cuidados corporais do agente

materno que libidinizam o bebê e mostram-lhe que é um ser desejado. Os cuidados empreendidos ao bebê reeditam nos pais a experiência de dependência ao outro, suscitando neles demandas e desejos com relação a este filho, lançado nesse universo de linguagem e significado por meio destes cuidados. A subjetivação, segundo Lima (2001), se efetua com a possibilidade do filho em atender a estas demandas do Outro. Quando este processo ocorre, o corpo biológico (organismo) do bebê se transforma então em um corpo erógeno, marca que diferencia o organismo do homem com o organismo dos outros mamíferos.

A função materna não é considerada em termos formais, e sim, em termos descritivos, e é atribuída a qualquer pessoa que se incumba destes cuidados. É ela que permite ao *infans* o acesso ao simbólico, se oferecendo com seu olhar como objeto simbolizável. Sobre isso, afirma Jerusalinsky (2004, p. 26-27):

É a insuficiência da condição humana que dá espaço para uma dimensão psíquica: a pulsão como representante do biológico. O Outro primordial, a mãe, faz, nesse sentido, um verdadeiro esforço: toma o peito como dom, o cocô como presente, a voz como chamado, o olhar como interpelação. Costura e recobre o que incessantemente aparece como abertura: a insuficiência (normal) de sua criança, a queda incessante dos buracos que no corpo se oferecem e a chamam para serem preenchidos. Esses buracos (...) portam as marcas simbólicas que a mãe inscreve neles, desenhando, assim, a borda do objeto que essencialmente permanecerá vazio.

A mãe ocupa o lugar de Outro absoluto que transmitirá seu próprio código simbólico por meio destes cuidados a ele destinados; a isso Lacan (1998) denominou *Estádio do Espelho*, momento em que a mãe se oferece especialmente pelo olhar para permitir ao bebê o reconhecimento da totalidade de seu corpo, que ocorre por volta dos oito meses de vida, possibilitando que ele estabeleça uma relação entre seu corpo e o mundo externo. Segundo Jardim (2001, p. 57), “à função materna cabe, primordialmente, transmitir um desejo de existência, de pertença a uma história, transmitir ao bebê um desejo que não seja anônimo”. O bebê é, portanto, convocado a participar da continuidade de uma determinada história, a fazer parte deste universo de linguagem no qual foi introduzido.

Numa reflexão sobre o sujeito da linguagem e as contribuições da psicanálise à teoria da AD, em que se concebe o bebê como sujeito suposto, Authier-Revuz apud Teixeira (2000) destaca que nesses campos teóricos estão em causa as concepções de *sujeito-origem* e *sujeito-efeito*, o primeiro, advindo das teorias psicológicas, se até às

questões neuronais ou sociais, e o segundo, advindo da psicanálise, sendo estes campos excludentes, pois “se o sujeito for tomado como efeito, sujeito produzido pela linguagem, tomado numa divisão constitutiva, o estatuto dos fatos observáveis só pode ser outro, pois a possibilidade de transparência é aí imaginária” (TEIXEIRA, 2000, p. 68). A ciência de vertente positivista recusa-se a considerar o inconsciente como conceito teórico, cujo posicionamento é pela busca de um saber integral, legitimado e seguro:

É pela natureza do saber que a concerne que a psicanálise não pode ser uma ciência no sentido em que esta acumula saber e confia a garantia da verdade a um sujeito suposto saber. Ela lida com impasses, impossibilidades, marcas que a castração impõe (...) no campo científico: desfazer as certezas, romper as ilusões de ancoragem segura, pois nesse Um que fantasmaticamente se constrói, um real vai emergir, exigindo um esforço incessante de recriação (TEIXEIRA, 2000, p. 72).

Esses impasses e impossibilidades são aspectos importantes nesse trabalho, como já falamos antes a respeito do (não) advento do sujeito no autismo, e que merece destaque. Por isso, antes de continuarmos a tratar da noção de sujeito no autismo, consideramos relevante prosseguir um pouco mais sobre a intersecção entre psicanálise e AD, retomando os contornos da primeira para a segunda teoria. Primeiramente destaca-se que a Linguística (GADET; PÊCHEUX, 2004) opera uma forclusão no interior de si mesma, pois tendo seu próprio objeto, a língua, acaba por fazer aliança com outras disciplinas que trabalham com objetos estranhos, provavelmente pelo desejo político de dar fim aos obstáculos que ofuscam, atrapalham a comunicação entre os homens, seguindo a tendência da tentativa de objetivação da ciência, preferindo assim negar a própria condição de não-saber e de incompletude do homem.

Ferreira (2000) acredita que o ponto de ancoragem do Outro lacaniano segundo a interpretação de Pêcheux refere-se à teoria dos anos 50, quando para Lacan o simbólico tem um destaque marcante, ficando em segundo plano o conceito de real. Nesse momento de elaboração teórica, “o deslocamento do significante na cadeia é responsável pela produção dos efeitos do sujeito” (FERREIRA, 2000, p. 84) e a falta que se manifesta e se destina ao Outro pode ser detida e receber um sentido dado por esse Outro. A partir do Seminário 11 (1958-1959): *Os quatro conceitos da psicanálise*, Lacan afirma que o Outro não contém o significante que possibilita o advento do sujeito, por ser ele também marcado pela incompletude, pelo furo, pois o simbólico também não pode ser completo, totalizável, fazer Um (FERREIRA, 2000, p. 85), pois o Outro é barrado também,

introduzindo com isso um conceito extremamente relevante na teoria de Lacan: o *objeto a*, causação do sujeito, que nunca se articula à palavra, e que permite que o sujeito prossiga em sua causação e não se mantenha alienado ao significante materno.

O Outro, Lacan trata de demonstrá-lo, também não detém as chaves de todas significações inacessíveis ao sujeito. Pêcheux retém de Lacan aquilo que o aproxima desse conceito de sujeito, resultando dessa articulação um sujeito que se institui no automatismo de uma combinatória sem resto (TEIXEIRA, 2000, p. 86).

A partir daí, cada vez mais Lacan se ocupa em formular o conceito de real em psicanálise, o lugar da indiferenciação marca de corte na estrutura do sujeito que resiste à simbolização, é a falta originária da estrutura, o impossível de simbolizar e que sempre retorna. Para a Análise do Discurso este conceito remete ao equívoco, ao furo no discurso, aos atos falhos. É particularmente nessa diferenciação entre Outro detentor do significante e Outro barrado que Pêcheux, retomando seu trabalho *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1995), dá-se conta da ilusão de que o sujeito produzido seja capaz de se voltar contra as causas que o determinam, uma pessoa consciente de sua posição de classe no processo histórico, com condições plenas de intervir nesse processo de forma clara e racional. Esta autocrítica resultou no trabalho, *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês*, quando afirma:

Retraçar a vitória do lapso e do ato “falho” nas falhas da interpelação ideológica não supõe que se faça agora do inconsciente, a fonte da ideologia dominada: (...) a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente (...). A condição real de sua disjunção em relação à ideologia dominante se encontra na luta de classes como contradição histórica motriz (um se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um mestre (PÊCHEUX, 1995, p. 301).

Diante dessa articulação, Pêcheux se dá conta que se aproxima muito mais da concepção de ego-sujeito-pleno que do sujeito dividido, retomando o sujeito como efeito que a interpelação ideológica executa e captura simultaneamente, pelo ato falho, pelo lapso, como o fez à revelia de sua intenção consciente. Sujeito dividido é, pois, causação por um sentido e um não sentido que o constituem, deslocando-se e fazendo pulsar (remetendo-se aqui à noção de pulsão) sentido e *non-sense*. E Pêcheux deu-se conta

desse engano pelas críticas recebida dos leitores de *Semântica e Discurso*, no qual, para tratar da ilusão das verdades absolutas da ideologia dominante, de uma verdade atrás de uma ideologia determinada, recorre “com exagero” aos chistes. Ao invés de um efeito jocoso, o chiste causou indignação, e Pêcheux (1995, p. 303) esclarece o uso desse recurso:

Era – percebo agora – o único meio de que eu dispunha para expressar, pela guinada do *non-sens* no chiste, o que o momento de uma descoberta tem a ver com o desequilíbrio de uma certeza: o chiste é um indicador determinante pois, sendo estruturalmente análogo ao caráter de falta do lapso, acaba por representar (...) o instante de uma vitória do pensamento no estado nascente, a figura mais apurada de seu surgimento. Isso reforça que o pensamento é fundamentalmente inconsciente.

O efeito e aprofundamento de suas articulações só podem ser percebidos *a posteriori*, pois tentando colocar a teoria em posição de destaque, Pêcheux estabelece o primado da teoria sobre a prática, pensando aí, ao que nos parece, o Outro sem barra, representado na teoria que propunha naquele momento. Leite (2005), comentando esse texto em que Pêcheux faz sua retificação, afirma que a contribuição da Psicanálise na tríplice aliança Saussure/Lacan/Althusser, é dar sustentação à noção de impossível advinda do conceito de real, e a retificação só poderia se autorizar pelo que faltava, pois não podendo se inscrever na teoria faz sintoma na escrita, uma vez que a falha do texto foi “a falta da falta”, se lembrarmos que o sintoma teórico é a falta. Voltemos então às construções da teoria lacaniana sobre a constituição do sujeito e o risco de seu fracasso.

A satisfação da primeira necessidade (fome, frio, sono) no nível do real, reduz o estado de tensão e resulta num prazer imediato. Quando surge a segunda necessidade e o estado de tensão pulsional reaparece, é acionado o rudimento de um processo mental surgido na primeira experiência de necessidade-satisfação, que estará atrelado à imagem/percepção do objeto (DOR, 1989). Na dependência total do outro, o grito da criança será por ele nomeado, traduzido. Ao traduzir o gesto motor do bebê à necessidade se articula a demanda, direcionada ao outro. Portanto, nesse momento já se aponta para a circulação imaginário-simbólico. É necessária, portanto, uma primeira experiência de satisfação de uma *necessidade* para que a criança lance uma mensagem de demanda ao Outro. A demanda articula-se sempre à ilusão da garantia permanente do objeto e de reconhecimento constante, algo impossível de ser realizado. Cabas (1988) salienta que,

na demanda, o sujeito se oferece como objeto e não como sujeito, se apagando com isso uma posição subjetiva.

Existem duas vertentes que direcionam a demanda, uma delas é a demanda de necessidades direcionada ao Outro, que não encontrará plena satisfação e levará às primeiras identificações. A segunda é demanda de amor que ocorre pela alternância presença/ausência do objeto. Na demanda existe um pedido de reconhecimento, de garantia da manutenção do objeto e de eliminação da castração, ou seja, da referência a um terceiro. O desejo é a busca incessante de plena satisfação da demanda, que ilusoriamente é imaginada perdida, posto que ela nunca ocorreu. O desejo, portanto, marca a incompletude de satisfação, e a busca incessante desta satisfação no Outro. Na verdade, ele é a busca de um objeto na realidade, sua dimensão, conforme afirma Lacan (1988), está marcada pela *falta* que não pode nem nunca foi preenchida por nenhum objeto real.

Na constituição do sujeito, existe um movimento dialético entre alienação e separação, em que o sujeito será invocado pelo Outro no bebê, movimento este que Lacan (1988) denomina de *tempos de causalção*. Na alienação, primeira operação em que tem início o processo de constituição do sujeito, a mãe oferece ao bebê sua imagem e seu desejo. São as sensações que permitem ao bebê realizar as primeiras representações psíquicas. É nesse tempo que se situa o Significante Mestre S1, no qual o sujeito se faz representar pelo outro. A mãe traduz, simboliza o gesto do bebê, provendo-o de afeto, amor e palavras. Ela realiza um gesto de espelhamento ao filho e, ao atendê-lo em suas demandas, imprime marcas no corpo do bebê, que o unificarão. O reconhecimento da totalidade do corpo se estabelece entre o sexto e o oitavo mês de vida, o que foi denominado por Lacan de *Estádio do Espelho*, que assim o define:

O estágio do espelho pode ser entendido *como uma identificação* pela transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Pela incapacidade de locomoção, na dependência ao outro, se estabelece a matriz simbólica em que o Eu se precipita em uma forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro, antes que a linguagem o coloque na posição de sujeito (LACAN, 1998, p. 38).

Para apreender a experiência de totalidade do corpo, o bebê atravessa três momentos, ou três tempos fundamentais do *Estádio do Espelho*. No primeiro tempo, a relação com o outro se expressa com uma indiscriminação entre ela e o outro, pois “Durante todo esse período, registramos as reações emocionais e os testemunhos

articulados de um transitivismo normal. A criança que bate, diz ter sido batida, a que vê a outra cair, chora” LACAN, (1998, p. 116).

No segundo momento ocorre uma distinção entre imagem e realidade do outro, ela se dá conta que a imagem que vê no espelho não é o outro real (DOR, 1991). No terceiro momento se efetua a identificação primordial, a criança percebe que o que vê no espelho é a própria imagem refletida que estrutura a imagem do sujeito. Entretanto, o *estádio do espelho*, ao permitir a visão unificada do próprio corpo, aliena o sujeito em sua imagem, garantindo até aí, apenas a base do tripé imaginário a-a'. Teixeira (2000) afirma que a ilusão de completude, primeira forma de alienação do sujeito, dá início a todas as outras que vão constituir sua existência e seus processos identificatórios.

No tempo da separação, essa relação dual se desfaz, surgindo um terceiro, no qual o bebê percebe a falta no Outro, nesse caso, o agente materno, a percepção dessa falta faz advir o sujeito do desejo que a partir daí estabelecerá sua própria cadeia significativa (S2,...). A Função Paterna realiza o corte na relação mãe-filho, garantindo o surgimento do sujeito psíquico e limitando a loucura materna. O pai, ou quem realiza a função de terceiro, interrompe a relação fusional mãe e filho, e realiza na mãe a castração simbólica. O pai representa o significante fundamental *Nome-do-Pai*, estabelecendo a lei do incesto e restringindo o gozo de mãe e bebê, lançando-os no campo do desejo. O filho, desejante do desejo da mãe, percebe nela a falta que restringe seu gozo com o filho e faz com que ela direcione seu desejo ao Outro, que não seu filho, representado pelo significante do Nome-do-Pai, que passa a ser desejado dialeticamente pelo filho. Dor (1991, p. 42) fala da Função Paterna nos seguintes termos:

Todo terceiro que responder a esta função, mediatizando os desejos respectivos da mãe e do filho vai instituir, por sua incidência, o alcance legalizador da lei do incesto. Ora, responder a esta função implica unicamente que seja convocado, em posição de referente terceiro, o significante do pai simbólico, isto é, o significante fálico enquanto simbolizando objeto da falta desejado pela mãe.

Portanto, não se trata aqui de um homem, mas de um referente terceiro, que aponta para o bebê que o desejo de sua mãe não se restringe a ele. É a entrada desse terceiro na dialética mãe-filho que permite ao bebê a passagem de falo da mãe para sujeito do inconsciente. A intervenção desse terceiro impõe à criança que abra mão do desejo verdadeiro pela mãe, o qual será redirecionado ao inconsciente, e que constitui o recalque imaginário, em que o significante desejo da mãe é substituído pelo significante

Nome-do-Pai, sendo exatamente esta operação significante que faz advir o sujeito psíquico, irremediavelmente dividido (TEIXEIRA, 2000).

Para a vertente psicanalítica do autismo, apoiada na concepção de sujeito da linguagem, é de consenso entre os teóricos que algo provocou um descompasso na relação mãe-filho afetando o desejo da mãe de com seu olhar, libidinizar o corpo de seu filho, cortando a circulação imaginário-simbólico, que deveria estar presente desde o nascimento. A libido, nessas condições, utilizando os termos de Freud, se mantém num estado de auto-erotismo an-objetal. É a libidinização do corpo, que se estabelece em termos de presença-ausência da mãe, o que garante a introdução do significante formando bordas erógenas no bebê. No autismo, a falha desta inscrição significante desencadeia uma não demarcação do corpo em bordas orificiais. E a discussão sobre a manifestação do autismo também faz em termos de estrutura, como articula Lacan.

Lefort e Lefort, (apud JERUSALINSKY, 1984), falam do autismo como uma forclusão, conforme propõe Lacan para se pensar as psicoses. No caso do autismo, a falha ocorre no tempo de alienação (a psicose ocorreria no tempo de separação), em que a circulação entre Imaginário, que se refere ao *estádio do espelho*, e Simbólico, que permite o advento do sujeito e sua entrada no universo da linguagem, é prejudicada por fatores orgânicos ou constitucionais do bebê, ou em virtude de uma impossibilidade psíquica que sustente esta circulação para o filho, ou ainda, pela combinação dos dois fatores. Para Lefort e Lefort (apud JERUSALINSKY, 1984), no autismo ocorre um fracasso maciço da função paterna, não havendo com isto a inscrição da falta, condição imprescindível para o advento do sujeito. A relação com o Outro para o autista possui um caráter totalizante, faltando a imagem especular. O bebê não participa das fantasias da mãe, ocupando uma posição para ela de objeto auto-erótico (TENDLARZ, 1996). Esses autores consideram que na estruturação da cadeia significante existe o S1, em que não ocorre a divisão no autismo, e o S2 não advém, mantendo-se o S1, Um sozinho no real, resultando na ausência da falta, do furo (LEFORT; LEFORT apud AZEVEDO, 2006). Os efeitos desse S1 sozinho são um grande peso carregado pelas palavras, já que não existe cadeia e a mobilidade de sentidos.

Jerusalinsky (1984) formula que o autismo se estabelece em função de um descompasso da relação entre a mãe e seu bebê, por fatores inerentes à mãe ou ao bebê, afetando o desejo dessa mãe de, com seu olhar, libidinizar o corpo de seu filho. Resulta disso o comprometimento no estabelecimento deste vínculo, o qual normalmente se faz em termos de presença-ausência da mãe, presença como empréstimo de sua imagem, e

ausência como possibilidade de significação pela ausência. Ocorre nessas circunstâncias uma ausência do desejo da mãe, e se a mãe não deseja, nada demanda e não apresenta uma brecha onde possa a criança se embrenhar, onde possa oferecer algo de si. A presença do outro se estabelece apenas fisicamente e não em termos simbólicos. A consequência dessa experiência é uma tentativa incessante de se excluir do universo circundante, por uma experiência maciça e aterradora do real. Portanto, este autor propõe pensar o autismo como uma quarta estrutura, a da exclusão, traçando uma diferença entre forclusão e exclusão:

No caso da forclusão se produz uma inscrição do sujeito numa posição tal, que esta inscrição não pode ter consequências na função significante. No caso da exclusão não há inscrição do sujeito; no lugar onde a inscrição deveria se encontrar, se encontra o Real, ou seja, a ausência de inscrição. (JERUSALINSKY, 1993, p. 63).

Baratto afirma que no autismo a falha na inscrição significante acarreta uma não demarcação do corpo em bordas orificiais, em função da falha de efeito de corte que o significante provocaria no real, subtraindo a ausência de ritmos e a alternância presença-ausência. “Deste modo, o real permanece sem corte, pura continuidade, mesmice, daí as estereotípias, falta de modulação no choro, o desgarramento do olhar, etc.” (BARATTO, 2000, p. 60). Para Laznik-Penot (1997) o autismo se manifesta num momento anterior ao *estádio do espelho*, nas primeiras relações do objeto com a linguagem apontando para a ausência de representação da falta na mãe. Portanto, não há entrada no tempo da alienação (S1), pois o Outro está impedido de oferecê-lo. Sem o reconhecimento desta falta, o bebê não poderá aceder às representações imaginárias. O fracasso da relação simbólica fundamental estabelecida pela alternância presença-ausência da mãe se traduz por “uma falha fundamental na própria presença original do Outro” (LAZNIK-PENOT, 1997, p. 33). Na criança autista, existe uma ausência de representações no inconsciente, causando a impossibilidade dos processos de deslocamento e condensação, que se organizam a partir de traços mnésicos, anteriores à memória, segundo as contribuições de Freud. Considerando o não fechamento do circuito pulsional nos casos de autismo, Laznik-Penot esclarece que os três tempos do circuito pulsional são: busca pelo objeto pulsional para dele se apoderar, experiência alucinatória de satisfação, pela satisfação auto-erótica ao eleger um objeto que o satisfaz, como dedo, chupeta, etc.; no terceiro momento o circuito se fecha e a criança se oferece como objeto ao Outro (LAZNIK-PENOT apud LOPEZ, 2000). O que ocorre é a não constituição do objeto que poderia

empreender o movimento de fechamento do circuito, mantendo-se no autismo a posição do auto-erotismo e impedindo a organização das pulsões parciais.

A autora contribui também enfocando o (não) sujeito do enunciado e a possibilidade de um vir a ser em crianças ecológicas, considerando que o sujeito do enunciado é apenas um primeiro registro e pode, inicialmente, ser apenas puramente ecológico:

mas a simples frase ecológica indica, pelo menos, uma captura alienante pelo significante, daquele poderá, talvez, um dia advir como sujeito do enunciado que acaba de proferir, é preciso que um Outro real, de carne e osso, se constitua como lugar de endereçamento daquilo que resolve, a partir de então, ouvir como uma mensagem (LAZNIK-PENOT, 1997, p. 237).

Stefan (1994) propõe se pensar o autismo como uma estruturação particular, em que ocorre uma incidência específica da forclusão do *Nome-do-Pai*, provocando a ausência de simbolização do Desejo da Mãe. Com isso “a imagem captada perde a profundidade e não dá conta do conjunto figura e fundo. Colando-se pelas superfícies, vive a vida, parasitando a sensação. Não sabe quem é, nem de onde veio. Tampouco isso importa desde que a sensação continue e a angústia desapareça” (STEFAN, 1994, p 106).

Kupfer (2000) postula que no autismo existe uma captação específica de subjetividade ou de a-subjetividade na linguagem, em que “falha a captação do *infans* no desejo materno, pois a encarnação do lugar de Outro primordial não existiria” (ROCHA, 1997, p. 3). É importante ressaltar alguns aspectos observados por Alerini (1994, p. 143) em mães de crianças autistas, tais como que ela não existe como um tipo clínico específico, ou seja, “ela só é mãe de autista num tempo dado de sua própria história, da história de seu casal, de sua família. Ela é atravessada pelo autismo, que ao mesmo tempo a anula. Seu filho não lhe envia a imagem de mãe que ela espera, ele não a olha, ele não se comunica com ela”. O desfalecimento narcísico aliado a uma fragilidade imaginária está frequentemente associado a histórias de mães que tiveram mais de um aborto, depressão puerperal e filhos natimortos.

Retomando mais uma vez a articulação entre Psicanálise e AD, Gadet e Pêcheux (2004) fazem uma exposição das teorias da linguagem e apontam a pretensão de alguns teóricos de instituir uma língua estável, lógica e universal, e lembram que essa tentativa não impede que irrompa outra cena, a da loucura, da psicose e dos delírios. Nessas

circunstâncias, o simbólico irrompe no corpo, as palavras tornam-se pedaços do corpo esfacelado:

Essa ‘loucura das palavras’ que pode desembocar na escrita (Rabelais, Joyce, Artaud ou Beckett), na poesia (Mallarmé) ou na teoria linguística, persegue sem trégua o laço umbilical que liga o significante ao significado, para rompê-lo, reconstruí-lo ou transfigurá-lo.

Esses loucos pela língua, Gadet e Pêcheux (2004) os dividem em dois grupos: o primeiro, dos que produzem trabalhos da escrita e da poesia, e trazem para a linguística a sombra, o fantasma, combinando língua e corpo, grito e vocábulo; o segundo são sujeitos que empreendem a construção de um “império da ciência e do texto” com a construção de uma língua mãe, pela unificação de todas as línguas, ou pela formulação de uma gramática lógica, em que teóricos tentam se proteger das falhas das línguas naturais, empreendendo tentativas de fazer UM entre corpo e linguagem, entre palavras e mundo, entre prática discursiva e teoria linguística.

Sem a pretensão de esgotar os constructos teóricos acerca do autismo, nossa intenção em realizar tal exposição foi de mostrar materialmente a complexidade do assunto e a diversidade de abordagens, de formas de refletir e construir os conhecimentos científicos sobre o assunto em questão, por se tratar de um quadro precoce e multifatorial, bem como pela intenção desse trabalho de remeter tal quadro à teoria da Análise do Discurso. Podemos então tentar pensar e repensar maneiras práticas de trabalhar com a população envolvida nesta pesquisa, tais como, profissionais, familiares e os próprios autistas, enquanto sujeitos do universo da linguagem diretamente afetados pelos discursos de saberes autorizados. Outro mote que procuramos perseguir foi de pensar a inscrição histórica dos sentidos de autismo, algo que as análises retomam sobre a forma de repetição ou deslocamento.

3.5 AUTISMO E(M) DISCURSO

*Mas o que é mesmo o autismo? / Um mistério a ser desvendado /
 (...) Uma / perola rara... / Uma dor quase de morte...
 Uma crueldade do gene...*

Liê Ribeiro (mãe de um rapaz autista)

No nosso caso a escuta de todas estas teorias se faz necessária para a compreensão de como os discursos científicos foram se sustentando e cristalizaram efeitos de verdade e explicações tidas como legítimas e seguras acerca de um tema que iremos tratar como discurso. Como vimos no capítulo anterior a teoria discursiva privilegia a noção de sujeito na movência dos sentidos que historicamente são constituídos. Acreditamos que para compreender os sujeitos e os sentidos, o analista do discurso precisa ter acesso às redes de filiações do interdiscurso, ou seja, aos lugares de dizer já construídos antes em outro lugar, isto é, às palavras faladas antes em outros contextos sociais. Por isso deriva daí nosso interesse em rastrear os sentidos já dados sobre o autismo, entendendo-os como o que pode e deve ser dito sobre essa determinada questão. Ao retomarmos o postulado de Pêcheux, de que a memória discursiva sustenta toda possibilidade de dizer, entendemos que as posições-sujeito de pai e mãe estão em permanente jogo entre o primado do interdiscurso e sua atualização. Portanto, retomar a circularidade dos dizeres e das posições ocupadas por pai, mãe e criança no processo histórico é buscar marcas de sentidos dos dizeres sobre eles e é disso que trataremos no próximo capítulo.

4 O DISCURSO DE MÃES DE FILHOS AUTISTAS

*Hoje, que seja esta ou aquela, / pouco me importa.
Quero apenas parecer bela, / pois, seja qual for, estou morta /
Já fui loura, já fui morena, / Já fui Margarida e Beatriz, / Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis. (...)
Que me levem pele e caveira / ao nada, não me importa quando. (...)
Porque uns expiram sobre cruces, / outros, buscando-se no espelho.*

Cecília Meireles



A Madona de Porto Lligat – Salvador Dali (1950)

*Procuo meu filho, nas horas em que pude descansar
Querendo entender seu pesar. Querendo encontrar sua rota...*

Liê Ribeiro

Até chegarmos aqui, percorremos vastos e diferentes territórios. Tratamos da teoria que norteia este trabalho, denominada *teoria de entremeios*, o que levou-nos a buscar marcas significantes nas teorias da linguagem, nas científicas e nas sociais, seguindo seu percurso histórico até os dias de hoje. Seguimos os dizeres de hoje e de ontem de teorias e práticas criadas e desenvolvidas dentro e fora do tema autismo, para fundamentar a proposta teórica da Análise do Discurso. Também foi nosso interesse expor e marcar os discursos de sujeitos “leigos” que participam direta e diariamente deste universo, particularmente representados nesse trabalho pelos pais de filhos com diagnóstico de autismo. Resta-nos, nesse capítulo, expor o objeto eleito para o *corpus* de análise, e os procedimentos metodológicos utilizados, seguindo o percurso discursivo dessas mães, de suas filiações às Formações Imaginárias, Discursivas e Ideológicas, num movimento de filiação e oposição a elas, de acordo com a posição que ocupam e dos efeitos da memória discursiva, causando efeitos constantes em seus modos de dizer.

4.1 UM OLHAR SOBRE O MÉTODO

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Chega mais perto e contempla as palavras
Cada uma / tem mil faces secretas
sob a face neutra / e te pergunta (...)
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

Conforme viemos indicando, a Análise do Discurso utiliza como base teórico-metodológica o gesto interpretativo, sendo o paradigma indiciário, uma das tendências da AD, que busca marcas e indícios puramente individuais geralmente manifestados pelo não-dito, pelos equívocos e atos falhos. Segundo Ginzburg (1993), o paradigma indiciário, que pertence às ciências humanas, busca uma realização científica do individual, do particularizado, contrapondo-se ao paradigma generalista, vertente metodológica das ciências exatas, o qual se apoia na concepção de que não se pode falar do que é individual. Com bases no paradigma indiciário, empreende-se um trabalho de

decifração junto ao material de análise, buscando pistas e marcas de um sujeito determinado, fazendo inferências causais, a partir dos efeitos. Trabalha-se, assim, com a concepção de uma realidade opaca, na qual as pistas são utilizadas como marcas significantes, não se concebendo a partir desta posição uma solução esclarecedora no gesto interpretativo, mas de sentidos produzidos a partir de uma “construção linguística e histórica que passa por um processo social no qual os sujeitos determinam e são determinados” (FERREIRA, 1998, p. 206);

O método positivista, proposto por Auguste Comte, como já tratado, utiliza-se de pesquisas quantitativas, que preconiza a clareza de resultados de análise de uma determinada pesquisa. O método interpretativo, por sua vez, tem como método a análise qualitativa, buscando destacar marcas do processo discursivo, com o objetivo de, a partir do discurso, relacionar tais marcas às formações ideológicas e discursivas dos sujeitos entrevistados. Os dados dessas concepções metodológicas não são utilizados com o objetivo de generalizar e sim de particularizar e singularizar os dados marginais, os resíduos, os não ditos, pois são considerados reveladores, tal como o trabalho de um detetive ao tentar decifrar a cena de um crime. Tendo o reconhecimento de seu caráter científico foi este o método utilizado nesse trabalho.

As disciplinas interpretativas, tais como a AD e a Psicanálise, como afirma PÊCHEUX (1995), pressupõem uma instabilidade lógica dos enunciados, considerando a existência de um real que irrompe relacionado a um saber que não se aprende nem se transmite, mas que sempre produz efeitos. Este conceito de real surgiu a partir do movimento estruturalista, também já tratado antes, e se manifesta no entrecruzamento de linguagem e história, em que está presente o não-dito intrínseco ao que é dito. As teorias interpretativas não se ocupam, portanto, de uma análise conteudista, mas das condições de produção que caracterizam e constituem o discurso. A AD, utilizando como *corpus* a materialidade linguística, por meio de depoimentos escritos ou orais, textos, documentos, efetua recortes deste material. No trabalho de escuta, são tomados como objetos de investigação a estrutura discursiva, a posição ocupada pelo sujeito, as cenas que descreve e constrói. Com base nesses pressupostos e atento às construções discursivas, aos modos de dizer e à materialidade discursiva, o analista do discurso ocupa uma posição-sujeito, fazendo parte deste processo de significação, pois como aponta Orlandi (2001), o analista do discurso trabalha entre a descrição e a interpretação. É importante, portanto, que nessa posição ele saiba lidar com as duas ilusões, ou dois esquecimentos, conceitos já expostos, pensando que o sentido não se inicia nele, e também que outras formas de dizer poderiam

ter sido utilizadas, mas não foram. O trabalho de interpretação do analista não é neutro, mas ponderado e relativista, não havendo, portanto, um posicionamento absolutista, pois ele “se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2001, p. 61). Nosso desejo é investigar, nesse trabalho de interpretação a produção de sentidos em um dado funcionamento discursivo, trazendo do passado um acontecimento pontuado numa cadeia significativa, pois o sujeito aqui concebido só se submete à ordem simbólica do universo discursivo, trazendo como marca a falta original, a incompletude, o atravessamento do inconsciente. A falta fundante advinda da percepção da falta do Outro, é que permite que o sujeito organize sua própria rede de significantes advinda deste Outro, sede original destes significantes. PÊCHEUX (1998, p. 53) afirma que:

A AD, enquanto *disciplina de interpretação*, não pretende instituir-se especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construindo procedimentos que exponham o olhar leitor a *níveis opacos à ação estratégica do sujeito* (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito de interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro, ou discurso do Outro).

No trabalho de escuta interpretativa, são tomados como objetos de investigação a estrutura discursiva, as posições ocupadas pelo sujeito, as cenas que descrevem e constroem. O analista do discurso se movimenta com o discurso num movimento de retorno ao passado discursivo e de volta ao presente. Ressaltamos ainda que o sujeito entrevistador/pesquisador participa subjetivamente do processo interpretativo. É nessa posição que se empreendeu a composição do corpus de análise, utilizando a escuta de sujeitos em sua subjetividade, dentro de um contexto histórico-ideológico determinado. A constituição do *corpus* e o trabalho de análise baseiam-se no tratamento de dados discursivos abertos, pois são tomados pela anterioridade e pertencentes a um processo discursivo, à memória e à materialidade linguística.

4.2 ESCUTA DISCURSIVA

*Meu peito magoado
Relembra o passado / E chora.*

Paul Verlaine

Para o trabalho de análise das entrevistas, foram definidas três entradas discursivas, com temas que remetem às posições e lugares ocupados pelas mães, configurando momentos e períodos marcantes que se atualizam e causam reflexos no modo de ser e estar do sujeito, aqui especialmente, no sujeito mãe. A primeira retomada é sobre a infância, em que o sujeito fala de ser criança e ser filha. Na segunda entrada, os dizeres são sobre a maternidade, a gravidez, o parto e o primeiro olhar sobre o filho (autista). Na terceira e última entrada, a mãe fala da doença do filho: as negações e suspeitas de algo fora da normalidade, a notícia do diagnóstico e as consequências em suas vidas. Esclarecemos que as transcrições literais, respeitando os modos de dizer do sujeito em detrimento das regras gramaticais, nos permitiram uma escuta, a fim de seguir as pistas, a circularidade, heterogeneidade e as particularidades do dizer do sujeito subjetivamente concebido no presente trabalho.

4.3 OS DIZERES DA INFÂNCIA

*Bão, balalão / Senhor Capitão
Tirai esse peso / Do meu coração
Não é de tristeza/ Não é de aflição:/ É só de esperança*

João Ricardo e Manuel Bandeira

No trabalho de análise tentaremos escutar dizeres sobre a infância que ecoaram e fizeram marcas que ressignificaram estas experiências no momento em que tiveram filho. Os primeiros recortes de análise são de uma mãe que chamaremos aqui de Rosa, e que produz sentidos sobre seus pais, como segue abaixo:

Rosa: *‘Convivência boa, né? Não era muito boa porque meu pai bebia pinga (...). Ficava às vezes estressadinho, às vezes valente. Bravo, né... (pausa). Fora isso era bom (silêncio). Minha mãe é super boa (...). Na hora de apanhá do pai, a mãe apóia a gente (...). A mãe é bom em tudo, passava fome prá dá pros filho’.*

O sujeito enuncia evocando do passado momentos bons, seguidos dos que não foram, dizendo boa e não muito boa ao recordar-se de um pai que bebia e ficava “estressadinho”. Na sequência reafirma o “bom/boa”, ao dizer novamente da infância e

da mãe. E ao dizer da mãe (boa), diz do pai (não muito bom), retornando ao dizer sobre a mãe boa que passava fome para que os filhos pudessem comer. Flagramos então um discurso que se movimenta do bom para o ruim com fluidez, em que o sujeito parece querer marcar que ser criança/filha é bom, mas é ruim também, ou ainda, não tão bom. Dizer do “bom” antes de dizer do “não bom” marca a posição desse sujeito pela preferência em recordar/dizer o “bom”, mas dizer do “bom” conduz a dizer do “não bom”, presa que está à rede significante. O silêncio, pausa de seu dizer que marcamos no recorte, marca uma interrupção do fluxo de seu dizer, um pensar silenciado/censurado, segundo sua filiação a uma Formação Imaginária de um poder e não poder dizer X ou Y para quem a escuta, neste caso, uma pesquisadora e representante de uma Formação Ideológica de sujeitos sabedores. Marcamos também nesse jogo “bom/boa”, um equívoco que marca o deslizamento na ordem da língua quando o sujeito enuncia, mãe é “bom”, coloca no sujeito mãe feminino um adjetivo masculino, “bom”, modificando o jogo dos sentidos que vinham até aqui sendo marcados por mãe boa (bom) e pai não bom (boa), eliminando a distinção entre gêneros e transgredindo as regras, fazendo valer o sentido de uma mãe que por sua postura é pai também, ou expressando o desejo de dizer de um pai bom. Outra marca linguística que destacamos são os “né” (não é), apontando a convocação da interlocutora/entrevistadora, a participar e *con-sentir* com seus dizeres. No próximo recorte, flagramos também esse efeito, temos a voz do sujeito aqui denominado Acácia e que tece seu dizer nos seguintes termos:

Acácia: ‘A mãe sempre foi aquelas mãezona, amorosa. O pai sempre foi muito quieto, sabe? Eu me lembro uma vez que ele me bateu. (...) E meu pai me pegô, eu me lembro. Eu lembro, eu tinha sete ano. Ele me pegô, me deu um par de tapa. Eu nunca me esqueci. Primeira e última vez que ele me bateu. E minha mãe às vezes dava uns peteleco, mas a gente corria, né.’

Nesse recorte a mulher/mãe, recorda a infância de uma mãe/mãezona/amorosa e um pai que, sempre quieto, faz-se lembrar por situação única, em que ele bateu nela, experiência evocada da memória com força, imperando esta lembrança sobre as de uma mãe/mãezona/amorosa, evocando nessas marcas uma identificação intensa à mãe, quando para dizer dela acrescenta primeiro o aumentativo e depois o pronome possessivo, materializado no dizer sobre o pai, como pertença desse sujeito discursivo. Marcamos ainda a forte lembrança pela sobreposição desta forte lembrança do pai, quando traz em seu discurso os efeitos dessa lembrança: “eu lembro uma vez... (...) eu lembro... eu

lembro... eu nunca me esqueci”. Impera no discurso do sujeito o lugar de um pai que intervém com autoridade e provoca efeitos, fazendo valer sua autoridade como podemos constatar quando diz depois do pai: “meu pai”, particularizando-o e autorizando-o a ocupar este lugar marcado e que se sobrepõe às lembranças evocadas da mãe. Destacamos também o efeito polissêmico de sentidos da palavra “pegô”, podendo ser significado de diferentes modos, de acordo com a Formação Discursiva a que se filia o sujeito do discurso, como também do sujeito que escuta e interpreta. Posicionados aqui como intérpretes, pensamos nesse “pegô” como gesto coercitivo, reprovador, carregando interdiscursivamente o efeito de desejo de acolhida e cuidado ou de valorização pelo efeito negativo da presença/posicionamento desse pai, localizando-a até mesmo cronologicamente em suas lembranças da infância, ao dizer que tinha “sete ano”. Os petelecos da mãe são evocados com menos ênfase se comparados aos efeitos de memória do pai, pois diante das repreensões da mãe ela podia fazer algo, como: escapar desse lugar, mudar de lugar, correr... Destacamos também o encadeamento do dizer da mãe – mãezona – minha mãe, acrescentando primeiro um aumentativo e à frente um pronome possessivo, flagrando-se aí a intensa identificação à mãe.

A terceira mãe, aqui chamada Hortênsia, diz assim de suas lembranças de pai e mãe em sua infância:

Hortênsia: *‘Meu pai, ele faleceu quando eu tinha dois meses de idade. Então a lembrança que eu tenho do meu pai é de uma foto que a minha mãe tinha que eu não sei onde tá (... Depois que ela faleceu e eu não sei onde ela deixou. Era a única que eu tinha, não sei como era meu pai. (A mãe) Uma bondade. Meu pai, ele não foi flor que se cheire, mas ela nunca, assim, falou mal dele prá gente ficá com raiva, sabe? Ela contava como se fosse uma piada. Ela falava as coisas que ele fazia com ela. Ele era muito mulherego. Então ela contava as coisas prá gente de uma maneira que não trágica, sabe? Ela não chorava. Prá ela, ela achava que tinha que passá por aquilo e cabô. Então ela nunca passou assim prá mim: ‘Ah, homem não presta, homem’. Nem prá mim, nem pras minhas duas irmãs. Nós somos em sete, né?’*

Hortênsia diz do pai evocando lembranças de uma foto e do discurso da mãe sobre o pai, discurso que atravessa os dizeres e recordações desse pai. A foto, única lembrança própria, era da mãe e se perdeu após sua morte. Marcamos aí o interdiscurso do dizer da mãe sobre o pai, que significa e posiciona-o levando consigo a “única (foto/lembrança) que tinha do pai”. Retomando seu dizer sobre o pai, e descolando do discurso da mãe, ela diz de um não saber sobre o pai: “eu não sei como era meu pai”.

Dizendo de uma mãe bondosa, flagramos o vigor dos efeitos de sentido de seu discurso sobre o pai de Hortênsia, falado entretanto, como marido, como homem e não como (seu) pai: “ele não era flor que se cheire”. Diz do pai, pelo interdiscurso da mãe, se utilizando de um dito popular, um genérico, para poder falar dos atributos desse pai. A mãe usa o tom de piada para falar das coisas que o pai fazia com ela, segundo interpretação de Hortênsia, para não deixá-la com raiva do pai, garantindo a manutenção de um lugar idealizado onde coloca a mãe. Quando diz aos filhos de seu marido, promove modos de significar da filha sobre os homens, denegando os efeitos de sentido de homem “mulherengo”, “flor que não se cheira”, pelo não dizer da mãe de que homem (não) presta, filiando-se nesse modo de dizer à Formação Discursiva, à qual a mãe também se filia, na qual não se autorizam a dizer claramente desse homem/pai que apresenta uma conduta reprovada socialmente, utilizando-se desse recurso também para poder significá-lo com um recurso metonímico silenciando o dizer de um pai que “não presta”, observando materialmente este movimento no (não) dizer “Ah! homem não presta, homem” evocando o dizer de um Sujeito Universal, para poder dizer o que não foi dito pela mãe, denegando assim o sentido implícito. No discurso sobre a mãe, diz de uma mulher forte que não chorava, e que, entretanto, dizia de si como esposa capturada numa condição de submissão, a uma situação de mulher traída, pois o pai de Hortênsia “era mulherengo”, ou seja, traía sua mãe, que dizia disso aos filhos em tom de fatalidade, de algo que “tinha que passar” e, por isso, se submetia.

Melissa diz assim das recordações de seus pais na infância:

Melissa: ‘Ele era booom, mas era bravo. Apanhava bastante, viu! Fazia arte, apanhava bastante... Tinha hora que o bicho pegava (...). Ah! desobedecia, né?. Ele falava prá não fazê, fazia. Ele falava, falava, não obedecia, ele já catava, né? e dava uns tabefes. Ah! De cinto, de chinelo, essas coisas assim. Mas assim, era uma coisa normal na vida. É, mas apanhava. Tinha muita paciência não. Ah! Com a minha mãe, minha mãe era boazinha. A gente abusa, né? Mas assim, eu sempre ajudei minha mãe, desde pequena. Desde meus sete anos eu ajudava minha mãe, porque minha mãe trabalhava fora. Ai ajudava a cuidá dos meus irmãos. Eu ajudava na casa, fazê o serviço’.

Nas lembranças de sua infância, Melissa discursiviza sobre um pai bom e bravo, bravo porque batia. O pai bom enfatizado num dizer marcante que o caracteriza (“booom”), interpretamos como um pai que bate quando a filha dá motivo, não batendo sem motivo, portanto, interdiscursivamente, podemos dizer que Melissa aprova a atitude de bater, filiando-se nesse dizer à Formação Discursiva de pais que se contrapõe à

Formação Discursiva de filhos que não devem nunca apanhar de seus pais, como podemos ver também na sequência de seu discurso, ao dizer de um pai bom porque antes de bater ele falava várias vezes e (a filha) não obedecia. Dizendo do pai, Melissa também diz de si: filha desafiadora, que enfrentava a autoridade do pai e confrontava sua vontade, sofrendo assim as consequências de seus atos. Ela era catada para levar uns tabefes... normais. Mas isso não era tudo, e ao acrescentar “mais batia”, reforça o efeito de retorno da memória sobre esse pai. Na frase que segue, diz de um sujeito ausente, com pouca paciência, ocultando o sujeito de seu dizer, abre para um efeito de sentido de identificação com esse pai. Ao falar da mãe, também podemos flagrar uma ausência ou indefinição de sujeito denominado “bom”. Dizendo: “com a minha mãe, minha mãe era boazinha” ela pode estar dizendo de si e da mãe boazinha, não somente por estes modos de dizer já marcados, mas pela observação da sequência de seu discurso, uma filha (boazinha?) que abusa, mas sempre ajudou nas tarefas da casa e no cuidado com os irmãos mais novos. Nessa articulação de sentidos o termo “com” pode trazer uma sentença com efeito de valor, de filiação, de identificação, de associação à mãe, uma vez que, para a mãe poder trabalhar fora, ela precisava trabalhar em casa, exercendo tarefas que seriam da mãe. Nos quatro recortes, pudemos evidenciar a imagem materna muito mais marcada e enfatizada do que a dos pais, o que provoca uma grande possibilidade de identificação à mãe.

4.4 DIZERES DA MATERNIDADE

*É comum a gente sonhar(...). / Quando vem o
entardecer (...). / Um sonho lindo de morrer
Vejo um berço e nele eu me debruçar
Com o pranto a me correr / E assim, chorando,
acalantar / O filho que eu quero ter*

Vinícius de Moraes

A definição desta entrada se empreendeu como marca de retorno do já dito antes e trazido para o presente pela memória discursiva dos dizeres das ciências do autismo, que afirmam em raro consenso ser uma patologia mental extremamente precoce e que se manifesta na maioria dos casos já nos primeiros meses de vida. Os primeiros momentos com o filho, desde a concepção até o primeiro olhar, em nossa leitura são significados

pelos modos de dizer da mãe sobre a espera e a chegada deste filho, o lugar atribuído a este filho da concepção ao nascimento.

4.4.1 A memória discursiva sobre gravidez e parto

... desconfortável é ser trancado do lado de fora; (...) pior, talvez, ser trancado no lado de dentro.

Virginia Woolf

Nos próximos recortes, as recordações de gravidez e parto não seguiram uma ordem cronológica, e o que mais ocorreu foi uma inversão no tempo, das lembranças de gravidez e parto, ou a alternância de uma e outro. E é assim que estes dois momentos de vida estão colocados juntos, marcando o embrenhamento dos dizeres das mães sobre este período. No primeiro recorte, Rosa enuncia, falando primeiro das circunstâncias do início da gravidez, deste período e do parto, como segue:

Rosa: ‘Eu, quando cheguei aqui, comecei a trabaiá(...). Cheguei grávida, mas eu não sabia que eu tava grávida (...). Aí, a muié descobriu que eu tava grávida, mandou embora, né (...)? Acho que por isso que mandô embora: de menor, quinze anos, grávida também (...). Ah! Foi uma gravidez tranquila, né? Eu só ia no hospital prá fazê o pré-natal dele. Depois na hora de ganhá fez cesária (...). Fui pro hospital, fiz cesária, fiquei três dias no hospital, normal (...). Minha irmã me levô. A enfermeira aplicô um negócio na gente... Eu cheguei lá, fiquei um bom tempo no hospital (...). Mais aí eles viru que não ia tê jeito mesmo, aí eles resolvero fazê (...) (parto normal)’.

Apontamos nesse recorte, que Rosa alterna em seu dizer trabalho e gravidez, supondo que a sua condição impossibilitou-a de trabalhar por ser uma grávida menor de idade e que, apesar disso, teve uma gravidez sem dificuldades. Flagramos também a deriva de Rosa ao relatar o parto: “fez cesária”, (...) “fiz cesária”, dizendo de uma mesma situação e mudando o sujeito do verbo, o que marca a oscilação, pelo vacilo, entre eu e outro, indiciando uma confusão no posicionamento do “eu” que se coloca como agente passivo e ativo de uma ação, ou ainda como sujeito objeto e sujeito de seu discurso. É relevante destacar ainda outro dizer de Rosa: ... “aplicô um negócio na gente...”, em que injeção e anestesia são substituídas por “negócio”, conceito que carrega a marca do discurso capitalista, a concepção e o nascimento do filho tomam então um caráter de negociata, podendo-se observar este aspecto tomando o recorte sob um olhar mais amplo,

quando Rosa diz da impossibilidade de trabalho, como marcamos no início, na repetição da palavra “cesárea”, que só foi e é feita quando não tem mais jeito, marcando interdiscursivamente sua condição de quem não tem dinheiro, então não pode escolher, e reforça esse efeito quando fala da injeção como “negócio” e ainda completa afirmando que “não ia tê jeito mesmo, aí eles resolvero fazê”. Um dizer silenciado por Rosa, que traz as marcas significantes deste não dizer, então precisou esperar até “não tê mais jeito”, e decidissem o que fariam com ela, opondo-se a esta Formação Discursiva dominante e posicionando-se discursivamente como sujeito submetido à ordem dominante, mesmo dizendo do lugar de dominada. Esclarecemos que esse efeito de sentido de discurso capitalista pode ser ainda mais evidente se tomarmos o discurso e as condições de um sujeito que vem de longe, de uma região pobre do país para tentar a vida numa região promissora, conforme está colocado integralmente ao final do trabalho (ver Anexo III).

O(s) sujeito(s) da ação sobre Rosa, até certo ponto do recorte, é (são) mulher(es): “muié, irmã, enfermeira”. A primeira tira-lhe o emprego, a segunda leva-a ao hospital e a terceira aplica-lhe um negócio/injeção... São esses os únicos agentes do enunciado, e contrapõem-se ao apagamento do agente masculino, que ao final aparece no plural, sem nomeação de sujeito, acabando por determinar o destino da questão, dizendo que não tem jeito e dando o aval para “fazê” o parto, novamente opondo o discurso de uma Formação Discursiva a outra, de agentes femininos, dominados, contra agentes masculinos, dominantes. O sujeito mulher, mesmo marcando a presença do sujeito feminino que age sobre esse sujeito, é ao final sobreposto ao poder desse(s) sujeito(s) masculino(s), irrompendo como o que dá um desfecho a esta situação de impasse e espera, pois quando não tem mais jeito, eles decidem a situação e elas, as mulheres, são retiradas da cena do discurso de Rosa.

Acácia: ‘Foi normal (a gravidez), como a do outro, mesma coisa. Fui controlando minha diabetes, logo no primeiro mês, aí eu já sabia que eu ia tê de novo. O médico falô prá tê outro prá operá. Ele falô: “Senhora já arruma outro logo, a gente já opera e pronto. Porque às vezes” ele falou, “às vezes numa segunda gravidez a senhora não tem diabetes”. E tive, aí precisei controlá. Foi bem, nossa, só na hora de nascê que eu tive problema. Ah! Me faltou o ar. Deu assim, nas costas... começo de pneumonia eu tive. Então me faltou o ar na hora de nascer, eu passei mal. Puseram balão em mim (...). Cai, no sétimo mês de gravidez. Eu caí com o E. Sete mês... Com aquele barrigão, e pum pro chão. Quebrei o braço. Quebrei o braço. E fiquei nove meses com o braço quebrado sem podê engessá, sem podê tirá raios-X, não quiseram fazê lá na Santa Casa, e eu fiquei com o braço quebrado.

Eles não acreditaram que eu tinha quebrado o braço. Só eu sabia o quanto tava doendo. Passaram um remedinho e largaram eu (...). Ah! Era tudo com um braço só. Mas foi ruim, mas foi ruim, mas foi ruim. Mas eu sofri.'

Acácia diz de sua gravidez comparando-a com a do outro filho, enfatizando a diabetes, mas falando de um sujeito indefinido que sofre a ação de “tê de novo”, o que marca uma aparente indefinição do que iria ter de novo: um filho, uma doença? Segue seu discurso dizendo do outro e fazendo uma junção de duas discursividades que vão se alternando em seu dizer. Uma, que no discurso do médico, diz de um dizer do outro sobre si, apontando o que deve fazer: “tê outro, operá, e talvez não ter diabete”. Mas tem (diabetes), e então, desloca o sujeito da ação da terceira para a primeira pessoa, sendo esta a segunda discursividade apontada acima, daquela que precisou fazer algo depois, pois o que o outro disse que talvez pudesse não acontecer se contrapôs ao que ela imaginou (sabia que ia tê de novo) e aconteceu: teve novamente diabetes. Nessa segunda sequência discursiva, o sujeito mãe/leigo se contrapõe ao saber autorizado do doutor, mas o sujeito precisa dizer isso de uma maneira oblíqua e opaca, para se autorizar a dizer. Diz de si como agente que sofre a ação de cair, e cair com o filho (ainda não nascido) evidencia um efeito de quem machucou, causou danos ao outro. Na sequência, sobre o braço quebrado, a repetição carrega um efeito de tentativa de convencimento a si mesma, de marca profunda que carrega efeitos e precisa ser escamoteada para ser retomada na memória.

Voltando ao primeiro movimento discursivo, diz de sujeitos (eles) que executam ação sobre ela, por não terem acreditado, não terem tirado raios-X, que (só) passaram “remedinho” e largaram, dizendo de si na posição de vítima, de objeto do outro, que decide sobre ela. Acácia faz ainda um retorno ao segundo movimento, dizendo novamente de uma ação do outro sobre si, que lhe causa algo ruim. Ao final, o “mas”, que na regra gramatical teria a função adversativa, e é usado para provocar efeito de sentido contrário à sequência anterior, nesse recorte tem a função aditiva, de acréscimo, de reafirmação de um efeito (negativo) sobre si, colocando no lugar do e (e eu sofri) o mas, resultando numa função contrária à adversativa. Se tomarmos o discurso dessa mãe a partir do que o discurso da ciência diz sobre o autismo, teremos a confirmação do que ela diz quanto ao impedimento da mãe em significar a chegada do filho. O sofrimento físico de faltar o ar e não poder aconchegá-lo em seu colo impede-a de exercer sua função para receber este filho. Portanto, discurso materno e discurso científico se

entrecruzam, e o primeiro confirma o segundo, apontando o posicionamento em uma Formação Discursiva e o movimento de filiação a outra Formação Discursiva. Esta mesma confirmação se faz no recorte a seguir, em que a mãe significa o momento do nascimento do filho com muito sofrimento e dor. O filho, representando esta dor, fica impedido de ser olhado, desejado e significado pela mãe, como podemos ver:

***Hortênsia:** 'Foi uma... uma... foi um parto difícil. O M era muito grande. Parto normal. Cabeção! Tem cabeção até hoje. Cabeção no parto normal foi muito sofrido. Nossa senhora. (A gravidez) Foi boa, tive assim umas câibras, mas foi boa. Eu trabalhava na gravidez do M, eu trabalhava. Eu trabalhava no hospital onde ele nasceu. Eu trabalhava na parte administrativa (...). Eu senti tanta dor dele, porque dos outros eu tomei anestesia, e dele não deu tempo. A hora que o médico ia aplicá a anestesia em mim, eu não aguentava ficá assim e eu mandava ele pará. Eu sofri, levei umas quatro picadas na espinha, não deu prá dá a anestesia, então foi isso aí. Então acho que deve tê sido por isso, não porque eu não queria'.*

Hortênsia tenta dizer de uma experiência sem encontrar palavra que expresse o que sentiu, tenta buscá-la, mas não encontra, mostrando não só o vacilo do dizer, como também a opacidade da fala, a falta da palavra exata que diga de sua dificuldade, a incompletude da língua. Diz de seu filho: “grande, cabeção” para poder significar sua dor, que também traz essa marca na gravidez, quando teve câibras. E diz também de uma dor dele, fazendo-nos indagar: dor de quem seria? Dor do filho que sofre, ou dor sentida pela mãe, naquele instante como dos dois indiferenciados, vivenciando um momento de total indiscriminação mãe-filho, sentindo dor com e por ele, flagrando-se também a união de duas discursividades, sobre si e sobre o outro, movimento de identificação a uma FI, ao Discurso da ciência do autismo que trata da condição de indiscriminação entre mãe e filho. Na sequência, traz um dado de outro contexto, ao afirmar que trabalhava na e durante a gravidez, o que marca um duplo, uma significação dobrada de trabalho, de ter um trabalho e de um filho que dá trabalho para nascer, a ponto de não poder tomar anestesia antes do parto, de não poder usar nenhum recurso para diminuir uma dor insuportável que acaba por significar a particularidade da chegada desse filho, com o qual precisará enfrentar todas as dores sem remédio que possa aliviá-las. Portanto, trabalho pode ser significado em seu contexto real e do que traz interdiscursivamente sobre a gravidez e o parto desse filho, materializando a denegação de um (não) desejo pela vinda desse filho, ou pelos efeitos da dor que a levaram a não querer que esse momento tivesse ocorrido dessa maneira, o que justifica sua denegação.

Melissa: 'Nossa, eu era lôca prá engravidá, prá tê filho, mas eu não imaginava isso (...). Não imaginava que fosse, né?... acontecê, né?... tudo que aconteceu. Eu tinha tudo prá tê uma gravidez assim, normal, né?... E não foi aquilo que eu sonhava, eu queria dá mamá, não consegui dá mamá. Ah! Foi bem frus... foi bem frustrante, né (...)? Não... não... eu não sentia nada. Até... ele é prematuro, né? Meu filho. Ele nasceu de sete meses. Eu sô assim, eu fico assim preocupada porque eu não sentia mexê, aí fazia ultrassom, aí o médico falava que tá tudo bem, mostrava, tá tudo certo'.

Nesse recorte, ressaltamos primeiro a negativa que segue todo o dizer de Melissa, sendo o mas um divisor entre o sonhado e o vivido, como vemos na sequência discursiva, ao dizer na negativa de sua experiência de mãe, uma vez que o que imaginava era diferente do que ocorreu. Apontamos também a negativa do dizer com o uso repetido, do “né”, contração de “não é”, e um meio do sujeito que discursiviza solicitar ao ouvinte seu apoio e concordância, flagrando também a Formação Imaginária que se filia para poder dizer do lugar de mãe, à profissional, supostamente sabedora a quem solicita o apoio, a concordância com seu dizer. Prosseguindo em seus “nãos”, diz desse lugar sobre seus sonhos, seu desejo de amamentar, de sentir o filho mexer na barriga. Tudo é dito como algo que não aconteceu. Não sentia o filho mexer, portanto, não sabia se ele estava vivo, se podia se comunicar com ele, se podia significar ou imaginar este filho. A lembrança é significada como uma impressão difícil de ser verbalizada, interrompendo sua fala ao nomeá-la como frustrante, expressando sua dúvida em poder dizer dessa maneira, que imagina reprovável, pois para o Discurso Ideológico, a maternidade carrega marcas de dádiva, de sacralidade. Entre o silenciamento e o dizer, o sujeito escolhe não calar, e o modo que consegue continuar dizendo é utilizando o “não” que se repete, e que permite que essa experiência seja significada de outro modo, diferente do que esperava como contratempo e frustração. A negativa traz aqui a marca do fracasso de uma experiência, paralisada pelo inesperado, e a chegada desse filho se concretiza à revelia de seus planos. E assim ela prossegue: “Eu tive uma gravidez ótima, não tinha nada, não sentia nem ele mexê (...). Não tinha dilatação, nada. Não senti nada”.

Nesse recorte, a negativa aparece até para falar da gravidez ótima: não tinha nada, não tinha dilatação, não sentia nada, sendo o “bom”, significado pela negativa e pelo nada, marcando mais uma vez, a impossibilidade de circulação e de busca de outros sentidos que não seguem, mas se paralisam, mantendo esse efeito na sequência seguinte:

Melissa: 'Eu fiquei assim, sozinha né? Porque meu marido foi corré atrás das coisa porque eu não tinha comprado nada ainda. Eu falei: "Ah, quando tivé pros oito meses a gente compra as coisa, né? Eu não tinha comprado nada. Aí ele foi atrás de roupinha prá comprá. A minha mãe trabalhava na época, eu fiquei sozinha lá, a hora que eu fui interná, eu fiquei sozinha. Eu fiquei sozinha lá, porque todo mundo trabalhava (...). Eu fiquei sozinha'.

Melissa fala de sua solidão na hora do parto não esperado para aquele momento, e repete duas vezes que ainda não tinha comprado nada e que só pretendia comprar no oitavo mês, o que é pouco habitual se fazer na gravidez, e que podemos interpretar como efeito de seu dizer no recorte anterior, materialmente significado como providência programada tardiamente, ao finalizar com um “ainda”, conceito que denota uma demora, um adiamento para se tomar uma providência. A espera deste filho não pode ser preparada antes de seu nascimento, trazendo indícios discursivos de dúvidas de sucesso nessa gravidez. Nem com a iminência do parto foi possível sentir este filho que estava chegando, pois se sentiu muito sozinha, e sozinha lá é dito com o verbo no passado, como se uma Melissa tivesse ficado e se mantido lá, sozinha, implicando-se como sujeito paralisado em seu passado, impedido de atualizar em seu discurso a experiência vivida, mantendo no passado tudo que sonhou, planejou e não se realizou, inclusive seu filho imaginarizado, e impedindo-se de se filiar a uma Formação Discursiva de saberes sobre maternidade, em que sujeitos mães falam de suas dificuldades e também de suas alegrias, aspecto que não aparece no discurso de Melissa. Mantendo-se num estado de inércia fica impedida de discursivizar como sujeito mãe.

4.4.2 O primeiro olhar sobre o filho

*Vamos todos festejar
O nenem mais bonitinho / Que acaba de chegar
E' bem-vinda se é Maria / E' bem-vindo se é João.*

Tom Jobim

A escolha deste recorte faz-se para emprendermos a análise dos dizeres de um momento muito importante, conforme conceitua a teoria psicanalítica, quanto à importância do olhar da mãe sobre o filho, um olhar carregado de sentidos, olhar que se comunica significando o lugar e a linguagem do bebê que ainda não fala. “Eu achei

estranho porque eu tava esperando uma menina. Eu falei: esse aí não é meu filho, não, eu ia tê uma menina, não era?”

No primeiro olhar sobre o filho, o sujeito Rosa diz de um estranhamento, sendo o “estranho” aqui falado do olhar sobre um acontecimento diferente do que tinha certeza que ocorreria: esperou uma menina e veio um menino. Na teoria psicanalítica, o estranho tem lugar importante no processo de identificação ao outro, sendo entendido como o que vem de fora, o que é incompreensível, irreconhecível, incomum, que é não-familiar, prova consistente da fragilidade, da instabilidade de nossa identidade, que supomos imaginariamente inabalável (DE NARDI, 2005a), trazendo também a marca do duplo do significante, algo estranhamente familiar, que traz a dúvida. Um efeito ideológico de evidência faz com que seja uma filha, que tenha certeza que o bebê que vê não seja reconhecido e nomeado como seu, havendo aí um colamento entre palavra e realidade causando uma certeza tão grande que chega a afirmar como uma sentença decisória, afirmando e reafirmando não ser seu filho. Mas diante da concretude do fato, convoca o outro a confirmar/esclarecer este filho, e só então duvida de sua certeza e indaga ao outro: “não é?”. Mas, ainda assim, indaga com a negativa no passado sobre algo que acontece no presente, usando a oração no futuro do pretérito, instaurando nesse momento a dúvida de uma possibilidade. No recorte abaixo, Acácia também fala do desejo frustrado de um filho que não veio, entretanto, seu discurso se contrapõe ao de Rosa, como veremos abaixo.

Rosa: ‘Eu queria que viesse uma menina, né? Na gravidez não fazia ultrassom. Então eu pensava: “vai vir uma menina, né, aí eu fico com um casal”. Aí quando veio, falou: “é menino home”. Aí veio aquela chateação, né? Aí eu falei: ‘é home mas é meu fio mesma coisa, não tem importância’. Mas foi bom, viu? Foi muito bom...’.

Aqui, o sujeito enuncia pelo futuro do pretérito (vai vir), tempo que implica dúvida, da ordem da impossibilidade de uma garantia, não evidenciando, portanto, a certeza que marcamos no dizer de Rosa. E Acácia, pedindo também a confirmação do outro, pergunta, usando o verbo no presente, presentificando mais uma vez sua dúvida. Num primeiro movimento, Acácia produz a seguinte equação sobre o objeto de seu discurso: ser menino resulta em mãe chateada. Ao retomar a questão, apropria-se do bebê que vê, dizendo dele como seu e rompendo com o sentido anterior. Usa uma oração com função adversativa, que causa um efeito atenuador do sentido anterior de chateação. No discurso anterior de Rosa, flagramos marcas de convicção quanto à chegada de uma

menina, o que se diferencia ao discurso de Acácia, que imagina, deseja um filho, e ainda, nesse sujeito a surpresa vem acompanhada do reconhecimento de uma ilusão, que imprime outro movimento em seu dizer rechaçando a recusa desse filho, se dividindo em sujeito que diz e sujeito que escuta, ao dizer “prá si mesma”, convoca seu eu para ressignificar o lugar do filho, ambos falando desse estranhamento, se posicionam imaginariamente de modo diferente, destacando-se assim a marca de particularidade, de subjetividade do discurso de cada sujeito. Vejamos agora como Melissa diz deste momento.

Melissa: ‘Eles já pegô e já levô ele... Ai eles falô: ‘Ó, a gente já pegô, teve que levá ele rápido porque ele nasceu prematuro, teve que colocá na incubadora. Ai eu fui vê ele só no outro dia de manhã, fui lá no berçário, na incubadora. Ai meu pai, meu pai foi até lá comigo. Meu pai veio visitá aí ele foi até lá comigo, só que eu tava muito, muito, com tontura (...). Ai cheguei lá perto do vidro, ainda bem que meu pai tava comigo porque eu desmaiei. Meu pai me pegô assim, quinze centímetro do chão. Ai meus pontos até machucaro, tudo, prá tirá doeu muito. Foi uma coisa bem traumática assim. Porque eu acho bem traumático assim (...). Eu tinha muita dor’.

O sujeito mãe recorda o momento de ver o filho pela primeira vez, construindo interdiscursivamente um momento adiado, ao dizer que seu filho é retirado pelo(s) outro(s), que “já pegô e já levô”, sujeito que nesse momento diz de si como objeto do outro. Materialmente o já aponta um sentido de apressamento, de corte do momento de entrada do filho, ficando impedida de vê-lo, significá-lo e acolhê-lo como objeto de seu desejo. Na segunda tentativa, podemos confirmar esse dado, pois a mãe discursiviza deixando de fora o filho, que estava noutro lugar, no berçário e na incubadora, mas não ao seu lado. Não podendo ser tocado, significado, ele é mantido fora do universo discursivo dessa mãe, que se filia a uma Formação Discursiva de filha de um pai cuidador e que fica impedida de discursivizar do lugar de mãe cuidadora. Diz de si numa condição de desamparo e dor, trazendo para seu dizer a figura do pai, que é nomeado como salvador, provedor e quase mágico, ao pegá-la rente ao chão. Mas a dor dos pontos que se machucaram o pai não pôde conter, ampliando o sentido maior de trauma significado pela dor. Com a queda, há um desfalecimento do olhar sobre o filho, que entra em seu campo de visão atravessado pelo mesmo sentido de dor, dor de pontos que machucaram tudo. De que tudo se refere Melissa? Seu dizer causa um efeito generalizante de machucar, de dor de toda ordem, de um machucar o sujeito que diz de um lugar de impedimento em ocupar a posição de sujeito mãe e não apenas seus pontos,

sua sutura que novamente se abre, imaginando uma condição de insuficiência e precariedade sobre si e o outro.

4.5 DIZERES SOBRE O FILHO E A DOENÇA

*... a crua palavra / Anterior ao entendimento, palavra /
Palavra viva(...). / Que se produz / Muda/Palavra dócil
Palavra d'água (...). Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa.*

Chico Buarque de Holanda

Pretendemos apontar nos dizeres dessas mães os sentidos atribuídos ao “fora do normal” deste filho e às condições do dizer da ciência representada por profissionais da saúde, e o processo de (não) significação empreendido pelas mães sobre esse(s) dizer(es) e sobre o filho (autista).

4.5.1 Os dizeres sobre o filho

*Eu falo muito? Eu falo mesmo
Eu falo sem saber o que estou falando.*

Nando Reis

O discurso das mães nos recortes seguintes segue significando suas suspeitas, dúvidas e recusas em perceber algo de estranho no filho. Dizem do que estranhavam, de como tentavam se convencer de que não havia nada de anormal ou de terem certeza que algo estranho acontece com seu filho.

Rosa: 'É, eles falava prá mim, mas eu não queria enxergá (...). É, porque ele corria, passava correndo, e ele era um pouco diferente, né... prá mim ele não tinha nada (...). É, mais aí eu não quis acreditá ainda'.

Os dizeres dos outros sobre o filho de Rosa não correspondiam à imagem que fazia desse filho, negando as evidências que não queria ver, aponta que o filho desejado e esperado não era aquele discursivizado por “eles”. E justificava para poder continuar negando, indiciando condutas de uma criança normal que via um filho que podia correr. À habilidade motora do filho, equacionava como garantia de normalidade, a qual não se sustenta, pois acrescenta na oração seguinte a dúvida, ao reconhecer algo diferente no

filho e pedir a confirmação do ouvinte (né). Em seguida, fecha a certeza apenas para si, ou seja, nesse momento, marca que o filho não tinha nada, circulando assim em conformidade e oposição a uma Formação Discursiva. Evidenciamos também aqui um sentido outro de um filho discursivizado pela mãe que não tinha nada; mas de que nada diz Rosa? Nada de doença? Nada de diferença? Nada a trocar, mantendo-se alheio, passando correndo e não parando? A negativa se mantém como fio do dizer sobre o filho, que a mãe inicia assim, e finaliza do mesmo lugar discursivo de negação do problema/doença, reafirmando que apesar de todos dizerem, apesar das evidências apontadas pelo outro, ainda assim escolhe não acreditar, dizendo interdiscursivamente de um filho suposto normal. Vejamos então de que posição Acácia discursiviza sobre o filho.

Acácia: 'Aaahhh! Eu tô lá, ainda ontem eu tava na missa, eu não sabia se eu tava prestando atenção no sermão (...), eu: "será que o E foi lá na cozinha, abriu o armário?" (...). Se eu tô aqui, eu não posso ficar pensando: "será que eu fechei o portão? Meu Deus acho que eu não fechei o portão. Já pensou se esse moleque fugir? Quem vai trazê ele de volta? Eu fico com o pensamento, coisa, nele. O pensamento. Eu tenho que desligá, não consigo'.

O discurso entrecortado aponta a correspondência de um lugar com outro. Alternando o tempo verbal, marca sentidos de atemporalidade, de impedimento, em função do problema do filho, de viver a experiência presente, de viver separado do filho, que invade sua mente o tempo todo, onde quer que esteja. A condição do filho significada no discurso de Acácia é de total vulnerabilidade e ameaça à vida do filho. O reconhecimento de seu não saber abre para uma sequência de perguntas que promovem um efeito de colamento, perguntas que são mantidas sem resposta, causando um efeito de dúvida sem solução, ou talvez de certeza de não solução silenciada no discurso, mas dita como foi, é significada por Acácia, discurso esse que se opõe à pretensão da ciência positivista que se movimenta discursivamente reafirmando seu posicionamento de objetivamente esclarecedora. Apontamos também o modo de referir-se ao outro, numa sequência que produz uma relação entre pensamento e coisa, o que também se pode interpretar como sentido de coisa, efeito da memória discursiva atualizada das comunidades rurais, da cultura da roça, do povo simples, que diz diferente e causa um estranhamento em nós analistas. Marcamos ainda, três elementos do intradiscurso do

sujeito — pensamento coisa nele —, que por serem estranhos entre eles, mantém-se segmentados e impedidos de se produzir significação.

O sujeito do recorte seguinte discursiviza de outro lugar, rompendo com a estabilidade de um dizer sobre o filho, como pudemos observar nos recortes anteriores. A mãe, ao dizer desse filho, produz outro sentido sobre o modo de significar seu filho, como alguém que sabe e entende o que conversam com ele.

Hortênsia: *‘M? M é uma lição de vida, né? O M, ele prá mim é tudo, é minha vida. Eu sei que eu não poderia pensá assim, minha vida, mas ele é... Chega até a ser doentio a paixão que eu tenho por ele... (...). A gente gosta tanto dele que a gente não faz tudo que ele qué, entendeu? (...). Primeiro, no começo a gente ficava mais preocupada, né, fazia tudo que ele queria. Mas hoje não, hoje a gente explica prá ele: ‘Isso não é assim, não pode ser feito’. Então a gente conversa muito com ele. O M tá muito contente, acho que de tanto a gente conversá (...). Eu acredito que ele entende. Entende muito bem’.*

Dizer do filho para Hortênsia é dizer de um excesso, de algo incontrolável e inseparável de sua própria vida, pois diz de sua vida como continuidade à dele. Fala do filho como uma paixão doentia, reconhecendo e repreendendo esse excesso perturbador. Mas rompe em seguida com esse discurso sobre o filho, rompendo a filiação a uma Formação Discursiva para filiar-se a outra, dizendo da importância de não dar tudo, de não ocupar todo o espaço, de não atender a todas suas demandas, para que seja bom “prá” ele, colocando o “não” de seu discurso com sentido positivo, tanto para o filho, como colocamos, quanto para ela, que significa o “não” como sentido de muito amor, trazendo para seu discurso o discurso do Outro, com suas marcas incontornáveis de incompletude necessária. Melissa também diz de um filho que a entende, como veremos.

Melissa: *‘Comigo sempre foi assim. Então que ele, vixe, um tormento, nunca quis fazê nada. Sempre que ele me vê já é assim, já... como diz... ele conseguiu me dominá. Eu não consigo assim dominá ele totalmente. O meu marido ele já obedece mais. E, aí nada que eu faço que ele esteja perto, ele não faz nada. Ele entende... ele é uma pessoa... ele ouve tudo, tudo o que você pede prá ele fazê, ele faz. Mas se ele não qué fazê tamém ele fica nervoso, né? É essas coisa assim’.*

O discurso de Melissa sobre o filho é significado por uma relação de dominação, portanto, de um saber reconhecido no filho, não apenas como um sujeito que entende, mas antes, como alguém que a domina, que é mais forte que ela, colocando também o marido nessa dinâmica, mas ele, diferentemente dela, consegue dominar o filho. O dizer

de Melissa marca um sentido de dominação, de relações de força entre os membros da família, que se materializa em todo o recorte por expressões como: “faz, fazer, dominá, não consigo, obedece”. O entendimento do filho é significado como dominação sobre a mãe, que fica então numa posição de inferioridade, de objeto desse filho, de dependência à vontade do filho que faz apenas o que quer e quando quer, senão fica nervoso, e ficando nervoso, garante que as coisas sejam como quer, criando uma aparente realidade controlada com a mãe. É relevante ainda efetuar um retorno ao discurso dessa mãe que desde o nascimento do filho, diz de si desse lugar de vulnerabilidade, de vítima e, portanto, de objeto do outro, atualizando discursivamente esse mesmo lugar, ocupado agora em relação ao filho, rompendo com os sentidos sobre relação mãe-filho ao se significar como sujeito objeto desse filho e não como indiscriminação, pois fala de sua vontade que se esvaece, que fica em segundo plano como efeito da incisiva posição desse filho, fazendo ao mesmo tempo um movimento de identificação a uma Formação Discursiva em que se pensa o outro para o autista, como objeto sensual e auto-erótico, no presente caso, o objeto eleito é a mãe que se submete a esse lugar.

4.5.2 A confirmação do autismo

*Como se ela não tivesse suportado sentir o
que sentira, desviou subitamente o rosto
(...). Seu coração não bateu no peito, (...)
batia oco entre o estômago e os intestinos.*

Clarice Lispector

Nos próximos recortes, empreenderemos a escuta discursiva sobre o diagnóstico do filho, circunstância e modos de dizer atualizados no presente.

*Rosa: 'Procurá... Ai já me deru um encaminhamento pra ir na escolinha lá. Ai eu fui lá na escola, eu levei aquele susto que ele tinha alguma coisa. Ai me deu um encaminhamento, eu fui prá fazê avaliação na APAE. Ai lá na APAE falaro que ele tinha isso aí, né (tom de voz muito baixo)'.
'*

No desdobramento da rede discursiva, consideramos importante apontar o efeito polissêmico da palavra encaminhamento, com sentido de orientação e coordenada, como possibilidade de um caminho apontado pelo outro. Outro sentido dessa expressão pode ser interpretado ao observarmos que o encaminhamento é discursivizado em duas

posições de sujeito: primeiro deram (eles) e depois deu (ele), significação de uma ausência de borda, com sentidos soltos quanto a esse encaminhamento, repetindo esse efeito de sentido também quando diz sobre o diagnóstico sem nomeá-lo nem defini-lo. Marcamos que Rosa, escolhendo dizer isso aí, para falar do diagnóstico, sendo este “aí” o primeiro de uma sequência discursiva, ao iniciar assim suas orações: “aí, já me deru (...); aí eu fui lá (...), aí me deu (...), aí lá (...)”, provocando um sentido de cadência no discurso, de tentativa de encadeamento de acontecimentos que são ditos com dificuldade. Evitando dizer objetivamente e solicitando o apoio do interlocutor (né), Rosa significa uma resistência à nomeação dada pela ciência sobre seu filho, marcando um posicionamento de contraposição a um discurso legitimador, de oposição a uma Formação Ideológica que faz significar e captura sentidos sobre autismo, ao qual não se filia nesse dizer, opondo-se ao dizer anterior quando fala do susto por saber que o filho tinha algo que ainda não se autoriza a nomear. O recorte discursivo seguinte é de Acácia:

Acácia: ‘Precisô ele tê falado, a gente foi vendo como é uma criança autista, super diferente de uma criança normal (...). Não mudô nada (...). Então a preocupação dele é como se ele fosse nenê. (...) Você tem que ficá de olho... (...). Eu sinto que não sou mais eu, mas eu, como eu te disse, eu vegeto, eu vivo prá ele. Eu não queria que fosse assim. Eu queria que fosse diferente. Eu queria saí, me trocá, saí a hora que fosse, ele visse, ele falava tchau. Acabô, mas eu não posso fazê isso. Eu penso se o outro vai guentá ficá com ele’.

A trama discursiva, nesse recorte, inicia-se pelo dizer sobre o dizer de outro, que informa algo com clareza, causando o efeito de lei sobre o que antes era recusado. O dizer de autoridade de um cala todas as outras maneiras de pensar a condição do filho, sendo este dizer legitimado socialmente, identifica-se a uma Formação Ideológica e assim coloca a obrigatoriedade de obediência ao dizer do outro, confirmando-o ao formular uma sequência discursiva que aponta tudo que significa como diferente(ças) de uma criança normal. Dizer desse filho é dizer de uma criança que não muda e se comporta como um bebê, e a mãe que continua a fazer quase tudo, discurso que a faz se colocar como cuidadora desse filho sempre bebê, que a faz se imaginar como alguém que não é mais capaz de se reconhecer como sujeito, de ser quem é, posicionando-se como objeto que vegeta. À frente, Acácia diz de si a respeito dessa condição. Numa sequência de orações, diz na primeira pessoa como vive e como gostaria que fosse. Diz separadamente do que deseja para ela e o que deseja do filho em relação a ela, e esta separação de dizeres sobre si e o filho evidencia uma tentativa de dizer de si sem precisar

dizer do filho, buscando o descolamento desta relação mãe-bebê que assim se mantém significada, empreendendo nesse movimento discursivo um esforço em se diferenciar do filho e em se posicionar como sujeito, opondo, portanto, esta sequência discursiva à anterior, filiando-se assim a duas Formações Discursivas nesse recorte que apresentamos.

Hortênsia diz de coisas diferentes acontecendo, apontando seu conhecimento do modelo de um filho normal, marca a diferença e diz sobre ela conforme poderemos ver.

Hortênsia: *‘Tá acontecendo umas coisas diferentes, e... (...). E aí um dia, ele dormiu na minha cama, e eu tava lavando roupa. Aí eu peguei, escutei um barulho assim, pensei: ‘Ele caiu da cama’, sai correndo. Cheguei no quarto, ele tava sentado na cama balançando (...). O M, tava com dez meses. Aí, como eu tinha assistido aquele filme Meu filho, meu mundo eu sentei na cama e comecei balançar com ele. Mas, o meu medo era tão grande que eu olhava e balançava. Aí ele parô. Nunca mais ele fez isso. Aí ele parô...’.*

Dizer do que observa no filho é apontar a diferença, a percepção e o estranhamento do modo de ser deste filho. Hortênsia não negava, ao contrário, estranhava e marcava esse estranhamento, amparando-se num filme para legitimar e sustentar seu dizer usando uma voz de autoridade. Dizer desse filme remete a um movimento da mãe que repete o movimento do filho, filiando-se a uma determinada Formação Discursiva com a qual se identifica para poder se colocar como sujeito. Numa tentativa de fazer igual a ele, mas no balanço igual, diz da diferença entre eles: ela no lugar de quem sente medo se presentifica olhando e balançando, ele, produz o movimento de balançar para tentar manter-se ausente. A conclusão do dizer refere uma mudança após este episódio, mudança que produz o efeito de algo que toma um sentido generalizado de parada além do movimento motor, quando repete essa parada sem concluir de qual está se referindo. O discurso de Melissa tem o mesmo efeito do anterior, pois ela também estranha algo no filho: a ausência da fala, a demora da fala, a fala sendo emitida fora de um diálogo, no canto, e a parada progressiva do que havia aprendido.

Melissa: *‘Ah! Porque ele não falava. Demorando prá falá (...). Ah, eu tava em B (cidade natal). Com uns dois aninhos assim, eu achava estranho dele não falá algumas coisas assim. Só ficava emitindo no canto, falava mamã, papá, aí depois foi parando, parando de falá, até isso né? (...). Aí eu levei, elas avaliaram ele prá mim. Aí chegaram a um diagnóstico, aí chamaram né, eu e meu marido. Falô o diagnóstico... (...). De autista mesmo. Aí falô prá que procurasse um neurologista. Aí elas me encaminharam, né? (...). Aí a hora que ele abriu a porta, ele falô: “Ele é autista”. Sem nem abri a boca, sem nem abri, sabe o que é cê abri assim, cê olhá assim prá criança? Só deu uma olhada assim, já falô’.*

Seu estranhamento a faz suspeitar de algo que não sabe avaliar, buscando então, no outro, essa avaliação (“prá” ela). Isto infere pelas marcas interdiscursivas que ela tem um saber sobre o desenvolvimento normal de uma criança, e o desconhecimento do que não é normal, buscando na voz legitimadora de um representante de uma Formação Ideológica o diagnóstico esclarecedor. Diz de dois momentos de diagnóstico, um em que ela e o marido são chamados para que lhes falem do filho, que deem um nome ao estranhamento da mãe, o outro momento de escuta desse mesmo diagnóstico, é pelo dizer do neurologista que nem sequer os chama para dentro da sala para falar, já nomeando o filho logo ao abrir a porta e olhar para H, causando um efeito de oposição ao modo de dizer desse Outro sabedor. Melissa diz de um momento em que nem teve oportunidade de falar sobre o filho antes, tendo o dizer de autoridade do médico um efeito de apressamento que regulariza o modo de dizer dessa mãe, fazendo retornar na memória a experiência semelhante ao parto, e diante dessa Formação Imaginária posiciona-se antagonicamente ao discursivizar filiando-se a uma Formação Ideológica que legitima essa Formação Imaginária, pois busca nela um esclarecimento, um encaminhamento para o estranhamento sobre seu filho, mas também opondo-se a ela ao criticar o modo de se posicionar o sujeito doutor. Inferimos que, interdiscursivamente, Melissa se diz sabedora de uma maneira adequada de se dar uma informação dessa natureza, filiando-se a outra Formação Discursiva que reconhece um não saber nesse sujeito médico.

4.5.3 Não saberes sobre a doença

... só se sabe que sabemos pouco; com o saber cresce a dúvida.

Johann Goethe

Nos dois recortes que seguem, destacamos a estabilidade de um dizer sobre o não entendimento do autismo do filho, dito tanto por Rosa como por Melissa, como podemos ver:

***Rosa:** ‘Aí, eles falava que era autismo, eu não entendia o que era autismo. Eu falava ‘é uma doença?’. ‘Não, ele fica fechado em seu mundo’. Aí ela foi me explicando. Aí até hoje eu não entendo direito’.*

Rosa aponta discursivamente seu não entendimento do que seja autismo, empreendendo dois posicionamentos sobre e, portanto, filiando-se a duas Formações Discursivas. Na primeira, seu posicionamento é passivo, de quase resignação. Não fosse pelas perguntas, seria de total passividade diante da opacidade dos dizeres do outro, entretanto, mesmo indagando ao outro, e somente ao outro, Rosa faz falar a opacidade de seu saber sobre, mesmo recebendo explicações, flagrando assim o furo da pretensão de clareza de uma determinada Formação Ideológica da ciência que supõe um lugar de esclarecimento de dúvidas sobre isso. Sem escolher buscar outros meios que esclareçam, escolhe a posição do não saber, diferentemente de Melissa, como podemos ver:

Melissa: 'Aí, foi... eu não sabia o que que era. Tanto é que eu, é igual eu, como fala, a gente... perguntei pras pessoas, ninguém sabe o que é autista, porque é muito pouco divulgado, muito pouco falado, né? Não é como Síndrome de Down... então a partir daí nós começamos a procurar, a estudá livro, internet, procurá, sabe como é, o porquê., Aí começamo a fazê parte de genética, fomo procurá geneticista, tudo, porque que dá aquilo, fazê o X Frágil dele tamém, que ele pediu, né'.

Num primeiro momento o sujeito vacila antes de se posicionar sobre, já o movimento seguinte, diante do diagnóstico, é de buscar por vários meios um entendimento de uma doença pouco conhecida, pouco divulgada, precisando recorrer à internet, livros e geneticistas para tentar entender, busca essa não colocada ou silenciada no discurso anterior. O sujeito mãe enuncia de uma posição de não saber para a de alguém que pode buscar saber. Verificamos então, que em termos práticos, a tentativa de objetivação da ciência quanto ao saber sobre o autismo, não se faz por completo, apontando pelo discurso das mães furos e opacidades do dizer da ciência sobre o autismo.

4.5.4 Efeitos do diagnóstico

*Em cada esquina cai um pouco a tua vida
Em pouco tempo não serás mais o que és.*

Cartola

Nesses últimos recortes, nosso objetivo é analisar os dizeres das mães sobre os efeitos do diagnóstico em suas vidas. Rosa diz de um acontecimento fora da ordem natural, imaginada e desejada, como podemos observar:

Rosa: *'Não dá nem prá pensá o que mudou na minha vida, porque... eu era muito nova ainda (...). É, eu só não me conformo porque não era o que eu esperava (...). Porque quando eu era pequena, eu sempre prometia prá minha mãe, quando eu crescesse, eu ia trabaia e ia ajudá ela'.*

No recorte, o dizer sobre os efeitos da doença se significa por algo impensável, indizível, significado como uma condição de impedimento pela idade precoce, de entender tantas mudanças. Seu discurso marca um inconformismo pelo inesperado, que talvez por tudo isso não possa ser significado, por ter acontecido quando era ainda muito nova, representando para Rosa o fracasso da promessa de infância que faz à mãe de ajudá-la. Pelo interdiscurso, evidencia a impossibilidade de ser cuidada como precisava quando era criança e de hoje cuidar da mãe, filiando-se a essa Formação Discursiva, em que ela, assim como aconteceu com a mãe, se vê sem condições de cuidar. Portanto, diz de um impedimento que se repete de ajuda entre mãe e filha, sendo dito como inconformismo, e recusa em aceitar os fatos da realidade, o discurso do Outro, e assim a se filiar a uma Formação Discursiva. Acácia produz uma sequência discursiva sobre a sua vida, a vida do marido, a vida de ambos, com efeito de um transtorno após o diagnóstico.

Acácia: *'Aí, daí prá cá a minha vida... Tanto a minha quanto a do meu marido... Aí a nossa vida, a, e... como é que se diz? Parece que a gente não viveu mais. Aí a gente não saía mais porque o E dava trabalho. Sabe, a gente ia num casamento, só passava vergonha, ele ia, tacava a mão no bolo. A gente passô assim, a ficá em casa, quase não sai. Então eu saio de noite, vô na missa, ele fica olhando ele prá mim. Ele sai de manhã, eu fico olhando o nenê prá ele. Assim a gente controla, assim... junto a gente não sai'.*

Dizer sobre os efeitos do diagnóstico para esse sujeito mãe significa um impedimento em viver, uma vida suspensa, reclusa dentro de casa e impedida de festa. Sobre sua saída que se autoriza (ir à igreja), prossegue dizendo de um que olha o outro. Observamos que diz de um sujeito que olha e outro que é olhado, sem discriminar nem um, nem outro, o que se estabiliza na sequência seguinte, pois não define quem é este “ele” que olha o nenê. Inferimos que o pai cuida do filho, nomeado nenê pela mãe, e ter esse nenê significa para ela ter uma vida controlada que impede que todos da família saiam juntos, mantendo-se tão dependentes que causa o efeito de indiscriminação entre eu e outro, uma relação de dependência entre ela, o marido e o filho, evocando interdiscursivamente um dizer de um casal que ocupa a maior parte de seu tempo

cuidando desse filho que precisa ser olhado e que não sai junto, pois precisam se alternar nos cuidados com o filho, ficando assim impedidos de momentos de prazer. E prossegue: “Eu já me conformei, eu não reclamo, não. Eu, uma vida assim, dura né! Não sou mais eu. Eu...”.

Dizer da vida na primeira pessoa, portanto, de uma maneira marcadamente particularizada, é significar conformismo, resignação, dureza e perda de si mesma, pois discursiviza colocando-se no lugar de alguém que é sempre invadida pelo outro (por ele), perdendo-se de si mesma e destituindo-se da posição de sujeito desejante. Hortênsia discursiviza significando uma parada, uma parada em quê? Na sequência, apenas esclarece uma parada, significando-a pelo trabalho. O discurso sobre M é atravessado pelo interdiscurso religioso que faz silenciar qualquer queixa que, representando uma determinada Formação Ideológica, evoca sentidos de repreensão e pecado pela possível recusa por esse filho, fazendo assim o movimento de significá-lo como dádiva. A única queixa, consequência da parada, é a financeira, que se complica sem o seu trabalho, como podemos ver:

Hortênsia: *‘Parei, parei de trabalhá (...). Prá mim cuidá do M foi bom, né? Eu não me arrependo não. Mas a parte financeira foi bem complicada. (...) O M, o M não é problema. O M é uma dádiva de Deus, não tem o que reclamá do M’.*

Melissa em seu dizer marca um não dizer, um vacilo para tentar dizer e significar as mudanças na vida:

Melissa: *‘Depois dele nascê assim, que que mudô? (...). Ah, eu, na minha vida o que mudô é que eu, assim, eu fico mais... que nem todo mundo fala que eu fico muito em função dele, né? Assim, ele é... vive muito em função de mim e eu dele. Eu tenho medo de, de... eu não tenho ninguém aqui... eu deixo de ir em muitos lugares, porque eu não tenho com quem deixá ele. Eu tenho medo, não é todo mundo que confio. Eu não confio quase em ninguém porque ele não fala. Se eu tenho alguma coisa, alguma festa, eu tenho que pedi prá minha mãe vir’.*

O não dizer desliza então para a função da mãe com dedicação exclusiva a este filho, função que significa para Melissa uma relação de cuidado constante, justificado por seu temor, seu medo, seu não confiar, apontando um jogo de linguagem que segue por duas vias, uma via marcada pelo que tem: medo, dito e repetido por Melissa; e a outra via, significada pelo que não tem: “não tem ninguém aqui, prá deixá, pois não é todo

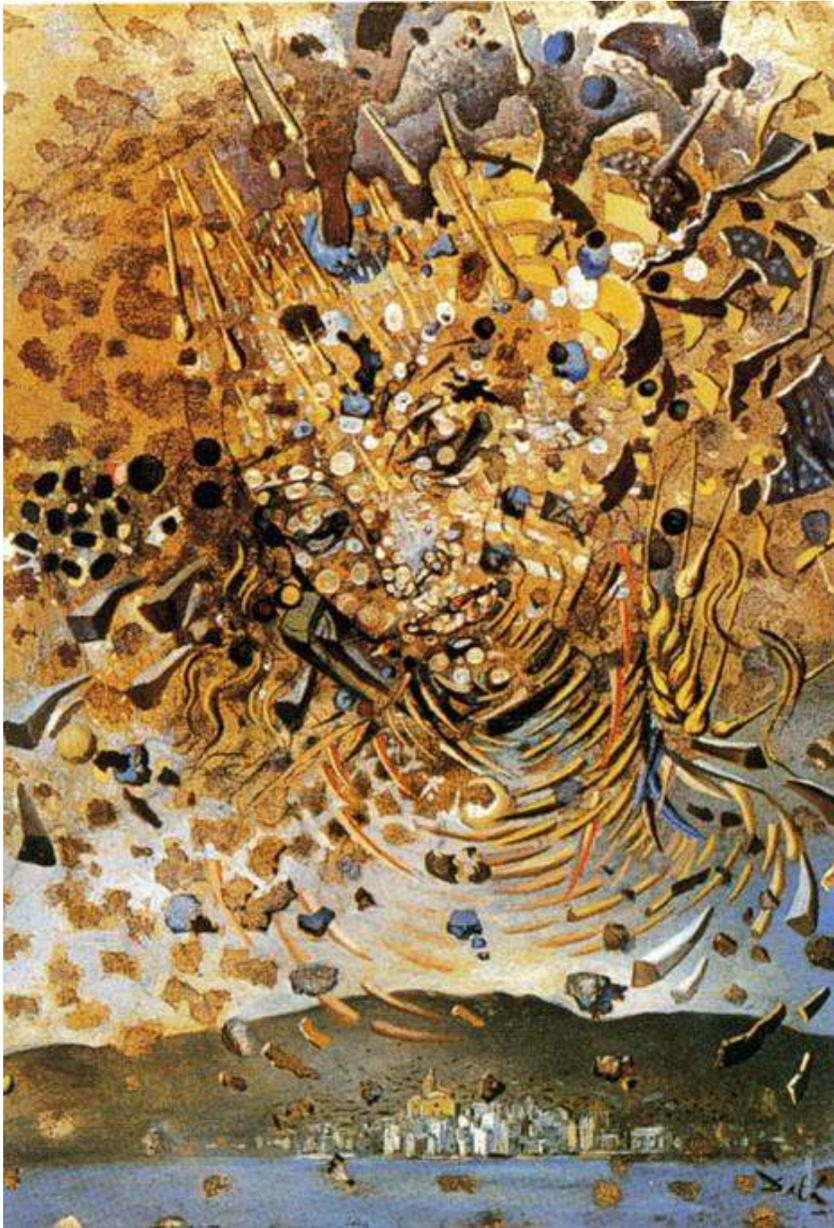
mundo que confia porque ele não fala”. O não falar (do filho) flagra os “não” na ordem do discurso da mãe, e deriva de uma justificativa para sua não confiança, mantendo apenas sua mãe fora dessa ordem de desconfiança marcada em seus dizeres sobre os cuidados de outro para com seu filho, apontando um implícito de um (não) saber da ciência sobre o problema de seu filho, que não a orienta sobre os modos de agir com esse filho, posicionando-se nesse enunciado como objeto que espera que o Outro solucione sua condição e o problema de seu filho. Filiando-se a outra Formação Discursiva, diz da relação de dependência mãe-filho, reproduzindo um modo de dizer do saber da ciência sobre o autismo.

No trabalho de análise que empreendemos, consideramos importante destacar a singularidade e a repetição de dizeres das mães, as possibilidades e impossibilidades de significar a experiência de ser mãe desse filho (em) especial, as evidências negadas ou reconhecidas, os saberes e não saberes particularizados em cada recorte, e os efeitos de poder ou não viver sua própria vida. Realizamos aqui, portanto, uma análise do discurso dessas mães em suas particularidades e repetições, marcando a circulação de posições de sujeitos discursivos que subjetivam suas experiências, que se identificam a alguns dizeres estabilizados e marcam o caráter heterogêneo de dizeres que migram do discurso de outros sujeitos e são atualizados na particularidade por um determinado sujeito.

5 CONCLUSÃO

*Assim como falham as palavras quando querem exprimir / Qualquer pensamento,
Assim falham os pensamentos quando querem exprimir qualquer / Realidade.
Mas como a realidade pensada não é a dita mas a pensada,
Assim a mesma dita realidade existe, não o ser pensada,
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.*

Fernando Pessoa



Cabeça bombardeada por grãos de trigo – Salvador Dali (1954)

Chegar ao final significa amarrar o que foi construído anteriormente, retomando o caminho percorrido e avaliando o que foi possível considerar como contribuição ao assunto que nos propusemos trabalhar. Para isso, foi necessário seguir por caminhos amplos e distintos, por saberes leigos e da ciência, tomando como temas teorias variadas e abordagens diversas. Mas foram estes caminhos que puderam apontar as confluências e retornos de discursos que circulam e migram entre tantos espaços. Para apoiar-nos numa teoria, buscamos outras que estão e não estão a ela articuladas. Tratar da teoria da Análise do Discurso é tomar uma vertente da ciência que usa como base o instrumento fundamental para se fazer ciência: a escrita, a palavra, o discurso, o verbo. Dentro dessa teoria elegemos alguns conceitos para compor o trabalho, lembrando-nos de que muitos precisaram ficar de fora. Portanto, foi necessário abrir outros universos do saber e da ciência, mas fechar muitos outros, o que oferece a oportunidade para novas investigações, como: a maneira que as mães dialogam e inscrevem a não-fala de seus filhos, como se deparam com a não-possibilidade de enunciação de seus filhos, tocando assim numa questão relevante para o tema autismo, como para a Teoria da Análise do Discurso.

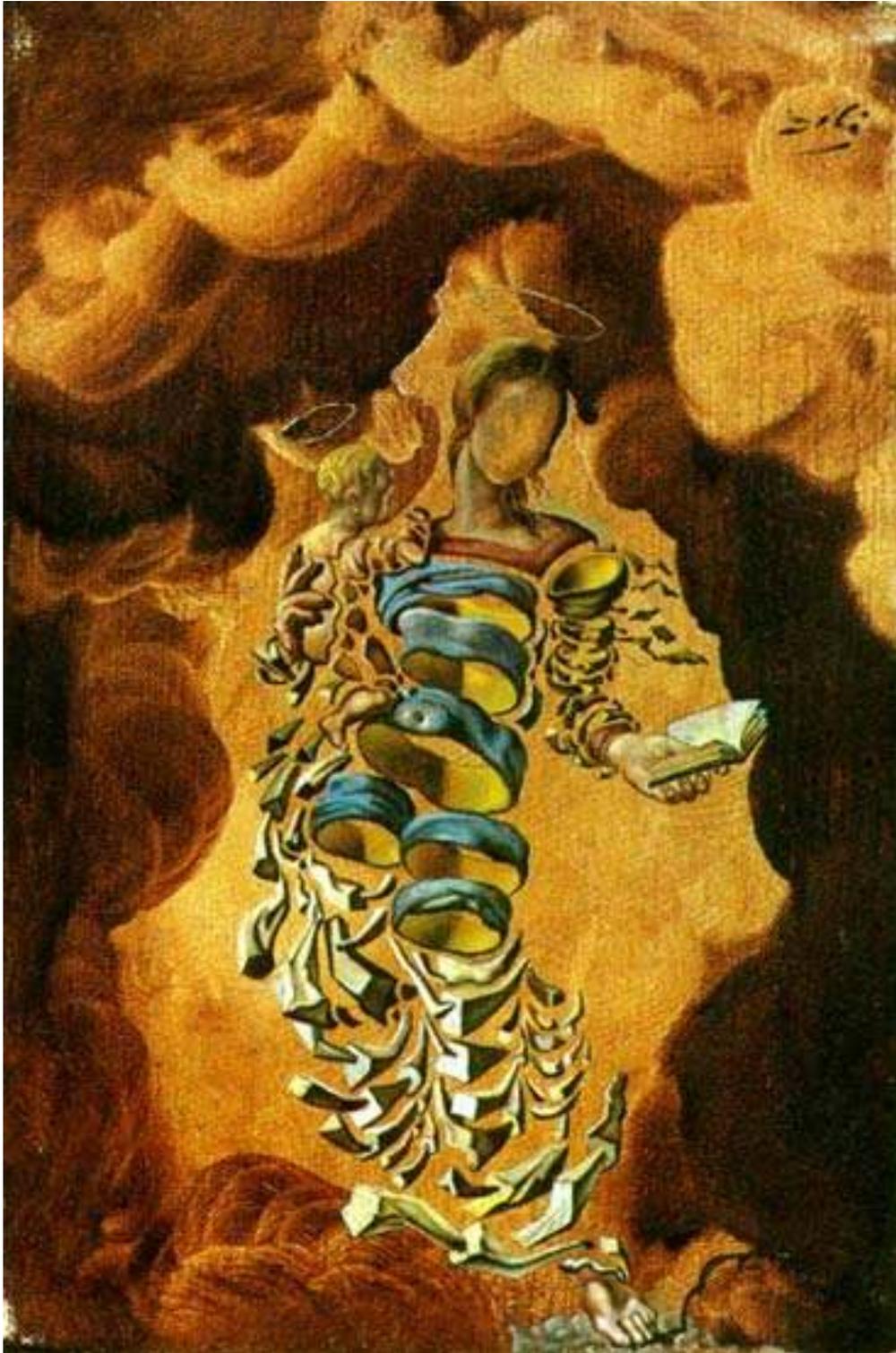
No capítulo sobre autismo mostramos novamente a amplidão de construções teóricas de um único assunto, marcando aí a heterogeneidade da linguagem. Também pudemos observar, com este capítulo, a divergência marcante dos pesquisadores, traduzindo daí a ilusão que carregam algumas concepções científicas de respostas claras e objetivas a um determinado problema.

No último capítulo, abrindo para o trabalho específico de análise do discurso das mães de filhos autistas, definimos entradas discursivas que são significadas e ressignificadas nos dizeres sobre o autismo. Na primeira entrada, nossa escuta foi sobre suas infâncias, já que para este trabalho, o sujeito se posiciona a partir de arranjos sociais, históricos e culturais que significam o sujeito num processo encadeado de significantes, verificando especialmente uma forte identificação à mãe, que traz interdiscursivamente um efeito de contra-identificação ao pai, ao Outro, ao homem. Na segunda entrada, o discurso das mães é sobre a experiência da maternidade, em que dizem de uma insuficiência nesse papel, de contratempos e decepções, trazendo assim o efeito marcado, comprometendo, o uso do recurso simbólico e inflando os efeitos do imaginário, confluindo com o dizer sobre a relação mãe-bebê nos casos de autismo. E pelo rigor do método interpretativo de um “vai-e-vem”, de uma leitura das partes obscuras do dizer, flagramos as marcas subjetivas de cada uma das mães, que se movimentaram

discursivizando sobre a singularidade de suas experiências com seu filho autista, evocando assim os modos de ser daquele filho, ao dizerem das circunstâncias do nascimento desse filho, e do primeiro olhar, outro aspecto de grande importância aqui para nós. Na terceira entrada elegemos escutar os seus dizeres sobre o autismo, carregado nesse trabalho como efeito de doença, mas tentando abrir para a escuta de sentidos que vão além, em que pudemos escutá-las dizendo, antes de tudo, de um filho que, atravessado pelo discurso de um saber sobre, impõe a ela novos modos de significar esse filho após receberem um rótulo, um nome, uma resposta, uma sentença. Nessa entrada, solicitamos também que dissessem dos efeitos desse atravessamento na vida dessas mães, que aqui para nós ampliaram os modos de pensar o autismo.

Escutando essas mães, pudemos observar as consequências que podem trazer discursos (autorizados) não fundamentados, para inúmeros sujeitos de diversas gerações. Vimos também como esses sujeitos, na posição de mães, ficam paralisados pelo discurso autorizado de não saberem sobre seus filhos, reproduzem e contestam os dizeres da ciência sobre o autismo, representando-se paradoxalmente como sabedor e não sabedor de problemas de seus filhos, trazendo, mais uma vez aqui, o furo do saber da ciência, que sempre está presente, lembrando que este furo é a incompletude que cria possibilidade de produção de novos trabalhos. Assim, seguem-se processos de construção e ressignificação de teorias e dizeres. E, como fechamento, ressaltamos a importância e riqueza de trazer para o corpo teórico saberes outros que nos permitam percorrer caminhos diversos, não nos fechando ao saber legitimado da ciência, do qual somos membros representantes e ativos, tendo na teoria da Análise do Discurso a abertura para essa maneira de fazer ciência, supondo sempre um saber em cada sujeito, mesmo aquela que ainda não pode advir, uma aposta da qual nunca deveríamos abrir mão.

REFERÊNCIAS



Madona corpuscular – Salvador Dali (1952)

ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ALERINI, P. As mães de crianças autistas. Tradução de Ana Izabel Gomes Corrêa. In: LAZNIK-PENOT, M. C. (Org.) **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador: Álgama, 1994. (Coleção Psicanálise da criança: Coisa de criança, v. 1, n. 6)

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004. p. 11-80.

ÁVILA, L. A. Psicanálise, educação e autismo: encontro de três impossíveis. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. V. 3, n. 1, mar. 2000. Disponível em: <www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar0/1.pdf>. Acesso em 23 nov. 2009.

AZEVEDO, F. C. **A construção do lugar do analista na direção do tratamento com autistas na psicanálise**. 2006. Tese (Doutorado) — Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <www.psicologia.ufrj.br/teoriapsicanalitica/pdfs/tese_flaviaazevedo.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2010.

BARATTO, G. Da estruturação da imagem do corpo pela instância do olhar. In: KUPFER, M. C. M. (Org.). **Tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento**. Tradução de Maria Cristina Machado Kupfer e Inesita Machado. Salvador: Álgama, 2000. (Coleção Psicanálise da Criança: Coisa de Criança, v.1, n. 11).

BASTOS, F. S. A contribuição da universidade para a formação do sujeito moral. **Revista Práxis Educacional**. V. 4, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view/323>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BAZZO, W. A. O que é Ciência, Tecnologia e Sociedade. In: BAZZO, W. A.; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. (Eds.). **Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**. Madrid, Espanha: OEI, 2003.

BETTELHEIM, B. **A fortaleza vazia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BEYER, H. O. A Criança Com Autismo: Propostas de Apoio Cognitivo a partir da Teoria da Mente. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Org.). **Autismo e Educação: Reflexões e Propostas de Intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOSA, C.; CALLIAS, M. Autismo: Breve Revisão De Diferentes Abordagens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V. 13, n. 1, p. 167-177, 2000. Disponível em <www.salesianolins.br/areaacademica/materiais/posgraduacao/educacao_Especial_Inclusiva/FundamentosPsicológicoseBiologicos_Brevevisãodediferentesabordagens.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2009.

BOTTROFF, V. **Processo Cognitivo Social En Personas Con Desordenes Del Espectro Autista: Un Déficit De Teoria De La Mente.** Traduzido Por Finnemore, M. S. 2002. Disponível em <[Http://www.Autismo.Com/Scripts/Articulo/Smuestra.Idc?N=Bottroff](http://www.Autismo.Com/Scripts/Articulo/Smuestra.Idc?N=Bottroff)>. Acesso em: 30 jul. 2009.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Bárbara Catani. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BRIDON, D. **O autismo nos (des) caminhos da feminilidade:** o lugar da função materna na ocorrência de autismo infantil. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses /PPSI0101.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

CABAS, A. G. **A função do falo na loucura.** Tradução de Cláudia Berliner. Campinas: Papyrus, 1988.

CAIXETA, L; NITRINI R. Teoria da Mente: Uma Revisão com Enfoque na sua Incorporação pela Psicologia Médica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.1, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

COLLINS, H. M.; EVANS, R. The Third Wave of Science Studies: Studies of Expertise and Experience. **Social Studies of Science**. V. 2, n. 32, p. 235-29, 2002. Disponível em: <ss.sagepub.com/cgi/content/short/32/2/235>. Acesso em: 17 jun. 2009.

COURTINE, J. J. O chapéu de Clementis: Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) **Os múltiplos territórios da AD.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

CUEVAS, A. Conocimiento científico, ciudadanía y democracia. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología e Sociedad - CTS**, v. 4, n.10, p. 67-83, jan. 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex. mx/redalyc/pdf/924/92441006.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2009.

DE NARDI, F. S. A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005a. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/ doc/lingua/Fabiele.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2011.

_____. Identidade, memória e os modos de subjetivação In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso:** uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005b.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan.** Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. **O pai e sua função em psicanálise.** Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1991.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, E. (Org.). **A Leitura e os Leitores**. Campinas: Pontes, 1998. p. 201-208.

_____. **A trama enfática do sujeito**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2., 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sujeito/Maria_cristina.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2009.

FORTES, L. **Arruda: a fase do autismo**. 2009. Disponível em: <<http://brasiliaeui.wordpress.com/2009/12/>>. Acesso em: 12 jan. 2010

FREUD, S. Feminilidade. In:_____. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, 12).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In:_____. **A história do Movimento Psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, 14).

_____. Esboço de psicanálise. In: _____. **Moisés e o Monoteísmo três ensaios**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, 23).

_____. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira,10).

FURLANETTO, M. M. Sujeito epistêmico e materialidade do discurso: o efeito de singularidade. **Linguagem em (Dis)curso**. v. 3, 2003.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

GASPAR, N. R.; ROMÃO, L. M. S. (Org.) **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na ciência da informação**. São Carlos: Edufscar, 2008.

GINZBURG, C. Sinais, raízes de um paradigma indiciário In: _____. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

GRIGOLETTO, S. A noção de sujeito em Pêcheux: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. **Estudos da Lingua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1, jun. 2005.

HAROCHE, C. Individualização, Isolamento, Passividade: esboço da história das formas de disciplinarização do sujeito. In: HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso.** Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARINI, G. (Orgs.). **Práticas Discursivas e Identitárias.** Porto Alegre: Nova Prova editora, 2001.

JARDIM, G. Psicose e autismo na infância: impasses na constituição do sujeito. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.6, n. 10, 2001.

JERUSALINSKY, A. **A Psicanálise do autismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. Psicose e Autismo na Infância: uma questão de Linguagem. **Boletim Psicose Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, ano 4, n. 9, 1993.

_____. **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil: um enfoque transdisciplinar.** Tradução de Diana Myriam Lichteinstein et. al. 3. Ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

KANNER, L. Os Distúrbios Autísticos Do Contato Afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.). **Autismos.** São Paulo: Editora Escuta, 1997.

KUPFER, M. C. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online>>. Acesso em: 6 jun. 2009.

LACAN, J. **Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: _____. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Seminário 3: As psicoses.** Tradução de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LAZNIK-PENOT, M-C. **Rumo à Palavra: três crianças autistas em psicanálise.** Tradução de Mônica Seincman. São Paulo: Ed. Escuta, 1997.

LEBOYER M. **Autismo infantil: fatos e modelos.** Tradução de Rosana Guimarães Dalgalarrondo. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

LEITE, N. V. A. Só há Causa daquilo que Falha. **Estudos da língua(gem)**, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/.../article/.../18/23>. Acesso em: 20 dez. 2010.

LIMA, C. M. Clínica do autismo e das psicoses infantis. **Estilos da Clínica**. V. 6, n. 10, 2001.

LISONDO, A. B. D. Na simbiose patológica, uma concha autística para dois: na psicanálise, nasce o ser e a linguagem. In: GRAÑA, R. B.; PIVA, A. B. S. (Orgs.). **A**

atualidade da psicanálise de crianças: perspectiva para um novo século. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001

LOPEZ, A. L. L. **Reflexões sobre a Contribuição da Psicanálise no Entendimento do Autismo infantil.** Círculo Brasileiro de Psicanálise-Seção RJ, 2000. Disponível em: <www.cbp-rj.org.br/monografia01doc.doc>. Acesso em: 1 dez. 2010.

MARIANI, Bethânia. **O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989).** Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MELTZER, D. et al. **Explorations in Autism.** London: Karnac, 2008.

MILNER, J-C. **O amor da língua.** Tradução de Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

MUNDY, P.; SIGMAN, M. Specifying the nature of the social impairment in autism. In: DAWSON, G. (Org.). **Autism: New perspectives on nature, diagnosis, and treatment.** New York: Guilford, 1989. Disponível em: <www.portaleducacao.com.br/.../6801/autismo...>. Acesso em: 12 jul. 2009.

ORLANDI, E. P. Silêncio e Implícito (Produzindo a Monofonia). In: GUIMARÃES, E. (Org.) **História e sentido na linguagem.** Campinas: Pontes, 1989.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória.** Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do silêncio.** 4 ed. Campinas: Pontes, 2003.

_____. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. **Estudos da Linguagem,** Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun. 2005.

_____. **As formas do silêncio: nos movimentos dos sentidos.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

ORNITZ, E. M.; RITVO, E. R.; GAUDERER, E. C. Revisão crítica da literatura. In: GAUDERER, E. C. **Autismo e outros atrasos no desenvolvimento.** Brasília: CORDE, 1993.

PATTI, A. R. **Sentidos e sujeitos discursivos: filhos e netos do narcotráfico no movimento do discurso.** 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

PÊCHEUX, M. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Tradução de Bethânia S. Mariane et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da AD. **Cadernos de Tradução.** N .1, 2. ed., nov. 1998.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et. al. **Papel da Memória.** Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PETRI, V. **Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60.** 2006. Disponível em: <www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2010.

PREMACK, D.; WOODRUFF, G. Does the chimpanzee have a "theory of mind"? **Behavioural and Brain Sciences**, 4,1978. Disponível em <http://www.neurolab.UFSC.br/ensino/enq3235/2006_03_trabalhos/inteligencia.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2009.

ROCHA, P. S. Terror do mundo novo ou a interpretação autista do velho mundo. In: _____. (Org.). **Autismos.** São Paulo: Editora Escuta, 1997.

ROMÃO, L. M. S. **A folha impressa e eletrônica:** considerações sobre o sujeito. Ribeirão Preto, 2009.

_____. **O litígio discursivo materializado no MST:** a ferida aberta na nação. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.

SALÉM, P. **Relógio sem ponteiros, Um ensaio sobre Tempo e Autismo.** 1998. Disponível em <<http://www.rubedo.psc.br/Artigos/relogio.html>>. Acesso em: 6 out. 2010.

SAURET, M-J. A criança, o infantil, o sujeito. In: _____. **O infantil e a estrutura.** Tradução de Sílvia Sobreira. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.

_____. A Pesquisa Clínica em Psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 89-104, 2003. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642003000300009&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 fev. 2010.

SILVA, A. R. R. O mito individual do autista. In: ROCHA, P. S. (Org.). **Autismos.** São Paulo: Editora Escuta, 1997.

SINTOMAS do Autismo. Disponível em <<http://www.autista-no-lar.org/sintomas.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

SOUZA, L.; CORACINI, M. J. R. F. Conceitos de identidade, sujeito e linguagem em artigos do periódico “Trabalhos em Linguística aplicada” e contradições no discurso científico. In: CONGRESSO INTERNO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 14, 2006, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: <<http://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xivcongresso/cdrom/pdfN/452.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2010.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

STEFAN, D. R. Autismo e Psicose. In: LAZNIK-PENOT, M. C. (Org.). **O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas**. Salvador: Álgama, 1994. (Coleção Psicanálise da criança: Coisa de criança, v. 1, n. 6).

TEIXEIRA, M. O atravessamento pela psicanálise. In: FERREIRA, M. C. L. **Análise de discurso e psicanálise: uma estranha intimidade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

TELLES, C. M. A; ROMÃO, L. M. S.; GASPAR, N. R. O discurso jornalístico sobre o autismo: movimentos do sujeito dentro, do lado de fora. **Linguagem**, v. 11, 2009. Disponível em: <www.letras.ufscar.br/linguagem>. Acesso em: 15 jan. 2010.

TENDLARZ, S. E. **De qué sufren los niños?: Las psicosis en la infancia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1996.

TUSTIN, F. **Autismo e psicose infantil**. Rio de Janeiro: Imago: 1975.

_____. **Barreiras autistas em pacientes neuróticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ZANDAWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ANEXO I
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que está sendo feita aqui na “Escola Municipal Maria Lúcia de Oliveira” para, a partir do relato da história de suas vidas, buscarmos novas contribuições para o problema de seu filho. Esta pesquisa tem por título **“O(s) Obscuro(s) Dizer(es) de Sujeitos e a Inscrição Social da Família”**. Se você concordar em participar da pesquisa, lhe será pedido que responda algumas questões. Isto deverá durar em torno de uma hora. Você poderá se recusar a participar da pesquisa, em qualquer etapa de seu processo. Sua participação na pesquisa ocorrerá a partir da autorização de gravação das entrevistas em aparelho MP3, posteriormente transcritas e analisadas. Das entrevistas transcritas, serão selecionados recortes discursivos, que comporão o material da análise que norteará a pesquisa. Caso você concorde, todas as informações que possam ajudar na sua identificação serão omitidas do trabalho final, para preservar sua privacidade e garantir o sigilo das informações. Esses dados não serão transmitidos a nenhum profissional que atenda seu filho, e não irão interferir no tratamento dele. Por outro lado, as informações que você puder nos dar, juntamente com as de outras mães que participam do estudo, poderão nos ajudar a compreender o que se passa na relação mãe-filho, do ponto de vista da mãe. Isto poderá trazer benefícios para outras pessoas em situações semelhantes a que você enfrentou e trazer mais elementos para profissionais que trabalham nessa área, além de contribuir para o conhecimento do desenvolvimento humano.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

CYNARA MARIA ANDRADE TELLES
Rua Ceará, 2005 ap. 02 – Ribeirão Preto – SP
Fone: (16) 3236-0652

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luís, km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13565-905 – São Carlos – SP – Brasil Fone (16) 3351-8110. Endereço Eletrônico: cephumanos@powerufscar.br

São José do Rio Preto, de de 2009

Assinatura do sujeito da pesquisa

ANEXO II

Roteiro de Entrevista Semi-Dirigida

- 1 - Dados pessoais
 - a) Nome da mãe
 - b) Nome da criança
- 2 - Número de filhos (sexo, nome e idade).
- 3 - Quais são suas lembranças da infância?
 - 3.1 - De seu pai?
 - 3.2 – De sua mãe?
 - 3.3 – De seus irmãos?
- 4 - De quais brincadeiras gostava?
- 5 - Como se recorda de sua adolescência?
 - 5.1 - Tinha projetos pessoais e profissionais?
- 6 - O que significa para você ter filhos?
- 7 - O que significa este filho em especial?
- 8 - Como foi a gravidez?
- 9 - Quais foram as circunstâncias de seu nascimento?
- 10 - Como ocorreu a escolha do nome?
- 11 - Como foram as primeiras impressões ao ver seu filho?
- 12 - Como estava seu casamento nessa época?
- 13 - Como recebeu o diagnóstico?
- 14 - O que mudou em sua vida após este acontecimento?
- 15 - E hoje, como está sua vida?

ANEXO III

ENTREVISTA 1

E. S. O. Idade: 28anos
 Nascimento: 05/05/1981 Estado Civil: amasiada
 N° de filhos: Dois

Explicações quanto ao objetivo da pesquisa

P: Eu gostaria de saber que recordações você tem da sua família.

E: Como assim?

P: Quero saber como era, que recordações você tem, como era onde você morava, como era a convivência com a família...

E: Era na B, e... precisa falar o nome da cidade?

P: Você que sabe

E: Morava em G – B

P: Como?

E: G – B

P: G?

E: É. Convivência boa, né! Não era muito boa porque meu pai bebia pinga (em tom mais baixo)

P: Bebia o que?

E: Cachaça (Risos)

P: E como ele ficava quando ele bebia?

E: Ah! Ficava às vezes estressadinho, às vezes valente.

P: Estressado... Como assim?

E: Bravo, né... (pausa). Fora isso era bom (silêncio).

P: Ele agredia vocês?

E: Não, quando ele pegava pra batê, nós corria mais que ele.

P: Quantos irmãos eram?

E: Era seis comigo.

P: Qual a posição do seu nascimento: primeira, segunda?

E: Eu sou a penúltima.

P: E da sua mãe, qual a lembrança que você tem?

E: Ai, é boa. Minha mãe é super boa.

P: É? (Silêncio) O que você lembra de coisa boa da sua mãe?

E: Ah!... É tudo né, tudo de bom. Na hora de apanhá do pai, a mãe apóia a gente.

P: Ela apoiava vocês?

E: Apóia né. A mãe é bom em tudo, passava fome prá dá pros filho.

P: E vocês passavam necessidade?

E: Passava... (silêncio)

P: E a convivência com seus irmãos, como era E...?

E: Quando era pequeno?

P: É.

E: Briga, né

P: Mas só brigavam?

E: Não, brincava também. Trabalhava. Ia pegá frete junto.

P: O que é pegar frete?

E: É quando fazia compra na fera, a gente tinha o carrinho de mão e ia levá na casa das pessoas.

P: E a partir de que idade você fez isso?

E: A partir de cinco anos.

P: Novinha, hein?

E: É.

P: E o que você achava de fazer isso tão novinha?

E: Achava bom, porque tinha que ajudar minha mãe.

P: E você não tinha vontade de brincar, às vezes, em vez de fazer isso?

E: Brincava porque... de noite.

P: Brincava de noite?

E: É.

P: E você ia na escola?

E: Ia.

P: Que horário?

E: Estudava na parte da tarde. E o frete era de segunda e quinta.

P: E você parou de estudar?

E: Parei.

P: Em que série?

E: Parei na quinta, aqui, né! (inaudível)

P: Lá você parou de estudar em que série?

E: Terceira.

P: Você lembrando da sua família de uma maneira geral, sem ser separadamente do seu pai, da sua mãe, dos seus irmãos, como você se lembra?

E: Como assim?

P: A convivência familiar, como é sua lembrança?

E: A lembrança é que ficava mais na rua que em casa.

P: Ah é?

E: Quando não tava na rua tava em casa, quando não tava em casa, tava na rua.

P: Por que você preferia ficar na rua?

E: Ficava mais na rua pra comê.

P: E as pessoas te davam comida?

E: Dava. Eu lavava prato e ganhava comida (inaudível).

P: E que brincadeira você gostava?

E: Pulá corda... Brincá de escondê... Brincá de ficá cantando na rua...

P: Cantando?

E: É

P: Você brincava bastante?

E: Brincava

P: E como era sua saúde, ficava doente, não?

E: Não, eu nunca fiquei doente não.

P: E quando você começou a adolescência, como foi? Ficou mocinha, menstruou? Tinha paquerinha?

E: Não, não tinha paquerinha, não. Era só o pai dos meus filhos...

P: Ah, é? Como é que foi? Ele era de lá também? Vocês vieram pra cá juntos?

E: É, eu vim na frente e ele atrás?

P: Com que idade você começou a se relacionar com ele?

E: 13 anos...

P: E como foi?

E: Foi bom.

P: Só isso?

E: E, sei lá... normal. Não tem o que falar.

P: Você gosta de lembrar dessa fase, era uma recordação boa, não era?

E: Era boa...

P: Era? Você gostava dele, o coração disparava?

E: Era, gostava.

P: Quem se aproximou de quem?

E: Ah! Ele.

P: Então você só teve ele?

E: Só, com 13 anos já me amarrei.

P: Como assim, se amarrou?

E: Fique com ele, e ainda tô morando com ele.

P: Você já foi viver com ele?

E: Não, foi com 15.

P: Como você via esse relacionamento, como uma nova oportunidade, ou porque você gostava dele mesmo?

E: Porque eu gostava e uma nova oportunidade.

P: Os dois?

E: É, pensei que ia ser bom, mas me enganei.

P: E como foi pra sua família?

E: Não, foi bom. Só uma irmã minha mesmo que não gostou. Ela invocava com todo mundo.

P: Que irmã é essa?

E: A mais velha.

P: O... como se chama seu marido?

E: Joselito.

P: O Joselito freqüentava sua casa antes de você engravidar?

E: Freqüentava.

P: Os seus pais gostavam dele?

E: É, falava: Joselito olha o que você tá fazendo meu filho... e eu não ouvi.

P: Então eles não apoiavam muito?

E: Não muito.

P: Você sofria alguma punição por causa disso?

E: Não.

P: Você fazia algum plano para sua vida, como trabalho... (interrompe).

E: Fazia.

P: Qual era?

E: Quando assim?

P: Na adolescência, nessa época aí?

E: Eu, quando cheguei aqui em Rio Preto, comecei a trabalhar. Eu cheguei grávida, mas eu não sabia que eu tava grávida.

P: Ah, tá.

E: Aí, eu comecei a trabalhar numa lanchonete, uns dois meses. Aí, a mãe descobriu que eu tava grávida, mandou embora, né.

P: Você não sabia que não podia ser mandada embora?

E: Eu não.

P: Mas agora você sabe, né?

E: Acho que por isso que mandou embora: de menor, 15 anos, grávida também. Aí eu pensava assim: na hora que eu tivesse meu filho, botava numa creche, mas aí, depois de um ano e cinco meses que eu tava... que eu tinha ganhado ele, eu fiquei grávida do outro.

Aí eu falei: na hora que eu ganhá esse também, vou por numa creche... só que mudou tudo. Eu... tentei por ele na creche.

P: Então você sente falta de um trabalho?

E: (silêncio) Sinto. Eu tentei por ele na creche, ficô dois dias, aí eles não quiseram aceitá ele. Aí, como arrumo emprego? Aí, veio a dificuldade, pior que a que eu vivia na B. Veio aquela preocupação... tinha desespero. Aquela fase de pedi coisa na rua. E ele chorá e tudo, não tinha nada pra dá. Aí eu entrei em desespero... Eu tinha vontade de largá ele abandonado e sumi. Aí teve um dia, ele tinha quase quatro anos. Eu pedi a Deus prá dá uma mudança. Aí foi uma muié lá em casa, falô da Renascer, ela trabaiava lá ...aí ela arrumô prá mim nessa escola. Aí depois eu conversei com ela, falei da situação. Aí ela foi lá e arrumô os papéis lá pra ele recebê o benefício. Aí ela arrumou o benefício. Aí eu falei prá ela do meu marido, aí ela falô: “fica entre você só. Cê não precisa falá prá ele que recebe isso aí”. Até eu peguei e... até hoje tô recebendo graças a Deus. Não falta nada lá em casa. Menino tem ropa, tem sapato, tem tudo.

P: E o que te fez vir pra cá?

E: Minha irmã veio, meu pai veio, todo mundo veio pra cá.

P: E hoje, você acredita que dá pra arrumar um trabalho, agora que teu filho tem escola?

E: Eu não acredito que não dá tamém, porque ele sai de casa 06h20min, aí chega lá meio dia, meio dia e pouco. Aí, que serviço eu arrumaria pra chegá em casa meio-dia eu já tá lá em casa e pegá ele?

P: Só se fosse meio período, né?

E: Então, mas e quem quer empregada doméstica meio período?

P: Passar roupa, lavar roupa...

E: Então, aí sim se eu arrumasse eu queria, mas prá arrumá emprego não dá. Aí eu fico meio perturbada, sei lá, eu fico pensando assim, se um dia chegá e cortá (refere-se ao benefício).

P: Mas o benefício é para seu filho, não é para você. Não é porque você recebe o benefício que você não pode trabalhar.

E: Perde sim. O pai dele não sabe que ele recebe o benefício. Ele tem uma vida desregrada...

P: Como assim?

E: Ele não quer nada com nada. Se ele ganha quinhentos real, ele me dá cem e fica com o resto (inaudível). Então, por exemplo, se eu tivé trabaiando registrada, ele não vai catá? Se ele soubé ele vai catá tudo.

P: Eu acredito que você não perde o direito. Converse com a Lucilene (Assistente Social) para saber direito... (interrompe)

E: Então, mas eu, veja essas mãe que sai prá trabaiá, deixa os filho com os outro... eu acho que quem cuida é só a mãe mesmo. Se tá doente, se não tá.

P: Mas o filho preciso da ausência da mãe também, sabia?

E: É, eu sou meia que grudada nele.

P: É, sei... O que significa pra você ter filho?

E: Nossa, é bom, né... bom demais.

P: E o fato de você ter que abrir mão de várias coisas pra cuidar dos filhos, como é pra você?

E: Ah, já acostumei, já. Eu penso só nisso mesmo. A gente planeja de um jeito, acontece de outro.

P: Como você planejou?

E: Quando era pequeno, por na creche... i na escola, aí o outro tamém vai... (inaudível)

P: O que significa o B prá você?

E: Ah! O B significa tudo, né... Já acostumei tanto que quando vejo ele quietinho ali, fico assustada.

P: Ele não é quietinho?

E: Não, não é quietinho não, quando tá quieto, tá doente.

P: Então você fica muito atenta a ele, o tempo todo?

E: Fico!

P: Como foi o nascimento dele? O que você lembra? Da gravidez...

E: Ah! Foi uma gravidez tranqüila, né. Eu só ia no hospital prá fazê o pré-natal dele. Depois na hora de ganhá fez cesária (inaudível).

P: E como foi, você foi com quem?

E: Fui pro hospital, fiz cesária, fiquei três dias no hospital, normal. Eu só senti mesmo que o B tinha alguma coisa, com dois anos. E aí, a médica do posto falô que tinha alguma coisa, que isso não era normal, porque ela também tinha filho e não era assim.

P: Me fale uma coisa, quem ficou com você no hospital, quando ele nasceu? Alguém ficou? Alguém te levou para o hospital?

E: Minha irmã me levô.

P: E quando viu ele pela primeira vez, o que pensou?

E: Eu achei estranho porque eu tava esperando uma menina. Eu falei: esse aí não é meu filho, não, eu ia tê uma menina não era?

P: Falaram que você ia ter uma menina?

E: O povo que falava: “pela barriga é uma menina”.

P: Você desejava ter uma menina? Preferia ter uma menina?

E: É...

P: E o seu marido te acompanhou? Ficou de longe, ficou de perto, durante a gravidez, nascimento, parto? Como tava o casamento nessa época?

E: Ele não tá nem aí...

P: E a escolha do nome do B, como foi feita?

E: Ele que escolheu. Ele não ia por B, mas ele esqueceu na hora, aí foi B, mesmo.

P: Ele esqueceu o nome?

E: Ele ia por Jonatan.

P: E você não quis opinar sobre o nome?

E: Não, é que eu escolhi o do primeiro, então ele escolheu o do segundo.

P: Então ele participou pelo menos da escolha do nome?

E: Mais fácil, né? (Risos).

P: Sobre o parto, você não lembra de nada diferente? Dor?

E: Não.

P: Você ficou acordada durante o parto?

E: A enfermeira aplicô um negócio na gente...

P: Dormiu durante o parto?

E: É. Ah! ah!

P: Foi rápido?

E: Não foi não. Eu cheguei lá, fiquei um bom tempo no hospital.

P: Você tava em trabalho de parto?

E: Tava, mais aí eles viru que não ia tê jeito mesmo, aí eles resolvero fazê.

P: Você disse que percebeu que tinha algo de diferente nele com dois anos?

E: É, eles falava prá mim, mas eu não queria enxergá.

P: Ah, então você percebia que tinha algo de diferente, mas você mentia pra você mesma, é isso?

E: É, porque ele corria, passava correndo, e ele era um pouco diferente, né... pra mim ele não tinha nada.

P: E quando você se lembra de algum pensamento rápido que tinha alguma coisa de diferente nele?

E: Foi quando ele tinha uns dois aninhos e teve o aniversário do meu filho, e todo mundo ali, ele botou a mão no ouvido e começou a girar... quando fala alguma coisa prá ele assim, parece que ele era surdo. Falava alguma coisa, ele continuava ali, parece que não tava falando com ele.

P: Mais alguma coisa que você se recorda do nascimento dele: como você ficou, como você estava, estava triste, preocupada?

E: Eu tava conversando com ele sobre isso (inaudível a quem se referia) e ele perguntô pra mim se eu era feliz cem por cento, mais ou menos, aí eu falei: “mais ou menos”. Aí ele falô: “mais prá mais, ou mais prá menos?” Aí eu falei: “mais pra mais, feliz, não tem aquela felicidade”.

P: Bom, aí você falou que alguém te falou que ele tinha algum problema ...

E: É, mais aí eu não quis acreditá ainda.

P: Hã, quando foi isso?

E: No postinho de saúde quando eu levei lá.

P: Você levou ele por quê?

E: Não, tava dando vacina, lá.

P: E aí? Aí você não acreditou. Aí mandaram você...

E: Procurá... Aí já me deru um encaminhamento pra ir na escolinha lá. Aí eu fui lá na escola, eu levei aquele susto que ele tinha alguma coisa. Aí me deu um encaminhamento, eu fui pra fazê avaliação na APAE. Aí lá na APAE falaro que ele tinha isso aí, né (tom de voz muito baixo).

P: E aí, como foi que você recebeu essa notícia?

E: Aí, eles falava que era autismo, eu não entendia o que era autismo. Eu falava, é uma doença? Não, ele fica fechado em seu mundo. Aí ela foi me explicando. Aí até hoje eu não entendo direito.

P: Você ainda não entende direito? O que você não entende?

E: Assim, ele pega o pano assim, e faz assim (põe entre as pernas e bate palma) e gritando ahahahahaha. Então sei lá, né. E eles falaro que não tem tratamento, né?

P: Não tem cura na verdade.

E: Não tem cura.

P: Tratamento tem, por isso que ele é tratado aqui.

E: Então, mais ele continua assim.

P: Mas ele não deixou algum hábito?

E: Então, ele dexô o hábito de ficá assim (faz o gesto de tampar os ouvidos), tampando o ouvido. Agora ele morde o dedo e põe, sei lá, qualquer coisa, um pano entre as pernas.

P: É que é muito diferente do jeito da gente, né?

E: Então, ele escovava o dente toda hora. Ele não podia comê alguma coisinha, que ele ia direto escová o dente. Agora ele parô. Agora ele toma banho. Quase seis banho por dia. Então, qué dizê, ele parô de escová o dente toda hora, pra tomá banho toda hora.

P: Mas você não percebeu nenhuma mudança nele, como assim: algum tipo de birra? Não é assim? Agora ele já tá grandinho, né?

E: Eu pensei assim, que no que ele ia crescendo, ia mudando. Igual muitas mãe dizia: “aí quando meu filho era pequeno, eu saía com ele, ele corria, corria. Agora ele fica queto”. E ele tá aqui assim (referindo-se à escola).

P: Quanto tempo faz que ele tá aqui?

E: Três ou quatro anos.

P: Foi a primeira escola que ele começou a freqüentar?

E: Não, ele ia na Renascer.

P: Ah é, você falô. E por que você parou de levar ele lá?

E: É porque tinha um psicólogo lá que atendia as mães e ele começô a falá que aquele atendimento que dava lá não era pra ele. Que era assim, era no pátio, arrastá pneu, tambor. Então ele não ficava parado um minuto. Aí ele falava que melhor prá ele era uma escolinha prá ele ficá sentado. Porque na Renascer mesmo, ele ficava na sala só uma hora. Quatro hora ele tava no pátio... Aí teve uma mãe na Renascer, saiu e veio prá cá. Aí ela me deu o telefone daqui, aí eu vim pra cá.

P: Depois de tudo isso que aconteceu na sua vida: mudança, casamento, filhos, projetos pessoais, o que mudou na sua vida?

E: Não dá nem pra pensá o que mudou na minha vida, porque... eu era muito nova ainda.

P: Você acha que foi fazendo sem pensar muito?

E: É, eu só não me conformo porque não era o que eu esperava.

P: Então você esperava alguma coisa?

E: Esperava, porque quando eu era pequena, eu sempre prometia prá minha mãe, quando eu crescesse, eu ia trabaiá e ia ajudá ela.

P: E assim como sua mãe, que não podia trabalhar para cuidar de vocês, você não pode trabalhar porque tem que cuidar de seus filhos, é isso?

E: É...

P: Você se sente culpada por isso?

E: Ah, eu acho que não. Eu não me sinto culpada não. Eu só não entendo, né. Um monte de gente tem oportunidade de fazer o que eu queria fazê e não faz, não tá nem aí.

P: E o que você queria fazer é trabalhar, ou não, tem mais coisa?

E: Não, eu queria, o que eu mais queria é ajudá minha mãe, que o B fosse na escola, não precisasse de tanto cuidado (inaudível). O que eu mais queria, eu sei lá. Agora as coisas tão boas prá mim. Não falta mais nada na minha casa. O que eles precisa, eu dô.

P: Só com o dinheiro dele você consegue?

E: Consigo. Porque eu comigo mesmo eu não gasto com nada, só comida mesmo e roupa prá eles. Eu não durmo á noite mesmo acho que é medo.

P: Você não dorme à noite?

E: Não, eu fico pensando... meu medo mesmo é ter a vida que eu tinha de primeiro...

P: Você passou fome aqui?

E: Sim, quando ele... quando eu tentei por ele na creche era... e não conseguia... Quando ele era pequenininho, era mais fácil pra lidá, depois foi crescendo...

P: Por que não deu certo na creche?

E: Isso porque ele era diferente, porque ele não sabia falá... não sabia pedi... Ele corria muito lá dentro, ele catava as coisas das crianças.

P: Mesmo assim, você não acreditava que tinha alguma coisa de diferente?

E: Não. Aí eu comecei a ficá preocupada. Aí eu fui procurá ajuda, mas aí nessa ajuda tudo eu tinha que dá um jeito. Pra levá na escola, eu tinha que levá na escola. Prá levá na escola, tinha que ficá com ele. Eu que tinha que trabaiá com ele na escola. Aqui também, todo dia ele sai de casa às 06h20min e onze hora eu tenho que tá em casa.

P: Sua mãe mora aqui?

E: Mora.

P: Ela não te ajuda?

P: Ajuda quando ela pode. Mas tem uma vida difícil, ela tem problema de vista.

P: E com relação a seu marido, o que você pensa...

E: Então, ele tem, hummm, vinte dias que não falo com ele. E porque ele tá lá comigo.

Ele foi embora uma vez pra B, aí o B ficô doente, ficava chamando ele direto.

P: Então você fica com ele por causa do B?

E: É. Uma vez ele saiu prá procurá serviço e demorô pra chegá. O B ficô chamando ele direto. Ele fica falando: vem paí vem paí.

P: Então ele sente falta do pai?

E: Ele sente falta.

P: Ele dá atenção?

E: Ah, ele brinca com ele aí. Tem aquela coisa também que ele não entende que ele tem problema. Pra ele, ele só tá demorando pra falá, ele não tem nada. Mas ele fala mesmo a hora que ele qué falá.

P: O que ele fala?

E: Fala tudo.

P: Ele fala?

E: Teve uma fase que ele não falava, agora ele fala.

P: Uma palavra que você lembra?

E: Ele fala mãe, ele fala pai, ele fala Dudu pro irmão dele.

P: Frase não? Uma frase: eu quero água.

E: Fala.

P: Fala também? Então ele melhorou?

E: Melhorou.

P: Na fala ele melhorou?

E: Na fala ele melhorô bastante, agora no agitação... Ele cresceu bastante, e agora tá ficando difícil. Ele tá com 10 anos e tá do meu tamanho já.

P: O que você acha que é necessário para o seu filho, importante?

E: Necessário?

P: É, algo que seja necessário pra ele?

E: O que ele tem?

P: É, o que você acha que é necessário que ele tenha?

E: (Silêncio) A escola, né? Eu tenho vontade de ir embora, mas penso na escola que lá não tem.

P: O que você acha que vai encontrar lá?

E: Nada. Eu vim pra cá, pra vê se eu encontrava um emprego, não deu certo... Lá não tem essa escola, a única escola que tem é a APAE.

P: E a sua família, não tá toda aqui?

E: Tá, mas minha mãe tá com vontade de ir embora. Porque prá ela também...

P: O que te ajudaria a lidar com ele? O que você acha que te ajudaria a cuidar dele? Você fala: “eu preciso estar em casa a hora que ele sai, a hora que ele chega” Você fala de uma situação que ele precisa de muita ajuda sua. Você pensa numa saída prá essa situação?

E: Ah, se ele fosse assim uma criança mais calma, se não fosse tão agitado... (silêncio).

P: E um apoio sem ter que mudar ele, sendo do jeito que ele é?

E: Ah, se o pai dele ajudasse ia ser um grande apoio.

P: Você cobra isso dele?

E: Cobro, mas é aquele negócio, se quiser tem que ser assim.

P: E isso, desde que nasceu o B?

E: Não, já era assim já. Sabe assim, fala e não escuta. Mas aí ficou mais difícil.

P: Quando ficou mais difícil?

E: Ele sempre foi assim, mas eu planejava saí dessa.

P: Separar?

E: É, mas eu já tentei uma vez, mas o menino chorava muito, ficava chorando.

P: E ele voltou por causa do B?

E: Voltô. Minha irmã queria ir lá na B levá o B, eu não, ele não ia cuidá.

P: Mas ele podia falar que não ia voltar. Você não pensa nisso?

E: Eu penso, mas ele não tá nem aí... Pra ele do jeito que tá bom.
P: Quando você estava grávida do B, como era?
E: A mesma coisa.
P: Você se sentia mal com isso?
E: Não, pra mim eu não ligo.
P: Quando você estava grávida, disse que achava que era uma menina, não quis saber o sexo?
E: Não. Porque no lugar que eu ia fazê tinha que pagá, mas agora ele faz de graça, né.
P: O que você considera necessário para o seu filho?
E: Tudo, qualquer coisa.
P: O que ajudaria você e sua família a lidar com ele?
E: Eu queria saber mesmo por que ele é agitado. Quando ele qué falá, ele fala. Se pergunta alguma coisa pra ele, ele não fala.
P: Ele fala quando ele quer?
E: Então, mas prá gente ele fala. Estranho, eu tenho que falá prá ele, prá ele falá (inaudível).
P: Então você gostaria que ele fosse menos agitado...
E: Não, falá ele fala. Assim tá bom.
P: E pra você, o que você gostaria?
E: Ah, prá mim gostaria que tivesse uma alegria lá em casa, mas pelo jeito...
P: O que você pensa quando diz: uma alegria lá em casa?
E: É, porque eu tava pensando, quando eu tô conversando com o pai dele, qualqué coisinha, tá brigando. Quando eu não tô conversando, prá mim é melhor.
P: Então, o que te daria alegria é ter um relacionamento melhor com ele?
E: É... ou então... ou então, sei lá, cada um pro seu lado.
P: Você tentou conversar?
E: Não dá.
P: Ele não conversa?
E: Não conversa. Porque eu penso se ele for embora, o Anderson vai chorá, mas uma hora ele pára.
P: E não tem possibilidade dele ir embora, mas não ir embora prá B?
E: Não, porque ele não tem ninguém.
P: Morar num outro lugar?
E: Não, ele não tem uma cabeça assim, e ir atrás...
P: Você acha ele estranho?
E: É, ele é estranho.
P: Ele é meio criança?
E: É, ele é criança. Vai fazê trinta e oito mais não tem cabeça... Se comê arroz e feijão, tá bom.
P: Ele não tem ambição.
E: Não tem.
P: E você não vê possibilidade de vocês viverem bem?
E: Ah, acho que não.
P: Você considera ele seu marido?
E: Eu não, eu já passei tanta coisa que...
P: Vida íntima você não tem mais?
E: Não, já tem um tempão. Ele é muito ignorante.

Agradecimento e finalização.

ENTREVISTA 2

M. R. F. S.

Casada

Filhos: Dois. “Parece gêmeos os dois”

P: Quais as lembranças que a senhora tem da sua infância?

E: Da minha? Nooossa... A gente morava no Paraná, a gente morava na chácara dum tio meu. Minha mãe toda vida trabalhou em roça, né... E eu ficava em casa com a minha irmã mais velha, ou quando a minha mãe levava a gente na roça né... Foi assim, aí... Lembro da minha Primeira Comunhão que foi aos sete anos. Foi gostosa, sabe? Foi gostoso. Não tinha colega prá brincá, não tinha não. Eu era sozinha.

P: Por quê?

E: Porque é sítio, né, um longe do outro, e nem os outros tinham colegas. Eu tinha convivência com os meus sobrinhos. Fui mãe dos meus sobrinhos. Aí foi gostoso. Aí nos mudamos aqui prá Rio Preto com meu pai, era do meu pai. Aí era sítio também. Aí eu ia numa escolinha. Era muito longe prá i na escolinha. Era perigoso, muito longe. Era perigoso. Não é que tinha bandido, mas era assim perigoso mesmo. Pessoas assim, que roubava os sítios assim, né? Então a gente tinha medo. Eu também não tinha amiga. (Inaudível) Nove irmãos, família muito grande. Meu pai fazia feira, e minha mãe ia prá horta com minhas irmã. Minha irmã ia trabalhá na cidade de doméstica. E minha outra irmã ficava na chácara. Eu então cuidava da casa. Novinha, cuidava da casa, da criação do gado, né, catá capim. Tuudo era comigo.

P: Desde que idade você trabalhava com isso?

E: Desde pequenininha, desde os seis anos eu já limpava tronco de café.

P: Limpava tronco, o que?

E: Limpá tronco, é, que cai do tronco, você faz assim prá podê rastelá, sabe. Iii mia fia. Iii, e depois eu fui prá escola. Eu fiz a terceira série, fiz a quarta né.

P: Gostava?

E: Eu era a melhor em matemática. Eu sempre fui a melhor. Aí eu fiz a quinta série. Aí quando eu fui fazê a sexta série, aí eu tive que trabalhá, não deu mais. Meus pais de idade (...). Mas foi bom, sabe... Trabalhei, trabalhei muito, na cidade de costureira.

P: Como era o relacionamento com sua família?

E: Era bão, muito bão. A mãe sempre foi aquelas mãezona, amorosa. O pai sempre foi muito quieto, sabe? Eu me lembro uma vez que ele me bateu. Foi porque eu respondi prá uma cunhada minha. Não sei o que ela falou, eu respondi prá ela, chorei muito; tem que se conformá. E meu pai me pegô, eu me lembro. Eu lembro, eu tinha sete ano. Ele me pegô, me deu um par de tapa. Eu nunca me esqueci. Primeira e última vez que ele me bateu. E minha mãe às vezes dava uns peteleco, mas a gente corria né. Mas foi gostoso minha turma lá. Chegava à noite jogava tômbola. Aí foi gostoso. Não se falava de criminalidade, de violência, não tinha medo, assim, nada. Hoje a gente vive com medo. Hoje chega á noite, a gente não sai de casa. Eu lembro, lá a gente ia longe, não tinha medo.

P: E a vida financeira, como era?

E: Ah, sempre foi bem, não tinha falta de nada, era fartura. Tinha chácara. Quando morava no Paraná, era alugada, a casa do meu tio. Aí depois viemo prá cá, todo mundo foi casando, casando. Ficô eu e minha irmã. Aí depois viemo prá cidade.

P: Com que idade?

E: Fui pro Paraná com onze meses e voltei com doze anos. Mas quando eu vim morá prá Rio Preto, eu morava na chácara né, eu tinha dezoito anos. Nunca tinha namorado com

ninguém, nada. Depois aos vinte anos que eu fui ter o meu primeiro namorado, saí um pouquinho de casa, sabe assim? Aí aos vinte anos fui num baile assim com as amigas, tinha uma irmã solteira ainda, né, a gente ia. Minha mãe deixava porque minha irmã ia... dançava quadrilha. Eu era do grupo de jovens do Perpétuo Socorro, era do Grupo de Maria, do Grupo de Jovens, então a gente ia lá no canal oito rezá. Eu me diverti muito, eu ia no cinema, com as amigas, era bem gostoso, mas nem pensava em casá. Aí aos vinte sete anos... , vinte cinco, vinte cinco anos eu conheci meu marido.

P: Então não tinha nenhum namorado?

E: Não, eu namorava, mas nada sério com ninguém não. Nunca quis não. Eu queria sê frera, eu queria sê frera, não queria casá não.

P: Começou a namorar com que idade, mais ou menos?

E: Ah! Eu já tinha dezenove anos.

P: E essa fase de adolescência?

E: Foi boa. Não tenho o que reclamá, foi ótima. Nada de faltá coisa, era fartura. Amizade eram poucas que a gente tinha, mas só se encontrava aos sábados no baile. Aí era gostoso tamém. Eu nunca queria nada sério com ninguém não. Mas foi gostoso, tanto a minha infância, quanto a minha juventude, eu aproveitei mesmo, aproveitei minha vida, era gostoso, eu era puxadora de terço. Com quinze anos eu fui catequista, eu dava aula de catequese. Sempre foi boa.

P: Não lembra de nenhum problema de saúde?

E: Não. Tinha tiróide só. Tive convulsão aos vinte um anos. Eu tomei três anos remédio, depois acabô, nunca mais deu nada, graças a Deus. O meu sofrimento foi depois de casada porque meu marido era alcoólatra.

P: Vamos voltar. Como foi o namoro com ele?

E: Ah! O namoro foi bom. Nós dois já com uma idade boa, a gente tinha. Eu não tinha tempo prá namorá, ia prá quermesse. Ele, todo mundo que ele namorava não dava certo. Aí quando ele me conheceu, ele falou: “vai ser essa mesmo”. Aí ele pegou no meu pé até que não teve jeito. Eu não gostava muito dele não. Aí eu quis terminá com ele. Aí ele falô: “se você não casá comigo, não casa com mais ninguém, porque se você casá com alguém, você vai ficá viúva na porta da igreja, porque eu te mato na porta da igreja. E eu não sei, eu fiquei... eu pus aquilo na cabeça, mas eu tava gostando dele já. Aí minha mãe falô prá mim: “ele gosta tanto de você, você tem que gostá de alguém prá casá, você não vai tê pai e mãe o resto da vida”. Aí eu falei: “é mesmo né mãe”. Aí eu fui aprendendo a gostá dele. Ele me respeitô até o meu casamento. Eu tinha medo assim, de cara que aproveitasse de mim, largá. Eu via tanto acontecê, né. Aí eu tinha medo. Aí eu falei: “você qué casá comigo, vai tê que respeitá”. E foi isso, ele gostava muito, gosta ainda. Fez tudo minha vontade, né, tudo certinho. Ele largô a bebida. Foi onze anos depois que eu casei que largô a bebida.

P: Logo depois que vocês casaram que ele começou a beber?

E: Não, ele bebia antes já. Ele tava começando antes, né. Eu falava “eu vô tirá esse vício dele”. Aí nós casamo. Aí ele trabalhava na Cafealta mas ele bebia, aí não parava em serviço. Aí veio o D, primeiro filho. Eu tive problema na primeira gravidez. Eu tive diabetes né. Eu tive diabetes na gravidez. Na minha gravidez ele começou a piorar. Ele começou a faltar do serviço, perdeu o emprego, a minha situação começou a ficá mais difícil. Eu não podia trabalhá.

P: Antes de casar, você fazia planos de trabalho?

E: Como assim?

P: De ter um trabalho, uma profissão?

E: Não. Eu era muito amante de pai e mãe nessa idade. Eu não pensava nem em casá prá não deixá eles. Eu era muito casera, muito amante a eles. Eu tinha dó. Eu falava: “não vô

casá prá não deixá eles”. Eu nuuunca quis sabê de namoro firme prá casá por causa dos meus pais, principalmente com a minha mãe. Eu era muito assim, é... sabe, nunca teve briga em casa, essas coisas

P: Você era mimada?

E: Ôôô, fui muito mimada, não só pelo meu pai e minha mãe, mas por minha irmãzada toda. Me mimavam demais. A minha mãe me fazia bala à noite prá me dá. Por isso acho que eu tive diabetes, tanto que me adoçô. Minha mãe era demais. Ela ia fazê sabão, ela pegava eu no colo. Era demais da conta. Ela fazia sabão e eu no colo.

P: Você sente saudades?

E: Ai nossa, como! Ela morou comigo desde que meu pai morreu né! Ela morou comigo. Ela vinha sempre aqui na escola. Mas meu pai era quetinho, meu pai quase não conversava, ele era muito quetinho.

P: Eles gostavam do seu marido?

E: É, eles gostava... apesar dele... não gostá muito de trabalhá. Aí meu sogro carregava ele prá trabalhá. Meu sogro era caminhoneiro, aí carregava ele junto. Mas ele nunca trabalhô assim, prá tê um salário. Quando casamo, casamo assim, um deu uma coisa, outro deu um fogão, outro deu uma, uma mesa. Ele não tinha salário. Ele nunca afirmava em lugar nenhum. Aí na minha gravidez, eu sofri muito na minha primeira gravidez. Na primeira mesmo eu perdi. Aí eu tive o D. Aí eu tive diabetes. Descobri que eu tive diabetes no sexto mês, aí ele tinha que me levá eu no posto, duas semanas no médico, prá vê como é que tava. Se a criança tava perdendo sangue...

P: O que você sentia?

E: Nossa, a diabetes tava quase quinhentos eu fiquei quase cega. A diabetes tava quase quinhentos e eu fiquei quase cega. Tomava dois litros d’água assim num segundo. Era demais da conta.

P: O que significa prá você ser mãe?

E: O que significa? Ai, foi bom, eu tive uma experiência, mesmo porque o primeiro não me deu trabalho nenhum. Nossa senhora!

P: E você queria ter filho?

E: Queria, nossa! Queria, eu engravidei, perdi. Aí eu fiz tratamento, tornei a engravidá do primeiro menino. Porque eu já casei com vinte e sete anos né, e aí apesar do diabetes, né, que curô graças a Deus, aí eu tive o E, logo atrás, porque eu queria operá depois e pronto, né.

P: O que você imaginava quando pensava em filho?

E: Antes de ter?

P: É.

E: Ah! Eu pensava: “tô numa idade boa, né. Trinta anos quase, né”. Aí eu pensava assim: “Pôxa, eu vô sê uma boa mãe, porque eu não sou mais uma menina. Moça nova não liga muito assim, dá pras mães olhá, eu não, eu vô cuidá bem, igual minha mãe cuidô”. E foi, curti os dois... foi pertinho, um ano e três meses... um ano e três meses o D do E. Eu lembro que eu catava um num colo, o outro no outro. Foi gostoso. Curti os dois, mas curti. O E ficô assim né, com dois ano e meio ficô assim, né, ficô, né, autista. A gente percebeu, aí eu botei ele na creche. E ele começô a mordê lá. Aí a moça da creche falô que ele tinha problema. Aí a gente levô ele no Ielar (hospital). Aí daí prá cá a minha vida... tanto a minha quanto a do meu marido... Aí a nossa vida, a, e... como é que se diz? Parece que a gente não viveu mais. Aí a gente não saía mais porque o E dava trabalho. Sabe, a gente ia num casamento, só passava vergonha, ele ia, tacava a mão no bolo. A gente passô assim, a ficá em casa, quase não saí. Então eu saio de noite, vô na missa, ele fica olhando ele prá mim. Ele sai de manhã, eu fico olhando o nenê prá ele. Assim a

gente controla, assim... junto a gente não sai. Só vai assim, quando vai num lugar assim, quando vai na minha sogra, assim sabe, então aí vai os três, mas...

P: O seu marido cuida bastante do E?

E: Cuida, depois que ele parô de bebê... ele ficô doze anos, eu casei, ele ficô doze anos. Faz doze anos, eu casei, ele ficô doze anos. Faz doze anos, faz treze anos, o D vai fazê vinte e quatro. Vai fazê catorze anos que ele parô de bebê, graças a Deus.

P: E você acha que ele parou por quê?

E: Parô porque, porque ele, ele não tinha mais jeito. Ele bebia, não trazia dinheiro prá casa. E tava muito difícil prá mim. Eu trazia ele (o filho autista na escola). Eu trabalhava em todos os apartamentos aqui (próximos à escola). Aí eu dei um ultimato prá ele. Aí eu falei “ou você pára, ou você pára com a bebida ou você vai pará por aqui. Você cata sua roupa e vai lá na sua mãe, porque eu cansei, trabalhá eu vô tê que trabalhá do mesmo jeito”.

E: Com o que você trabalhava?

R: Eu trabalhava de doméstica, eu passava. Aí nesse prédio (ao lado da escola) eu vinha trabalhá o dia inteiro. Porque o E é assim, a gente ama os dois, mas o E é mais. Não sei que que tem, tanto prá mim, quanto pro meu marido. Parece que ele é um pedaço da gente, que tá sempre grudado na gente. Quando ele vem prá escola, porque você vê, ele vem, a gente tá sempre com o pensamento nele. Aí quando tá na hora dele chegá, aí a gente fala: “ai que bom, o E tá chegando”. Então parece que o E é um pedaço assim que não desgruda da gente ainda. Tanto de mim quanto do meu marido. Ele fala mamãe o dia inteiro. Papai ele não fala. O meu marido quando bebia, ele tava comendo, tacava o prato na parede, jogava longe. Meu marido era agressivo. Eu falava que vinha as cobrança, ele tacava o prato se tava comendo, ou chutava a parede. Foi aí que o E começô a fazê tudo isso. O E não era autista nessa época. Eu falo que às vezes tem um pouquinho disso também, porque ele vê o pai fazendo coisa errada.

P: O E tinha que idade?

E: Tinha dois anos e meio, quando nós mudamos prá lá, pro Solo (bairro). A gente morava com a minha sogra, aí a gente foi prá lá né, e ele tinha essa idade, foi com três ano, mas aí ele já era assim, porque ele se tornou assim, diferente, agressivo, ele não era sabe? Ele falava. Aí ele parô de falá. Ele falava de tudo. Aí mudamos prá lá, aí ele parô, não falô mais nada. Aí levo numa psicóloga, numa fono... Aí a fono falô: “não sei não, mas ele tem problema. Põe ele numa creche, quem sabe se ele aprende a falá”. Aí a gente pôs ele na creche. Aí eu comecei a trabalhá. Aí a diretora uma vez me chamô porque ele tinha mordido as criança. Aí eu falei “não sei, esse comportamento em casa ele não tem não, se dá bem com o irmão, tudo né?” Eu pus os dois na creche.

P: Prá ir trabalhar?

E: É, prá ir trabalhar.

P: Ele estava com que idade?

E: Ele tava com dois anos e meio. Eu morei com minha sogra muito tempo, aí eu sofri bastante morando com a minha sogra, sofri bastante. Porque ela tinha ficado viúva, ela tornô uma pessoa assim, brava, triste mesmo. Os meninos não podia botá o copo em lugar nenhum porque ela já danava. Pegava a borracha e dava nas perninhas deles.

P: Como você se recorda dessa época em que foi mãe?

E: Como eu recordo? Ai, eu morava no fundo da casa da minha mãe nessa época, né. Minha mãe me deu todo o apoio prá mim. Ela já ia lá, catava a roupa dos nenezinhos prá lavá, né. Eu tive os dois na casa da minha mãe. Meu sofrimento começou mesmo, meu diabetes. Aí eu não pude trabalhá. Aí quando ele parava no trabalho, muito bem, senão minha mãe ajudava. Aí veio o E, aí eu falei: “espero ele ficá grande, crescê, aí eu ponho ele na creche, aí eu vô trabalhá. Aí, como o E é autista, né, aí eu nem sabia que que era

isso, eu nem imaginava o que era sê autista. Eu nunca. Daquela época prá cá eu não, eu não fui mais em casamento, não fui mais em festa, não fui mais em cinema, eu nunca fui mais, nem eu nem meu marido. A gente vive prá ele. Porque se leva, ele dá trabalho. Não pode levá numa missa porque ele fica correndo prá cá e prá lá, atrapalha, né, atrapalhava as pessoas que tava assistindo. Não pode pegá ônibus lotado porque se o ônibus tá lotado, ele qué sentá, ele qué tirá a pessoa do lugar do banco. Menina, o que eu passei... A gente não liga mais prá nós. A gente só vive prá ele, faz só a vontade dele. Parece que é, não sei... Eu acho que só quem pode explicá isso, é quem tem filho autista. Não sei. Parece que a gente que tem filho autista, parece que é por... é por Deus. Não pode ser por outra coisa. É por E mesmo. Cê não se arruma mais bem. Eu me arrumo de vez em quando porque o E gosta de ver eu de esmalte na unha. Olha, mas agora ele tá ótimo. Olha coisa, mas esse remédio deu em cima. Acertô! Levô tempo prá acertá. Mas agora tá uma beleza. Hoje eu fui no médico dele, nem levei o E comigo, porque a condução ia muito lotada de manhã, aí eu tinha medo dele tê crise. Mas só que assim a gente fica feliz quando vê ele. A gente não tem reclamação da escola. Fica muito feliz.

P: E como foi a gravidez do E?

E: Do E?

P: É.

E: Foi normal, como a do outro, mesma coisa. Fui controlando minha diabetes, logo no primeiro mês, aí eu já sabia que eu ia tê de novo.

P: E o médico não orientou prá não ter outro filho?

E: Não. Falô prá tê outro prá operá. Ele falou: “Senhora já arruma outro logo, a gente já opera e pronto. Porque às vezes” ele falou, “às vezes numa segunda gravidez a senhora não tem diabetes”. E tive, aí precisei controlá.

P: E como foi a gravidez?

E: Foi bem, nossa, só na hora de nascê que eu tive problema.

P: O que a senhora teve?

E: Ah!... me faltou o ar. Deu assim, nas costas... começo de pneumonia eu tive. Então me faltou o ar na hora de nascer, eu passei mal. Puseram balão em mim. Agora só depois fazem laqueadura. O meu fizeram na hora.

P: Passando mal e tudo?

E: Passando mal e tudo. Você precisa de vê.

P: A senhora não teve uma queda na gravidez, alguma coisa assim?

E: Caí, no sétimo mês de gravidez. Eu caí com o E. Eu sonhei que o D estava em cima do guarda-roupa. Aí eu fui catá o D, passei por cima do meu marido na cama. Sete mês. Com aquele barrigão, e pum pro chão. Quebrei o braço. Quebrei o braço. E fiquei nove meses com o braço quebrado sem podê engessá, sem podê tirá raios-X, não quiseram fazê lá na Santa Casa, e eu fiquei com o braço quebrado. Eles não acreditaram que eu tinha quebrado o braço. Só eu sabia o quanto tava doendo. Passaram um remedinho e largaram eu.

P: Como você pegava ele no colo?

E: Ah! Era tudo com um braço só. Mas foi ruim, mas foi ruim, mas foi ruim. Mas eu sofri. Aí eu tava com a minha mãe. Depois que eu vim morá com a minha sogra, né! Aí eu já tinha ele grandinho, aí eu vim prá minha sogra morá junto.

P: Quando você viu o E pela primeira vez, o que você pensou, qual foi sua impressão?

E: Ah! Na hora eu nem imaginava que... na hora eu falei: “vai crescê os dois juntos, vai trabalhá os dois juntos, vai, né... os dois moço... Vai crescê os dois junto, a gente pensava, né! Jamais imaginava que ia virá criança a vida toda, né! Criança a vida toda. Tem um nenê em casa.

p: E o parto, você perdeu a consciência, com o balão...

E: Não. Eles me mostraram o E, eu vi quando ele chorô, tudo. Foi tudo certinho

P: Você lembra da primeira coisa que pensou quando viu o E?

E: Quando vi o E? Ai, feliz igual o outro. Na hora vem aquela coisa assim, né... branquinho, né. Porque meu marido é moreno, né! O doutor falou: “ele vai sê de olho azulzinho”. Aí eu falei: “vai sê igual o D, então.” Eu queria que viesse uma menina, né. Na gravidez não fazia ultrassom. Então eu pensava: “vai vir uma menina, né, aí eu fico com um casal”. Aí quando veio, falô: “é menino home”. Aí veio aquela chateação, né. Aí eu falei: “é home mas é meu fio mesma coisa, não tem importância”. Mas foi bom, viu, foi muito bom... só que pai de autista... a gente parece que não vive assim, solto como os outros pais de filhos normais, né! Cê não tem hora prá saí, não tem hora prá voltá. Eu não... é tudo marcado, tudo controlado. Eu tenho que sabê que eu tenho que fazê tudo logo, no mercado corrê, prá vê se o E não tá fazendo arte.

P: Seu filho cuida dele também?

E: O outro? Ai, o outro não pára em casa coisa. Ele pega essa moto dele. Se ele não tá trabalhando, ele vai prá prainha com as namoradas. Ele tá ficando muito namoradô, mas não pára em casa. Eu só vejo ele entrá e saí, entrá e saí. Mas ele é muito carinhoso com o E, nossa! Ele chega, beija, dá mão pro E... se dão bem os dois, se dão muito bem.

P: Quando você percebeu que tinha alguma coisa de diferente no E?

E: Na creche.

P: E você já tava suspeitando?

E: Já tava sim. Quando ele era pequeno que ele tinha assim, seis meses prá frente, eu sempre senti que o E ia ter problema. Eu não falava prá ninguém. Uma vez eu falei prá minha sogra. Ela falou: “E não tem problema nenhum, não.” Eu falei: “O E tá pendendo o pescoço muito do lado, assim” Ela falô: “Vê lá, é porque ele é gordo”. Eu falei: “o D sempre foi gordinho e nunca fez isso”. Eu falei prá minha mãe, ela falô: “eu não conheço, como que eu posso falá alguma coisa?” Eu falei: “presta atenção, ele sempre pende o pescoço pro lado”. Ele não te encarava... eu achava que ele queria desviar o olhar, por isso que ele jogava o pescoço, pro lado. Mas eu não sabia o que era autismo. Aí ele foi crescendo... ele andô com dez meses, falô cedo, começô a falá cedo. Aí que comecei a notá foi com dois anos, não falô mais. Parece que engoliu as palavras. Não falava mais tudo aquilo que ele falava. Aí ele foi ficando agressivo. Ele riiiii muito. Ele era um menino que ele ria à toa, ria e sorria à toa, sabe! Sem ninguém falá nada prá ele, ele dava aquela risada.

P: Sozinho?

E: É, sozinho, mas eu não sabia o que era isso.

P: E você procurou saber?

E: Foi quando a fono falô prá colocá na creche, prá vê se ele tinha mais convivência com criança. Ah! Piorou.

P: Você foi morar com sua sogra...

E: Morei dois anos com a minha sogra, com ele pequenininho, com seis meses. Minha mãe precisô alugá a casinha lá que eu morava. Aí minha sogra tinha aqueles dois cômodos lá que não fazia nada, meu sogro tinha falecido, mas ela era costureira. Ela falô: “vem morá ali”. Ela era ruim demais. Agora ela é boazinha. Mas ela foi muito ruim, sei lá, muito agressiva com ele.

P: E nesse tempo seu marido bebia?

E: Bebia. Ele começô a bebê mesmo quando a gente veio morá aí, minha sobra aceitava. Aí ele continuô bebendo, coisa, continuô bebendo, não parava no serviço. Vixe, aí eu sofri, viu.

P: E você recebeu o diagnóstico, né? Como foi?

E: Do E?

P: É.

E: Ah! Foi... a gente queria aceitá né, no começo o doutor, o doutor falô prá gente.

P: Ele explicou prá vocês?

E: Falô assim, que a criança autista não ia... não é uma criança normal, que ia dá muito trabalho, e que se nós saísse assim como se não tivesse problema nenhum como o outro, né! “Porque agora vai sê diferente, não é em todo lugar que vocês vão poder ir com a criança, porque tem pessoas que reparam porque é doente mental, né!” Ele deixou bem claro que, que não era uma criança normal, que essa deficiência dele ia atrapalhá muito prá gente podê saí, ir prá lá e prá cá. Eu falei: “não, a gente não é de saí, mas passeia um pouco assim, tal. Aí ele deixou bem claro. Foi aí que a gente começô a obedecê, né, não passá vergonha, saía passava vergonha, aí a gente foi indo. A gente não queria admiti isso, mais, a gente, como o dia-a-dia foi passando, precisô ele tê falado, a gente foi vendo como é uma criança autista, super diferente de uma criança normal. Uma criança que tem todo cuidado diferente, é um cuidado especial, é um bebê dentro de casa, não pode deixá mexê aqui, se encontrá um brilhaalumínio, ele bebe, se encontrá qboa ele bebe. Então é um cuidado assim, muito especial.

P: Então um autista prá você vai ser um bebê a vida inteira?

E: Vai. Não, não, não tem como, passa um ano, dois ano, três ano, ô, faz vinte e um ano que o E é autista e não mudou nada. Não mudo nada. Ele é aquela criança que não larga da chupeta, se não tivé chupeta de noite não dorme. É uma criança assim, chorão, quando ele... ele chora, faz manha. Não pode ter dor que fica agressivo. Ele não sabe falá: “tô com dor aqui”. Tem que corrê, dá um remédio, prá rebatê essa dor, você não sabe aonde tá. Então a preocupação dele é como se ele fosse nenê. Você tem que dá remédio na hora certa, dá mamá na hora certa. Eu não dô mamadeira, mas tem que dá o leite na hora certa, o remédio, a janta, o almoço. O banho, ele sabe entrá no banho, mas não sabe se enxugá. Você tem que ficá de olho... Veste a roupa, agora ele tá aprendendo a vesti a roupa, né! Mas muito cuidado se tem, enquanto do outro a gente até esqueceu depois. Coitadinho do D, o D sempre fala: “Ah! Cês gosta mais do E”. “Não é isso meu filho, vocês dois cresceu junto, mas porque o E é autista, precisa de mais cuidado. Você não, você desde pequenininho aprendeu a se virá. Mamãe trabalhava, você fazia comida prá mamãe”. Tão pequenininho, começou a trabalhá com onze anos.

P: Mudou muito a sua vida com o D (filho mais velho) depois que o E nasceu?

E: Como assim?

P: Seu relacionamento com o D?

E: A mesma coisa assim, só que não é... a gente dá mais atenção pro E, ele não se vira sem a gente. Mas o D aprendeu a se virar sozinho. Coitado, entendeu? Ele não deixa a roupa dele... deixa sempre em ordem a roupa dele. O D muda muito de roupa. É fogo, cada volta que ele dá é uma troca... mas só que é assim, eu não descuido dessa parte: alimentação. Mas, de manhã eu ponho leite com pão, só que é assim, o que eu faço pro E, eu tenho que fazê pro D, por que ele começou, é... assim que a gente começô a cuidá do E e deixá o D, o D começô a ficá diferente, ele também começô a ficá agressivo, diferente. Tive que levá ele na psicóloga também.

P: Que época foi isso?

E: Ah! Foi... O D tinha o que? Uns sete aninho, por aí. Foi logo depois... daí uns três anos que o E já era autista, o D começô a percebê que a gente não ligava muito prá ele. Aí começô a falá enrolado. Uma fono da escolhinha lá embaixo da avenida que, que deu umas aulas pro D prá ele melhorá... Aí a fono explicô que a gente não podia dá atenção só pro E, que a gente tinha que vê que o outro precisava também, que era criança, tinha quatro aninho também, cê já viu, né! Aí foi aonde que a gente começô a tratá os dois junto igual. Hoje o que eu faço pro E, eu faço pro D. Eu ponho de manhã o leite no copo

preparadinho, adoçado tudo com chocolate, ponho as torradinha, ou bolo, ou bolacha. Aí eu chamo o D. Ele faz assim, levanta os braços, tem que dá um abraço, levanta... Aí eu dô uns tapa na bunda dele e falo: “vai,vai, tem que levanta”. Aí ele vai lavá o rosto, vai na cozinha, tá tudo arrumadinho. Então a partir daí o D não ficô mais rejeitado, porque como os dois era pequeno igual, era duro de separá... O D tinha muito preconceito do pai que bebia e fazia coisa errada, né, o D era assim...

P: O que ele fazia de errado?

E: Uai, meu marido chutava as parede, tacava os prato longe, não trazia dinheiro prá dentro de casa, ele só vivia nos botecos. Pro D foi a coisa mais triste, a mãe trabalhando, o filho autista e eu trabalhando. Não foi fácil pro D não, sabe? Mas depois o pai foi ficando bom, foi regenerando. Hoje o pai é um ótimo pai, tanto prá um quanto pro outro, quanto prá mim. Cabô aquelas doença, cabô. Um home que trabalha, ganha, dá na minha mão, não deixa faltá nada em casa porque, não deixa faltá nada, nada.

P: D. R., e você tinha planos que teve que deixar de lado por causa do E?

E: Tinha, eu era cabeleireira né, eu tinha começado, montei o salão com tanto sacrifício, né! Mas aí o E não dexô. Ele não dexô... porque ele ia lá pegá eu com a mão, tinha que largá o cabelo e entrá prá dentro senão ele dava soco nele, se mordida. Aí eu tive que fechá o salão, tudo.

P: E a saúde sua, como foi?

E: Ah! A diabetes continuô né. Aí, deu colesterol, trigliceres, essas coisas todas, e até hoje eu tenho problema desse tipo de coisa, mas eu levo controladinho, né!

P: Alguma cirurgia?

E: Não, eu fiz duas vezes perínia. Uma vez o E me deu um tombo e eu tive que fazê de novo, sabe? Uma vez eu fiz porque teve na época que fazê certo. Depois eu, passô cinco anos. Aí uma vez, o E teve uma crise brava, eu caí com ele. Minha sobrinha deu cebola prá ele, aí doeu feio. Aí eu tava chegando. Na época que ele teve dor de dente, nossa! Mas ele me pegô feio. Ele me jogô no tronco de uma árvore, fiquei caída assim. Aí a bexiga minha desceu, um tombo muito forte que ele me empurrou, e ele é muito pesado. Tá com vinte e três anos. Aí eu tive que fazê de novo. Agora de uns três anos prá cá, o E tá uma benção. Não tem mais crise, não é agressivo, ele canta, ele anda o dia inteiro, senta atrás de mim onde eu tô, só não pode vê eu saí, né! Se ele vê eu saí, nossa, aí ele rebenta tudo dentro de casa. Aí meu marido dá uma volta no quarteirão com a perua, e eu vô prá missa de domingo à noite. E agora, o pai dele pode i onde quisé. O pai vai na Associação de sexta-feira, pode i onde quisé. O E não faz nada. Agora eu, ele entra no quarto, vê eu me trocando, pronto, ele começa a ficá agitado. Não sei porquê. Eu nunca larguei ele de pequeno. Eu nunca larguei nem com a minha mãe, nem com a minha sogra. Nunca fui de largá meus filhos. Nunca fui em lugar nenhum. Nunca larguei eles em lugar nenhum. Não sei por que o E é desse jeito comigo. Ele só qué eu, qué eu, qué eu. Agora cê vê aqui na escola quando ele tem crise... agora graças a Deus ele não tem mais, é porque tá sentindo minha falta.

P: É como se fosse grudado?

E: Mesma coisa, mesma coisa. É incrível que ele não dá um pingão de trabalho comigo. Eu deixo ele um pouco com meu marido, meu marido já reclama que ele dá trabalho.

P: Que trabalho ele dá?

E: Ah! Começa a... chutá a parede, dá murro na parede. Começa... sabe, é. Fica nervoso, fica no portão andando prá lá e prá cá na grade, chutando a grade, olhando prá vê se eu... onde eu tô. Entra debaixo da cama, fica lá.

P: E como é prá você essa vida?

E: Eu já me conformei, eu não reclamo, não. Eu, uma vida assim, dura né! Não sou mais eu. Eu sinto que não sou mais eu, mas eu, como eu te disse, eu vegeto, eu vivo prá ele.

Eu não queria que fosse assim. Eu queria que fosse diferente. Eu queria saí, me trocá, saí a hora que fosse, ele visse, ele falava tchau. Acabô, mas eu não posso fazê isso. Eu penso se o outro vai guentá ficá com ele. O D não arrisca ficá com ele. O D não serve prá olhá dele. O D senta no portão, fica conversando com os colega aí, né. E o E vai prá dentro, faz arte, quando vê que eu não tô, nossa, como é que ele faz arte, que ele começa a comê chocolate. Ele apronta! Vai tomá banho, não sai de lá, ele não sai. E se não ficá em cima dele, ele não sai do chuveiro. Eu não, eu tô em casa, eu tô atenta.

P: E quando você sai, como fica longe dele?

E: Aaahhh! Eu tô lá, ainda ontem eu tava missa, eu não sabia se eu tava prestando atenção no sermão que o padre tava dando, eu: “será que o E foi lá na cozinha, abriu o armário?” Eu ponho tudo em lugar diferente. Cada vez eu ponho num lugar prá ele não descobri... Se eu tô aqui, eu não posso ficá pensando: “será que eu fechei o portão? Meu Deus, acho que eu não fechei o portão. Já pensou se esse moleque fugir? Quem vai trazê ele de volta? Eu fico com o pensamento coisa, nele. O pensamento. Eu tenho que desligá, não consigo. Agora eu sei que ele tá bem aqui, seu Luis, tá tudo em volta, né. Aqui é o único lugar que eu não fico pensando. Mas mesmo assim, tem uma coisinha assim: “será que tá dando crise? Eles vão me ligá daqui a pouco, será?” E vô no mercado e falo: “meu Deus, três horas. Deixa eu pegá uma coisa pro E. Não ligaram, a coisa tá bem lá, né! Deixa eu ir e voltá logo. Vai que eles me liga, né!” Eu vô ajudá a costureira.

P: Você parou de trabalhar?

E: Não, eu ajudo ela, porque no salão montei um brechó, mas é mais de sábado e domingo que as pessoas vão.

P: Então você tem um trabalho?

E: Eu tenho meu brechozinho sim. Como se diz, ganha poquinho, porque meu marido lá ganha muito pouco. É muita pessoa que trabalha lá com ele, então ele fica dias assim, sem fazê alguma coisa.

P: E o E deixa você trabalhar?

E: Não tem problema nenhum. Aí ele entra e sai. Deita lá no meio das roupa, do chão... deita lá.

P: O que você acha que é necessário pro E, dona R.?

E: Assim como?

P: O que seu filho precisa?

E: Aí sei lá... Ele é muito carente. Então eu acho que o que não pode faltá nunca na vida dele é carinho, que ele precisa. Ele sempre foi carente. Pensá que nunca ter negado carinho prá ele. Mas eu acho que o pai quando era alcoólatra não ligava prá ele. Nunca ligou nem prá ele, nem pro outro, né?

P: E prá você?

E: Nem prá mim. Nem prá nós três, porque ele, é... ficava só na bebida, né. Hoje não, hoje é diferente... Hoje é outra coisa. Só que eu, hoje, não sei se é por causa de eu tê sofrido muito, meu amor pelo meu marido não é mais a mesma coisa. Isso que eu queria entendê. Eu respeito ele, vou continuá respeitando ele, até o fim, entendeu? Foi um homem só na minha vida, vai sê. Eu converso sobre isso com o D, mas só que como ele me fez sofrê muito com as crianças, pequenas, entende? Ele teimoso, não parava em serviço nenhum, fazia dívida e não pagava. Eu sofri muito, e hoje, eu não tenho mais aquela paixão; aquele amor que eu tinha por ele, foi se acabando. Hoje eu vivo assim, como se fosse dois irmãos. Mesmo na relação da gente, é... você... É como ter uma obrigação. Como você foi casada, é casada, tem que respeitá, tem que servi. Cê entendeu? Mas amor não tem mais.

P: E ele aceita isso?

E: Ele não sabe, ele nem imagina. Ele sabe que eu fico distante. Ele fala assim: “Cê tá tão distante, faz tempo que você mudou. Você não é mais a mesma. Você não gosta mais de mim?” Eu falo: “Ah, claro que eu gosto. É preocupação, muita preocupação”. Porque a Kombi não dá certo, continua quebrando. Ganha pouco, o que ganha, gasta tudo. Se a gente tivesse chance de comprá uma perua melhor né! Eu e o D, a gente é amigo, a gente é amigo. A gente senta na cadeira lá fora, a gente conversa. O Dl fica andando prá lá e prá cá. De vez em quando, chama ele de lá de dentro, porque tá fazendo arte... A gente tem bastante diálogo. Eu e meu marido, a gente tem bastante diálogo. Só não dá mais na parte sexual. Não sei.

P: Desde quando isso?

E: Ah! Desde quando eu operei. Primeira vez eu operei, sabe? Eu fiquei muito, sabe? Apertô muito, aí foi difícil. Eu peguei trauma de tê relação, sabe? Mas gostava mesmo... Aí eu falei com o médico dessa vez agora. Aí ele falô: “A gente vai desapertá um pouquinho”. Mas não desapertô nada. Ficô a mesma coisa. É dolorido, é sofrido, sabe? Eu perdi a vontade. Eu tô como se eu tivesse uma... Uma vez por mês aí, quando eu vejo que meu marido tá muito atirado, sabe? Aí então eu sirvo ele, mas assim o, não tem mais aquele amor, aquela paixão de antes não. Não, se... se foi.

P: Mas e antes da cirurgia, como era?

E: Antes da cirurgia era bom, não tinha dor, cê entendeu? O que acabô de ter essa relação foi essa cirurgia, e não deixou em ordem como tava. Eu tive que fazê porque minha bexiga tinha caído. Nossa foi horrível... Aí com a cirurgia ficou horrível. Fiquei apertada.

P: Você quer ver de novo isso?

E: Não, eu não volto mais prá fazê isso mais não. Falei prá ele: “Não vô mais largá o E com você, não”. O E sofreu muito aquela semana que eu tive que ficá no hospital.

P: Você ficou internada?

E: Fiquei internada porque eu tenho um problema que tem que por sangue, por soro, eu passo muito mal. Eu tenho anemia né, então eu passo muito mal.

P: Você tem anemia também?

E: Tenho. Eu tenho falta de apetite, eu não como quase nada. Não tenho um pingo de vontade. Hoje mesmo não almocei. Eu como uma fruta, assim agora é época de manga, eu adoro, sabe? Uma salada, bolacha. Eu passo desse jeito. Não tenho vontade de comê assim, igual todo mundo come. Almoçá e jantá. É o certo, né?

P: Desde quando você está assim, desse jeito?

E: E, faz tempo...

P: Quanto tempo?

E: Desde quando eu entrei na menopausa eu fiquei assim. Eu não tenho vontade de comê. Tá dando sangramento, tá vindo prá mim. Cê acha? Aí eu fui na médica, ela pediu um raio x. Eu tô aguardando me chamá. Cê acha assim, vim prá mim eu como mocinha, cê acha menina?

P: E o que ela falou?

E: Aí, ela falou que vai vê que que é isso, tirá raio x prá vê o que é.

P: O que você acha que poderia ajudar você e sua família para lidar com o E o que ajudaria vocês?

E: Ai, sei lá, não imagino, não.

P: Não?

E: ...Ajudaria se o meu marido tivesse um bom serviço, se eu pudesse trabalhá fora, ter mais renda. Meu menino não traz dinheiro, ele ajuda, mas é pouco, ele tamém tem as coisas dele, né. Mas eu penso assim: “se meu marido deixasse isso...” mas também, ele não arrumaria outro serviço, com a idade dele. Ele tem a falta de uma vista meu marido. Então é difícil arrumá outro serviço, com a idade dele. Aí se ele tivesse um serviço

melhor, não precisava tanto sacrifício igual eu faço né? Se eu pudesse descansá um pouco enquanto o E vem prá escola. Ajudá assim, trabalhá fora, sabe? Prá descansá um pouco enquanto ele tá na escola, prá quando ele chegá, eu tá renovada prá cuidá dele, né! Mas eu não posso, eu tenho que ajudá ele... Mas olha, eu fico sem as coisa, eu não deixo ele sem nada. Então eu vô na costureira, um pouquinho que ela me dá, vinte por semana, que é um pouquinho à tarde que eu ajudo só, né! De quarta o E não vem na escola, então ele fica em casa comigo. Dia que tem que i prá médico, dia que tem que i prá reunião... mas eu penso assim: “se a vida da gente fosse melhor, né!” Eu acho que até pro E seria melhor, né? Tê mais tempo prá ele, né! Aí eu penso assim, mais aí é meu sonho mesmo, né! É bom sonhá, né!

P: Você gostaria de me falar mais alguma coisa?

E: Não, eu já falei demais, eu gosto de conversá. Os outro fala que eu sô conversadera. Porque eu não converso com o E, por isso. O E não conversa, né! Então eu acho que porque eu fico muito só... eu não tenho com quem conversá. De noite eles fica vendo televisão, não posso contá assunto, contá as coisa que ninguém presta atenção. O E não conversa, meu marido é noveleiro, sabe! Ele gosta de novela, aí eu saio, eu esbanjo, de tanto que eu converso. E eu sinto bem, conversá bastante.

P: Então você gostaria de ter mais gente prá pode conversá?

E: Eu gostaria, eu gostaria assim, de vir em reuniões que tivesse bastante gente. Eu vou começá a participá desse grupo das mães, que faz as coisa aqui na escola, não tem? Eu vou conversá com a Lucelena prá vê se ela consegue o passe prá mim vim não ficá gastando, aí eu venho. A médica falô que se eu tivé alguma atividade fora de casa, ficava mais alegre. Eu gosto de fazê crochê, mas eu não faço muito bem; que faz bem, a diabete controla, tudo controla.

ENTREVISTA 3

...Meu ombro tá batendo no peito dele. Eu não queria que ele crescesse, mas infelizmente... (Referindo-se ao filho)

M A D F

DN: 09/07/1956

Número de filhos: quatro

P: Quais são as recordações que você tem da sua infância?

E: Minha infância?

P: É, quando você se recorda dela, como é?

E: Uma infância boa. Assim, apanhei muito dos meus irmãos, né, meu irmão era bravo prá caramba, mas minha infância foi uma infância sadia. Uma infância sem trauma. Prá dizer que eu não tive, uma coisa ruim na infância foi quando uma vez, eu brincando, é uma coisa que não dá prá esquecer, né, é quando pegô fogo na minha ropa... fiquei com o corpo todo queimado.

P: Como foi isso?

E: Ah, minha mãe lavava roupa prá fora, então naquela época, ela fazia... ela punha aqueles tachos de roupa prá fervê. Naquela época não tinha essa facilidade que tem hoje, e ela lavava roupa assim, de cinco, seis casas. E ela tava lavando roupa, e meu irmão brincando. Ele ia lá, enfiava o cabo de guarda-chuva no fogão, o que ela tinha no quintal, e colocava numa folha de mamona, e saía cantando pelo quintal. O quintal da minha casa era de comprido, pegava meio quarteirão, então ele corria até o fundo e voltava. E eu agachada brincando, eu tava de blusa de frio... meu vestido era um vestido novo. Eu tinha acabado de tomá banho, minha mãe tinha penteado meu cabelo e ele tava solto. Ele passô por mim e uma faísca pegô na minha roupa e eu não vi. Começô a pegá fogo na barra do vestido, e foi queimando, e eu invés de corrê prá minha mãe, corri pro fundo do quintal gritando. A hora que ela me acudiu já tava praticamente queimada.

P: Você tinha quantos anos?

E: Quanto eu tinha? Sete anos? Uns sete, oito anos. Eu não lembro se eu tava na escola, se eu não tava. Aí essa parte aí eu não lembro. Eu sei que minha mãe tava lavando roupa e ela veio com um lençol molhado e me enrolou com um lençol molhado, e aonde que a pele grudou. Não podia molhar. Aí eu fiz várias plásticas, no pescoço, debaixo do braço.

P: Você ficou internada?

E: Fiquei internada.

P: Você morava aonde?

E: Morava em B. Mas minha mãe no segundo, segundo ou terceiro dia de internação ela me tirou do hospital.

P: Por quê?

E: Porque ela tava achando que eles tavam judiando de mim. Eles fazia curativo, no fazê o curativo, eles puxava, e ela não achava legal isso. Aí ela me levou embora prá casa. Eu cheguei em casa, ela catô umas folhas de bananeira, colocou o colchão no chão, ela comprou azeite puro, passava na folha, eu deitava, e ela cobria com a folha de bananeira.

P: E você se sentiu melhor?

E: Foi a coisa mais deliciosa do mundo, eu não sentia dor. Aí depois que cicatrizô, aí eu comecei a peregrinação. Fui prá São Paulo, fiz plástica no pescoço, debaixo do braço. Eu tinha um padrinho. Meu padrinho era bem de vida, era dono de cartório, como é que fala?

P: Tabelaio?

E: É. Ele ajudou muito a minha, minha mãe. Ele era... ele arrumou os remédios, pomadas, caríssimas. Na cidade, todo mundo se mobilizou e, eu usava uma pomada muito cara.

P: Nossa, mas você ficou bem...

E: Não queimou nem o rosto nem as pernas. Foi a única coisa ruim que eu lembro.

P: E por quanto tempo você ficou entre isso e as cirurgias?

E: Acho que uns dois anos.

P: Quantas cirurgias?

E: Ah! Não lembro, sei que eu fiz no pescoço, debaixo desse braço aqui.

P: Perdeu o movimento?

E: Não, não perdeu. Como eu era muito novinha, o médico já falô... eu fazia fisioterapia nos braços. Então aqui tiveram que fazê enxerto, aqui embaixo. Queimou mais atrás né, mais nas costas. A frente não atingiu tanto, mais foi atrás. Meu cabelo era comprido, ele tava solto. Minha mãe fazia trança em mim, foi onde o fogo pegô. A orelha minha assim, ficô inflamada muito tempo. Aí graças a Deus, tudo perfeito. Aí a última o médico falô prá esperá prá vê como é que ia ficá. Aí com doze, treze anos. Aí eu não quis fazê.

P: Por quê?

E: Ah... eu tava cansada. Eu falava: “quem gostá de mim, vai gostá de mim com essa cicatriz... Eu sofri um pouco porque a gente ia prá excursão, prá festa, e eu quase não ia em piscina porque era só por o biquíni todo mundo queria sabê o que aconteceu, o que era aquilo. Até hoje é assim. Então eu não gosto muito. Adoro ir prá piscina, mas tenho que explicar o que aconteceu. Agora não, agora não, agora eu não ligo, mas antigamente perguntavam demais. Os amigos da escola... e minha mãe ia sempre me protegendo. Sempre fui assim, sempre fui mimadinha. E quando eu nasci, eu cabia numa caixa de sapato, e minha mãe contava que naquela época o posto de saúde dava o leite, né, e minha mãe ia buscá. Era duas mamadeiras por dia que eles davam. A minha mãe ia buscá no posto e ela contava que um, meu apelido era Nina por causa da mulher que dava o leite que tinha o apelido de Nina e começô a me chamá de Nina, porque eu... ela me levava lá e a mulher... teve uma vez que a mulher pegô e falô assim pro médico: “Aí, dá leite prá essa menina, ela não vai vivê, é leite jogado fora”. Aí minha mãe virô as costas e nunca mais pegô leite no Posto. Aí minha madrinha... não sei porque minha mãe me deu prá esse povo me batizá, mas parece que foi uma coisa, né. Ela chamava Zinha, uma fazendeira lá. E ela queria porque queria me criá. E a minha mãe falava: “Ah, dá ela eu não dô”. Então ela falô: “Então me dá ela prá eu batizá”. E a minha mãe deu. Então as pessoas não tinham muita noção o que era o batismo, né. Você vai batizá uma pessoa hoje, você tem que pensá prá quem que você vai dá. Tem que dá prá uma pessoa que você sabe que aquela pessoa vai olhá pelo seu filho. E aí, essa minha madrinha mandava todo dia, dois, três litros de leite da fazenda. E eu tô aqui, forte! (Risos).

P: Como você lembra do seu pai na sua infância?

E: Meu pai, ele faleceu quando eu tinha dois meses de idade. Então a lembrança que eu tenho do meu pai é de uma foto que a minha mãe tinha que eu não sei onde tá. Que ela faleceu e eu não sei onde ela deixô. Era a única que eu tinha, não sei como era meu pai.

P: E a tua mãe, não falava dele?

E: Falava, ela contava.

P: Como ela falava dele?

E: Uma bondade. Meu pai, ele não foi flor que se cheire, mas ela nunca, assim, falou mal dele prá gente ficá com raiva sabe? Ela contava como se fosse uma piada.

P: Como assim?

E: Ela falava as coisas que ele fazia com ela. Ele era muito mulherengo. Então ela contava as coisas prá gente de uma maneira que não trágica, sabe? Ela não chorava. Prá

ela, ela achava que tinha que passá por aquilo e cabô. Então ela nunca passou assim prá mim: “Ah, homem não presta, homem. Nem prá mim, nem pras minhas duas irmãs. Nós somos em sete né!

P: Sete irmãos? Você é a caçula, né?

E: É. Ela nunca passô uma coisa assim, prá gente ficá com raiva, prá tê uma lembrança ruim dele, sabe? Poderia ter feito isso, né. Mas ela contava assim prá gente de uma forma tão engraçada, que a gente ria da história.

P: Você lembra de alguma história?

E: Ah! Eu lembro. Quando ela tava grávida do meu irmão, ela falou que ela morava num lugar bem distante do centro, né, e ele saía prá recebê o pagamento dele, ele trabalhava na F, e ele não voltava, ele ficava dois dias prá bagunça. Quando ele voltava, ele voltava com a sacola vazia, porque ele gastava tudo na putaria, né. Aí uma vez ela tava, ela... ele saiu e ela falô que ele ia demorá, que lá tinha mato e ela tinha medo. E ele demorô. Aí ela catô um pedaço de pau e foi atrás dele. O lugar que ele tava... era um clube que tinha lá em cima. E ela contava isso com uma naturalidade... E ela foi atrás dele de noite. Chegou lá e o homem que tava na porta era um policial. Ele conhecia minha mãe, chamava Sr. A. Aí minha mãe falô prá ele: “Eu sei que o Z ta aí dentro e eu vô entrá prá falá com ele”. Aí o moço viu o pau na mão, falô: “Não dona M, a senhora não pode fazê isso”. “Não? Não posso? Eu vô começá a dá paulada desde aqui, se vocês não me deixá entrá”. Aí deixô, né. Ele tava lá dançando com uma mulher, ela desceu o pau no meio dos dois. E ele correu, e ela falou prá ele: “Não corre não, se você corrê vai sê pior”. Era aqueles sobrados antigos, tinha umas sacadas. Como ela tava grávida, ninguém queria por a mão nela, né! Ela partiu prá cima dele e ele falava: “Não M, pelo amor de Deus”. Ela falava: “Cê não tem pra onde corrê, cê vai pulá aqui”. E aí foi aquele tal de deixa disso, deixa disso, que ela pegô e foi embora. E ela falô: “Se a hora que eu chegá em casa você não tivé lá dentro, eu vô matá você”. A hora que ela chegô em casa ele já tava na porta da cozinha tentando abrir e meus outros irmãos tavam lá dentro. E eu tenho um irmão que ele sofre... tem ataque epilético, né. E a minha mãe tinha assim, uma adoração por ele. E o meu pai dormiu com ele abraçado. A minha mãe pegô o machado, amolô o machado e mandô ele ir lá fora buscá ele. Nós ria dela contá. E a gente adorava sentá na sala e pedi prá ela contá história.

P: Mas dela também, ou dela com o seu pai?

E: Dela com o meu pai. E ela contava e nós achava a coisa mais engraçada do mundo.

P: E ela gostava de contar?

E: Ela gostava de contá.

P: E ele morreu do que?

E: Ele tinha úlcera, e ele fez uma cirurgia em São Paulo, e quando ele fez a cirurgia Cynara, quem opera o estômago não pode bebê água, só molhá a boca com o algodão. E a enfermeira deixou uma garrafa de água lá, na beira da cama dele. Ele acordou da cirurgia e ele bebeu, bebeu quase tudo, meu pai morreu com trinta e cinco anos. E a minha mãe ficou viúva com sete filhos.

P: E como foi a vida de vocês depois?

E: Ah! Ela... Foi assim, ele trabalhava na F, então ficô uma pensão prá ela. Ela trabalhava na roça, apanhando laranja, algodão, e ela... e ela lavava roupa prá fora. É assim que foi vivendo. Chegô a passá até fome. Porque teve uma época quando construiu Brasília, o governo tirava todo o dinheiro. Então o holerite vinha com desconto. A F tinha uma cooperativa que funcionário e pensionista fazia compra ali e vinha descontado no holerite. Então era o dinheiro do desconto que a gente tinha. Que era pouco que meu pai ganhava. Ia lá uma vez no mês, fazia aquela compra, a gente ficava assim, uma semana

sem compra, acabava, né. Até vir a próxima compra a gente ficava sem, sem comê. Ela fazia, ela criava porco, então a gente comia aquela carne de porco na chapa, no fogão.

P: Vocês moravam no sítio?

E: Não, a gente morava na cidade, já. Porque quando meu pai faleceu, ela recebeu um dinheiro, dinheiro pela F, o dinheiro ela pegô e comprô essa casinha que nós tem até hoje. E minha mãe sempre foi uma pessoa batalhadora, nunca quis sabê de outro homem... Minha mãe, tadinha, assim Natal, a gente nunca ficava sem presente. Ela falava prá gente por graminha na janela, sabe? Ela falava que tipo de grama tinha que pegá... Meu irmão me carregava muito no colo. Nós saía, nós ia looonge buscá grama. Saía uma turma de criança pro meio do mato prá procurá essa grama fina. Na rua que a gente morava era, as família era tudo unida assim, né. Então a gente fazia tudo igual.

P: Você brincava bastante, né?

E: Brinquei muito. Tinha aquelas “cestas de Amaral” na época do Natal, então as famílias compravam. Pagava o ano inteiro aquela cesta. Então vinha tudo. Vinha de tudo. Então naquela época a gente comia macarronada, frango na festa. Não é como agora que macarronada você faz qualquer hora. Primeiro era comida... chique (risos). Então a gente fazia. Minha mãe pagava o ano inteiro. Vinha uns bonequinhos de chumbo. O presente que mais marcou na minha vida foi um bonecão grandão, veio o boneco, junto com o boneco veio um baldinho, um rastelinho e um barquinho prá levá na praia. E a gente brincava atrás da casa, ela colocava areia lá e a gente brincava nele.

P: Você e quem?

E: Eu e os coleguinhas atrás da rua. Eu brinque muito de boneca. Eu não tive uma infância ruim não. Eu fui uma pessoa, que sei lá, vamos falar assim... Eu tinha muitas... como que eu vou dizer? Umhas frustrações de não tê pai. Chegava dia dos pais, a escola fazia festa, fazia... as crianças fazia cartão pros pais. Meu pai foi enterrado em São Paulo, então a gente não tinha acesso... E eu fui uma vez só onde ele foi enterrado. Engraçado, são coisas que marcam a criança, né! A gente foi naquele cemitério, o cemitério da Vila Formosa é enorme, é uma cidade. Eeeee naquele dia choveu. Deu uma chuva, nós escondido dentro da igreja assim. Da janela da igreja, a gente via as covas, um monte de cova, a perder de vista. Aí o coveiro levou onde meu pai tava enterrado.

P: Você e seus irmãos?

E: Minha mãe, quando a gente ia prá São Paulo. Porque a mãe do meu pai morava em São Paulo. A gente ia tudo prá lá. E quando meu pai faleceu, a segunda vez que minha mãe foi, prá vê minha vó, ela... uma das minhas tias tava no quarto conversando quando minha mãe chegô, e essa minha tia falô assim: “Ah, mas agora que o J morreu a M não é mais parente nossa”. Eles ficaram com medo da minha mãe se alojá lá, porque tinha sete filhos, né. E, aí, a minha mãe... nós fomos, ficamos lá uns dias prá ir no cemitério e nunca mais voltô. Minha vó faleceu, e a gente não viu mais. Que a minha mãe era assim também, minha mãe, ela falava: “Ah! Eu não vô sofrê com as irmãs dele, de jeito nenhum”. Então ela se afastô. Ela falô: “Eu não quero que ninguém fale amanhã, o dia que eu fechá meu olho, não quero que ninguém fale que me ajudô. Eu vô criá sozinha”.

P: E vocês chegaram a trabalhar quando eram crianças, prá ajudar?

E: Não. Minha mãe não deixô. Ela deixava tudo nós em casa. Aí a minha irmã, minhas duas irmãs foi trabalhá. Elas foram trabalhá de empregada... doméstica.

P: Com que idade?

E: Ah, dezessete, dezoito anos. Meus irmãos começô a trabalhá tarde também. Tudo depois dos dezoito. E a minha mãe, ela, ela sustentou a gente assim. Com dificuldade, mas sustentou. E ela sempre dava presente de Natal prá todos. Sempre, sempre, sempre. Eu lembro direitinho, a gente ficava muito feliz.

P: E o seu relacionamento com os seus irmãos, como era?

E: Ah, era bom. Meus irmãos morria de ciúmes de mim. Acho que eles achavam que minha mãe gostava mais de mim do que deles. Então tinha aquela... picuinha, sabe? E eu depois de crescida, nossa, eles invocava comigo. Eu tinha dois irmãos, dois não, três irmãos que bebia demais. O mais velho foi morá com a minha vó lá em São Paulo.

P: Com que idade eles começaram a beber?

E: Ah, esse mais velho, ele começô moleque. Porque quando meu pai faleceu, a minha vó veio... e insistiu, insistiu até que levô meu irmão embora. E ela era alcoólatra, ela era alcoólatra e ele aprendeu a bebê com ela. Porque ela mandava ele no bar buscá pinga. Ele ia e bebia no meio do caminho. Aí ele ficô alcoólatra. E deu muito trabalho. Não prá minha mãe porque ele não morava com a minha mãe, mas quando ele vinha passeá, assim numa festa, Natal, Páscoa, ele trazia ovo de páscoa prá minha mãe Cynara, ele vinha de trem. O ovo de Páscoa chegava assim... Porque ele fazia de travesseiro. Chegava com aquele ovo de páscoa debaixo do braço. Incrível como minha mãe conhecia. Ele abria o portão, minha mãe falava: “Nossa, o F chegô e tá bêbado”. Ele chegava e ia embora bêbado. Interessante... Foi muito ruim, porque era o único que podia ajudá ela na época. Ela não teve força na época prá segurá ele.

P: Ele quis ir?

E: Ele quis ir, São Paulo! Aí depois dele, foi mais dois irmãos meus. Mas já foram grande, não foram prá morá lá...

P: Os dois começaram a beber também?

E: Um só, o outro não. O que sofria acesso, ele foi, já tava com uns vinte anos. Ele foi prá trabalhá. Ficô sozinho lá, e lá ele casô. Minha mãe tinha um “quê” com aquele irmão. Ele casô, a mulher dele é maravilhosa. Aí, ele trabalhava... só à noite. Ele trabalhô, ele trabalhô no hotel, como chamava o hotel? Hilton Hotel... Ele trabalhava mais à noite. Minha mãe tinha dó. Depois ele foi trabalhá na casa do dono da CICA, ficô bastante tempo lá. Trabalhava à noite também, de segurança lá, e cuidava da casa. A família viajava muito. Ele ficava na casa lá só à noite. Minha cunhada tava muito cansada. Aí minha mãe pegô e trouxe ele prá B. Correu atrás de casa prá alugá prá ele, aí conseguiu e veio. Tá lá até hoje morando em B, a mulher dele.

P: E quem ficou em São Paulo?

E: Ninguém, todo mundo voltô. Uma das minhas irmãs ficou em São Paulo bastante tempo; depois ela veio morá com minha mãe. Não casô. Aquela lá tem uma história triste. Ela teve muita decepção com o namorado, com o noivo. Ela teve uma filha, mas não casô não. Ela mora até com a filha. A filha casô, mas ela não. Ela adorava o M. Ela tem uma paixão pelo M tremenda. O M também adora ela. Quando a gente vai prá B ele só fica com ela; não gosta de ficá com ninguém... E ela tá morando no sítio, a minha sobrinha casô com um rapaz que morava no sítio e a minha irmã foi também. E o M não gostô do sítio. Então ele não tá indo prá lá ficá com ela. A última vez que a gente foi prá B, eu fui lá no sítio buscá a minha irmã prá ficá na casa que era da minha mãe prá podê ficá com o M. Na última vez que eu fui, eu não fui no sítio. E o M se deu bem. Dormiu bem na casa da minha outra cunhada. Eu fiquei com medo né, falei: “ai, ele vai sentir falta”, mas não, eu fui conversando com ele, explicando prá ele que ela tinha mudado e que não ia dar tempo de i lá buscá ela.

P: A sua saúde fora essa questão da queimadura, teve algum outro contratempo?

E: Ah, eu tive... eu era muito assim, frágil né. Eu fiz cirurgia

P: De quê?

E: Apendicite.

P: Com que idade?

E: Ah... acho que com dez, doze anos, por aí. Ela estuporô. Então minha mãe me bajulava por causa disso... Eu comia pouco, não era de comê muito não. Aí fiz essa

cirurgia, correu tudo bem. E depois, a minha infância, é... não tive muita coisa. A saúde que era meio debilitada, quanto ao resto não. Depois que eu fiz uns dezesseis, dezessete anos meus irmãos começaram a implicá mais comigo. Eu namorava, não deixava namorá... Tudo eles achava que minha mãe fazia prá mim, não prá eles. Mas eu estudava. Então prá minha mãe era a glória. Ela tentô fazê todos eles estudá. Nenhum quis estudá direito, parô no meio do caminho. Então eu não fiz faculdade porque não tinha condição de fazê. Ou eu trabalhava ou estudava. E eu optei prá trabalhá porque tinha que ajudá.

P: Com que idade você começou a trabalhar?

E: Com dezessete, dezoito anos. Dezessete? Não... dezessete? Não, comecei com dezesseis, quinze. Eu lembro que eu trabalhei cinco anos num escritório de contabilidade, aí depois eu trabalhei num outro escritório. Fiquei cinco anos no escritório e o rapaz não me registrava. Aí eu peguei e fui trabalhá em outro local.

P: E continuou estudando?

E: Eu fiz colegial, eu fiz secretariado, curso profissionalizante. Secretariado, eu fiz curso de arquivista.

P: E as amizades, como eram nessa época da adolescência?

E: Ah! Normal. Não tinha muita amizade não. Era mais amizade da rua ali, né. Minha mãe não deixava saí, né. Tinha medo. Engraçado, uma coisa que eu não esqueço também. Quando eu fiz... naquela época tinha Jardim da Infância na escola. Então a escola era três andares e tinha um porão. O porão era o Jardim da Infância. Tinha uma menina na minha classe, que ela era autista.

P: Com que idade você estava?

E: Ah, a gente era novinha. Ela gritava muito, ela chorava. Parece que tem uma coisa que foi me seguindo sabe? E ela estudou comigo. Eu fui pro primeiro ano, ela foi também. Mas ela assim, ficava no canto dela, ela ficava muito na janela, olhando. A professora conversava com ela. Aí depois ela saiu da escola que não tinha mais condição, né. E ela morava em frente ao mercado que eu ia fazê compra. Então eu fazendo compra, escutava os grito dela lá. Ela sentava lá fora, e ela ria, ela conversava sozinha.

P: E como falavam dela? Que falavam dela?

E: Não falavam que ela era autista, não. Ela era doente mental. Ela era doente mental. E, aí eu não sei o que aconteceu. Parece que ela sofreu um acidente e morreu. Eu não sei prá onde foi aquela menina. Depois ela apagô da minha memória. Nunca mais vi. Ela tava... ela não morreu não, porque ela tava uma mulherona. Ela tava gorda, alta. Ela tava enorme; Não sei se chamava Josélia... Os pais tratavam ela muito bem. Da minha infância era isso. As amizades eram poucas, porque minha mãe não deixava a gente sair.

P: Mas e quando começou a adolescência?

E: Na adolescência tinha bastante amizade por causa da escola, né. E naquele tempo... até parece que eu tenho uns duzentos anos (risos). Naquele tempo, como é que chama aqueles padres. Jesuíta não... Franciscano. Eles vinham na cidade fazê trabalho com as crianças. Então a gente saía em grupo e eles ensinavam uma musiquinha prá nós. Um monte de criança, nós ia prá beira do lago, nós ia na igreja Capelinha. E eles ensinava música gostosa. E tem uma música que até hoje eu tava cantando pro M... E a gente gostava daquilo porque levantava o astral e a gente ia cantando longe, voltava cantando. E a música que mais me marcou foi essa.

P: Mas isso foi na infância ou na adolescência?

E: Ah, eu tava entrando na adolescência, a gente teve encontro de grupos. Teve um encontro, nossa! Aquilo lá foi maravilhoso. Foi o dia inteiro de oração, diversão, brincadeira, tinha aquele monte de jovens. Nossa, era muito bom. Muito gostoso.

P: E as paqueras, aconteciam no meio?

E: Ah! (Risos) Ah! Eu comecei a namorar muito cedo. Tinha dezesseis anos já tava... mas era assim, aquilo que hoje eles chamam de ficá, prá nós era uns beijo (risos)... Então, tinha disso. Aí depois eu comecei a namorar o D... a gente namorô uns oito anos.

P: Com que idade?

E: Então, aí que tá o negócio agora.

P: Você casou com quantos anos?

E: Eu casei com vinte e quatro.

P: Então com dezesseis. Então você não começou a namorar com dezesseis, você começou antes. (Risos)

E: Ah, eu andei dando uns beijos antes, (risos).

P: Ainda bem, né?

E: Vixe, eu me arrependo de não ter dado mais beijo. Eu falo pro D. Às vezes quando a gente, eu tô magoada com ele, eu falo: “Nossa D, eu me arrependo, me arrependo mesmo, de não ter feito muito mais que...” É sério. Hoje essas meninas que vão pro motel com o namorado. Eu não recrimino porque depois, elas vão escolhê a pessoa certa.

P: E você não fez a escolha certa?

E: Eu acho que não.

P: Por quê?

E: Ah, Cynara, eu não tenho... Porque hoje, hoje, eu não tenho vontade de nada, eu não tenho vontade de fazê sexo. Eu não sinto nada. Não tô sentindo nada, nada, nada, nada. Eu gostaria sabe do quê? De abri um buraco e entrá dentro.

P: Mas, é... não foi sempre assim?

E: Não, não foi. Mas é, foi, foi complicado. No começo tudo é bonito. Tudo é maravilhoso. Quer dizer, eu não conhecia nada. Depois, ele sempre foi, sempre vai ser um galinha. Não muda não, cê entendeu? O que eu sei é o que eu vejo, filme, televisão, mas se eu quiser prazer, eu vô tê que me virar praticamente sozinha.

P: Mas por quê? Por que você não quer com ele, por que ele não quer também... por quê?

E: Ah! Não. Meu marido é muito egoísta. Ele tem prazer e tá tudo bem. Ele não qué sabê.

P: E isso desde quando?

E: Desde sempre.

P: Desde a primeira intimidade que vocês tiveram?

E: Ele sempre... “você não gostou do carinho?” Eu nunca falei nada disso prá ninguém. Porque é complicado. Às vezes eu falo: “Eu vô falá pro D”. Mas eu olho prá ele e penso: “falá prá quê? Não vai adiantá nada”. É... o D é... cê conversa com ele a respeito disso, ele corta o assunto, ele. Ele não gosta de discutir relação. Então é, é complicado. Eu às vezes eu falo assim... “será que...” às vezes eu também não incrimino, quando os outro fala: “a mulher do fulano tá transando”. Vai vê o que ela passa. Ela é muito mais corajosa que eu. Cê entendeu? Eu não tenho essa coragem.

P: E o que a sua família falava quando você começou a namorar ele, durante esse tempo de namoro?

E: Não falava nada. Minha mãe não queria.

P: Por quê?

E: Minha mãe a princípio assim, no começo ela não gostava. Ela falava: “ai esse moço, esse moço tem jeito de ser galinha, cê vai sofrê”. Eu gostava dele. Todo mundo falava, falava, e eu não queria sabê. Aí, meu irmão mais velho, quando eu casei, um ano e meio? Um ano e meio prá engravidá. Eu tava grávida da K, uma vez ele foi na minha casa, na hora de ir embora, ele ia embora prá São Paulo. Ele já tava doente. O álcool já tinha tomado conta, então ele não podia ficá sem uma gota de álcool. Uma dose ele tinha que tomá de manhã a hora que ele levantava... Aí, no dia que ele foi prá São Paulo, parecia

que ele tava adivinhando que ele ia morrer. Ele falou pro Edimar na porta da minha casa: “você não judia da minha irmã, vê lá o que você vai fazer rapaz”. Ele foi embora, sabe como se fosse uma despedida? Aí quando foi dá um mês, eu tava de sete meses da K ele faleceu. Aí nós fizemo de tudo prá não enterrar ele em São Paulo. Ele falava: “Se eu morrer gente, não deixa me enterrá em São Paulo. Eu não quero sê enterrado em São Paulo. Se eu for enterrado em São Paulo vocês não vão lá me vê”. Aí quando minha irmã, que morava em São Paulo ligou avisando a gente que tinha falecido, aí meu marido, o D, juntô dinheiro, nós gastamos nove mil... E ele tá enterrado junto com a minha mãe. Depois minha mãe morreu.

P: E você fazia planos nessa fase aí de namoro?

E: Nossa! O que eu fazia de plano!

P: Que planos você fazia?

E: Meu plano era morá sozinha. Eu tinha vontade de morá sozinha. Então, tava construindo um prédio em B e eu comprei esse apartamento. Eu trabalhava e comecei a pagá esse apartamento. Paguei duas prestações, duas parcelas. Aííí, todo mundo falando na minha cabeça...

P: Todo mundo quem?

E: Família, vizinho, colega. “Ah, tá loca deixá tua mãe?” Eu queria morá sozinha. Aí depois eu parei prá pensá: “minha mãe perdeu meu irmão, perdeu meu pai, não quis sabê de casá mais. Aí eu fui lá e cancelei o contrato, e o dinheiro que eu tinha dado, eles me devolveram. Aí eu peguei e comprei o telefone prá por em casa. A gente ligava tudo na vizinha. Aí eu pus um telefone em casa, com aquele dinheiro e acabei casando.

P: E plano de trabalho, qual você tinha?

E: A minha mãe achava que eu tava casando... mas ela tinha uma certa razão. Eu gostava dele, nossa, eu gosto dele até hoje, não vô falá que não gosto. Mas minha mãe achava que eu tava casando porque eu queria fugi dos meus irmãos. Meus irmãos judiava de mim. Era terrível. Eles batia! Nossa, eu não podia falá nada que eles batiam em mim, dava tapa na cara, era um inferno.

P: Sempre foi assim?

E: Sempre. Sempre foi. Minha mãe me defendia, batia neles. Então eles ficavam mais bravo ainda. Teve uma vez Cynara que meu irmão... ele... todo mundo ia na festa do peão de Barretos. Eu detesto a festa, pequei trauma da festa do peão de Barretos. Todo mundo ia. Eu queria ir. Minha mãe tava com medo de deixá. Ia um monte de menina. E eu lá: “ai mãe deixa?”. Aí meu irmão tava de fogo, falou: “Não vai e acabô”. E eu chorando, ele, e tinha perto uma tábua de passá roupa, e eu fiquei brava, falei: “Cê não manda em mim”, e ele catô a tábua e tacou em mim. Acertô na minha cara. E minha mãe falou: “Por desaforo cê vai”. Eu fui chorando. Eu fui na festa... um fedô de vaca, de boi, eu nunca tinha ido. Eu falei: “Gente, que que eu vim fazê aqui nessa festa chata?” E as minhas amigas iam lá e pegavam gelo prá por em mim. Isso aqui ficô tudo preto no dia seguinte. Aí eu comecei a namorá o D.

P: E com ele, como eram seus irmãos?

E: Com ele? Ah! No começo eles fazia cara feia prá ele e eu falava: “Ó, se você acha que não dá, tchau e bença” Porque ele tinha medo dos meus irmãos né, aí depois eles foram aceitando. E eles gostam muito dele agora. Vixxxiii, no começo foi difícil.

P: E prá você “ter filhos”, o que significa?

E: É maravilhoso. Adoro meus filhos, viixxi... Eu sempre queria ter bastante filho. Eu brincava de casinha, eu falava que eu queria tê sete, oito filhos, que eu queria sê igual minha mãe. (Risos). Aí minha mãe ficava doida. Quando eu tive o último minha mãe falou: “Ai meu Deus, pára com isso”. E falei: “Eu vô pará”. Eu tive uma gravidez tubária entre a K e o U. Nessa gravidez tubária eu entrei em coma, acho que dois dias. Porque a

gravidez tubária é assim... rompeu a trompa, então deu hemorragia interna. Tive que fazer uma cirurgia de risco.

P: E você não sabia que estava com uma gravidez tubária?

E: Eu não sabia. Então hoje eles descobrem rápido e naquela época não tinha como descobrir. Me deu enjôo. A gente tinha mudado prá casa que tinha comprado. Eu comecei a limpá a casa. Eu tinha mania de limpeza, hoje eu não tenho mais. Eu tinha mania! E meu marido foi trabalhá e ele falô: “Não lava a casa sem eu tá aí. Eu te ajudo. Mas quem diz? Eu olhava na casa. Falei: “Ah, não”. Lavei a casa inteira: três quartos, sala, cozinha... e arrastei móveis prá cá, arrastei móveis prá lá. Comecei a me senti mal, minha pressão tinha caído. E a casa que eu mudei, era casa da Caixa, as pessoas tavam mudando aos poucos. Tinha bastante casa. E uma dor, uma coisa queimando na barriga.

P: Até então você não sentia nada?

E: Não. Sai lá fora, tinha um homem arrumando a instalação de uma casa, eu fui lá e falei prá ele: “Ah, eu não tô me sentindo bem. O senhor não tem telefone?” Ele falou: “Eu tenho na minha casa”. “O senhor não quer ligar pro meu marido na C e falá prá ele que eu tô passando mal? Eu tô passando mal mesmo”. Aí ele pegô e foi. O D naquela época tinha uma mobilete. Aí quando eu lembrei da mobilete eu pensei: “Meu Deus, como é que eu vô pro médico de mobilete com essa dor terrível?” Eu não podia nem chacoalhar a cama. E eu lá deitada. Ele entrô e falô: “Nina, que que cê aprontô?” Eu falei: “Ah, D, eu arrastei, coloquei as coisas no lugar. Eu não sei o que tá acontecendo, eu tô com uma dor na barriga, uma cólica. Tá queimando embaixo”. Ele foi lá e encheu eu de atroveran, e eu lá com aquela gemeção: “Tá doendo, tá doendo”. Ele saiu, foi num vizinho lá embaixo que tinha carro. Ele pediu pro rapaz, o rapaz veio. Aí eu falei: “Cê me leva na farmácia, prá eu tomá uma injeção prá cólica”. Aí eu peguei, passei na minha mãe de carro prá deixá a K. Minha mãe pegô, olhô prá mim: “Vai já prá Santa Casa. Não vai na farmácia que farmacêutico não vai resolvê seu problema não”. Aí cheguei na Santa Casa, a mulher falô: “Você me dá seus documentos prá eu podê fazê sua papelada”. Peguei e dei. Eu olhava numa pessoa, via três, quatro. A minha sorte foi que veio passando uma freira no corredor e ela me viu. E ela brincava comigo porque ela sabia que eu detestava que me chamava de C. E ela: “Oi C!” Eu olhava sabe, não tava enxergando direito. Ela falô: “Que que cê tem?” Eu falei: “Ai, tô com uma cólica na barriga. Ela pôs a mão na minha barriga, ela tava quente. Ela pôs a mão na minha cabeça e falô: “Menina, cê tá sem pulso”. Ela falô prá enfermeira: “Ela tá sem pulso. Como é que cê deixô ela passando mal aqui na porta?” Aí eu só lembro que me colocaram numa maca e levaram prá dentro. Aí o médico que foi me examiná, falava assim prá mim: “Quem é seu médico?” Aí eu falei. Aí ele apertava eu gritava, apertava, eu gritava. Aí ele ligou pro médico, o médico largou toda a consulta e veio, pelo diagnóstico que ele teve pelo telefone. Aí ele falô: “Nossa, urgente prá sala de cirurgia”. Menina, ele foi fazê exame de toque, falô: “Nossa, tá com hemorragia interna”. Aí que eu descobri que eu tava grávida. Aí tirô o feto e ele mandô prá Ribeirão prá fazê exame, mas até hoje ele não falô o sexo da criança.

P: Você queria saber?

E: Eu queria. Ele falô: “Não, eu não vô te falá, não precisa sabê”. E aí eu sarei.

P: E o que significa o M prá você?

E: M? M é uma lição de vida, né? O M, ele prá mim é tudo, é minha vida. Eu sei que eu não poderia pensá assim, minha vida, mas ele é... Chega até a ser doentio a paixão que eu tenho por ele... O D tem o mesmo sentimento. Ele adora ele. A gente gosta tanto dele que a gente não faz tudo que ele qué, entendeu?

P: Como assim?

E: Primeiro, no começo a gente ficava mais preocupada, né, fazia tudo que ele queria. Mas hoje não, hoje a gente explica prá ele: “Isso não é assim, não pode ser feito”. Então a

gente conversa muito com ele. O M tá muito contente, acho que de tanto a gente conversá.

P: Vocês acreditam que ele entende?

E: Eu acredito que ele entende. Entende muito bem.

P: Como foram as circunstâncias do nascimento dele?

E: Ah! Meu marido tava viajando, tava trabalhando na B. Ele foi prá ficá um mês. Como eu tava, eu tava grávida do M, eu já tava grandona, então nós contamo. Dava certinho dele ir e voltar, né. Aí eu já liguei pro D, falei: “Ó, o médico marcô, falô que o M vai nascê tal dia”. Dia quatorze, o M ia nascê dia quatorze. Ele falô: “Então tá bom, eu vô fazê minhas coisas e no dia quatorze”... não, ele vinha no dia... onze de junho ele vinha embora. Tinha até comprado a passagem já. Quando foi dia oito... dia nove de junho, eu me senti mal, aí fui pro hospital. De lá do hospital que foi ligá prá ele lá na Bahia. Aí ele veio. Ele chegô no outro dia de manhã. Foi uma... uma... foi um parto difícil. O M era muito grande.

P: Foi parto normal?

E: Normal. Cabeção! Tem cabeção até hoje. Cabeção no parto normal foi muito sofrido. Nossa senhora. A hora que ele nasceu teve uma hora que o médico veio mostrá ele prá mim, eu falei: “Ah, tá bom, tá bom” Tirô ele de perto de mim. Nossa, pelo amor de Deus...

P: Mas por que você teve essa reação?

E: Não sei Dra. Porque eu não sei. Eu senti tanta dor dele, porque dos outros eu tomei anestesia, e dele não deu tempo. A hora que o médico ia aplicá a anestesia em mim, eu não agüentava ficá assim e eu mandava ele pará. Eu sofri, levei umas quatro picadas na espinha, não deu prá dá a anestesia, então foi isso aí. Então acho que deve tê sido por isso, não porque eu não queria.

P: E como você se recorda da época em que você foi mãe?

E: Ah, muito... muito bom, foi muito bom. Nossa, eu ficava sonhando com as festas de aniversário. Eu fazia festa de aniversário gostosa, enchê de enfeite... eu adorava enfeitá, fazê festinha prá eles.

P: E a gravidez do M, como foi?

E: Foi boa, tive assim umas câibras, mas foi boa. Eu trabalhava na gravidez do M, eu trabalhava. Eu trabalhava no hospital onde ele nasceu. Eu trabalhava na parte administrativa.

P: Como estava seu relacionamento com o D?

E: Bom, tava bom... Na época do M tava bom. Porque na gravidez, ó... O D me traiu na gravidez da K, na gravidez do U. Mas na gravidez do M... Não, no começo da gravidez do M, foi onde ele foi prá B. Foi Deus que mandô ele prá lá, senão eu não tava junto. Eu tinha brigado com ele, aí ele foi prá B. Mas o D sempre foi terrível.

P: Como você descobria as traições dele?

E: Eu? Ah, quando a gente ia em festa, ele bebia bastante cerveja, eu fazia ele tomá, que aí ele abria o verbo. Na hora que ele tava deitado na cama, eu começava a conversá, com ele, ele sonolento, ele contava. (Risos).

P: E depois, o que você fazia?

E: Aí depois quando ele ficava são eu quebrava o pau com ele. Aí ele queria sabê como eu tinha descoberto (risos).

P: E você chegou a contar prá ele?

E: Não, nunca contei. Nunca contei.

P: E você teve vontade de fazer alguma coisa?

E: Aaaai, vontade de acabá com o casamento, cabá com tudo, mas...

P: E não fazia por quê?

E: Eu gostava dele, né.

P: Mas você falou do começo da gravidez do M, depois você parou.

E: Ele, ele fez uma palhaçada comigo. Aí, na gravidez do M eu pedi até separação prá ele. Nós não tava vivendo bem. Cada um prá um canto. E... eu fui até... tinha conversado com o advogado, e ele, e ele, o D nunca me levou muito a sério. Ele ria, falava: “Ah, cê tá loca, vê coisa onde não existe”. Nunca... homem nenhum admite, né! Sempre fala que não, que é mentira. Homem quando fala que, que insiste em falá que é mentira é porque é verdade. Então eu... mas a minha mãe...

P: Ele ficava diferente?

E: Ficava, ficava mais afastado. A minha mãe, ela sempre desconfiava, e eu nunca cheguei a contá prá ela as coisas. Eu não queria passá esse problema prá ela. Eu falava: “Problema meu é meu”, então eu não chegava a passá pra ela a situação. Sempre achei que não precisava.

P: E a escolha do nome do M, como foi?

E: M, M fui eu. Desde solteira eu sonhei ter um filho chamado M. E que coisa interessante, né! Eu tive a K, falei: “meu filho vai chamar M” Aí nasceu a K. Eu coloquei K. Aí o U, nasceu o U, eu falei, “Ah! Ele tem cara de U. Aí eu coloquei U. O segundo nome sempre foi o D que colocou. Eu falava U, ele ia lá, registrava, e ele colocou U B. Aí ele colocou K C, uma homenagem prá mim. Aí o M, eu falei prá ele: “Esse vai chamá M”. Aí ele foi registrá o M, ele colocou M I, ele queria I, ele... ele nunca me contrariou. Aí quando eu fiquei grávida do L, aí ele falou: “Esse eu vô pô o nome”. Eu falei: “Ah, D, eu queria tanto que chamasse S”. Aí ele foi e colocou J S (risos).

P: Quais foram suas primeiras impressões do M a hora que passou a dor aguda? O que você se recorda?

E: Ah, não sei Cynara, não sei te dizê, ele ficô no meu quarto comigo, e... ele era uma criança normal, né. Não tinha assim, nada de diferente dos outros.

P: E você, como se sentia?

E: Feliz, feliz, feliz da vida.

P: Como ele era? No comecinho? Nos primeiros dias?

E: Ah! Ele era uma criança boazinha, bonzinho, sabe! Não era uma criança chorona, chorona. Tinha lá as colicasinhas dele. Aí depois ele começô numa choração

P: Com quanto tempo?

E: Um mês ele começou. Chorava, chorava. Aí que nós descobrimos que ele tinha uma hérnia, né!

P: No abdômen?

E: Não no saquinho. Tinha hérnia e devido à hérnia, a bola do saquinho ficava lá dentro. Aí teve que operá com dois meses de idade, teve que fazê cirurgia nele. Aí operô. Até então...

P: E depois da cirurgia?

E: Era normal, normal.

P: E quando você percebeu que tinha alguma coisa de diferente com ele em relação aos outros filhos?

E: Quando eu fiquei grávida.

P: Ah, é? Com quanto tempo foi?

E: Ah é, o M? Quase um ano, quase um aninho. Oito meses. Mas que ele foi desconfiá assim, ele tava quase com um ano.

P: O que você percebeu de diferente?

E: Eu tô tomando um... como chama o remédio? Não é bem um calmante, eu tô tomando. Eu mesmo antes de tomá ele, eu já tinha esse tique de chacoalhá a perna. Ê D... O M, ele era normal. Aí quando ele fez, quando eu fiz a festinha dele de um ano dele...

P: Mas com oito meses você falou que começou a sentir ele diferente. O que você sentia?

E: Depois de nove meses ele... ele era uma criança que gostava de ficá pegando no cotovelo, ou então no joelho, no tornozelo. Então, aí a médica, a pediatra falô: “Nina, são as partes mais frias do corpo... ele gosta das partes mais frias do corpo”. Ele descia do berço, já descia do berço gatinhando. Várias vezes o D pegô ele dormindo no banheiro. Aí depois que a gente pegô ele dormindo no banheiro, eu comecei a lavá o banheiro antes de dormir. Passava álcool no vaso sanitário, no chão, por causa dele. Porque às vezes eu não via ele descê do berço, quando ia vê ele tava deitado lá no chão do banheiro. Então o chão do banheiro ficava sempre limpinho. E nisso, eu comprei até um peniquinho prá ele, prá não ir de noite no banheiro, prá não sujá o banheiro.

P: E aí, você procurou profissional?

E: Eu falei prá pediatra dele... eu falei prá ela: “Tá acontecendo umas coisas diferentes, e...” Ela falou assim: “Não, começa a observá bem ele e aí eu te encaminho prá algum lugar”. E aí um dia, ele dormiu na minha cama, e eu tava lavando roupa. Aí eu peguei, escutei um barulho assim, pensei: “Ele caiu da cama”, saí correndo. Cheguei no quarto, ele tava sentado na cama balançando.

P: Quanto tempo ele tinha?

E: O M, tava com dez meses. Aí, como eu tinha assistido aquele filme *Meu filho, meu mundo* eu sentei na cama e comecei balançá com ele. Mas, o meu medo era tão grande que eu olhava e balançava. Aí ele parô. Nunca mais ele fez isso. Aí ele parô... Aí teve um dia que ele tava deitado, chorando na cama, chorando, e eu peguei. Aí ele deu uma virada de olho, como se fosse dá uma convulsão nele. E eu peguei ele, abracei ele. Aí eu comecei a gritá, aí eu levei, aí ela falô: “Ah M, não é nada, não é nada”, passô álcool na mãozinha dele. Aí a médica, eu fui na médica, né. Falei prá ela, aí ela me encaminhô. Em B tinha, não sei se tem ainda, chama Centro de Estimulação Infantil... Aí eu levei ele lá. Aí eu tive o J, e ele não aceitava o J. Ele não chegava nem perto... Ele empurrava o J no carrinho no quintal, e tinha um pé de abacate, de caju... Eu punha o carrinho lá fora prá podê lavá roupa, né. Olhá os dois; e punha os dois no chão. Ele já engatinhava, né. Aí o M levantava e saía andando com o carrinho, e ele rodava em volta do pé de caju; e o M acordava ele. E eu lá, lavava toda minha roupa. Era fralda de pano e o varal vivia lotado, que era dois nenê. Aí, fiz a festinha de um ano do M. (boceja)

P: E o que é para você esse problema do M hoje?

E: Normal Cynara, muito normal.

P: O que mudou na sua vida?

E: Tudo. Meu modo de pensá, meu modo de agi.

P: Como assim?

E: Ah, no começo eu era uma pessoa mais agressiva, eu... ninguém podia olhá prá mim que eu já tava xingando. Hoje não, nem tô, pode olhá. Se a pessoa pergunta prá mim o que é que ele tem, eu falo o que ele tem. Se não pergunta também, eu não fico brava... sabe? Eu dô risada, eu brinco. Falo pro L: “Ó, tá todo mundo te olhando, cê tá fazendo barulho, todo mundo fica olhando”.

P: E o casamento, mudou ou continuou no mesmo?

E: Cê qué sabê se meu marido melhorô? (Risos)

P: Ou piorou, talvez...

E: Ah, o meu marido, o sangue dele é quente, continua o mesmo...

P: E o resto: relacionamento com os filhos, seu projeto pessoal... Você parou de trabalhar né?

E: Parei, parei de trabalhá.

P: E como foi isso?

E: Prá mim cuidá do M foi bom, né. Eu não me arrependo não. Mas a parte financeira foi bem complicada.

P: Por quê?

E: Porque eu ajudava, né Cynara. Tanto é que o pagamento dele vem tudo na minha mão. Ele pode sê um galinha, mas ele não gasta dinheiro com muié. Ele põe o dinheiro tudo na minha mão. Eu que pago conta...

P: Você administra o dinheiro?

E: Eu administro tudo.

P: E hoje como tá sua vida?

E: ... Minha vida... tá meio sem graça.

P: Por quê?

E: Ah, eu... meu filho mais velho é cabeça dura, complicado. Acho que eu já contei dele. É, que ele fuma maconha, não usa outra droga, mas usa, é droga, prá ele não é. No começo eu bati de frente com ele, tentava explicá prá ele, mas o vocabulário deles, o diálogo deles é mais forte. Ele tem resposta prá tudo.

P: E ele tem, ele mantém as responsabilidades dele de trabalho e de estudo, ou interferiu?

E: Interferiu. Estudá, não estuda mais. Ele tava trabalhando numa empresa a mais de cinco anos, saiu da empresa sem mais nem menos... Não que ele não goste de trabalhá. Ele fala que tava cansado daquele emprego, o patrão, ah, falô um monte de coisa. E eu peguei falei prá ele assim: “U, antes de você saí, arruma outro emprego, aí você sai, não pode saí de um emprego, sem outro em vista”. Hoje ele tá vendo que eu tinha razão. Tá que nem louco atrás de emprego.

P: Então ele mantém essa...

E: Mantém essa vontade de voltá a trabalhá. Por quê? Porque ele gosta do dinheiro, entendeu? Ele gosta. Ele comprou uma moto, e tem que pagá essa moto. Ele adora bicicleta. Tem que tá sempre arrumando bicicleta. Eu não vô dá dinheiro prá ele. E eu falei prá ele: “Se você tivesse no seu emprego, cê ia tê décimo terceiro, férias, cê não tem nada no fim do ano, aí”.

P: Mas é por causa dele que você tá assim?

E: Ah! Um pouco é. Uma que eu tenho dó, sabe! Não julgo meu filho não. Tem gente que fala que porque fuma maconha ou usa outro tipo de droga: “Ah, é sem vergonha!” Ninguém qué o mal prá ninguém... Então tem hora que eu tenho uma dó do U, porque ele tá vendo que ele fez cagada, fez a burrada dele de sair do emprego. Porque o pai dele trabalha, trabalha na usina, dá aula em B, ele pega aula no S daqui, né! Eu sinto Cynara, que o D tem uma parcela bem grande de culpa.

P: Por quê?

E: Porque... porque eu acho que ele não acompanhô do jeito que devia ter acompanhado. O D quando fica bravo com o U, ele xinga o U de maconheiro, xinga ele, uma coisa que eu não gosto, sabe?

P: O relacionamento deles é complicado?

E: É complicado. Sempre foi. Ele... ele. Às vezes, que nem, por exemplo, tem colega do U, eu, sinceramente não gosto dos amigos que meu filho tem, mas eu não vô tratá mal. Eu falo prá ele: “Não é boa companhia prá você”. E toda vez que eu falo, acontece alguma coisa que ele sabe que eu tive razão, cê entendeu? E o U é assim, ele é bom de coração, ele não vê maldade nos outros. Ele não vê maldade Cynara. É isso que mais me atormenta. Ingênuo. Ele acha que ele é esperto, mas ele não é. Eu vejo isso na cara dele. Então, é tudo pedra, né. Outro dia eu falei prá ele: “Eu queria que você fosse lá no quartinho do fundo, lá fumá seu baseado, do que saí na rua”. Eu relutei prá fazê isso... então eu falei: “Ó, em vez de você fazê isso, polícia te pegá com essa porcaria, fuma aqui

no quartinho, vai lá, fuma seu baseado e pronto”. Ele virô prá mim: “Não acho que cê tá falando isso prá mim”. Eu: “Tôôô!”

P: E ele assume?

E: Ele não gosta de mentira, ele não mente Cynara. Outro dia que ele discutiu com o D, quase se pegaro, entrei no meio dos dois. O pai dele falô: “Cê é um maconheiro”. Ele falô assim: Eu fumo mesmo pai, eu fumo, prá que que eu vô menti, eu sou mais verdadeiro que você pai”... Aí... Então é complicado Cynara. E eu fico nesse jogo cruzado. Às vezes eu falo pro D assim: “D, sai com o U, senta num barzinho, conversa com ele, não vai brigá”. A hora que ele tá conversando, ele já começa a despencá sabe?

P: Então você poderia dizer que hoje seu maior problema é o U?

E: O M, o M não é problema. O M é uma dádiva de Deus, não tem o que reclamá do M. O meu problema é o U. Infelizmente. Ele fala: “Ai mãe, cê complica muito, fica vendo coisa, não é nada disso”. Eu falo: Ah, U, eu gostaria tanto que você entendesse o meu lado. Você só vai entendê o dia que você for pai. “Quando cê botá um filho no mundo e senti essa responsabilidade aí cê vai entendê tudo que eu tô passando com você”. A única coisa que eu falo prá ele é: “Ó U, eu não tô mais brigando com você por causa dessa porcaria, não vô discuti mais, só que eu vô te falá uma coisa, não me deixa eu te pegá na rua fazendo isso, não deixa, porque eu vô te batê”. Então quando eu tô na rua com o M, ele tá num grupinho na rua, ele monta na bicicleta e vaza. Aí ele vem de encontro comigo sabe? Aí ele fala: “Onde cê vai?” “Vô dá uma volta com o M”. Aí eu falo: “Cê já tava fumando o cigarro do capeta, né?” Ele: “Não” “Eu tenho o nariz apurado U, de longe eu senti”. “É, eu vô prá casa”. “Acho bom cê ir prá casa mesmo, cê sabe o que eu vô fazê se eu te pegá com esse trem na mão”. Outro dia ele tava no meio da praça lá com os moleque, e ele não me viu. A sorte dele é que quando eu vejo, eu tô com o M. E eu tava carregando um mooonte de ovo que a vó branca do M deu. Ela deu um monte de ovo caipira, e eu vinha vindo com o M, olhei assim, ele tava sem óculos, e os amigos dele viram: “U é sua mãe, é sua mãe”. Na hora que ele levantô a cabeça, que eu vi que era ele, eu comecei a gritá: “Filho da puta, que que cê tá fazendo aí, cachorro sem vergonha” (risos). E ele montô na bicicleta e eu atrás xingando, xingando. Aí ele correu prá dentro de casa.

(Cortou a gravação).

Entrevista 4

F S

DN: 01/07/1975

Filhos: Um

P: O que você recorda de sua infância?

E: Ah! Da minha infância, tudo. Muita coisa. Assim, brincadeira, tudo?

P: O que você quiser me contar.

E: Ah, tantas coisas. Ai, eu tive uma infância muito gostosa, brincava bastante. Era muito diferente, né, de agora, né. A gente tinha umas brincadeiras boas!

P: Quais brincadeiras?

E: Vixe, brincava de casinha, de esconde-esconde, pula corda, hãã, tudo quanto é coisa. Nossa! Tudo coisa da época. Era muito bom, até meus dez anos brinquei bastante. Depois fiquei mocinha, não... Fiquei mocinha com dez anos também. Depois eu fui assim... meu corpo formô rápido, a cabeça também. Aí não fui querendo mais brincar. Fui mudando o comportamento assim.

P: Mas vamos voltar prá infância, depois você me fala dessa parte. Seu pai, o que você lembra dele na sua infância?

E: Ah! Ele era booom mas era bravo. Apanhava bastante, viu. Fazia arte, apanhava bastante... Tinha hora que o bicho pegava.

P: Com você ou com todos os seus irmãos?

E: Ah!... assim... mais era... eu, porque às vezes “Não é prá saí agora”. Às vezes desobedecia e ia. E era aquele negócio, avisava, avisava, “tô avisando cê tá fazendo”.

P: Então você acha que dava motivo prá ele te bater?

E: Ah! Desobedecia, né. Ele falava prá não fazê, fazia. Ele falava, falava, não obedecia, ele já catava, né, e dava uns tabefes.

P: Batia como?

E: Ah! De cinto, de chinelo, essas coisas assim. Mas assim, era uma coisa normal na vida.

P: Sem excesso, você acha?

E: É, mas apanhava. Tinha muita paciência não.

P: E com a sua mãe?

E: Ah! Com a minha mãe, minha mãe era boazinha. A gente abusa, né. Mas assim, eu sempre ajudei minha mãe, desde pequena. Desde meus sete anos eu ajudava minha mãe, porque minha mãe trabalhava fora. Aí ajudava a cuidá dos meus irmãos. Eu ajudava na casa, fazê o serviço.

P: Você era a mais velha?

E: É, a mais velha.

P: Quantos irmãos?

E: Somos em três. Eu, minha irmã e... meu irmão.

P: E, tua mãe, você fala que ela trabalhava fora, e quem cuidava de vocês quando ela ia trabalhar?

E: A minha vó, que morava do lado.

P: E a sua mãe, batia também em você?

E: Minha mãe? Ah, não batia não, só de vez em quando.

P: E como era prá você sua mãe trabalhar fora?

E: Ai, eu... ela trabalhava desde cedo e eu sempre fiquei com os meus irmãos. Prá mim normal assim. Tinha que trabalhá, né, não tinha jeito.

P: Seu pai trabalhava também?

E: Hã hã.

P: E seu relacionamento com os irmãos, como era? Você cuidava deles, né?

E: Cuidava.

P: Tinha briga?

E: Ah! Brigava mais com a minha irmã. Mandava ela fazê as coisas, ela não fazia. Ela é preguiçosa. Eu gosto de tudo certinho, ela já é toda desorganizada. Assim, organizada, desde pequena eu gosto das coisas no lugar. Limpinho, certinho. Ela não, mandava fazê, não fazia. Se fazia, fazia tudo errado. Eu falava: “Ê G”.

P: E a saúde, era boa?

E: Minha? Ah, era boa. Tive um problema de rim, acho que quando tinha nove anos... neflíte... De repente, do dia prá noite... fui dormir bem, acordei inchada.

P: E aí?

E: Fiquei internada. Fiz tratamento com bezetacil, muito tempo, quatro meses de tratamento.

P: Ficou internada por muito tempo?

E: Uma semana. Aí só isso, fiz tratamento quatro meses e só isso.

P: De pequeninha também? O que sua mãe contava?

E: Tive bronquite. Bronquite... minha vó falô que era bronquite, mas não sei. Tinha falta de ar. Minha vó falava que era bronquite, mas aí sarô, nunca mais. Tomei banha de galinha. Tinha galinha né, aí fazia a banha de galinha e só tomava aquilo. Até que aquilo curô. Ela tinha uma fé naquilo.

P: Que idade você estava?

E: Ah! Tomei aquilo lá até os nove, dez anos. Tinha dia que me dava crise né, no fim...

P: Mas o médico nunca falou nada disso?

E: Nada! Assim, eu tinha muito problema de garganta. Eu tomava injeção na farmácia todo mês quando era pequena. Depois também, depois de moça assim, grandinha, já foi diminuindo.

P: Aí você falou que começou a menstruar com dez anos, que seu corpo começou a mudar. E o que foi mudando na cabeça?

E: Ah!... assim, não brincava mais de, assim, boneca, casinha, essas coisas. Assim, cê começa assim com onze anos, assim paquerá, saí, tal. Eu mudei muito rápido assim, como fala? É... precoce, né!

P: Você acha que foi por conta da menstruação que acelerou isso?

E: Ah, eu, não, não assim, eu acho porque né... aí desde os dez anos fui criando corpo, foi mudando, foi ficando com corpo de moça. Que nem hoje, você vê menina de doze anos com corpo de dezoito anos, mesma coisa. Às vezes não muda a cabeça né? Não, eu mudei o corpo e a cabeça.

P: E você aceitava a menstruação, não achava que era muito cedo?

E: Não, não.

P: E as amizades, como eram?

E: Ah! Era assim, boas. Ah, aquela coisa, mais ou menos, aquela coisa, ia ficando mais mocinha. A gente brincava assim nessa época, essas coisas, bola, vôlei, mas foi... as amizades eram boas. Umás eram mais fortes...

P: Então você manteve algumas amizades?

E: Ah, mantive, mas depois eu casei... comecei a namorá nova. Eu casei nova também. Aí, né... vai distanciando mais.

P: E como foi essa parte das paqueras?

E: Assim: eu comecei a paquerá um, aí eu comecei a namorá, aí meu marido eu comecei nova. Com doze prá treze anos eu comecei a namorá com ele. Aí eu fiquei com ele. Mas não era aquela coisa. Dos doze aos quinze anos eu dava umas paqueradas... né, cê não fica só, naquilo né! Mas depois a gente viu que era sério mesmo.

P: Você gostava dele?

E: Sempre gostei dele. Ele era meu vizinho. Aí, sempre assim... desde pequenininha, eu brincava com a irmã dele, né, eu falava: “Ah! Quando eu ficá moça eu vô namorá ele, casá com ele. Hã. Aí um dia eu comecei a, assim né, eu fiquei mocinha, aí paquerei um moço um tempo lá. Aí nem liguei mais prá ele assim. Não tinha mais aquela ilusão! Aí depois veio um belo dia, ele começô a me olhá diferente, a gente começô a paquerá, aí começô rolá. Nós começamo namorá.

P: Você brincava com ele quando vocês eram pequenos?

E: Com ele? Não porque... assim muito difícil, porque a gente brincô junto assim, umas duas vezes. Que ele era muito assim... ele é muito na dele, reservado, ele é quieto. Sempre foi.

P: E o relacionamento com a sua família na época, mudou alguma coisa?

E: Ah! O pai era difícil, né, ele era bravo, assim, não aceitava, né!

P: O que não aceitava?

E: Ah! Namorá, porque era muito criança, vixe, quando eu comecei a paquerá meu primeiro paquerinha eu tinha onze anos. Nossa... ele... eu apanhava prá caramba porque ele não aceitava de jeito nenhum. E é assim, quanto menos aceita, mais você persiste, né? Aí eu mal terminei com o menino e comecei a namorá meu marido. Eu falei: “quanto mais ele prendê vai ser pior”

P: Então você sempre foi uma filha...

E: Namoradeira.

P: Não, assim, irreverente, de querer fazer as coisas do jeito que você achava certo.

E: Ah! Assim, é... eu...

P: Independente.

E: É, eu comecei a trabalhá sozinha também, com doze anos eu trabalhava.

P: O que você fazia?

E: Ah! Com dez anos eu fiz um cursinho de datilografia, aí com doze anos eu trabalhei no... assim, no, no negócio de tirar Xerox, aí depois com... aí eu saí de lá, logo assim eu saí de lá. Eu fiquei uns dois meses só. Aí depois eu fui prá um escritório, depois eu fui trabalhá num escritório com um advogado. Aí fiquei lá até um fim de ano. Aí depois de lá eu fui numa fábrica que tinha perto de casa.

P: E você gostava de trabalhar?

E: Ah, eu gostava né. E eu precisava trabalhá porque eu, é assim, eu... eu comecei a namorá novinha, eu queria tê minhas coisa, queria comprá minhas roupas, e meu pai sempre foi, né... assim, era só ele, né.

P: Sua mãe parou de trabalhar?

E: Não, mas era... ganhava pouco né, era muito pouco prá dá tudo o que eu queria, tinha que dá pros meus irmãos, tudo. Aí eu queria comprá minhas roupa, eu queria tê minhas coisa, né. Porque cê começa a namorá, cê qué ficá bonitinha, tal. Eu sei que não dava prá ele me dá tudo que eu queria, então, eu comecei trabalhá, porque eu esperá ele me dá tudo, eu não posso. Não sei assim, independente, né... eu era mais independente, mas cada um é diferente.

P: E você continuou estudando enquanto trabalhava?

E: Continuei, continuei estudando, mas aí eu parei, eu terminei a oitava aí eu ia fazê o colegial, aí eu trabalhava nessa fábrica, aí eu falei... aí eu tava cansada, que trabalhava em pé o dia inteiro, das sete até as cinco, tal, aí eu fui desanimando e falei: “há, não vô estudá esse ano não”. Aí quando foi dos dezoito para os dezenove eu casei. Aí eu falei assim: “Aí eu vô, eu vô começá a estudá”, aí eu voltei, aí eu parei... aí depois que eu tive meu filho... aí eu quis engravidá, com vinte e dois anos eu tive o H. Aí eu falei: “Depois que eu tive meu filho eu volto a estudá, né. Sempre fazendo plano prá voltá, né. Aí

depois... eu depois tive ele, né, aí até um aninho eu ainda morei lá em L, né. Depois eu vim embora. Meu marido arrumou emprego em A, aí eu fiquei longe da família, né, não tinha ninguém por perto. Aí depois eu descobri, né, que ele tinha problema. Aí eu tinha que ficá com ele porque eu não tinha ninguém, eu morei prá fora, né. De lá eu já vim prá cá. Eu nunca tive ninguém por perto assim, com quem contá. E eu ficava com ele e meu marido fazia faculdade né, aqui. Aí também depois, aí fiquei querendo voltá, querendo voltá... voltei, já desanimei, aí não voltei mais. Tô até hoje sem. Aí não voltei não.

P: Mas ainda tem vontade?

E: Aí, tem hora que me dá vontade mas aí passa. Dá vontade... me dá vontade de arrumá outro filho, depois passa também. Aí fica assim.

P: F, você falou que com vinte e dois anos você quis engravidar, e o que significa prá você ter filho?

E: Nossa, eu era loca prá engravidá, prá tê filho, mas eu não imaginava isso.

P: O que você imaginava?

E: Tudo de bom, né!

P: Por exemplo?

E: Ah, que eu ia tê meu filho, que ia dá tudo certo, não imaginava que fosse, né... acontecê, né... tudo que aconteceu. Eu tinha tudo prá tê uma gravidez assim, normal, né... e não foi aquilo que eu sonhava, eu queria dá mamá, não consegui dá mamá. Ah! Foi bem frus... foi bem frustrante, né.

P: A gravidez teve algum problema?

E: Não... não... eu não sentia nada. Até... ele é prematuro, né, meu filho. Ele nasceu de sete meses. Eu só assim, eu fico assim preocupada porque eu não sentia mexê, aí fazia ultrassom, aí o médico falava que tá tudo bem, mostrava, tá tudo certo. Eu tive uma gravidez ótima, não tinha nada, não sentia nem ele mexê.

P: E você ficava preocupada?

E: Nossa! Tanto é que eu não saía da ultrassom, fazia ultrassom direto, mas tava tudo bem, tava tudo bem. Aí com sete meses estourou a bolsa, sujô o roupão.

P: Ah, estourou a bolsa. E você fez parto normal ou cesária?

E: Não, cesária. Não tinha dilatação, nada. Não senti nada.

E: A bolsa rompeu como? Teve algo ou ela simplesmente rompeu?

E: Eu tava, um dia eu tava mudando. Aí eu ia mudá prá minha casa, que nós tinha construído. Então a gente tava naquela agitação arrumando as coisas, né, desmontando, tal. Aí eu tava bem inchada. Eu fiquei bem inchada. Ele ficou preocupado. Aí no outro dia a gente ia acabá né, de arrumá as coisa da mudança. Aí ele ia até viajá, né, e ele voltô na hora do almoço porque ele tinha ficado preocupado comigo. Que eu tava... ele achô que eu tava muito inchada, e eu tava... foi no horário do almoço, antes do almoço ele voltou. Eu tava com uma amiga conversando no portão. Aí eu entrei, falei: “vô fazê meu almoço”. Aí eu entrei, tava na pia lá, aí de repente eu senti uma aguaceira lá. Cê é novinha né, aí eu fiquei assustada. Chamei a vizinha da frente, uma senhora. Aí ela falô: “Aí, sua bolsa estorô”... Aí a hora de corrê atrás né! Aí fomo... Aí nessa meu marido chegô, era uma hora quase. Era meio dia e pouco ele chegou. Aí parecia que ele tava pressentindo alguma coisa. Aí ele correu atrás. Me levou pro médico.

P: Sei, e aí ele nasceu... como foi o parto?

E: Ah, foi... cesária. Eu fiquei no hospital... o médico, eu fui no consultório dele, ele internei uma hora, uma hora e pouco. Ele foi fazê meu parto seis e meia, quase sete horas. Ele tava atendendo os paciente... falô que era... Na hora eu me internei, a enfermeira tava... padrão já. Eu tive um pouco de febre, aí elas tiveram que me medicá, porque eu não podia né, fazê a cesária com febre. Aí meu parto... minha febre baixo.

P: E por que a febre?

E: Não sei.

P: E como você ficou durante essa espera?

E: Espera? Fiquei deitada, prá pará de descê o líquido né, também. Aí parô de descê a água da bolsa. Aí tuda hora elas viam né, dilatação, se o nenê tava normal, ela examinava lá e tudo bem, e aí deu uma, aplicou uma injeção em mim que era prá abri o pulmão né, o pulmãozinho dele tava madurando tal. E depois foi só esperá mesmo o médico chegá prá fazê o parto.

P: Como você se sentiu nessa espera?

E: Nossa, morrendo de medo, né.

P: O que você pensava, que dava medo?

E: Tudo, tudo de assim: o que poderia acontecê... é sete meses, eu fiquei com medo da criança nascê com problema, ou tê algum problema, ou não consegui né, vingá, essas coisa. Eu fiquei assim, sozinha né. Porque meu marido foi corrê atrás das coisa porque eu não tinha comprado nada ainda. Eu falei: “Ah, quando tivê pros oito meses a gente compra as coisa, né. Eu não tinha comprado nada. Aí ele foi atrás de roupinha prá comprá. A minha mãe trabalhava na época, eu fiquei sozinha lá, a hora que eu fui interná, eu fiquei sozinha. Eu fiquei sozinha lá, porque todo mundo trabalhava. Quando ele foi vê as coisa, mandô prá mãe dele lavá. Eu fiquei sozinha. Só à noite mesmo que eu... aí na hora do parto, né... tava meio complicado. Eu só ouvia, né, o médico falando em cima da gente, uma falação, parecia uma feira né, coisa mais impressionante. Aí o médico falô: “Aí, vai tê que dá um pique a mais, porque tava complicado, ele tava de mal... numa posição ruim prá tirá. Eu só ouvia, aí depois ele me mandô anessesíá... falô que ia demorá um pouquinho mais.

P: Você viu ele, logo que ele nasceu?

E: Não. Eles já pego e já levo ele... Aí eles falô: “Ó, a gente já pegô, teve que levá ele rápido porque ele nasceu prematuro, teve que colocá na incubadora. Aí eu fui vê ele sóo no outro dia de manhã, fui lá no berçário, na incubadora. Aí meu pai, meu pai foi até lá comigo. Meu pai veio visitá aí ele foi até lá comigo, só que eu tava muito, muito, com tontura. Aí fui andando bem devagarinho... Aí cheguei lá perto do vidro, ainda bem que meu pai tava comigo porque eu desmaiei. Meu pai me pegô assim, quinze cm do chão. Aí meus pontos até machucaro, tudo, prá tirá doeu muito. Foi uma coisa bem traumática assim. Porque eu acho bem traumático assim, porque em vista de outras, porque eu conversei com todas as mães. Eu via mãe que tinha tido fazia uma semana que ia levá o filho no pediatra, forte, não sentiu nada, tava tudo bem. Eu tinha muita dor.

P: Tinha muita dor. Bom, aí você recuperou a consciência...

E: Ah, assim rápido, na mesma hora.

P: Aí você viu ele.

E: Bem, na noite quando eu fui pro quarto, eu fiquei preocupada, porque todo mundo que ia lá vê ele, voltava pro quarto chorando. Eu falei: “O menino morreu né”.

P: E por que choravam?

E: Ah, choravam porque ele era muito miudinho, porque ele tinha... ah, era uma coisinha muito pequena. Ele era feio demais né!

P: Ele era feio?

E: Pequeninho, muito...

P: Ele nasceu com quantos quilos?

E: Aí, com um quilo oitocentos e setenta, aí caiu duzentas gramas. Aí o tamanho dele era bom, era normal: quarenta e quatro cm. Era só pelanca, né, só tinha pelanca. Aí tava tudo lá, né... soro... tudo aquele monte de coisa, né. Aí falaro... aí tem aquele negócio de esperá né, quarenta e oito horas... Ah! Todo mundo que ia lá olhava prá mim, ficava cochichando. Não sabia se ia vivê ou se ia morrê, né. Aí eu chorei, chorei. Eu fiquei bem,

bem abalada né. Fiquei bem... triste. E eu não esqueço né, não esqueço de nada. Então hoje cê fica querendo arrumá... nossa aí cê fica com aquela coisa. Tem medo né, de tudo.

P: Seu casamento como andava na época da gravidez?

E: Ah, tudo bem, assim, na época da gravidez você fica muito assim, chorona, né. Eu era assim chorona, cê acha que o marido não liga prá você, que não dá a atenção que você merece. Tem medo de por a mão em você porque você tá grávida.

P: Ele tinha medo?

E: Ele tinha. Tinha medo de fazê qualqué coisa, de me machucá, sabe?

P: Sua vida íntima mudou...

E: Ah, sim, ele morria de medo de fazê as coisa porque...nossa senhora... era difícil. Tomava cuidado.

P: E a escolha do nome, de quem partiu?

E: Ah, partiu de nós dois assim.

P: Quem escolheu o nome?

E: Ah, eu gostava de I, aí ele gostava de H tal, e eu falei que tinha que sê alguma coisa com I. Aí ele foi coloco H I tal, aí ele chegô, falô: “Ó, eu coloquei H tal. Aí eu falei: “Bonito, H I”. Eu falei: Ah, legal”. Então foi de comum acordo. Porque foi tudo rápido, né, assim. Cê tá pensando ainda, aí cê tem que escolhê. Cê tem até mais dois meses prá você ficá escolhendo o nome, né, aí de repente já vem, né. É tudo meio atropelado.

P: E aí, quando você percebeu que tinha alguma coisa de diferente no H?

E: Ah! Porque ele não falava. Demorando prá falá.

P: Com que idade foi?

E: Ah, eu tava em A. Com uns dois aninhos assim, eu achava estranho dele não falá algumas coisas assim. Só ficava emitindo no canto, falava mamã, papá, aí depois foi parando, parando de falá, até isso né. Aí quando... aí quando eu mudei prá cá, eu mudei em junho prá cá, aí quando foi em outubro ele fez três anos, aí eu morava no S M (bairro) procurei, na época, tinha o P de V lá (escola). Então aí eu fui lá e ele não falava. Falei: “Ah, vou levá ele prá fazê uma avaliação né. Tinha psicóloga, fono lá, né, pediatra. Aí eu levei, elas avaliaram ele prá mim. Aí chegaram a um diagnóstico, aí chamaram né, eu e meu marido. Falô o diagnóstico...

P: Qual foi o diagnóstico?

E: De autista mesmo. Aí falô prá que procurasse um neurologista. Aí elas me encaminharam, né, deram o nome prá gente. Encaminhou pro Z A. Aí a hora que ele abriu a porta, ele falou: “Ele é autista”. Sem nem abri a boca, sem nem abri, sabe o que é cê abri assim, cê olhá assim prá criança? Só deu uma olhada assim, já falô.

P: E como foi escutar isso?

E: Ah! Assim, não foi tão traumático porque elas já tinham me avisado lá na avaliação delas.

P: Mas, e na primeira vez?

E: Aí, foi... eu não sabia o que que era. Tanto é que eu, é igual eu, como fala, a gente... perguntei pras pessoas, ninguém sabe o que é autista, porque é muito pouco divulgado, muito pouco falado, né. Não é como Síndrome de Down... então a partir daí nós começamos a procurá, a estudá livro, internet, procurá, sabe como é, o porquê, Aí começamo a fazê parte de genética, fomo procurá geneticista, tudo, porque que dá aquilo, fazê o X Frágil dele tamém, que ele pediu, né.

P: Quem pediu?

E: Então, acho que foi o Z A. Foi, o Z A. Ele falô prá procurá aqui também. Aí foi. Aí foi com você. Primeira triagem que teve. Aí ficô esperando vocês avaliá. Aí não conseguiu vaga, nada, aí foi prá Renascer. Aí fiquei com ele lá um ano e pouco na Renascer, só que ele, assim, prá autista eu não achei interessante. Aí, foi aí que eu tentei novamente, né.

P: Escola regular você nunca tentou com ele?

E: Não, não tentei, e nem tento, já falei prá Emília, nem tenho vontade, nem quero por ele. É muito... como que eu vô deixá uma criança lá, sendo que ele faz... faz mais coisa na roupa do que... e eu tando junto ele não fica em lugar nenhum. Se ele me vê aqui dentro da escola, se eu chegar ele já me vê, ele já quer ir embora. O trabalho que eu fiz com ele na Renascer, eu tinha que fazê; ou as mães faz, ou você pára de fazê, né. Tudo o que eu faço com ele, eu tando junto com ele, não vira. É outra pessoa prá fazê. Ele obedece outra pessoa.

P: O que por exemplo, Flávia?

E: Tudo, tudo. Tudo assim, lá mandava ele fazê tudo. Tinha lá o método prá fazê, ele fazia tudo. Agora, se eu faz... teve uma época que eu tentei engravidar, e fiquei grávida, tudo, aí só que era... eu tava, eu tava tomando remédio, tal. Aí eu tentei engravidá, aí eu engravidei, só que aí era um óvulo cego, não tinha embrião. Aí tive que fazê uma curetagem. Aí deixei uma moça lá, paguei uma menina lá um dia prá ficá com ele lá na Renascer... Aí ele adorava ela, fazia tudo que ela mandava. E eu era todo dia na tristeza, ele ficava um pouco, já já ele queria ir embora. Comigo sempre foi assim. Então que ele, vixe, um tormento, nunca quis fazê nada. Sempre que ele me vê já é assim, já... como diz... ele conseguiu me dominá. Eu não consigo assim dominá ele totalmente. O meu marido ele já obedece mais. E, aí nada que eu faço que ele esteja perto, ele não faz nada. Ele entende... ele é uma pessoa... ele ouve tudo, tudo o que você pede prá ele fazê, ele faz. Mas se ele não qué fazê tamém ele fica nervoso, né. É essas coisa assim.

P: E hoje, o que é prá você o problema do seu filho, depois de pesquisar, tentar entender?

E: Hoje o que é? Ah, sei lá, eu já aceitei, eu aceitei, eu acho que eu aceitei até bem, em vista de muitos que eu ouço falá, que não aceita o filho de jeito nenhum, que não leva o filho nem prá fazê um tratamento porque não aceita, acha que não é nada. Eu acho que por nós tar os dois sozinho assim, a gente está muito bem...

P: Como você encara o problema dele?

E: Ai, como que eu encaro... cê tem que encará, enfrentá, fazê o melhor possível né, prá melhorá ele. Eu procuro aceitá, aceitá os desafios, os palpites, tudo o que vim pela frente, as opiniões, porque, é, a gente não sabe, né, porque. Faz exame, faz exame e num... como vai fazê. Ninguém sabe o que que é, o que não é, então você fica naquela, nunca entende nada direito. Tô em cima do muro. Mas... tá bom.

P: E o que mudou depois disso, Flávia?

E: Depois dele nascê assim, que que mudo?

P: É, no seu casamento...

E: Ah, eu, na minha vida o que mudô é que eu, assim, eu fico mais... que nem todo mundo fala que eu fico muito em função dele, né. Assim, ele é... vive muito em função de mim e eu dele. Eu tenho medo de, de... eu não tenho ninguém aqui... eu deixo de ir em muitos lugares, porque eu não tenho com quem deixá ele. Eu tenho medo, não é todo mundo que confio. Eu não confio quase em ninguém porque ele não fala. Se eu tenho alguma coisa, alguma festa, eu tenho que pedi prá minha mãe vir.

P: E ela vem?

E: Eu peço, ela vem.

P: Ela mora...

E: Em L, ela mora em L. E, assim eu tenho medo de deixá com outra pessoa, tal.

P: Vocês chegaram a pensar em voltar prá cidade da sua mãe?

E: Ah, da minha mãe e da mãe dele, né. Eles são vizinhos, né. Já, algumas vezes a gente até fala, aí, tentá voltá. Hoje a gente já não fala assim mais né. Mas antes assim, quando teve... cê sabe né, a gente passa de sofrimento, né... os pais. Tem hora que ele tem né...

tem hora que ele muda bastante. Aí, já pensamos, mas aí a gente fala: “Tem que ficá porque, ele não vai arrumá um emprego lá que seja igual ao daqui, né.

P: Prá ele aqui profissionalmente é bom?

E: É, foi. E até pro H também. Se eu for prá lá que eu vô fazê com ele, por ele numa APAE? Porque lá é a única coisa que tem, né. Inclusive agora nós vamos ter uma AACD aqui né. Mas aí, até, eu não sei, eu queria perguntá, se lá autista assim não inclui, é só deficiente físico, né?

P: Acho que é.

E: Porque esse negócio dele né, é comportamental, né, é mais comportamental, não tem nada físico, né. Mas que nem lá não trabalha assim essa parte: fono, TO. Trabalharia ou não? No caso dele...

P: Você não pretende mantê-lo aqui?

E: Não... pretendo mas assim, eu, não tem, se ele tem atendimento fonoaudiológico, se tá tendo. Porque mudou muito o negócio.

P: É?

E: E se tem, é em grupo. Entendeu? É tudo feito em grupo. Psicóloga eu sei que é a... ela e o outro, né! É, em grupo eu sei que ele tem. Mas a fono também é em grupo, mas eu não sei se tá tendo não. Antes ele ia na UNORP, o ano passado, e ela falô que ia avisá se ele ia continuá, mas pelo jeito...

P: Então o que você queria era atendimento que ele não tem aqui?

E: É, mas assim, eu queria atendimento individualizado. É, sabe assim, TO, fono, sabe uma coisa mais assim, é porque Psicologia que eles usam aqui é a... não é a comportamental, é a psicanálise. Eu particularmente, eu já falei assim, eu gosto da comportamental porque psicanálise, não sei o que você faz, se é psicanálise. Mas eu gosto de tratamento da comportamental.

P: Mas você teve alguma experiência?

E: Da análise assim, você fala?

P: Não, com a comportamental. Você teve alguma experiência positiva prá preferir?

E: Ah, eu prefiro, porque antes, ele nem tinha vindo aqui, nem frequentava aqui. Uma vez eu levei ele no psicólogo prá fazê terapia. O primeiro que atendeu ele foi o A. Ele tinha consultório. Ele é psicanálise né. Aí ainda o H fez quatro meses de psicanálise com ele. Mas eu não gostei. Aí eu não gostei, aí eu falei: Ó eu acho que a psicanálise não... porque ele ficava mais, olhando, estudando. Aí eu falei: “Bom, eu não tô gostando e não tenho... não tô vendo resultado assim e não tinha grana, porque é caro”; cê ficá bancando uma coisa que cê vai só ficá olhando prá criança, prá ouvi o que eu já sei, o que eu vejo em casa. Que, que ele é assim, que ele é assado.

P: Flávia, como ficaram seus planos pessoais desde então?

E: Então, eu tô... Então, meus planos pessoais daí então é eu arrumá um bebê.

P: Você pretende?

E: Pretendo. Mas assim, todo mundo fica no meu pé. Meu marido fala que a gente já devia tê arrumado antes. Até uns cinco anos aí, mais ou menos, quando... Aí aconteceu isso, aí eu fiquei com mais medo ainda. Aí eu fico, né... aí vai passando. Aí tem época que o H tá bem, eu falo: Vô arrumá agora. Aí tem época que o H... eu falo: “Não vô arrumá mais”. Aí tem época que eu tô bem, que eu falo que vô arrumá. Aí tem época que eu tô mal. Tem época que eu fico assim, que eu emagreço bastante, aí eu falo: “agora eu vô arrumá”, aí eu não arrumo. Aí eu começo... começo a engordá de novo. Aí eu falo: “Não eu tenho que emagrecê prá arrumá um bebê. Sabe, aí já... que nem a minha médica fala prá mim eu criei isso, essas barreias dentro de mim, prá mim ir numa psicóloga, né, prá mim fazê terapia.

P: A médica que fala é a ginecologista?

E: É, aí eu não fui fazê. Porque ela fala: “Ó, você fica inventando desculpa”. Todo mundo fala, prá arrumá outro filho, entendeu? Quando não é comigo, é com outro. Quando... eu falo: “pode até ser, pode até ser que eu criei isso, mas eu, tem hora que eu morro de vontade, mas tem hora que não. Tem hora que eu falo que eu quero arrumá mais pelo meu marido, sabe, que ele tem loucura prá tê outro filho. Se fosse só por mim, por mim mesmo, eu acho que eu não, eu não arrumaria.

P: E o seu relacionamento com ele, como está?

E: Tá ótimo, muito bom.

P: Sua saúde, mudou alguma coisa depois do nascimento do H?

E: Aí, não. Tem assim, eu tenho labirintite, tenho barulho no ouvido, eu tenho... eu já tomei remédio prá emagrecê, rá, rá. Já emagreci, engordo, já emagreci de novo. E faço, né... faço tratamento na endocrinologista.

P: Prá emagrecer?

E: Faça, faça... como fala... faço exercício, paro, começo, paro. E, ah, tudo...

P: E o que causa essa relutância?

E: Eu sou bastante ansiosa também. Do que você fala, de engravidá?

P: De dar andamento às suas coisas.

E: É, essas barreiras que eu tô te falando, que elas falam que eu criei...

P: E como isso te deixa?

E: Ai, me deixa ansiosa, assim. Ao mesmo tempo que você qué, você não qué.

P: E seu marido tem paciência com você?

E: Se ele tem comigo? Tem. Eu falo: “nossa, ele tem... ele tem...” ele fica assim, ele cobra aquela hora, um dia. Aí eu falo: “Não, tá, tá”, aí eu deixo passá, passá. Depois ele me... não fica uma coisa assim, cobrando todo dia. Ele só fala: “A gente devia ter feito isso antes, né, devia ter feito aquilo antes, tal”. Eu falo: “Ah, tudo tem sua hora, o que é prá sê, é”. Eu já tentei uma vez, já tentei acho que duas vezes. Numa vez eu tentei, não consegui, fiquei mas não era como eu esperava. Aí é frustrante prá mim. Aí eu fico com medo.

P: Aí você prefere não fazer.

E: Aí eu fico me agarrando nessas coisas sabe. A princípio eu acho que ela tem razão mesmo. Mas tem hora que você pensa: “Ah, não, não é só isso, porque eu, eu acho que é porque eu não quero também”. Acho que não é o momento assim, dentro de mim.

P: Você tem dúvida?

E: Tenho. Tenho. Aí eu falo: “A hora que fô, vai sê”. O ano que vem eu tô assim, com vontade de tentá novamente. Prá esse ano eu não vô pará de tomá remédio. Prá esse ano eu não quero.

P: F, o que você considera necessário para o seu filho? Que ele precisa?

E: Ah, ele precisa extravasá, ele tem muita energia, ele não pára, ele é muito sozinho. Ele é muito dependente da gente, de mim e do meu marido, porque ele só vive com a gente. O único momento que ele tá sem a gente é a hora que ele tá aqui, e depois ele não tem mais nada prá fazê. Eu coloquei ele prá fazê natação, né, ele tava fazendo natação, aí ele não quis ir mais, foi uns quatro meses e não quis ir mais. Aí eu tirei, eu ia lá e entrava e ele não queria, não queria entrá... não queria, não queria mais. Aí parô, aí não voltei ainda não. Mas é aquela coisa, uma vez por semana, quarenta minutos. Tinha que tê uma coisa prá ele extravasá, queria que ele tivesse mais, né, terapia. Eu queria tê condição de tá pagando terapia prá ele, individual, entendeu? TO, fono. Eu gostava muito de uma fono que ele tinha, né, antes de descobri o problema que ele tinha. Depois eu tive que pará, porque não tava, né, aguentando, né, pagá. E era muito bom prá ele. Ele adorava ela. Aí mais coisa prá ocupá ele também. Não faz é nada. Vai ficando irritado, qualquer

um fica, ansioso. Quando come, come de minuto em minuto, sem pará. E ele gosta de caminhá bastante. Ele caminha bastante. Ele vai longe.

P: Você sai com ele?

E: Saio. Mas é, então. Ele tem a rotina dele que ele não gosta de... antes quando ele era menor, ele aceitava. A gente ia num restaurante, ia tomá um lanche, aí ele sentava, ele ficava lá. Aí depois de um tempo mudô isso. Já faz uns quatro, cinco anos que ele tá assim já. Ele não entra nos lugares e fica, com a gente pelo menos. Até com outra pessoa, a professora fala que tem época que ele não fica, aí tem que voltá pro ônibus ficá lá esperando. A gente quer ir numa churrascaria, sabe, não pode, quer ir na sorveteria tomar um sorvete, não pode.

P: Tem alguma coisa que ele aceita fazer?

E: Ele gosta assim, a rotina dele é de ir na represa.

P: Caminhar?

E: Caminhá. Aí sabe, ele caminha, come o churrus dele, toma um sorvetinho. Aquela rotina. Toma caldo de cana. É assim, ele sabe que é sábado e domingo, ele vê o pai dele em casa, ele associa, aí ele qué saí de carro no domingo, porque ele sabe que é o dia dele saí. Aí durante a semana quando ele vê o pai quando ele sai que ele vai trabalhá, ele aceita ir caminhá a pé por perto de casa na avenida, ele aceita ir a pé... Ele sabe, ele entende tudo.

P: Mais alguma coisa que você queira falar?

E: Não, Cynara. Deu prá você perceber assim que eu sô, meio ansiosa. Nessa parte aí acho que eu bloqueei bastante, essa parte do H, minha, essa parte de querê engravidá.